

**CAPÍTULO GERAL 24
DOS SALESIANOS DE DOM BOSCO**

**SALESIANOS E LEIGOS:
COMUNHÃO E PARTILHA
NO ESPÍRITO E NA MISSÃO
DE DOM BOSCO**

Documento Capitular

CG24

Roma, 19 de fevereiro - 20 de abril de 1996

atos

**do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco**

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**N. 356
ano LXXVII
maio de 1996**

SALESIANOS E LEIGOS: COMUNHÃO E PARTILHA NO ESPÍRITO E NA MISSÃO DE DOM BOSCO

**DOCUMENTOS DO CAPÍTULO GERAL 24
DA SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES**

Roma, 19 de fevereiro - 20 de abril de 1996

Tradução:

Pe. Fausto Santa Catarina

Documento Capitular

Discurso no encerramento do CG24

Elenco dos participantes no CG24

Índice temático analítico

Prof. Sérgio Schirato

Anexos

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 – São Paulo – SP

Fone: (011) 277-3211

Fax: (011) 279-0329

Telex: (011) 32431 - ESPS - BR

e-mail: sdbmooca@pop.gw-mandic.com-br

ÍNDICE GERAL

	número	pág.
Abreviações e siglas		9
APRESENTAÇÃO		11
SALESIANOS E LEIGOS: COMUNHÃO E PARTILHA NO ESPÍRITO E NA MISSÃO DE DOM BOSCO		15
INTRODUÇÃO:		
O EVENTO DE GRAÇA DE 12 DE ABRIL DE 1846	1-2	17
PRIMEIRA PARTE		
SALESIANOS E LEIGOS HOJE: A SITUAÇÃO	3-56	21
CAPÍTULO PRIMEIRO		
ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA SITUAÇÃO	3-18	23
1. O horizonte: juntos no espírito e na missão para o serviço aos jovens	3-5	23
2. O contexto: mundo e igreja	6-18	25
2.1. No mundo de hoje	7-14	25
2.2. Na Igreja	15-18	31
CAPÍTULO SEGUNDO		
A SITUAÇÃO DA RELAÇÃO SDB-LEIGOS	19-51	37
1. Desejos e realizações	19-38	37
1.1. Aspectos positivos da relação SDB-leigos	19-29	37
1.2. Resistências e dificuldades no relacionamento	30-34	44
1.3. A relação salesianos SDB-Leigos em situações particulares	35-38	47
2. As modalidades de ação da comunhão e da partilha: CEP e PEPS	39-47	49
2.1. O caminho percorrido	39-43	49
2.2. Dificuldades de realização	44-47	52
3. Formas de comunhão-partilha e pertença: Família Salesiana e Movimento Salesiano	48-51	54

CAPÍTULO TERCEIRO

PERSPECTIVAS	52-56	59
1. Ampliar o envolvimento no espírito e na missão	53	59
2. Encorajar um novo estilo de comunicação e de co-responsabilidade	54	60
3. Promover um caminho de formação comum	55-56	61

SEGUNDA PARTE

SALESIANOS E LEIGOS: MEMÓRIA E PROFECIA ..	57-105	63
--	--------	----

CAPÍTULO PRIMEIRO

SALESIANOS (SDB)E LEIGOS NO MUNDO E NA IGREJA	57-68	65
1. Chamados pelo Pai para trabalhar no seu Reino	57-60	65
2. Convocados por Cristo para ser sinais e instrumentos de comunhão e participação	61-64	67
3. Unidade e diversidade na missão comum	65-68	69

CAPÍTULO SEGUNDO

IRRADIAÇÃO DO CARISMA	69-86	73
1. Nas origens	70-75	73
2. Na tradição salesiana	76-82	77
3. Linhas emergentes	83-86	80

CAPÍTULO TERCEIRO

ESPÍRITO E MISSÃO: VIVÊ-LOS JUNTOS	87-195	83
1. Na raiz da nossa unidade	87-88	83
2. Elementos da espiritualidade	89-100	84
2.1. O amor preferencial pelos jovens, especialmente os mais pobres	89-90	84
2.2. Espiritualidade da relação: espírito de família	91-93	85
2.3. Empenho na Igreja pelo mundo	94-96	87
2.4. Espiritualidade do cotidiano e do trabalho	97-98	89
2.5. O Sistema Preventivo : em permanente escuta de Deus e do homem	99-100	90
3. Uma pedagogia para viver juntos espírito e missão de Dom Bosco	101-105	94

TERCEIRA PARTE

RUMO AO FUTURO	106-186	99
----------------------	---------	----

CAPÍTULO PRIMEIRO

ÁREAS DE EMPENHO	106-148	101
0. Introdução	106	101
1. Ampliar o envolvimento	107-116	102
1.1. Objetivo	108	103
1.2. Orientações	109-114	103
1.3. Empenhos operativos		104
Em nível local	115	104
Em nível inspetorial	116-117	105
2. Promover a co-responsabilidade	117-127	105
2.1. Objetivo	118	106
2.2. Orientações	119-122	106
2.3. Empenhos de ação		108
Em nível local	123-124	108
Em nível inspetorial	125-126	109
Em nível mundial	127	110
3. Valorizar a comunicação	128-137	110
3.1. Objetivo	129	111
3.2. Orientações	130-132	111
3.3. Empenhos operativos		112
Em nível local:		
a) a comunidade SDB	133	112
b) a CEP	134-135	113
Em nível inspetorial	136	113
Em nível mundial	137	114
4. Qualificar a formação	138-148	114
4.1. Objetivo	139	115
4.2. Orientações	140-143	115
4.3. Empenhos de ação		117
Em nível local	144	117
Em nível inspetorial	145-146	117
Em nível mundial	147-148	119

CAPÍTULO SEGUNDO

COMUNIDADE EDUCATIVA PASTORAL	149-179	121
1. A comunidade de consagrados, alma da CEP	149-150	121

1.1. Profecia em ação	151	122
1.2. Radicalidade evangélica	152	123
1.3. Comunidade de consagrados	153	124
1.4. Componente laical na comunidade SDB	154	125
<i>Da comunidade SDB à CEP</i>	155	125
2. CEP: natureza e funções	156-157	125
2.1. Animação	158-159	126
2.2. Conselho da CEP e Conselho da Obra	160-161	127
3. Convocação dos leigos	162-165	128
4. Presença feminina na CEP	166	131
5. Orientações	167-179	132
5.1. Referentes à comunidade dos consagrados	167-168	132
5.2. Referentes à CEP	169-174	133
5.3. Referentes à convocação dos leigos	175-176	135
5.4. Referentes à presença feminina na CEP	177-179	136

CAPÍTULO TERCEIRO

SITUAÇÕES PARTICULARES DE NOVIDADE	180-186	137
1. Atividades e obras dirigidas por leigos dentro do projeto inspetorial salesiano	180-182	137
1.1. Critérios fundamentais	180	137
a. Critérios de identidade salesiana		137
b. Critérios de comunhão		139
c. Critérios de significatividade		139
1.2. Orientações	181-182	140
1.2.1. Responsabilidade da Inspetoria	181	140
• <i>Atividades ou obras dos leigos aceitas no projeto inspetorial</i>		140
• <i>Atividades ou obras confiadas aos leigos dentro do projeto inspetorial</i>		140
1.2.2. Responsabilidade dos leigos	182	141
• <i>Estatutos</i>		141
• <i>Convênios</i>		142
2. Colaboradores leigos em contextos plurirreligiosos e pluriculturais	183-186	142
2.1. Referências eclesiais	183	142
2.2. Referências salesianas	184	144
2.3. Orientações	185	145
2.4. Empenhos para a ação	186	145

CONCLUSÃO

Caramanchão de rosas	187-188	147
----------------------------	---------	-----

DELIBERAÇÕES E ORIENTAÇÕES REFERENTES ÀS CONSTITUIÇÕES E REGULAMENTOS E AO GOVERNO DA SOCIEDADE

151

1. Limitação da duração no cargo dos membros do Conselho Geral, no mesmo setor de atividade (Const. 142)....	189	153
2. Modificação do art. 3 dos Regulamentos Gerais	190	154
3. Orientação para a ação sobre o funcionamento das estruturas de governo	191	156
4. Orientação sobre a “forma” da nossa sociedade	192	157
5. Os grupos das Inspetorias (Const. 154)	193-194	158

ANEXOS

JOÃO PAULO II

1. Mensagem ao CG24	195-200	165
2. Discurso ao CG24 na visita ao Vaticano	201-206	169

CARD. MARTÍNEZ SOMALO

3. Discurso aos capitulares no início do CG24	207-210	173
---	---------	-----

REITOR-MOR

a) Discursos

4. Início do CG24	211-217	178
5. Saudações ao Papa na audiência	218-220	185
6. Discurso no encerramento do CG24	221-258	187

b) Intervenções na assembléia

7. Aprofundamento da Relação sobre o estado da Congregação	259-267	213
<i>Sínteses dos trabalhos da semana</i>		219
8. 2 de março	268	219
9. 9 de março	269	222
10. 16 de março	270-272	225
11. 23 de março	273	229
12. 30 de março	274-280	230
13. 13 de abril	281-282	235

MENSAGENS

— Mensagem do CG24		
14. aos leigos	283	241
15. aos jovens	284	243
16. aos cooperadores	285	246
17. aos ex-alunos/as	286	248
18. às voluntárias de Dom Bosco	287	250
19. Mensagem dos leigos presentes no CG24 aos outros leigos	288	252

HOMILIAS DO REITOR-MOR

20. No início do CG24	255
21. Depois da eleição para Reitor-Mor	260
22. Anunciação (presença dos leigos no CG24)	264
23. Quinta-feira Santa	268
24. Encerramento do CG24	272

ELENCO DOS PARTICIPANTES DO CG24	275
--	-----

CRÔNICA DO CG24	282
-----------------------	-----

ÍNDICE TEMÁTICO ANALÍTICO	297
---------------------------------	-----

ABREVIACÕES E SIGLAS

art.	artigo/s
can.	cânon/es
cap.	capítulo/s
cf.	confira
ib.	ibidem
n./nn.	número/s
p./pp.	página/s
pp.	páginas
s./ss.	seguinte/s

Documentos eclesiais

AG	Ad Gentes
ChL	Christifideles Laici
EN	Evangelii Nuntiandi
GS	Gaudium et Spes
LG	Lumen Gentium
IP	Iuvenum Patris
NAet	Nostra Aetate
RH	Redemptor Hominis
RM	Redemptoris Missio
VC	Vita Consecrata
VFC	Vita fraterna in comunità

Siglas respeitantes à Congregação e à Família Salesiana

ACG	Atos do Conselho Geral
ADB	Amigos de Dom Bosco
BS	Boletim Salesiano
CCSS	Cooperadores Salesianos
CDB	Voluntários Com Dom Bosco

CEP	Comunidade/s Educativa/s Pastoral/ais
CG	Capítulo/s Geral/ais
CG19	Capítulo Geral 19
CGE	Capítulo Geral Especial (20)
CG21	Capítulo Geral 21
CG22	Capítulo Geral 22
CG23	Capítulo Geral 23
CI	Capítulo/s Inspetorial/ais
Const.	Constituições SDB
CS	Comunicação Social
EESS	Ex-alunos Salesianos
EJS	Espiritualidade Juvenil Salesiana
FMA	Filhas de Maria Auxiliadora
FS	Família Salesiana
MB	Memorie Biografiche
MJS	Movimento Juvenil Salesiano
MO	Memórias do Oratório
MS	Movimento Salesiano
PEPS	Projeto Educativo Pastoral Salesiano
Reg.	Regulamentos Gerais
RM	Reitor-Mor
RVA	Regulamento de Vida Apostólica
SDB	Salesianos de Dom Bosco
VDB	Voluntárias de Dom Bosco

APRESENTAÇÃO

Caríssimos irmãos,

Com este número dos Atos chega-lhes às mãos o abundante material elaborado pelo CG24. São assim promulgadas, na forma das Constituições (cf. art. 148), as deliberações contidas em dois documentos: o mais amplo, que se refere à comunhão e partilha do espírito e missão de Dom Bosco por salesianos e leigos, e o que traz as modificações às Constituições e Regulamentos Gerais e outras orientações sobre o governo da Sociedade.

Vêm depois os anexos: textos igualmente importantes para compreender o momento que vive a Igreja e as metas que a Congregação se propõe hoje. São tais os discursos do Santo Padre e o conclusivo do Reitor-Mor. Acrescentam-se as mensagens que manifestam os sentimentos e as expectativas mútuas entre nós e outros ramos da Família Salesiana. E ainda documentos que retratam a vida capitular, como homilias, sínteses das semanas, crônica e outros. Por fim, um cuidadoso índice temático permite uma leitura transversal do todo.

Deve ainda acrescentar-se a Relação sobre o estado da Congregação, já enviada às Inspetorias, extremamente útil para uma informação sobre os setores de trabalho, para uma visão ampla da realidade salesiana e para informar-se da orientação geral das deliberações capitulares.

O conjunto transmite não só o que o Capítulo discutiu e votou, mas o que ele foi como acontecimento da Congregação: uma experiência de comunhão mundial no carisma, um discernimento atento a fim de captar o que a situação da Igreja e do mundo pedem à missão salesiana, uma graça do Espírito para a nossa vitalidade neste fim de milênio marcado pela preocupação da nova evangelização.

O documento com as conclusões sobre o tema capitular é o resultado final de um caminho de reflexão que interessou capilarmente irmãos e inspetorias.

As etapas principais desse caminho, escalonadas ao longo de dois anos, foram: a elaboração das pistas que já especificavam os nós que deviam ser aprofundados, o estudo pelas comunidades locais, a realização dos oitenta e nove Capítulos Inspetoriais, o exame do material que eles fizeram chegar ao Regulador, a redação do documento pré-capitular, o trabalho do CG24, que, através das comissões e dos repetidos debates da Assembléia, individuou melhor os problemas, expressou com eficácia as inspirações carismáticas, esclareceu objetivos e linha de ação a serem propostos.

Da seriedade e amplitude de tal discussão permanece apreciável documentação nas atas e na colheita das numerosas intervenções com as quais os capitulares procuraram centrar da melhor maneira as situações e expressar com clareza as orientações.

O documento recolhe, pois, a nossa experiência mundial relativamente ao envolvimento dos leigos e apresenta amplamente a nossa reflexão a respeito, evidenciando os aspectos positivos e problemáticos da situação em que nos encontramos. Neste sentido serve-nos, em primeiro lugar, como espelho para uma avaliação.

Ao mesmo tempo, aprofunda as motivações eclesiais, carismáticas e culturais, que nos encorajam a ir adiante com confiança nessa nova frente que se apresenta à vida e à ação salesiana.

Dessas duas perspectivas — a situação e as inspirações carismáticas — brotam as orientações e os critérios de ação, os objetivos e as tarefas, julgados adequados, por grande maioria, para renovar ou melhorar a nossa práxis educativo-pastoral, bem como os ritmos e modalidades de vida comunitária.

Não é o caso de fazer agora comentários, destaques ou síntese. Encontrareis as chaves de leitura no discurso final dirigido aos capitulares, apresentado entre os anexos deste livro.

Prefiro confiar o documento, com um pedido e muita confiança, ao estudo paciente, profundo e diuturno de cada um dos irmãos, das comunidades locais, das Inspetorias, das Regiões ou Conferências inspetoriais. Interiorizar a espiritualidade que ele propõe, assumir a mentalidade pastoral que se encontra em sua base, concretizar as sugestões para a ação será, por certo tempo, o empenho principal, antes único, comum a todos os níveis de ação, a todos os organismos de governo e a todos os encargos de animação: formação, pastoral juvenil, missões, família salesiana, comunicação social, economia.

No CG24 ouviu-se repetir que a nossa capacidade de renovação não está só nem principalmente no enunciado de intenções ou projetos, mas na realização deles, com paciência e determinação, em cada presença e com o engajamento ativo de todos.

É preciso, portanto, superar a mentalidade setorial que se fecha numa atividade e leva a exercer os encargos de forma individual, mais que a assumir solidariamente os novos desenvolvimentos de um projeto comunitário.

Hoje somos todos convocados a trabalhar juntos, de maneira convergente, no envolvimento, na co-responsabilidade, na formação dos leigos para que de maneira progressiva se identifiquem com o espírito e a missão de Dom Bosco nas Comunidades Educativas Pastorais, na Família Salesiana, no Movimento Salesiano.

Somos convidados a fazê-lo como núcleo animador, concorde na mentalidade e qualificado na ação, capaz de abrir espaço e integrar neste mister os leigos mais motivados, mediante o relacionamento, a comunicação, o Projeto Educativo Pastoral, o estilo de presença e ação contido no Sistema Preventivo e os programas de qualificação.

Este é o programa, este o desafio. Por ele avaliaremos a adequação dos esforços realizados e os resultados alcançados em termos de quantidade e de qualidade. Para ele deve convergir hoje o repensamento das várias dimensões da nossa vida consagrada: espiritualidade, pastoral, pedagogia, competência profissional, organização.

Trata-se de uma nova configuração da comunidade “carismática” salesiana que incorpora novos recursos e de uma nova visão dos espaços em que pode agir a pastoral. Ambas exigem a adesão de todos. Descontinuidade e dispersão, mesmo com vistas ao bem, seriam prejudiciais.

Devo deixar claro que o caminho que nos propomos percorrer vem a ser como um desenvolvimento do sexênio anterior orientado pelo CG23. Ele já advertia que, para educar os jovens na fé, era preciso contar com uma comunidade entendida como grupo de adultos que se tornam sinal, escola e ambiente de fé para os jovens, porque partilham a referência a Cristo ou pelo menos os valores da educação cristã.

Nessa realidade concentra-se hoje o nosso olhar para elevar ao máximo as suas potencialidades. Os jovens estão sempre no centro. O sentido pastoral é sempre o fermento de qualquer iniciativa. A educação é sempre o caminho que escolhemos para o crescimento humano e para o caminho de fé.

Tudo isso queremos, porém, partilhar e dedicar-nos a comunicar com mais tempo, com mais preparação, com mais instrumentos, com uma concepção diversa do nosso papel de pastores-educadores-consagrados, aos que o Espírito Santo encaminha para a órbita de Dom Bosco.

Dessa consideração se deduz que, não obstante a continuidade do projeto, há uma novidade de perspectivas: nossos esforços se voltam de forma concentrada para os leigos. Eles serão nestes anos os nossos principais interlocutores para fazer com que se tornem co-responsáveis.

Advertia-nos o Santo Padre que o segredo da eficácia desse trabalho é a genuinidade e a transparência da nossa seqüela de Cristo. “Os trabalhos da recente Assembléia do Sínodo dos Bispos dedicada à vida consagrada salientaram bem a relação que existe entre a espiritualidade de um Instituto religioso e a espiritualidade dos leigos que nele inspiram sua vida e atividade. É nessa perspectiva que entende colocar-se a reflexão da assembléia capitular, que não deixará de traçar pistas de cooperação apostólica entre consagrados e leigos, chamados a ser no mundo testemunhas corajosas do Evangelho” (cf. n. 200).

Queridos irmãos, a promulgação das deliberações capitulares acontece no dia 24 de maio, a festa que traz à nossa memória toda a sucessão de fatos que começaram em Valdocco aos 12 de abril de 1846 e que nosso Pai resumiu na frase: “Foi Maria que tudo fez”.

Que ela nos ajude ainda a percorrer, sob a inspiração do Espírito, com generosidade de coração e alegre confiança, este trecho da nossa história que nos leva ao Terceiro Milênio.

Roma, 24 de maio de 1996.

Pe. Juan E. Vecchi
Reitor-Mor

**SALESIANOS E LEIGOS:
COMUNHÃO E PARTILHA
NO ESPÍRITO E NA MISSÃO
DE DOM BOSCO**

INTRODUÇÃO

O EVENTO DE GRAÇA DE 12 DE ABRIL DE 1846

“Lugar existe. É propriedade do Sr. José Pinardi.

Venha e fará um bom contrato.

No domingo seguinte, solenidade da Páscoa,

foram levados para lá todos os apetrechos da igreja e dos jogos, e fomos tomar posse do novo local”.¹

1 **Ocorrência** **feliz**

A feliz ocorrência do 150º aniversário da chegada de Dom Bosco a Valdocco, celebrada durante o Capítulo Geral, levou-nos a mais atenta consideração das nossas origens.

Dom Bosco escreveu uma página comovente. Revela seu coração, tão semelhante ao do Bom Pastor: a paixão educativa, a audácia apostólica, o sofrimento motivado pelas provações, a incerteza em relação ao futuro, o abandono à Providência, a alegria pela ajuda inesperada.

Somos tomados de assombro ante as maravilhas do Espírito, mas também estimulados.

Parece até que Dom Bosco nos convida a entrar no mundo que ele criou e que em torno dele cresceu: a comunhão no espírito e na missão.

Ele está aí, rodeado de uma multidão de jovens, no meio de um prado que deve abandonar sem saber para onde ir nem o que fazer.

Senão quando aparece certo Pancrácio Soave, portador de uma proposta em nome do Sr. José Pinardi: há um lugar para reunir os jovens, um modesto barracão que pode transformar-se em capela, e ao redor, uma faixa de terra para o recreio.

¹ São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales — de 1815 a 1855*, Editora Salesiana Dom Bosco, São Paulo, pp. 123-125

No domingo seguinte virão duas senhoras oferecendo-se para ajudar.²

Mais tarde será a vez de Mamãe Margarida... e de outros ainda!

É a história de um amor contagioso e irradiante, que atrai para o círculo de luz e de força muitas pessoas, uma Família, um Movimento!

Nós, Salesianos, herdeiros daqueles primeiros meninos que quiseram ficar com Dom Bosco para sempre, nos encontramos em companhia de tantos leigos, homens e mulheres do nosso tempo, que ouvem o mesmo chamado e pedem para trabalhar com o coração e estilo do *Pai e Mestre dos jovens*.

Entrar nesse círculo de luz e de força é o que nos propomos fazer com a reflexão capitular:

- partindo da situação atual da relação SDB-Leigos (**primeira parte**);
- propondo o rico dinamismo que se desprende do carisma de Dom Bosco (**segunda parte**);
- lançando-nos para o futuro mediante compromissos concretos de partilha no espírito e na missão (**terceira parte**).

2 Queremos celebrar a memória daquele evento com louvor e gratidão:

Ó Pai, a Ti nosso louvor:

*por Dom Bosco
pelo sonho que lhe inspiraste
pelas provas que o avigoraram
e pelos sinais que o guiaram;*

² cf. MB I, 429

*por quantos partilharam
sua indomável paixão:
homens e mulheres, religiosos e leigos,
em todo o tempo e lugar;*

*pelo início humilde de Valdocco
e por todo ambiente educativo
chamado a ser revelação
e dom do teu Amor;*

*pela imensa legião de jovens
que invadem a nossa vida
inquietam o nosso coração
para que se torne o do Bom Pastor.*

Ó Pai, a Ti nosso louvor:

*Com Maria
nossa ajuda poderosa
no Espírito Santo
pelo Cristo Ressuscitado.*

Amém.

PRIMEIRA PARTE

SALESIANOS E LEIGOS HOJE: A SITUAÇÃO

*“Na tarde desse dia contemplei
a multidão de meninos a brincar,
e pensava na messe abundante
que se ia preparando para meu ministério.
Meu Deus, exclamei,
por que não me mostrais o lugar
em que desejais que reúna estes meninos?
Dai-mo a conhecer ou dizei-me o que devo fazer”.*
(MO, p. 122)

CAPÍTULO PRIMEIRO

Elementos para a compreensão da situação (nn. 3-18)

CAPÍTULO SEGUNDO

A situação da relação SDB-Leigos (nn. 19-51)

CAPÍTULO TERCEIRO

Perspectivas (nn. 52-56)

ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA SITUAÇÃO

1. O HORIZONTE: JUNTOS NO ESPÍRITO E NA MISSÃO PARA O SERVIÇO AOS JOVENS

3 **O início e o modelo**

Na origem da história salesiana encontramos o amor de predileção de Dom Bosco pela juventude pobre e a atenção às classes populares. Animado pela caridade do Bom Pastor, ele convoca em torno de si um grande número de pessoas, para que a nova condição juvenil, tal como se lhe apresenta aos olhos na cidade de Turim, pede uma resposta imediata e nova.

Nasce assim o *Oratório de Valdocco*, verdadeiro “laboratório” no qual Dom Bosco, outros sacerdotes, leigos adultos, jovens e algumas mulheres, à frente de todas Mãe Margarida, vivem o estilo original e simpático de predileção pelos jovens que se chama Sistema Preventivo. Tal sistema, primeiro em Valdocco, depois em Mornese e em outros lugares, torna-se uma verdadeira espiritualidade, que junta educadores e jovens no mesmo caminho em direção à santidade.

É uma espiritualidade que vive de maneira inteiramente especial no coração e nas ações dos membros da Família Salesiana e de um vasto movimento de pessoas como dom à Igreja para a salvação da juventude e para a santidade dos que a ele aderem.

4 **Dimensão secular e profética do carisma**

A missão juvenil e popular tem uma particular *dimensão secular* “porque é um carisma suscitado na Igreja para o mundo”.¹

O carisma de Dom Bosco, precisamente porque educativo, colocando-se na área da cultura cria uma singular consonância com as tarefas próprias dos leigos.

¹ E. Viganó, ACG 350, p. 16

Por isso é que, tornando-se missão, vai além da comunidade SDB e as suas mesmas obras. Missão e obras, com efeito, não se identificam, ainda que a obra seja necessária como lugar de convocação e de formação do vasto movimento que trabalha pela juventude dentro e fora das estruturas salesianas, na Igreja e nas instituições da sociedade civil.

Essa missão tem também uma *dimensão profética* pela significatividade que assume em relação aos problemas educativos e sociais e pelas perspectivas novas de existência que abre. Não podendo atingir diretamente cada pessoa nem cobrir materialmente todos os espaços e atividades onde o homem desenvolve a sua vida, o *evangelizar* e o *educar evangelizando* torna-se mensagem de esperança, fermento e luz.²

A atenção aos valores seculares foi tão viva em Dom Bosco que o impeliu a inventar uma *figura original de leigo consagrado*, o salesiano coadjutor. Ele cultivava em si uma propensão congenial a ser fermento apostólico dentro das realidades seculares assumidas em sua realidade autônoma, pelo que a comunidade salesiana, “enriquecida pelo seu componente laical, é capaz de aproximar-se ao mundo de maneira mais apostolicamente eficaz”.³

5
Mediações
eficazes: CEP
e PEPS

A missão é única, mas as suas realizações são diversas, tantas quantas as situações e os contextos históricos, geográficos, religiosos e culturais em que vivem os jovens.

O *projeto educativo pastoral salesiano* (PEPS) é a mediação histórica e o instrumento para realizar a mesma missão em todas as latitudes e em todas as culturas.

² cf. *Relazione del Vicario del Rettor Maggiore*, n. 297

³ CG21, 178

O projeto, pois, não é um fato técnico, mas um horizonte cultural ao qual é preciso de contínuo reportar-se, e é exigido pela necessária inculturação do carisma.

Ele é elaborado e realizado em cada obra salesiana por uma comunidade que chamamos *comunidade educativa pastoral* (CEP). Ela vem a ser o conjunto de pessoas (jovens e adultos, pais e educadores, religiosos e leigos, representantes de outras instituições eclesiais e civis e pertencentes também a outras religiões, homens e mulheres de boa vontade) que trabalham juntos na educação e evangelização dos jovens, especialmente os mais pobres.

2. O CONTEXTO: MUNDO E IGREJA

6 Encarnação do carisma

O carisma salesiano, suscitado *na Igreja para o mundo*, deve encarnar-se nas diversas situações culturais para exprimir suas potencialidades de serviço aos jovens e às classes populares. No encontro com as várias culturas pode demonstrar vitalidade e adquirir características novas e enriquecedoras.

2.1. No mundo de hoje

7 Novo cenário

Os anos 90 apresentam um novo cenário econômico, político, social e cultural, depois dos acontecimentos que marcaram o fim do conflito Leste/Oeste.

Algumas dessas tendências influem de modo particular em nossa vida e ação.

8 Primado do econômico

O sistema econômico-político seguido pela ideologia neo-liberal agrava o empobrecimento, a injustiça e os desequilíbrios sociais na maior parte do mundo, de sorte que grandes grupos econômicos transnacionais conseguem enormes lucros e causam a progressiva ex-

clusão das áreas mais pobres da terra, com consequente incremento de novas formas de miséria.

A *prioridade absoluta dada ao fator econômico* provoca graves consequências: a eliminação das fronteiras econômicas, as dificuldades de defender as conquistas sociais dos trabalhadores e o espaço de ação das pequenas unidades produtivas, o desemprego, os baixos salários, a necessidade de emigrar, a limitação de expressão e de possibilidades de ação das minorias étnicas e dos grupos que vivem vários tipos de marginalização.

A *progressiva exclusão econômica e social* provoca além disso formas de “empobrecimento antropológico”, manifestadas por um difuso sentimento de inferioridade que atinge classes sociais e populações inteiras, oprimidas culturalmente pela ideologia dominante (“culturicídio”).

A apresentação maciça e percuciente de diversos modelos cria modificações nos processos mentais e nos critérios de avaliação, agrava as dificuldades de construir uma identidade humana e cristã sólida, aumenta a incerteza do futuro. Ao mesmo tempo as novas possibilidades de informação, intercomunicação e ação determinam uma diversa configuração das sociedades e das formas de convivência.

A *globalização econômica* e os novos agrupamentos de países em blocos poderão ter consequências sócio-culturais de perfil ainda incerto e de êxito obscuro.

9 **Ambivalência** **da** **comunicação**

O emergir de uma cultura planetária de natureza massificadora e de caráter pluralista condiciona a percepção que se tem do mundo e da Igreja e, antes ainda, o próprio sentido da vida.

O *desafio da comunicação* interpessoal faz-se mais difícil pelo enfraquecimento dos valores culturais e pela proliferação das linguagens e de crescentes formas de intercomunicabilidade.

A comunicação passa através de canais novos: linguagens da mídia, meios de comunicação social, acesso à informação, cibernética... Isso provoca modificações de mentalidade e exige novas modalidades de aprendizagem. Precisam-se novas competências.

O poder do saber, os códigos da modernidade e pós-modernidade, o aprender a trabalhar em grupo, o acesso à informação, o uso crítico dos meios de comunicação social são alguns dos fatores que exigem, dos salesianos e dos leigos, melhor competência e contínua atualização.

10 **Família e** **educação**

A família e as tradicionais instituições de educação parecem perder o lugar privilegiado de um tempo no que respeita ao amadurecimento da pessoa.

A família, entretanto, continua a ser reconhecida na sua importância fundamental no campo da educação.

Na nova situação cultural difunde-se uma interpretação subjetivista da sexualidade; manifestam-se novas formas de organização familiar como núcleos afetivos, relativizando o modelo tradicional do matrimônio e da família.

Isso torna incertos e problemáticos os processos educativos, a integração entre as instituições de educação e a própria capacidade educativa dos adultos.

Nessa situação da família ressoa como um desafio a pergunta do Pe. Egídio Viganó: “Perguntemo-nos a nós mesmos: pode um educador hoje formar a pessoa dos seus jovens sem aprofundar, esclarecer e fazer reviver os valores da família?”⁴

11 **Insatisfação** **juvenil**

A insatisfação tende a aprofundar-se por causa das carências educativas das instituições (especialmente da família, da escola, da Igreja, etc.) e das dificuldades de elas comunicarem com as linguagens dos jovens e oferecerem a superficialidade e o vazio de valores.

⁴ ACG 349, p. 6

Em alguns contextos, a insatisfação juvenil é causada pelas novas e antigas formas de pobreza, pela falta de perspectivas de vida, de oportunidades sociais, por formas de racismo seja étnico, seja cultural e religioso.

Vemos em tudo isso um *sinal dos tempos* e, pois, um apelo de Deus para renovar a nossa missão educativa.

12 **A presença da mulher**

Em todos os âmbitos da vida social, a mulher está adquirindo uma presença relevante que favorece o reconhecimento dos seus direitos. Na Igreja, a mulher se sente chamada a assumir um papel de participação e de co-responsabilidade.

Em todos os campos dá-se *atenção ao específico feminino*, pela contribuição que pode dar a uma melhor qualidade de vida e a um enriquecimento de valores em todos os níveis.

13 **Aspecto múltiplo do fenômeno religioso**

Constatamos a permanência de um processo de secularização que atinge não apenas a religiosidade, mas aspectos fundamentais da vida: família, educação, consciência moral, costumes, expressões culturais. Em alguns contextos parece que o divino esteja quase a eclipsar-se. Não obstante, assistimos a uma nova sensibilidade aos valores espirituais e à busca de novas formas de relacionamento com o Transcendente, especialmente entre os jovens.

Por outro lado, *o fenômeno religioso assume um aspecto múltiplo*, alguma vez incerto e freqüentemente ambíguo.

Emerge também uma disseminada indiferença religiosa, sobretudo no respeitante aos aspectos institucionais, com tendência à privatização.

Esta ânsia do espiritual leva muitas pessoas, especialmente jovens, a movimentos e seitas que propõem experiências intensas mas problemáticas, porque carentes de uma visão integral da pessoa e de um conteúdo objetivo de verdade.

Paralelamente encontramos manifestações de sincretismo religioso, de superstições e outras expressões de cunho exotérico, reencarnacionista. Particular aceitação parece ter hoje o movimento denominado *New Age*.

Ao lado de tudo isso, deve-se ressaltar uma demanda de interioridade e uma sede de espiritualidade, a atenção ao diálogo ecumênico, a frequência a encontros de oração, entre as grandes religiões, pela justiça e pela paz no mundo.

14 **Sinais de** **esperança**

Todavia, o novo cenário econômico, sócio-político e cultural, deixa entrever, em nível planetário, linhas de tendência de substancial valor positivo, mesmo que devam ser expungidas da ambigüidade histórica com que se apresentam.

Verificamos, com efeito, a *emergência de novas sensibilidades* transversais, que concentram a atenção e mobilizam as energias da comunidade mundial.

Prova e sinal dessa emergência é a vasta agenda de mega-eventos, com que as Nações Unidas selam o encerramento do século XX.⁵

⁵ — Em 1989, a Assembléia Geral da ONU aprovou a Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (pessoa de 0 a 18 anos), consolidando a doutrina da proteção integral da população infantil e juvenil.

— Em 1990, na Tailândia, o PNUD, o Banco Mundial, a UNESCO e a UNICEF realizaram a Conferência Mundial sobre “Educação para todos”, que produziu o “Plano Mundial de Ações para atender às necessidades fundamentais para o aprendizado”.

— Em 1992, no Rio de Janeiro, a Conferência Mundial sobre o Ambiente introduziu na agenda da humanidade o conceito de desenvolvimento harmonizado com as exigências ambientais, que terá crescente influência na relação entre o homem e o ambiente.

— Em 1993, em Viena, o Congresso Mundial sobre Direitos Humanos colocou a liberdade, o respeito e a dignidade da pessoa humana como critério fundamental para avaliar qualquer medida em campo econômico, social e político.

São acontecimentos supranacionais, que indicam, como caminho de futuro, alguns pressupostos para uma nova tomada de posição ética, social e política. Eles constituem uma perspectiva concreta de “resposta social globalizante”, que resguarda o respeito pessoal, a participação comunitária, a justiça social, diante das incertezas do momento histórico atual.

Eles se apresentam, dessa forma, como pontos de referência obrigatória, que dão consistência e legitimidade aos chamados novos sujeitos sociais e políticos: a criança, o jovem, a mulher, o indivíduo, a família, as organizações não-governamentais, as minorias sociais e étnicas, os excluídos, etc.

Essa nova sensibilidade incumbe-se enfim dos problemas mais angustiantes da humanidade: o reconhecimento da dignidade da pessoa humana, a educação, a política demográfica, a ecologia, o desenvolvimento, o desemprego e a exclusão social, a convivência pacífica em sociedades pluriétnicas e plurirreligiosas, a paz.

É dentro desse quadro de referência, conflitual e ambivalente, que a Igreja como a Congregação procuram individuar seus grandes objetivos e traçar suas estratégias de ação, para ser proposta de solidariedade e fonte de esperança.

— Em 1994, o Ano Internacional da Família produziu importantes indicações no campo dos direitos econômicos, sociais e culturais da Família.

No Cairo, a Conferência Mundial sobre População e Desenvolvimento, em coerência com o discurso de Viena, reafirmou a integridade da pessoa humana diante do Estado, em matéria de política demográfica.

— Em 1995, em Copenhage, a Conferência de cúpula sobre o Desenvolvimento Social discutiu questões relativas ao desemprego e à exclusão social, prevendo pela primeira vez medidas sociais de natureza global.

Em Pequim, a IV Conferência Mundial sobre a Mulher propôs continuar a aprofundar questões deste gênero, com referência especial à valorização do trabalho da mulher.

— Em 1996, em Istambul, está prevista a Conferência Habitat II, que leva em consideração os assentamentos humanos, questão fundamental para a concretização dos direitos sociais e o melhoramento da qualidade da vida no planeta, no próximo século.

2.2. Na Igreja

15 Novo caminho da Igreja

Neste contexto mundial, às portas do Terceiro Milênio, a Igreja está vivendo cada vez mais conscientemente o *novo sopro eclesiológico* nascido do Vaticano II, reprojetoando a sua presença no mundo contemporâneo, com um intenso esforço de inculturação e de envolvimento ativo de todos os seus componentes.

Ponto de partida é a auto-compreensão que a Igreja tem de si mesma como Povo de Deus, chamado a ser fermento na história.

Dentro desse Povo vai cada vez mais se evidenciando, como sinal dos tempos, o protagonismo dos **Leigos**.

É sobretudo a Exortação *Christifideles Laici* que afirma autorizadamente a identidade secular do Leigo, de pleno direito sujeito de evangelização no seio do Povo de Deus.

Ao mesmo tempo, reflexão e práxis pastoral estão reconsiderando a figura dos **ministros ordenados** para recuperar a genuína do pastor, aquele que se põe a serviço de todas as vocações para que se transformem em ministérios; edifica assim a comunhão eclesial, enquanto educa todos para partilharem a missão da salvação do mundo. A mesma Exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis* deu um novo impulso ao ministério ordenado, posto a serviço de uma Igreja toda ela ministerial.

Também os **Consagrados** no caminho pós-conciliar, cuja última etapa é representada pela recente exortação apostólica *Vita Consecrata*, chegaram a esclarecer sua identidade na Igreja e a amadurecer a convicção de que seu carisma pode ser partilhado com os Leigos. Por isso são “convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e na missão do próprio Instituto”,⁶ dando início a “um novo capítulo, rico de esperanças, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicato”.⁷

⁶ VC 54

⁷ *ib.*

A mesma Exortação reconhece que a “comunhão e a colaboração com os leigos” é “um dos frutos da doutrina da Igreja como comunhão”.⁸

16
O desafio
da Nova
Evangelização

O progressivo empobrecimento que acontece no mundo, a difusão da cultura pós-moderna e o reconhecimento das culturas emergentes, confrontados com a mensagem de Jesus e com a reflexão do Concílio Vaticano II, levaram a Igreja a fazer uma opção pastoral de qualidade: a *Nova Evangelização*. Ela se caracteriza pelo anúncio de Jesus Cristo, pela promoção humana e pela inculturação do Evangelho, na perspectiva da opção em favor dos pobres e dos jovens. Isso obriga a própria Igreja a um caminho de conversão para que pobreza e liberdade se tornem sinais que tornem acreditável o Evangelho das bem-aventuranças.

No espírito da Nova Evangelização — que exige novo ardor, novos métodos e novas expressões — a Igreja assumiu nestes últimos decênios um forte empenho social, graças ao apelo profético de tantos cristãos, do Magistério e das Assembléias Episcopais nos vários Continentes.⁹

⁸ *ib.*

⁹ A preocupação por uma Nova Evangelização está espalhada e é diversificada. Além dos documentos pontifícios citados, nestes últimos anos ela se expressa também em autorizadas reuniões de nível continental. A dos Bispos da **Europa**: “*Somos testemunhas de Cristo que nos libertou*” (1992). A Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de **Santo Domingo** sobre o tema “*Nova evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã - Jesus Cristo ontem, hoje e sempre*” (outubro de 1992). A Assembléia especial do Sínodo dos Bispos para a **África** (*A Igreja na África e sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000 “Sereis minhas testemunhas”*) em abril de 1994. Estão sendo preparadas também a Assembléia do Sínodo dos Bispos para a Ásia e outra para as Américas.

Vai-se difundindo um novo estilo de ser Igreja. Ela se volta para o homem, partilha suas alegrias e esperanças,¹⁰ demonstra respeito pelas culturas, toma a peito o futuro da humanidade: a justiça e a paz, a família, a vida e os valores éticos, o ecumenismo e o diálogo interreligioso, a política e a economia, os jovens e a educação.¹¹

Assim sendo, a Nova Evangelização apresenta-se como projeto global de renovado empenho missionário, resposta concreta ao apelo da Encíclica *Redemptoris Missio*.

17 **Caminho da** **Congregação** **Salesiana**

A Congregação sente como próprias as preocupações e as esperanças dos jovens e da Igreja, das quais quer ser um sinal eficaz, enquanto serve o mundo, ao qual foi enviada.

São hoje *motivo de alegria* para a Congregação:
— sua expansão missionária na África, no Leste europeu, na Ásia;

— a participação e partilha do carisma de Dom Bosco e de sua missão por parte de inúmeros leigos, dentro e fora das obras salesianas;

— a presença do voluntariado leigo em alguns setores do Movimento Salesiano;

— a aspiração, em muitos SDB, a uma espiritualidade mais profunda, a um crescimento de qualidade na pastoral juvenil e a uma maior integração na pastoral das Igrejas locais.

¹⁰ GS 1

¹¹ Lembramos os encontros do Papa com os jovens em nível mundial: Roma 1985, Buenos Aires 1987, S. Tiago de Compostela 1989, Czestochowa 1991, Denver 1993, Manila 1995.

Também as Convocações dos “Confronto Giovani” foram expressão da proposta educativa para os grupos e deram incremento e substância ao MJS.

A Congregação ressen-te-se também dos efeitos da secularização e de outros *aspectos ambíguos do mundo contemporâneo*:

— a diminuição, por vezes drástica, das vocações, especialmente de coadjutores, em muitos Países tradicionalmente cristãos;

— a superficialidade espiritual que, à medida que se aceitam formas de aburguesamento, provoca o resfriamento do entusiasmo pastoral e a incapacidade de penetração no mundo dos jovens;

— a presença de sintomas do individualismo, que se manifesta nos projetos pessoais sem alguma referência ao projeto comunitário;

— a escassa valorização das energias educativas e apostólicas do laicato, especialmente da mulher, devida seja ao pouco conhecimento da teologia do laicato, seja a uma certa dificuldade de compreensão do ser feminino.

A Congregação, nos últimos Capítulos Gerais,¹² sobretudo a partir do CGE, foi tomando sempre maior consciência de si mesma e da sua missão na Igreja e no mundo.

¹² O horizonte da missão salesiana caracterizou a reflexão do após-Concílio na Congregação.

Capítulo Geral Especial (1971): a Congregação reflete sobre o carisma e a missão salesiana, à luz do ensinamento do Concílio Vaticano II.

Capítulo Geral 21 (1978): a reflexão sobre a evangelização, inspirada pela *Evangelii Nuntiandi*, indicou na comunidade salesiana evangelizada, atendida e renovada pelo Evangelho, a **comunidade evangelizadora e animadora** de outras forças apostólicas, convocadas para uma autêntica partilha da missão salesiana.

Capítulo Geral 22 (1984): como conclusão de uma reflexão que durou cerca de 15 anos, o Capítulo 22 deu à Congregação o **texto definitivo das Constituições renovadas**.

Capítulo Geral 23 (1990): os desafios lançados pela situação dos jovens nos diferentes contextos culturais, sociais e religiosos do mundo, especialmente em ordem à fé, orientaram o Capítulo Geral 23 na elaboração do **itinerário de educação da fé dos jovens**.

Ao mesmo tempo, na área de sua missão entre os jovens e as classes populares, empenhou-se em envolver, num vasto movimento, pessoas — particularmente leigos — atraídas pelo carisma e pela espiritualidade de Dom Bosco.

- 18** O CG24, se por um lado constitui uma etapa significativa no caminho de renovação, por outro quer ser um ponto de partida: com rosto novo, a Congregação Salesiana quer avançar rumo ao Terceiro Milênio, *envolvendo no espírito e na missão* o maior número possível de homens e mulheres que queiram trabalhar com ela pelo Reino, educando e evangelizando.
- CG 24**

A SITUAÇÃO DA RELAÇÃO SDB-LEIGOS

1. DESEJOS E REALIZAÇÕES

1.1. Aspectos positivos da relação SDB-Leigos

19
Nova
consciência na
comunidade
SDB

Os CI demonstram uma notável convergência quanto à *necessidade de uma relação profunda nos níveis de ação e existência entre SDB e leigos*.

Existem realizações positivas um pouco por toda a parte. O próprio desenvolvimento dos CI revelaram possibilidades inesperadas. Muitos leigos se interessaram nos níveis local e inspetorial em partilhar com os salesianos SDB a reflexão sobre o tema do CG24.

A comunidade salesiana está sempre cada vez mais consciente de ter *um preciso papel e tarefa de animação e formação* relativamente à Família Salesiana e aos leigos com os quais partilha a missão.

Em contextos diversos da Congregação fizeram-se *experiências significativas*. Muitas comunidades estão redescobrimo, pouco a pouco, sua função e, após as primeiras incertezas, constataam a positividade de haver confiado a leigos setores de responsabilidade.

À medida que cresce essa nova sensibilidade e se sublinha o caminho que as comunidades e os salesianos individualmente estão percorrendo, *pede-se insistentemente uma mudança de mentalidade mais decidida* para chegar a uma verdadeira acolhida da presença dos leigos e a uma nova atenção à mulher, reconhecendo e aceitando os valores da complementaridade e da reciprocidade.

Em alguns Países em que a mulher é relegada a um papel subordinado ao homem observa-se que seu envolvimento é novidade e profecia.

20
**Lugares de
relação mais
intensa entre
SDB-Leigos**

A reflexão comum, o projeto partilhado e a relação com os leigos são experiências positivas sobretudo nas chamadas novas presenças, que surgiram como resposta ágil e imediata aos problemas colocados pela insatisfação da juventude, pela marginalização, etc.

Nesses lugares estão se desenvolvendo também as melhores formas de participação laical e de voluntariado.

A relação é também positiva nas paróquias, nas escolas, nos oratórios, nos centros juvenis abertos ao território. Também aí cresce o espaço para os leigos.

Nas missões, o protagonismo laical é um fato consolidado. Poderia ser útil, porém, uma formação dos leigos mais profunda e sistemática.

Merece, além disso, especial menção — dada a sua significatividade educativa — o empenho dos pais e o papel das famílias em várias presenças nossas, que se concretiza algumas vezes em formas associativas reconhecidas também em plano inspetorial e nacional.

21
**Engajamento
progressivo
dos leigos**

O engajamento dos leigos no espírito salesiano é um caminho progressivo para a comunhão. Inicia-se o mais das vezes com um encontro mais ou menos casual com Dom Bosco e sua obra. Surgem, assim, *atitudes múltiplas*, que vão *da simpatia*, que nasce do primeiro contato com Dom Bosco e com o ambiente e o estilo salesiano, *ao interesse* por um melhor conhecimento do carisma; *da assunção dos valores* e da forma de vida dos Salesianos, *à comunhão no espírito* mediante a descoberta de uma vocação.

Cresce, desse modo, a descoberta “vocacional” por parte de muitos leigos: um chamado a viver os valores da laicidade na vocação cristã e salesiana; uma oferta de tempo, de energias e de competências para a missão.

22
Participação
dos leigos
na missão

A *participação* na missão salesiana apresenta-se também como uma *realidade diversificada, gradual e progressiva: da simples presença de obrigação*, de quem presta um serviço, oferece sua competência e nada mais ou porque faz parte da paróquia salesiana, à *colaboração* por razões de trabalho ou por livre opção e à *co-responsabilidade* de quem assume conosco a missão comum.

O caminho do engajamento leva à comunhão no espírito, como o da co-responsabilidade, à partilha da missão salesiana. Comunhão e partilha, engajamento e co-responsabilidade, são as duas faces da mesma medalha.

23
Variedade
de leigos

Na partilha da missão juvenil e popular, os Salesianos entram de fato em contato com uma grande variedade de leigos colaboradores: católicos plenamente conscientes de sua identidade, católicos com prática religiosa mais ou menos constante; cristãos não católicos; adeptos de outras religiões; aderentes a grupos religiosos, mesmo cristãos com tendências fundamentalistas; leigos agnósticos ou religiosamente indiferentes.

Não são poucos, em todas as partes do mundo, os leigos que partilham o trabalho entre os jovens como pertencentes a um grupo estruturado da Família Salesiana.

Todos eles, no *amor aos jovens e a Dom Bosco*, fazem parte, consciente ou inconscientemente, de um “vasto movimento de pessoas que, de várias maneiras, trabalham pela salvação da juventude”.¹

24
Empenho
dos jovens

Em toda a Congregação vai se descortinando de maneira cada vez mais clara um amplo panorama do empenho juvenil, que demonstra sensibilidades novas e perspectivas promissoras. Essa *nova estação de engajamento juvenil* na missão salesiana parte da des-

¹ Const. 5

coberta da categoria da animação vivida como reatualização, em termos modernos, da intuição de Dom Bosco: “*Os jovens missionários dos jovens*”.

Numerosos jovens estão atualmente empenhados com os salesianos SDB nos oratórios, nos centros juvenis, nas escolas, nas comunidades eclesiais, nas paróquias, nas missões. São catequistas, animadores de grupos, representantes de classe, responsáveis por várias iniciativas pastorais, culturais, artísticas, musicais e litúrgicas.

Muitas Inspetorias investiram tempo e recursos na formação dos jovens. Escolas e cursos para animadores juvenis, formas de coordenação em nível local, inspetorial e nacional, conselhos e comissões juvenis, equipes de pastoral juvenil, publicações várias como instrumentos de ligação, encontros anuais, festas dos jovens, são iniciativas que nascem e operam em muitas áreas do mundo salesiano.

25 **Contribuição** **significativa** **da mulher**

As novas frentes da missão salesiana e o descobrimento progressivo do valor da feminilidade, a abertura da comunidade ao território e à igreja local e, não em último lugar, a diminuição de pessoal salesiano nas nossas obras abriram muitos espaços educativos e pastorais para a mulher na missão salesiana. Por sua vez, o novo clima pós-conciliar levou gradualmente a maior *envolvimento da mulher* na obra e nas atividades dos SDB.

A presença da mulher nos nossos tradicionais ambientes educativos, especialmente na escola e nos colégios, além das paróquias, oratórios e lugares educativos e pastorais mais recentes, até com encargos de importante responsabilidade, enriqueceu a atuação prática do Sistema Preventivo; criou um clima afetivamente mais natural e sereno com as características específicas da feminilidade em nível de sensibilidade, relacionamento, modos de pensar e de agir.

Todavia, vai progredindo lentamente a assimilação dos valores da complementaridade e da reciprocidade feminina.

Ajuda significativa nesta compreensão nos vem das FMA. De fato, em não poucos contextos já existem há tempo formas diversas de partilha pastoral, no pleno respeito da especificidade de cada uma.

26 **Voluntariado**

A realidade do voluntariado está hoje muito espalhada entre jovens e adultos e é de grande atualidade neste momento histórico. É vista na Congregação, na Igreja e na sociedade, como um novo estilo de “abertura ao outro”. É um modo concreto e privilegiado de encontrar leigos formados e motivados. É um desafio que o laicato — cristão e não-cristão — lança contra as injustiças e os egoísmos dominantes.

As modalidades de realização do voluntariado são diversas:

- dentro ou fora do próprio País ou Inspetoria,
- de breve ou longo prazo (de um período de pelo menos um mês até anos),
- dentro de projetos aprovados e financiados por entidades públicas ou então fora deles (patrocinados por organismos privados: comunidades, Inspetorias, entidades locais, Organizações não-Governamentais, etc.).

O voluntariado constitui muitas vezes um êxito vocacional significativo e uma válida confirmação do caminho educativo percorrido pelos jovens juntamente com os SDB, bem como da proposta de abertura ao outro oferecida pela pastoral juvenil.

Os jovens animadores, com efeito, mostram-se sensíveis e solidários com o mundo da pobreza e da marginalização juvenil: carentes em geral, meninos de rua, menores em perigo, toxicômanos.

A disponibilidade ao serviço leva a *várias formas de voluntariado e outras opções empenhativas de vida*. A criatividade e o entusiasmo juvenil neste campo nos interpelam e estimulam a ir mais além das experiências consolidadas.

O voluntariado juvenil exige por vezes a *permanência do jovem na comunidade salesiana*. As experiências salesianas neste campo são geralmente positivas. Não são poucos os jovens que escolheram a vida salesiana depois de um período de contato direto com a comunidade e a missão salesiana.

Além disso, nos últimos anos, muitas das nossas comunidades viveram experiências de atividades em territórios missionários com jovens animadores. Foi reconhecido, nas avaliações, que os primeiros a se beneficiarem com isso foram os jovens enviados.

Em alguns contextos fez-se também, em virtude da objeção de consciência, um serviço alternativo ao militar: trata-se de um compromisso juvenil bem definido no tempo, gratuito, em favor especialmente dos jovens, seja como serviço social seja como serviço educativo.

27 **Gestão laical** **e Projeto** **Inspetorial**

As Inspetorias realizam sua missão com atividades e obras animadas, ordinariamente, por uma comunidade salesiana local.

Nestes anos, todavia, diversas Inspetorias, após atenta avaliação, optaram por *confiar algumas atividades ou obras à gestão dos leigos*, dentro do projeto e da responsabilidade inspetoriais. Verificou-se também a aceitação no projeto e na responsabilidade inspetoriais de algumas atividades ou obras educativas que surgiram autonomamente e são administradas por leigos.

Em algumas delas está presente a comunidade salesiana, em outras não.

Em vários casos a relação SDB leigos assumiu formas juridicamente reconhecidas:

— a *parceria* indica um tipo de participação, regulada por um contrato, na qual leigos e religiosos são colocados no mesmo nível no que respeita às responsabilidades que se devem assumir;

— a *tutela* representa um caso particular de *parceria*: a responsabilidade organizativa, administrativa, pedagógica e didática é completamente assumida pelos leigos; os salesianos SDB continuam garantes, diante da igreja local, da índole católica e salesiana da escola.

28 **Motivos** **das opções**

Os motivos que levaram algumas Inspetorias a fazer essas opções são múltiplos:

— a nova eclesiologia de comunhão que reconhece e promove a dignidade, a vocação, a missão dos “christifideles laici”;

— a disponibilidade de *leigos preparados* para participar na missão de Dom Bosco com responsabilidades diretas;

— a necessidade de tornar presente o carisma de Dom Bosco numa região;

— a urgência dos problemas juvenis de um território;

— os pedidos das igrejas locais ou de instituições educativas ou de outras iniciativas;

— a vontade de não encerrar uma atividade ou uma obra válida e apreciada, por falta de pessoal SDB qualificado.

29 **Exigências** **formativas e** **organizacionais**

Estas situações determinaram *novas exigências formativas* para habilitar os leigos a garantir a identidade salesiana de uma obra ou atividade e para ajudar os Salesianos a reconhecer o envolvimento dos leigos no espírito e na missão de Dom Bosco.

Tais situações exigem, obviamente, *novos modelos organizativos*; os ordinários, muito embora continuem a atender a muitas circunstâncias concretas, já não podem cobrir toda a atividade salesiana.

A própria comunidade salesiana deve procurar critérios adequados para garantir a identidade carismática dessas obras administradas pelos leigos, e elaborar também novas orientações para a ação.

1.2. Resistências e dificuldades no relacionamento

Ao lado dos muitos sinais de um crescimento positivo no relacionamento SDB-Leigos, os CI não escondem o persistir de dificuldades e problemas.

30 **Dificuldades** **dos SDB e das** **comunidades**

As comunidades não vivem sempre a necessária flexibilidade para acolher estímulos e novidades provenientes dos leigos.

Em algumas situações pode prevalecer uma atitude de defesa, e, assim, os leigos têm a sensação de serem por assim dizer, freados no seu elan apostólico.

Em outras, as comunidades, no seu conjunto, *não conseguem estabelecer relações significativas com os leigos.*

Também a disponibilidade para acompanhá-los e animá-los encontra dificuldades por causa da reduzida presença numérica dos salesianos SDB, pelo fato de que não poucos acham-se absorvidos por compromissos principalmente de organização e administração e, sobretudo, porque tudo isso pode levar a uma insuficiente significatividade da comunidade SDB.

Nas dificuldades de relacionamento entre SDB e leigos são ressaltadas por alguns Capítulos Inspetoriais as diferenças de horizonte cultural e de níveis de vida: uma percepção diversa dos valores vividos pela comunidade salesiana e pelos leigos em suas famílias, condições sócio-econômicas, especialmente nos países em via de desenvolvimento, e níveis sociais notavelmente diferentes.

31 **Dificuldades** **principais** **dos leigos**

Algumas dificuldades de relacionamento sentidas pelos leigos devem-se a divergências sobre o modo de interpretar o fato educativo, a pouco conhecimento da vida consagrada, a falha na formação pedagógica e didática.

Por vezes o ajuste econômico cria entre salesianos e leigos *dificuldades de diálogo, de atenção e de escuta recíproca*, comprometendo desta forma a partilha da missão

32 **Dificuldades** **dos jovens**

A relação SDB-jovens leigos nem sempre é rica e profunda.

Os jovens quereriam que os salesianos SDB se ocupassem menos de funções organizativas e tivessem mais tempo e serenidade para encontrá-los e guiá-los.

Os salesianos SDB, por outro lado, lamentam às vezes que o empenho dos jovens é vivido mais como uma *simples experiência*, como um parêntesis, e, desta forma, não se torna a premissa para opções mais empenhativas.

Muitas dificuldades, todavia, dependem também do fato que o que os salesianos SDB esperam não coincide com o que os jovens oferecem ou podem oferecer.

Por vezes, com efeito, tornam-se preponderantes os *limites ligados à condição dos jovens*: volubilidade, inconstância e mobilidade típica de sua idade.

33 **Lenta** **integração** **das mulheres**

A integração da mulher importa modificações na cultura institucional e na ação pastoral, incorpora novos aspectos e valores próprios do “feminino” e provoca uma nova compreensão da identidade masculina. O que pode causar insatisfação tanto para o salesiano como para a mulher, chamados a trabalhar no mesmo projeto. É preciso conscientizar-se de que se trata de um problema que atinge não apenas as idéias mas a afetividade, a capacidade de relacionamento, os costumes, com consequências evidentes sobre a formação do salesiano e também sobre o estilo particular de presença da mulher nos nossos ambientes.

É necessário reconhecer que não houve ainda uma reflexão suficiente e oportuna sobre esta realidade. A presença feminina nas nossas obras é, por vezes, mais consequência de situações culturais e sociais que de opções reflexas e compartilhadas.

É útil, outrossim, ressaltar que a presença das mulheres nas nossas obras se torna, alguma vez, preponderante quer entre os agentes educativos e pastorais, quer entre os destinatários. Em alguns casos esta presença preponderante poderia desaguar numa problemática “feminização” da obra salesiana.

34 **Problemas do** **voluntariado**

Nem a experiência do voluntariado está isenta de *problemas*.

Os mais graves se verificam nos Países em via de desenvolvimento, mas, bem que com conotações diversas, estão presentes também nas experiências vividas *dentro* do próprio País.

Deve-se relevar, antes do mais, que o voluntário não vive sempre uma relação estreita com a comunidade de proveniência, nem parece suficiente a comunicação entre a comunidade que o envia e a que o acolhe, seja na fase da preparação seja na da experiência e do retorno.

Particularmente importantes são *os problemas que se apresentam ao voluntário no seu retorno*.

a) problema *jurídico/econômico*: local de trabalho/seguros, aspecto sanitário, etc. Muitas vezes o voluntário tem dificuldade em encontrar um local de trabalho, especialmente se se trata — como é de desejar — de um trabalho que dê continuação e esteja em sintonia com a experiência feita e com as opções fundamentais da sua vida;

b) problema *vocacional/apostólico*: inserção no projeto educativo-pastoral local, inspetorial, eclesial. Por vezes a comunidade não é suficientemente sensível à riqueza cultural que o voluntário traz consigo e quereria oferecer ao ambiente ao qual retorna;

c) problema *psicológico/afetivo*: acolhida por parte da comunidade como expressão de apreço pela experiência feita e preocupação com sua inserção: em nível familiar, apostólico, de trabalho e nos grupos de voluntariado, possivelmente em união com a Família Salesiana. Particular atenção deve ser dada também aos laços afetivos e de amizade que o voluntário amadureceu no lugar da missão; também nisto ele deve ser acompanhado e ajudado pela comunidade.

1.3. A relação salesianos SDB-Leigos em situações particulares

35 **Contextos** **plurirreligiosos** **e pluriculturais**

Em diversas partes e contextos do mundo salesiano observa-se um fato impressionante: a *notável presença de leigos de diversas culturas e crenças* que participam de nossa missão. Especialmente na Ásia e na África, a presença deles pode assumir proporções de maioria; mas é possível que seu número aumente também em Países tradicionalmente cristãos.

O que mais impressiona, em muitos deles, é a qualidade da contribuição que oferecem, o forte sentido de pertença, a estima e a veneração que têm pela figura de Dom Bosco e pela missão salesiana.

36 **Variedade das** **situações**

Deve-se reconhecer que o *panorama* dessa presença laical pluricultural e plurirreligiosa é muito *variegado*, não somente por proveniências culturais, étnicas e lingüísticas, mas também por opções e colocações religiosas: há quem crê em Deus e quem não crê, quem adere às grandes religiões monoteístas e quem a novos movimentos de inspiração oriental ou pós-moderna.

Também entre os cristãos há os que fazem parte de outras denominações e os que, julgando-se cristãos, aderem a diversas seitas. Alguns, lamentavelmente, mostram-se indiferentes ou mesmo hostis. Outros, enfim, são pessoas de boa vontade e respeitosas da nossa fé.

O pluralismo cultural e religioso esconde riquezas inimaginadas e pode facilitar um intercâmbio de dons com vantagem recíproca. Mas pode dar origem a um fácil sincretismo e também tornar-se causa de tensões, de hostilidades e até de violência, como dolorosamente acontece na sociedade de hoje.

37
Rumo à
unidade e à
pertença

Isso não obstante, há no coração humano um desejo de *procurar a unidade na diversidade*, de chegar às convergências, de caminhar junto. Entre os nossos colaboradores há quem sente fortemente tais aspirações e pede para ficar mais estreitamente ligado a nós na partilha da missão juvenil.

Em alguns casos é vivo o desejo de sentir-se parte da nossa Família, mas encontra dificuldade diante de tensões provenientes de diversos modos de pensar, orientar a própria vida e dar-lhe um sentido final.

38
Provocações
e respostas

Estas diversas situações e problemáticas provocam *algumas perguntas*:

— Que relação estabelecer entre os salesianos SDB e esses leigos?

— Como fazer da CEP, do PEPS e de outras iniciativas um lugar de encontro, de crescimento, de enriquecimento recíproco, e um instrumento de maior eficácia para a missão juvenil?

— Como garantir a identidade salesiana das nossas obras e das nossas atividades?

— Como dar-lhes um reconhecimento no Movimento Salesiano?

Estas perguntas constituem um verdadeiro desafio às comunidades salesianas.

2. AS MODALIDADES DE AÇÃO DA COMUNHÃO E DA PARTILHA: CEP E PEPS

2.1. O caminho percorrido

39 Modelo de ação comum

Na CEP manifestam-se de modo particularmente intenso e visível a comunhão e a partilha no espírito e na missão de Dom Bosco entre salesianos e leigos.

O modelo de ação, partilhado um pouco por toda a parte, reconhecido válido e como o *único praticável nas condições atuais*, é o seguinte: “Salesianos como núcleo animador, o engajamento e a co-responsabilidade dos leigos, a elaboração de um projeto possível, adequado aos destinatários, às forças e ao contexto.

O papel efetivo dos Salesianos nesse modelo é, porém, diferenciado. Em não poucas obras eles conseguem constituir o núcleo animador; em outras já se vão tornando uma presença de acompanhamento e de garantia; e em outras um apoio e uma orientação à distância”.²

A missão, pois, não é realizada somente pela comunidade salesiana; ela é partilhada por um vasto movimento de pessoas: “Realizamos em nossas obras a comunidade educativa e pastoral. Ela envolve, em clima de família, jovens e adultos, pais e educadores, até poder tornar-se uma experiência de Igreja, reveladora do plano de Deus”.³

40 Problemas emergentes

Os Capítulos Inspetoriais reafirmaram o papel da comunidade salesiana de ser núcleo animador da CEP⁴ e constataram positivamente o *crescimento da consciência comunitária* a este respeito.

² cf. *Relazione del Vicario del Rettor Maggiore*, n. 250

³ Const. 47

⁴ cf. Const. 47 e Reg. 5

As mudanças atuais, porém, fizeram emergir algumas novidades e *problemas abertos*:

— a animação da CEP já não pode referir-se apenas à comunidade salesiana, mas exige também a contribuição dos leigos;

— deve prosseguir o caminho de co-responsabilidade de toda a comunidade salesiana na animação da CEP e devem ser superadas suas deficiências quantitativas e qualitativas;

— deve-se procurar as soluções para uma clara relação institucional entre a comunidade salesiana e a participação dos leigos nas decisões da CEP, em particular entre o conselho local da comunidade salesiana e os organismos de co-responsabilidade da CEP;

— deve-se especificar a maneira como a comunidade salesiana venha a ser núcleo animador em obras de regime de convênio com a entidade pública, como também em associações que têm um reconhecimento jurídico também civil, com estatutos e conselhos de administração próprios.

41 **Caminho** **da CEP**

A realização, mesmo simplesmente inicial, da CEP trouxe *resultados positivos*: o trabalho dos salesianos SDB foi compartilhado em maior escala; as funções e tarefas propriamente laicais adquiriram maior clareza; e os mesmos jovens sentiram o benefício de um enriquecimento de presença educativa.

Melhorou também a articulação dos diversos organismos e conselhos que permitem mais ativa participação e integração dos leigos.

Cresce a co-responsabilidade e participação deles sobretudo nos centros juvenis, associações, grupos de interesse vário.

Isso se deve ao *crescimento do sentido de pertença à CEP* e de partilha do trabalho educativo entre os vários componentes.

Em alguns contextos a presença de pessoas de outras crenças religiosas não parece criar graves obstáculos ao processo educativo. Antes, pode algumas vezes enriquecer a CEP.

42
PEPS:
mediação da
missão

A partir do CG21, o PEPS é reconhecido como necessário para a realização da missão salesiana. Os projetos educativos pastorais são sempre mais bem compreendidos, em todas as latitudes e em todas as culturas, como a *realização histórica da mesma missão*.

É importante também sublinhar que os leigos expressaram o desejo de maior envolvimento na realização do PEPS.

A elaboração, a execução e a avaliação do PEPS é uma oportunidade para crescer na mentalidade de viver e trabalhar juntos.

As comunidades educativas e pastorais que elaboraram o PEPS, atualmente o vivem como critério e guia da ação partilhada, como avaliação de sua ação, como instrumento de animação e como espaço privilegiado para a formação permanente de salesianos SDB e leigos.

43
Formar-se
trabalhando

A atuação do novo modelo de ação evidenciou a *exigência de atualização e melhor competência*. Mas verificou-se também que o primeiro e melhor modo de formar-se e formar para a partilha e para a co-responsabilidade é o correto funcionamento da CEP.

Nas condições de realização que chegue a ótima emergiu também a originalidade e fecundidade da formação recíproca.

Em algumas comunidades foi-se mais além: foram ativados encontros específicos com finalidade exclusivamente formativa e promoveram-se experiências de envolvimento em iniciativas de caráter religioso (retiros, celebrações, oração) de todos os membros da comunidade educativa.

2.2. Dificuldades de realização

44 **Difícil início**

No início da CEP verificaram-se algumas dificuldades, tanto por parte dos salesianos SDB quanto por parte dos leigos, devidas, às vezes, à própria legislação civil e à pouca compreensão da relação entre a comunidade religiosa salesiana e a comunidade educativa.

É preciso, porém, sublinhar que as relações entre comunidade religiosa e CEP ressentem-se também das mudanças dentro da própria comunidade religiosa: a diminuição numérica dos Salesianos, o crescimento da frente de trabalho, ritmos de vida, idade, saúde.

As experiências atuais são, destarte, um tanto diversificadas: positivas e de vanguarda ou de atraso e resistência.

45 **Insatisfação dos consagrados**

A maturação pós-conciliar da *vocação laical* questiona a identidade do salesiano SDB na sua especificidade de consagrado.

Em alguns SDB notam-se sensibilidades que causam preocupação:

— por vezes o *Salesiano SDB pode sentir-se desdobrado*: consagrado quando vive a vida comunitária, leigo no trabalho profissional, sem diferença dos leigos;

— a alguns parece que o leigo pode fazer tudo ou quase o que fazia e faz o consagrado, permanecendo leigo;

— outros pensam que o bem que fazem como consagrados numa comunidade que “limita”, poderiam fazê-lo com mais eficácia fora, na qualidade de leigos comprometidos;

— enfim, permanecem aqui e acolá atitudes de clericalismo que se manifestam na dificuldade de pensar em chave de comunidade educativa ou na resistência em confiar aos leigos encargos decisórios e de coordenação.

De resto, não faltam leigos que manifestam alguma estranheza em relação aos SDB: por vezes, mais que consagrados parecem empresários, administradores, preocupados com a eficiência... Perguntam se não anularam toda diferença.

Está-se, pois, à procura de mais maduro equilíbrio.

Se de um lado, na descoberta atual da vocação laical pode manifestar-se uma reação à presumida superioridade dos consagrados, como mais competentes e responsáveis no trabalho educativo e portadores únicos do carisma, de outro a insistência na *vocação do leigo* deve pôr em evidência também a *identidade do consagrado* como força dinâmica e específica para a educação e a animação da CEP.

46 **Comunicação** **e envolvimento**

A situação atual das CEP evidencia a insuficiência da comunicação, do envolvimento e da co-responsabilidade plena.

A abertura recíproca entre salesianos SDB e leigos reduz-se, algumas vezes, à comunicação interpessoal, que, todavia, não encontra o respaldo de uma comunicação institucionalizada, dentro da CEP.

Esta situação faz com que diminua a co-responsabilidade na projeção e assunção pessoal, por parte de todos, salesianos SDB e leigos, das conseqüências dos programas concretos.

Não se conseguiu ainda envolver todos os membros da CEP, valorizar bem as capacidades e competências dos leigos e torná-los co-responsáveis da experiência educativa e da formação cristã.

Os cooperadores, e outros leigos nas nossas obras que pertencem aos grupos da FS, também não encontraram na CEP uma integração adequada à sua vocação salesiana.

47
Falta do PEPS

O PEPS ainda não está presente em todas as obras salesianas.

A ausência do PEPS é obstáculo para o caminho conjunto de salesianos SDB e leigos.

Por vezes, é elaborado apenas por uma pessoa da comunidade.

Corre, então, o risco de permanecer um documento teórico, pouco conhecido dos leigos e de todos os componentes da CEP.

Por consequência não se torna o ponto de convergência e de confronto para a colaboração cotidiana.

Comunidades salesianas há que encontram dificuldade em assumir plenamente a tarefa de ser centro de comunhão e participação. Nesses casos, o PEPS não é conduzido de maneira sistemática e a pastoral é considerada somente uma tarefa dos salesianos SDB ou dos animadores pastorais e não uma tarefa de toda a comunidade educativa.

3. FORMAS DE COMUNHÃO-PARTILHA E PERTENÇA: FAMÍLIA SALESIANA E MOVIMENTO SALESIANO

48
Família
Salesiana

Dom Bosco “além da Sociedade de São Francisco de Sales, fundou o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e a Associação dos Cooperadores Salesianos”.⁵ Esses grupos e outros nascidos posteriormente formam a Família Salesiana.⁶

A unidade da FS cresce com a compreensão da missão comum a partir da vocação específica de cada um.

O caminho pós-conciliar nos deixa uma herança preciosa de metas atingidas: a publicação dos documentos oficiais para cada um dos ramos da FS em ordem à animação e à própria vida das associações; a Carta de

⁵ Const. 5

⁶ cf. *ib.*

Comunhão; a participação de alguns leigos no CG24, sinal visível e profético de um itinerário de formação que deve ser percorrido em conjunto.

Nem todos, porém, assimilaram a mudança de mentalidade para chegar a reconhecer a responsabilidade comum em relação à missão juvenil, também porque nem sempre se fez o discernimento vocacional dentro dos vários grupos de pertença, dando atenção ao papel do fiel leigo.

Existem ainda alguns setores nos quais certo paternalismo enfraquece a autonomia dos leigos e a pouca formação compromete a co-responsabilidade na missão.

49 **O Movimento** **Salesiano**

Seria um empobrecimento e uma simplificação excessiva se reduzíssemos apenas à Família Salesiana a área de influência da pessoa e da mensagem de Dom Bosco.

Com efeito, desde o começo da obra salesiana criou-se ao redor de Dom Bosco um vasto movimento⁷ de pessoas e de grupos, homens e mulheres, pertencentes às mais diversas condições de vida. Ao longo da história o movimento distinguiu-se por *uma convergência espiritual e por uma partilha do objetivo da educação*, com uma abertura tão exuberante que chega a atingir quem está fora do horizonte cristão.

O modelo de Valdocco superou os limites de uma cultura e de um território e o objetivo “bons cristãos e honestos cidadãos” foi projetado num dilatado universo. Hoje a presença salesiana se encarna em variados contextos caracterizados por um enfoque pluricultural e plurirreligioso, criando ampla gama de colaborações.

Querendo usar imagens que ajudem a compreendê-lo, poderíamos dizer que como o eco pertence à voz, como todo fluxo de água à sua fonte, cada ramo à sua raiz, como cada círculo concêntrico, até o mais distante e fraco, nas-

⁷ cf. Const. art. 5; *Carta de comunhão*, art. 32

ce do impulso inicial, assim acontece com quantos “trabalham pela salvação da juventude” em nome de Dom Bosco.

O MS não é uma realidade estruturada com uma organização precisa. É sobretudo uma consciência, um espírito, uma mobilização, uma pertença afetiva e efetiva com vistas ao bem dos jovens.

Embora não exista em todos os lugares a consciência, por parte dos SDB e da FS, da riqueza e amplitude da irradiação do carisma de Dom Bosco, ele é bem reconhecido por quantos desejam ser envolvidos nos processos educativos.

Dois os indicadores mais visíveis:

a) o voluntariado juvenil e social, entendido como oferta de tempo, dedicação e empenho, apoio e serviço à pastoral e à promoção humana;

b) o diálogo e envolvimento educativo existente nos continentes de diversa intensidade cultural e religiosa, num processo interagente de intercâmbio de dons e de ecumenismo.

50 No amplo contexto do MS insere-se a realidade variegada dos **Amigos de Dom Bosco**: simpatizantes, admiradores, benfeitores, colaboradores, consultores, crentes e não-crentes, não-cristãos.⁸ Com nuances diversas eles apresentam a seguinte identidade:

— revelam uma atitude de simpatia pela figura de Dom Bosco, seu espírito e sua missão;

— exprimem o próprio apego a Dom Bosco;

— entendem colaborar, de formas várias, em iniciativas de bem, partilhando assim a missão salesiana.

Reconhece-se que os amigos de Dom Bosco se inserem num movimento mais amplo que a realidade atual da Família Salesiana. Sua inserção no espírito e na missão de Dom Bosco é diversificada, com gradações e atitudes di-

⁸ cf. E. Viganó, ACG 350, p. 7

versas, segundo a imagem dos círculos concêntricos: para alguns trata-se de um envolvimento direto, para outros de participação indireta.

51 A partir de 1988 e do CG23, os SDB, a FS e o MS estão compartilhando um verdadeiro caminho de comunhão e partilha.

Os jovens são a parte mais sensível e reativa deles, aceitando pôr-se em Movimento para viver a opção salesiana a serviço dos jovens.

Muito embora não se tenha atingido em todas as Inspeorias os mesmos objetivos e a mesma partilha, tentou-se por toda a parte estabelecer com os salesianos SDB uma nova modalidade de encontro, capaz de fazer propostas vocacionais e de promover com os jovens novas fronteiras para os distantes, os indiferentes, em resposta às novas exigências e desafios.

O **Movimento Juvenil Salesiano (MJS)** recebeu um reconhecimento oficial da Santa Sé e participa dos encontros do “*Consilium pro Laicis*”.

É um movimento de caráter educativo oferecido a todos os jovens, com ardor missionário.

Os mais sensíveis são conscientes de serem portadores de um patrimônio precioso para a Congregação, e pedem que os ajudem na descoberta do projeto de vida e na escolha de um caminho que torne forte sua espiritualidade e testemunho.

A alma do MJS não é, com efeito, a organização, mas a espiritualidade juvenil salesiana: ela é o ponto de encontro entre todos os grupos.

A espiritualidade exige, por isso, esforço constante em favor da formação. Particular atenção deve dar-se à orientação vocacional dos jovens para que se insiram no mundo eclesial e social com escolhas e empenhos que sejam resposta aos problemas do mundo de hoje.

PERSPECTIVAS

52 Do contexto do mundo de hoje, da Igreja e da situação da relação SDB-Leigos surgem algumas perspectivas que exigem um fundamento doutrinal para orientar a nossa ação, como significativas aberturas para um futuro de novidade e de fecundidade carismática.

1. AMPLIAR O ENVOLVIMENTO NO ESPÍRITO E NA MISSÃO

53 A missão pede hoje a convocação de todas as forças da Família Salesiana e do vasto Movimento de pessoas que se movem em torno de Dom Bosco, para enfrentar estrategicamente o atual movimento sócio-cultural e religioso, de valor multiforme, mediante um serviço adequado, no contexto da comunidade civil local e da igreja particular, lugares ordinários da ação educativa.

A relação Salesianos SDB-Leigos faz crescer o salesiano como sinal profético da novidade do Reino: a sua consagração testemunha o primado de Deus e celebra o amor do Pai no coração do homem e na história.

A relação Salesianos SDB-Leigos promove no salesiano uma mudança de mentalidade e o abre a um novo estilo de comunhão e partilha.

Os leigos manifestam em referência aos salesianos SDB o desejo de senti-los mais perto, mais solícitos na animação e na coordenação, mais envolvidos em seu acompanhamento.

Os próprios jovens insistem em que o salesiano os introduza nos problemas da vida e lhes proporcione acesso ao território e à Igreja local, associando-os à missão com espaços de co-responsabilidade.

Também a presença da mulher ajuda os salesianos SDB não somente a interpretar o universo feminino, mas a viver uma relação educativa mais completa: com efeito, homem e mulher ajudam o menino e a menina a descobrir a própria identidade, a aceitar como enriquecedora a própria especificidade que deve ser oferecida como dom na reciprocidade.

Os próprios irmãos jovens recebem ajuda mais eficaz, quando desde a formação inicial são encaminhados a experiências de colaboração com os leigos tanto no plano prático como no terreno da elaboração do PEPS.

2. ENCORAJAR UM NOVO ESTILO DE COMUNICAÇÃO E DE CO-RESPONSABILIDADE

54 Estar juntos em alguns momentos qualificados, dar mais espaço ao encontro e à partilha vivifica o espírito de família, favorece a reciprocidade, intensifica a colaboração.

Impõe-se um novo estilo de comunicação se se quiser ser eficaz diante de desafios complexos como a inculturação, os novos contextos e a condição juvenil.

A abertura ao diálogo, ao novo, à riqueza e aos dons dos nossos colaboradores aumentará a capacidade de dar novas respostas.

Este estilo novo habilita o leigo a assumir responsabilidades verdadeiras relativamente à missão. O empenho leva alguns, sobretudo entre os jovens, ao discernimento vocacional e à opção por uma vida de consagração.

Graças a tais estímulos, o salesiano toma consciência de ser sinal do primado de Deus na vida, profecia do Reino, testemunha de comunhão, promotor de salvação em meio aos jovens e guia de vida espiritual.

Já advertia o Pe. Egídio Viganó ao convocar o CG24: “abordar o tema dos leigos significa falar à comunidade salesiana de si mesma, da reformulação dos seus serviços e compromissos, do seu modo de ser e de agir... O testemunho de fidelidade ao dom de Deus recebido e expresso por uma comunidade mais atenta às exigências e à co-responsabilidade dos leigos empenha na vertente da identidade: o primado da espiritualidade”.¹

3. PROMOVER UM CAMINHO DE FORMAÇÃO COMUM

55 Missão, inculturação, diálogo, comunicação exigem um novo estilo de formação para enfrentar o contexto circunstante, para responder aos jovens e ser co-responsáveis com os leigos na missão.

Os leigos, como primeira instância, pedem a elaboração de um plano de formação para a sua preparação espiritual e carismática.

Em segunda instância, percebem que a formação para a comunhão e participação deve ser realizada conjuntamente.

Conjuntamente deve ser enfrentada a mudada condição juvenil. Conjuntamente nos voltamos para os vastos contextos plurirreligiosos e pluriculturais. Conjuntamente se vive a fecundidade da CEP e a eficácia do PEPS. Conjuntamente se encontram espaços novos como o voluntariado ou outras experiências significativas.

Cresce também a convicção de que o campo de trabalho cotidiano é lugar de autêntico crescimento: a rede de relações promovidas por uma CEP viva e atuante é lugar de intensa formação permanente e toca os aspectos humanos, pedagógicos e salesianos. Tais relações transmitem mensagens, habilitam a novas linguagens, favorecem uma escuta mais atenta do mundo e da cultura juvenil, especialmente quando a CEP promove o protagonismo juvenil.

¹ ACG 350, pp. 22-23

56 Sensíveis às provocações que chegam do nosso mundo, especialmente do mundo dos jovens, à luz dos dons de Deus e da vocação a que somos chamados, bem sabemos dos nossos limites, e por isso invocamos:

*De coração humilde
confessamos,
ó Pai:*

*a incapacidade de aceitar
os desafios do mundo juvenil
e a fragilidade de uma fé
que não ousa esperar;*

*o esmorecimento de uma paixão
que não leva a buscar novos caminhos
e os muitos receios que são obstáculo
ao mútuo intercâmbio dos dons,*

*os nossos cansaços e omissões
e toda espécie de nossa pobreza.*

*Mas, com serena confiança,
celebrando o poder
da vossa Graça,
ousamos invocar:*

*fé madura,
amor aos jovens,
coragem apostólica,
criatividade renovada,
otimismo salesiano,
vontade de comunhão,
paciente caridade!*

SEGUNDA PARTE

SALESIANOS E LEIGOS: MEMÓRIA E PROFECIA

“O bom homem parecia delirar pela satisfação de ter uma igreja em sua casa.

Agradeço-lhe, bom amigo, a caridade e boa vontade.

Aceito seus oferecimentos. Contanto que prometa que domingo próximo eu possa vir para cá com meus meninos”.

(MO, p. 124).

CAPÍTULO PRIMEIRO

Salesianos (SDB) e Leigos no mundo e na Igreja (nn. 57-68)

CAPÍTULO SEGUNDO

Irradiação do carisma (nn. 69-86)

CAPÍTULO TERCEIRO

Espírito e Missão: vivê-los juntos (nn. 87-105)

SALESIANOS (SDB) E LEIGOS NO MUNDO E NA IGREJA

1. CHAMADOS PELO PAI PARA TRABALHAR NO SEU REINO

57 “*Além do mais* — escreve Dom Bosco ao chegar a Valdocco — , *parecia-me ser de fato o lugar onde havia visto em sonho: Haec domus mea, inde gloria mea*”. E prossegue sublinhando a solicitude do Arcebispo em conceder as faculdades “*de cantar missa, fazer tríduos, novenas, exercícios espirituais, administrar a confirmação, a santa comunhão, e também poder cumprir-se o preceito pascal por parte de todos os que freqüentassem a nossa instituição*”.¹ De toda a narração é fácil deduzir que “ser Igreja”, fazer “experiência de Igreja” vem a ser o próprio coração da proposta educativa de Dom Bosco.

A abertura de Valdocco no dia de Páscoa de 1846 torna-se sinal da especial conjunção entre o Oratório de Dom Bosco e a Comunidade do Ressuscitado.

A missão salesiana está a serviço do grande projeto de comunhão que começou na criação e atinge a plenitude na Páscoa de Cristo.

58
**Criados para
viver e
construir
comunhão**

O homem criado “*à imagem e semelhança de Deus*”² é chamado a existir em relação, manifestando o dom da comunhão trinitária presente em seu coração.

Esse dom é também um compromisso.³ A vida é vocação para crescer na comunhão com Deus e com os outros, para desenvolver os recursos pessoais e transformar o mundo e a natureza numa casa digna da família humana.

¹ cf. MO, pp. 137-141

² Gn 1,26

³ cf. Gn 1,28

A comunhão se expressa em primeiro lugar na relação entre homem e mulher,⁴ que têm a mesma dignidade e responsabilidade. Trata-se de uma relação recíproca e complementar, vivida sobretudo na família, sujeito fundamental da sociedade, comunidade de pessoas que torna visível e comunica o dom da comunhão.

59
**Na acolhida
da criação e
da história**

*“Deus viu tudo o que tinha feito, e era coisa muito boa”.*⁵ As realidades criadas têm uma bondade intrínseca, uma autonomia e consistência própria.

A humanidade responde à iniciativa de Deus, que a chama para colaborar para a construção do Reino na transformação do mundo mediante o trabalho, a ciência e a técnica, no desenvolvimento da sociedade mediante a política e a economia, no esforço de justiça e solidariedade entre os diversos povos. Sinal disso é o testemunho de grandes homens e mulheres. Este projeto manifesta a unidade de todos os seres humanos que provêm da mesma Fonte e têm o mesmo Fim. Deus ama de verdade o mundo e envolve a todos num trabalho conjunto para construí-lo na unidade e na paz.⁶

60
**Num caminho
de
reconciliação**

Na história da humanidade o pecado destrói a unidade originária, rompe os relacionamentos interpessoais, envenena a relação com a natureza, muda a verdade de Deus com a mentira, faz entrar a morte no mundo.⁷

Todavia a última palavra não é o pecado e a morte do homem, mas o amor e a vida de Deus.⁸ A partir do naufrágio inicial da humanidade, começa a longa e ainda não encerrada história da aventura humana, ao mesmo tempo profana e salvífica.

⁴ cf. Gn 2,18

⁵ cf. Gn 1,31

⁶ cf. GS 92

⁷ cf. Gn 3,1-24; Sab 2,24

⁸ cf. Gn 3,15

Fragmentos de salvação são particularmente evidentes nas diversas religiões. Elas manifestam o esforço da humanidade que procura Deus; uma busca movida também ela pela graça e que tem como plenitude definitiva o mistério de Cristo.⁹ Também nas pessoas de boa vontade e de consciência reta se descobre a presença e a ação de Deus.

Isso nos convida a colaborar com eles e com os crentes das diversas religiões na construção de um mundo mais humano, justo e fraterno.¹⁰

2. CONVOCADOS POR CRISTO PARA SER SINAIS E INSTRUMENTOS DE COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO

61 Cristo encarnado, realização da comunhão

Com a encarnação, o Filho de Deus se insere na família humana; vive como um operário do seu tempo e do seu povo; assume sua cultura e religião; faz-se em tudo semelhante a nós, exceto no pecado.¹¹ Dessa forma, santifica os vínculos humanos, em primeiro lugar os familiares, e dá valor e nova dignidade a todas as realidades criadas, que se convertem em instrumentos e lugar de comunhão com Deus.

Jesus Cristo quebra todas as barreiras e privilegia os pobres e os últimos como característica qualificativa da sua missão evangelizadora.

Com sua Páscoa, é constituído primogênito de toda a criação e, por meio dEle, Deus reconstrói a comunhão original entre todas as coisas, as da terra e as do céu.¹²

⁹ cf. LG 16; NAet. 1,2

¹⁰ Neste sentido podemos ampliar o significado do termo “Leigo”, incluindo todos aqueles que, embora não pertencendo à Igreja Católica, querem, de diversas maneiras, contribuir para o processo de uma educação integral, segundo o espírito de Dom Bosco (cf. ACG 350, pp. 11 e 14)

¹¹ cf. Hb 4, 15

¹² cf. Cl 1,17.20

62
**A Igreja sinal
e instrumento
de comunhão
e participação**

A nova realidade é antecipada na Igreja, que tem a missão de anunciar e construir o Reino de Deus.

Sua vocação fundamental é de estar unida a Cristo.¹³ Dessa ligação brota a comunhão entre todos,¹⁴ cuja intensidade é apresentada pelas imagens bíblicas do Corpo de Cristo e do Povo de Deus.¹⁵

É uma comunhão que nasce do Batismo e da Crisma e se nutre de Eucaristia.¹⁶ Mas é comunhão frágil: por causa dos pecados pessoais ou comunitários pode enfraquecer-se ao ponto de romper-se. O sacramento da Reconciliação dá-lhe novo vigor e nova vida.

63
**A Igreja
fermento do
Reino na
história
humana**

Animada pelo Espírito, a Igreja sabe reconhecê-lo e servi-lo onde quer que se manifeste, a fim de que toda realidade humana encontre a salvação. Comunhão e missão acham-se profundamente unidas entre si, ao ponto de a comunhão vir a ser a fonte e ao mesmo tempo o fruto da missão.¹⁷

Todos os membros da Igreja, sem distinção, cada um com a própria vocação, são chamados a tomar parte ativa e co-responsável nesta missão. Todos, com a profundidade de sua fé, com a fraternidade da vida comunitária, com a riqueza dos carismas e com o dinamismo do seu empenho, anunciam o Reino e o tornam presente.

64
**A Igreja e
sua missão
secular**

A Igreja está no mundo e para o mundo. Assume-lhe os valores, purificando-os e elevando-os com a novidade da Páscoa. Verdadeiramente *“a Igreja tem uma autêntica dimensão secular, inerente à sua in-*

¹³ cf. Jo 15,5

¹⁴ cf. Ef 2,14-15

¹⁵ cf. LG 7 e 9

¹⁶ cf. 1Cor 12,13

¹⁷ cf. ChL 32

*tima natureza e missão, cuja raiz mergulha no mistério do Verbo Encarnado, e que se concretiza de formas diversas para os seus membros”.*¹⁸

Neste momento de profundas transformações da cultura e da sociedade, os crentes são chamados a se unir a todos os homens de boa vontade, para desenvolver as sementes do Reino presentes em toda a parte: sinais do Espírito Santo que opera na criação e na história.

3. UNIDADE E DIVERSIDADE NA MISSÃO COMUM

65 **Riqueza** **dos dons** **do Espírito**

A Igreja recebe de Cristo Ressuscitado o Espírito do Pai que a torna participante da vida trinitária, unifica-a na comunhão e no ministério, adorna-a com os diversos carismas e dons. O Espírito impele a Igreja a abrir-se para o mundo e para as culturas a fim de transformá-las com a força do Evangelho e renovar-a nas diferentes fases de inculturação, até que ela chegue à perfeita comunhão com o seu esposo.¹⁹

Pela ação do Espírito, a comunidade eclesial é uma comunidade orgânica, caracterizada pela presença de diversas e complementares vocações, carismas e ministérios.²⁰

Eles estão a serviço do crescimento do corpo de Cristo na história e de sua missão no mundo.

66 **Pluralidade de** **ministérios**

Em virtude do Batismo e da Crisma, todos na Igreja são consagrados e enviados. Todavia o ministério ordenado e a vida consagrada supõem uma forma específica de consagração, tendo em vista uma missão peculiar.

¹⁸ ChL 15

¹⁹ cf. LG 4

²⁰ cf. 1Cor 12, 4-7

Os **fiéis leigos**, pela consagração do Batismo e da Crisma, são chamados a ser sinais do Reino no mundo, tratando as coisas temporais e ordenando-as segundo Deus. A índole secular é elemento qualificativo da sua existência cristã.²¹

Eles vivem no trabalho, na família, na política, na economia, na ciência, na arte, na comunicação social, a vocação comum à santidade, com um empenho de promoção humana e de evangelização. O leigo cristão é, pois, um membro da Igreja no coração do mundo e um membro do mundo no coração da Igreja.²²

Os **ministros ordenados**, além da consagração fundamental proveniente do Batismo, em virtude da unção do Espírito Santo recebida no Sacramento da Ordem são “marcados” por um caráter especial, que os conforma a Cristo Sacerdote.²³ São estimulados pela caridade do Bom Pastor a dar a vida pelo rebanho²⁴ e a construir a comunhão eclesial, que o Bispo anima e preside. O ministério ordenado está a serviço do sacerdócio comum dos fiéis.

As **pessoas consagradas**, que abraçam os conselhos evangélicos, recebem uma nova e peculiar consagração que, sem ser sacramental, compromete-as a fazer própria a forma de vida de Jesus e por Ele proposta aos discípulos.²⁵ A vida religiosa manifesta de modo particularmente rico os bens evangélicos e a finalidade da Igreja que é a santificação da humanidade.²⁶ Sua vida de comunhão torna-se um sinal para o mundo e o encaminha para crer em Cristo.²⁷

²¹ cf. LG 31

²² cf. Documentos de Puebla 103

²³ cf. PO 2

²⁴ cf. PO 13

²⁵ cf. VC 31

²⁶ VC 32

²⁷ cf. VC 46; 51

67
Reciprocidade
e complementa-
ridade
homem-mulher
em Cristo

O novo relacionamento com Deus em Cristo provoca novidade também no relacionamento profundo entre o homem e a mulher. Tal novidade é chamada a ser visível particularmente na vocação ao matrimônio, tornando-se sinal da íntima união entre Cristo e sua Igreja.²⁸

Na esfera eclesial a reciprocidade entre homem e mulher é hoje de vital importância. Parece necessária e urgente uma virada “para dar (à mulher) mais espaço no conjunto da vida social e da vida eclesial”.²⁹

68
Maria, ícone
da Igreja-
Comunhão

Olhemos para Maria.

Ela foi chamada a uma particular comunhão com a Trindade que a quis Mãe do Verbo para dá-lo ao mundo. Para Ela olha a Igreja peregrina no tempo. Para Ela olhou Dom Bosco desde o sonho dos nove anos; por Ela educado, tornou-se homem todo de Deus e todo dos jovens.

²⁸ cf. Ef 5,32

²⁹ João Paulo II, *Carta às mulheres*, 11

IRRADIAÇÃO DO CARISMA

69 *“Ó Deus, ouvimos com nossos próprios ouvidos — nossos antepassados no-lo contaram — a façanha que realizastes no tempo deles, nos tempos de outrora”.¹*

No plano de salvação que Deus realiza mediante a Igreja, nós Salesianos contemplamos o carisma que o Espírito quis fazer nascer e difundir por intermédio de Dom Bosco.

O Senhor, com a mediação de Maria, chamou-o a cuidar da “juventude pobre, abandonada, em perigo”.² E não o quis sozinho, mas como Pai de uma grande família e guia de um povo de jovens. Por isso “sua” história é também a “nossa” história.

Olhando para Dom Bosco, ilumina-se a nossa capacidade de discernimento e aumenta o desejo de dizer aos leigos a palavra que ele dirigia ao jovem Miguel Rua: “Nós dois faremos a metade cada um”.

1. NAS ORIGENS

70
**Adolescência
e juventude
de Dom Bosco**

Dom Bosco revela-se desde menino grande comunicador e animador, capaz de interessar e criar grupos e associações, fazendo inteligentemente apelo às energias de todos. Em Chieri, tido pelos colegas como capitão de um pequeno bando, funda a “Sociedade da Alegria” e, durante as férias, exporta o brevê, fundando em Morialdo mais uma sociedade com o mesmo nome.

¹ Salmo 43

² Const. 26

Com igual determinação, o jovem padre diocesano faz a mesma coisa com o grupo de colaboradores do Oratório de São Francisco de Sales. Desperta participação e co-responsabilidade de eclesiais, leigos, homens e mulheres.

Ajudam-no a dar catecismo, aula, assistir na igreja, guiar os jovens nas oraões, prepará-los para a primeira comunhão e a crisma, manter a ordem, a assistir no pátio brincando com os meninos, a empregar os mais necessitados colocando-os junto a algum honesto patrão.

Entrementes, Dom Bosco interessa-se pela vida espiritual deles, com encontros pessoais, conferências, a direção espiritual e a administração dos sacramentos.

72 No apostolado, os colaboradores privilegiados são os jovens que viviam com ele havia mais tempo, e com ele partilhavam o serviço do próximo nos mais abandonados. Os mais apegados a Dom Bosco o exercerão entre seus coetâneos mediante as várias Companhias: Imaculada Conceição, SS. Sacramento, São Luís, São José.

Todos seguem o exemplo de Dom Bosco. Ele aponta o modelo de dedicação apostólica e de bondade que é São Francisco de Sales, padroeiro principal do Oratório. Tais exemplos arrastam os jovens até a atos de verdadeiro heroísmo.

Com alguns deles nasce, em 18 de dezembro de 1859, a Sociedade de São Francisco de Sales. É uma comunidade religiosa que, já nos primeiros anos, se mostra aberta aos valores do mundo, assumindo em si mesma uma dimensão secular, que se manifesta de maneira específica na presença de salesianos coadjutores. Estes, em particular, ajudam a vincular a comunidade salesiana à sociedade civil, especialmente ao mundo do trabalho.

Dom Bosco não deixa de aproveitar os conselhos de Urbano Rattazzi, ministro liberal e responsável por leis hostis à Igreja, que, entretanto, lhe mostra o caminho politicamente correto para fundar uma nova sociedade religiosa, cujos membros conservem todos os direitos civis.

73 Nas primeiras redações das Constituições, Dom Bosco prevê a existência de salesianos que, vivendo no século, poderiam pertencer à Sociedade Salesiana, sem a profissão dos três votos, mas procurando pôr em prática a parte do Regulamento compatível com sua idade e condição. Não podendo, porém, manter este seu projeto, pelas dificuldades jurídicas do tempo, o Santo funda a Pia União dos Cooperadores, que ele reputava “importantíssima”, como “a alma da Congregação”.³ O seu Regulamento é aprovado em 24 de junho de 1876.

Ao mesmo tempo, acatando a iniciativa de Carlo Gastini, Dom Bosco funda a Associação dos Ex-Alunos, os quais participam da missão salesiana na sociedade civil, fazendo frutificar a educação recebida.

Já antes tinha instituído a Arquiconfraria dos Devotos de Maria Auxiliadora (hoje ADMA), erigida em 5 de abril de 1870 com um Breve do Papa Pio IX.

74
A colaboração
feminina

Não obstante a atitude de reserva e distância do mundo feminino, que Dom Bosco partilha com o clero da época, ele põe em prática um estilo de cordialidade delicada e simples em relação às mulheres com as quais entra em contato.

A presença delas é essencial para a vida do Oratório. Há Mamãe Margarida, primeira cooperadora e mãe do Oratório, com a qual Dom Bosco reparte o governo da casa. Virá mais tarde a mãe do Pe. Rua e a de Miguel

³ cf. CGE n. 733

Magone. Outras mulheres da sociedade de Turim colaboram com Dom Bosco. Oferecem sua ajuda nas atividades domésticas, assistem-no economicamente, facilitam-lhe o acesso às repartições públicas.

Reconhece-se, destarte, que a presença da mulher é muito útil para criar o clima de família. Ela oferece uma complementaridade de atuação que enriquece o relacionamento educativo e dá uma tonalidade especial à “amorevolezza” salesiana.

A perspectiva, oferecida a Dom Bosco pela Marquesa de Barolo, de trabalhar pelas meninas mais pobres, haverá de estimulá-lo posteriormente a fazer algo pelas meninas. Depois do encontro com o Pe. Pestarino e com o grupo das jovens de Mornese dirigidas por Maria Domingas Mazzarello, Dom Bosco vê a possibilidade de realizar, em benefício das meninas, o que havia muito tempo trazia no coração. Sente-se feliz por reconhecer o Projeto de Deus, que com um único desígnio de graça, havia suscitado a mesma experiência de caridade apostólica na Santa, comprometendo-a de modo singular na fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.⁴

75 **Patrimônio** **comum**

Existe, sem dúvida, em torno de Dom Bosco, um vasto movimento de pessoas e de grupos, de jovens, de homens e mulheres, pertencentes às mais diversas condições de vida, que compartilham com ele alguns elementos que se tornam referência autorizada: uma *espiritualidade* modelada sobre a de São Francisco de Sales; uma *missão* bem definida: a salvação da juventude, especialmente a mais pobre e abandonada; um projeto dinâmico de educação e de evangelização: o *Sistema Preventivo* (Dom Bosco tentou escrever também um Sistema Preventivo adaptado aos leigos);

⁴ cf. Const. FMA 2

um *ambiente* no qual as contribuições originais de cada um se fundem na finalidade comum: o *Oratório*, caracterizado por um clima e por um estilo típico, chamado *espírito de família*, onde cada um se sente acolhido, valorizado, ajudado a dar e a receber.

Desde o começo, Valdocco é “*casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida, e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria*”.⁵

Dom Bosco vai para a frente, com inevitáveis tensões, alargando as fronteiras da missão para os jovens pobres e abandonados, com a abertura de novas obras dentro e fora dos limites da Itália. A começar de 1875, organiza as expedições missionárias para a América Latina, que se irão sucedendo anos afora.

Os seus famosos *sonhos* são como que a explicitação figurada do vasto universo que ele acaricia para sua missão: todas as terras habitadas, de Valparaíso a Pequim, passando pela África.

2. NA TRADIÇÃO SALESIANA

76 **Em** **continuidade**

De Dom Bosco até hoje, a idéia do laicato e a consciência do seu papel tornou-se, lentamente embora, sempre mais viva na Igreja e na Congregação.

O Concílio Vaticano II, em particular, descreveu de maneira nova o papel do leigo na Igreja e no mundo. A esse apelo a Congregação Salesiana se esforça por responder com um crescente envolvimento dos leigos.

77 **Os** **Cooperadores**

Dos tempos de Dom Bosco até ao CGE, não se deram mudanças importantes na compreensão da vocação dos *Cooperadores*. O CG19 e especialmente o CGE

⁵ Const. 40

trouxeram uma modificação radical de mentalidade. Eles não podem ser vistos como simples benfeitores ou executores. Devem antes ser reconhecidos como plenamente co-responsáveis da missão salesiana, e apontados como figuras de referência para os leigos do amplo movimento salesiano. Neste sentido foi aprovado o novo RVA em 1986.

78
Os
Ex-alunos/as

Já em 1898, com a intervenção do Pe. Rua, os *ex-alunos* acolheram o convite de formar associações de cada casa, modelando-se pelo Oratório de Valdocco.

Em julho de 1909, foi redigido o Estatuto de Federação Internacional. Tal Federação, que teve particular impulso sob o reitorado do Pe. Rinaldi, tornou-se Confederação Mundial nos primeiros anos do reitorado do Pe. Ziggliotti: associação civil, que agrupa os ex-alunos sem distinções étnicas e religiosas. Ultimamente acrescentaram-se as *ex-alunas* provenientes dos nossos ambientes, reconhecidas de pleno direito no novo estatuto confederal. O estatuto define com clareza a identidade do ex-aluno/a e abre novos horizontes no campo da missão salesiana.

79
Institutos
seculares

Em 1917, algumas jovens (do Oratório FMA de Turim) manifestam ao Pe. Rinaldi o desejo de consagrar-se a Deus, permanecendo no século, com o nome de Zeladoras de Maria Auxiliadora.

Mais tarde passarão a chamar-se Cooperadoras Oblatas de São João Bosco e hoje *Voluntárias de Dom Bosco* (VDB). Em 1965 a autoridade diocesana de Turim reconheceu-as como Pia Associação, e em 1971, como Instituto Secular de direito diocesano.

Em 1978 foram reconhecidas como Instituto Secular de direito pontifício. Salesianidade, secularidade, consagração são os fundamentos de sua vocação.

O Reitor-Mor com o seu Conselho declarou-as pertencentes à FS em sentido estrito.

Após o CG23 começou a desenvolver-se um grupo masculino de consagrados no mundo denominados *Voluntários Com Dom Bosco (CDB)*.

80
Outros
grupos laicais

Dom Bosco criou também a Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora, ligando-a, com compromissos acessíveis à maioria do povo simples, à espiritualidade e à missão da Congregação.

Recentemente surgiu outro grupo laical formado somente de mulheres: a Associação Damas Salesianas.

81
Elementos
comuns na
Família
Salesiana

Os grupos pertencentes à Família Salesiana “*são participantes de um verdadeiro parentesco espiritual e de consangüinidade apostólica*”⁶ caracterizada pela partilha do mesmo espírito salesiano e por algumas idéias força.

São habitualmente lembradas as seguintes:

- a radicação no mistério de Cristo e a entrega filial a Maria,
- o sentido da Igreja,
- a união com Deus e o estilo de oração,
- a caridade pastoral para a missão juvenil e popular,
- uma atenta sensibilidade às exigências da nova evangelização,
- a graça de unidade,
- a ascese da bondade,
- o otimismo e a alegria da esperança,
- o trabalho e temperança,
- o espírito de iniciativa.⁷

⁶ Carta de comunhão, art. 10

⁷ cf. Carta de comunhão, art.18ss.

82
O Boletim
Salesiano

Dom Bosco concebeu o Boletim Salesiano como instrumento de ligação, animação, formação e envolvimento de muitos leigos que olhavam com simpatia sua obra.

Hoje o Boletim, que se imprime em numerosas edições nas diversas áreas geográficas do mundo, representa um instrumento de comunicação precioso para uma mais plena partilha do espírito salesiano e um mais atualizado engajamento na missão educativa e evangelizadora do Movimento e da Família Salesiana.

3. LINHAS EMERGENTES

83
Envolvimento
de forças
apostólicas

Conquanto condicionados pela eclesiologia do tempo, Dom Bosco e os Salesianos difundiram o carisma, procurando envolver, na educação dos jovens, as pessoas mais diversas.

Pensando na história recente:

— O CG19 olhou os leigos com prudência aceitando alguns externos como professores e escolhendo-os entre os melhores CCSS e Ex-alunos. Ficavam para os salesianos as funções chave nas estruturas educativas.

— O CGE repensou no caminho e na missão salesiana à luz do Vaticano II, procurando “*uma ampla união de forças apostólicas na unidade articulada e vária de uma família*”.⁸

— O CG21, inspirando-se na Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, apresentou à comunidade salesiana o desafio da evangelização. A comunidade é sempre concebida como animadora da CEP, em função da realização do PEPS. Nela, salesianos e leigos são evangelizados e evangelizadores.

— Tal abertura é confirmada e ampliada pelo CG22, no texto definitivo das Constituições.⁹

⁸ CGE 152

⁹ Const. 5 e 47

— A relação SDB-Leigos atinge significativo amadurecimento no CG23, que focalizou a educação dos jovens na fé. A comunidade SDB torna-se animadora e formadora da CEP e da FS,¹⁰ com a tarefa precisa de elaborar o *Projeto Leigos*.

84 **Leigos** **animadores**

As pessoas, que de Dom Bosco em diante, participaram na missão salesiana, sentiram a necessidade de uma convergência espiritual, na consciência de ter recebido e de dever compartilhar um dom.

Delas, um grande número sente-se comprometido a encarnar o carisma, com Dom Bosco e com os tempos. Comparte o objetivo da educação e se empenha em preparar os jovens para ocuparem dignamente um lugar na sociedade.

Para muitos, o envolvimento e a co-responsabilidade abraçam também a finalidade evangelizadora, realizando integralmente o projeto do Sistema Preventivo.

Entre estes, alguns são jovens que se dedicam em várias modalidades de animação em favor de seus coetâneos. Foi desta sorte que medrou, nestes últimos anos, o Movimento Juvenil Salesiano e em particular a nova experiência do Voluntariado.

85 **Leigos** **amigos de** **Dom Bosco**

Dom Bosco teve sempre muitos amigos espalhados pelo mundo e em ambientes os mais vários. Com o passar dos anos não diminuíram de número, nem se desfizeram os laços que os prendem ao nosso Pai e Fundador.

Eles querem manter vivo o espírito de Dom Bosco e garantir a expansão da missão salesiana. Oferecem-se para ajudar a Família Salesiana a conhecer a situação real dos jovens, e para tentar responder aos desafios que eles apresentam. Estes amigos colocam à disposição entusiasmo, tempo, possibilidades econômicas e vontade de colaborar.

¹⁰ CG23 235

86
Leigos fora
das estruturas

Graças ao empenho de tantos leigos, a missão salesiana ultrapassa a instituição, difunde-se para além das estruturas e das obras salesianas. Entra, dessa forma, em contato com outras realidades eclesiais, com a sociedade civil, sobretudo com os jovens em sua situação concreta, dialogando com as culturas e as tradições dos povos.

Graças a esse fato, o carisma se espalha por toda a parte.

ESPÍRITO E MISSÃO: VIVÊ-LOS JUNTOS

1. NA RAIZ DA NOSSA UNIDADE

87 Ao recordar os primeiros tempos de Valdocco¹ encontramos não só o coração pastoral de Dom Bosco, mas também sua capacidade de atrair: graças à contribuição de eclesiásticos e de leigos, igreja, salas e pátios tornam-se realidade.

Este fato nos convida a renovar o coração oratoriano e nos impulsiona a uma comunhão mais profunda com todos aqueles que, de maneira estruturada ou pessoal, querem levar adiante o carisma de Dom Bosco. Juntos nos colocamos humildemente e com vigilante atenção a serviço da humanidade, empenhando-nos, com renovado entusiasmo, por dar autenticidade à nossa vocação, para que a missão salesiana possa oferecer com maior plenitude sua contribuição à Igreja e ao mundo.

88
O espírito que nos é dado Com este objetivo, somos chamados a partilhar na FS, com todos os leigos, não somente o cumprimento material do trabalho cotidiano, mas, em primeiro lugar, o *espírito salesiano*, para nos podermos tornar co-responsáveis pela missão nas nossas obras e para além de suas fronteiras. Este espírito, como já o apresentou o CGE (n. 85ss.), é um complexo de aspectos e de valores do mundo humano e do mistério cristão que se tornam o nosso próprio estilo de pensamento e de sentimento, de vida e de ação, concentrado na caridade pastoral. Dom Bosco atrai simpatia e suscita participação

¹ cf. MO, pp. 122ss.

de leigos empenhados. Ele nos convida a fazer com eles um itinerário espiritual, que, a partir do espírito salesiano, compartilhado em diversos níveis, possa chegar a opções de fé e a uma espiritualidade vivida e comunicada.

A comunicação de tal espírito é tarefa sobretudo dos consagrados: *“Em qualquer atividade ou ministério que estejam empenhadas, as pessoas consagradas lembrem-se de que não de ser primariamente guias especializados de vida espiritual, e, nesta perspectiva, cultivem o talento mais precioso: o espírito”*.²

Estamos conscientes de que esta é uma verdadeira escola de santidade. Colhe-se logo a riqueza do espírito salesiano quando, traduzido em vida concreta, se torna espiritualidade. Vamos reconsiderar algumas de suas principais características.³

2. ELEMENTOS DA ESPIRITUALIDADE

2.1. O amor preferencial pelos jovens, especialmente os mais pobres

89 **Encontrar** **Deus nos** **jovens**

Partilhar o espírito e a missão salesiana quer dizer, antes do mais, sentir-se engajados na opção dos jovens.

“Nós cremos que Deus nos está esperando nos jovens para oferecer-nos a graça do encontro com Ele e para dispor-nos a servi-lo neles, reconhecendo-lhes a dignidade e educando-os para a plenitude da vida”.⁴

² VC 55

³ Deparam-se-nos válidos esforços de interpretação em textos autorizados: cf. as *Constituições SDB*, que são o nosso principal ponto de referência. Cf. também as *Constituições FMA*, o *Regulamento de Vida Apostólica* dos Cooperadores, a *Carta de comunhão na FS*, os últimos Capítulos Gerais. Cf. também *Don Egidio Viganó all'Università Salesiana* (UPS ROMA 1996, pp. 162-163

⁴ CG23 95

Nesse serviço educativo, leigos e salesianos fazem experiência da dimensão contemplativa de sua fé, capaz de descobrir a ação do Espírito no coração dos jovens.⁵

Partícipe do coração de Deus, o discípulo de Dom Bosco compreende melhor a importância e a urgência da própria vocação: tornar presente aos jovens o amor de Cristo.

Impelido por esse amor, dedica-se por inteiro à educação integral deles.⁶

Trabalhar pelos jovens, especialmente pelos mais pobres, é, pois, a carteira de identidade da vocação salesiana, o elemento mais envolvente do nosso carisma, o ponto de partida para um itinerário de maior e mais profunda partilha do espírito salesiano e do Sistema Preventivo.

90
Caridade
pastoral

Para realizar essa vocação, salesianos SDB e leigos iniciam um diálogo cordial com todos os homens de boa vontade que querem melhorar a situação dos jovens, especialmente os mais pobres, no mundo de hoje. Seguindo o exemplo de Dom Bosco, eles escolhem para si e propõem aos outros a caridade como meio e método fundamental da missão. Nesse trabalho potencializam valores importantes da espiritualidade salesiana como a generosidade, a solidariedade, a simplicidade, a gratidão, a fidelidade, a alegria e o otimismo mesmo na hora da cruz, exprimindo, destarte, a dimensão pascal da vida cristã.

2.2. Espiritualidade da relação: espírito de família

91
Dom Bosco
homem de
relação

O primeiro dom que Dom Bosco faz aos seus é o de uma relação humana serena e acolhedora. O domínio de si permite-lhe doar-se com extraordinária eficácia e dar, gradualmente, à própria relação um conteúdo pastoral e sacramental.

⁵ cf. Const. 95

⁶ cf. CGE 91

A qualidade do encontro educativo está no ápice dos seus pensamentos. “Todos aqueles com quem falares devem tornar-se teus amigos”, sugere,⁷ e “ser amigo de Dom Bosco” significa tudo em Valdocco: empenho espiritual, felicidade interior, colaboração educativa, alegria de família. Está convencido de que o espírito salesiano “deve animar e guiar nossas ações e palavras”. Afirma-o vigorosamente nas cartas ao Pe. Cagliero e ao Pe. Costamagna de agosto de 1885: “O Sistema Preventivo seja próprio de nós. (...) Caridade, paciência, doçura (...). Valha isso para os salesianos entre si, entre os alunos, e outros, externos ou internos”. “Esforça-te por fazer-te amar”, murmura ao Pe. Rua, deixando-lhe como um testamento e apontando-lhe o segredo da arte do bom Pastor. Dom Bosco entrega, pois, no fim da vida, uma como que convicção profunda e uma preciosa herança, a intuição recolhida no sonho dos 9 anos. E, ao privilegiar as “virtudes relacionais” — como eixos do diálogo educativo e da colaboração na ação — mostra-se excelente discípulo de São Francisco de Sales.

92
Uma
necessidade
dos homens
de hoje

Lamenta-se hoje uma disseminada ausência de relação, e a solidão causa mais medo que a morte, especialmente aos jovens e aos idosos. As ciências humanas descrevem o homem com um ser de relação. Já a partir do seio materno, ele está impregnado de relações. Uma relação positiva o constrói e faz feliz, uma negativa o deprime e pode destruir. Em todos os casos, a relação se encontra no coração de todo contato educativo, de todo esforço de colaboração, da serenidade familiar como da eficácia de uma comunidade educativa pastoral. “*É preciso tornar-se irmãos dos homens no próprio ato de querermos ser deles pastores, pais e mestres. O clima do diálogo é a amizade. Antes, o serviço*”.⁸

⁷ MB X, 1039

⁸ Paulo VI, *Ecclesiam Suam*, Enchiridion Vaticanum, EDB, vol. 2, p. 273

93

**A resposta
salesiana: a
“amorevolezza”**

A escuta dos leigos e dos jovens nos convence de que existe uma grande vontade de relação. E que existem na Congregação numerosas experiências que fundam a esperança de poder crescer nessa direção, exprimindo em plenitude — juntamente com os leigos e primariamente em relação a eles — as riquezas da bondade (*amorevolezza*) salesiana e do espírito de família que dela deriva.

Ela corre o risco de degradar-se a mero instrumento técnico, captante e manipulador da personalidade do outro, jovem ou adulto. Por isso deve encher-se de caridade até se transformar em expressão de autêntica espiritualidade relacional. Dela é fruto e sinal a castidade serena, tão cara a Dom Bosco, que mantém o equilíbrio afetivo e a fidelidade oblativa. Assim revigorada e purificada, a relação educativa se exprime no encontro pessoal, constrói um ambiente formativo estimulante, encoraja o caminho em grupo, acompanha a maturação vocacional.

2.3. Empenho na Igreja pelo mundo

94

**A força do
“da mihi
animas” e a
Nova
Evangelização**

O “*da mihi animas*” preenche a vida de quantos se inspiram em Dom Bosco, marcando o relacionamento com Deus, as relações com os irmãos, a intervenção na história por uma contribuição pessoal. Interessa a contemplação tanto como a ação, a vontade de fazer o bem e o empenho em procurar os meios necessários.

Como salesianos, exprimimos o significado da nossa existência no ardor da caridade pastoral.

Percebe-se, em nossos dias, uma crise cultural de notáveis proporções, o desafio da *Nova Evangelização*. Coração da resposta é a inculturação do Evangelho: ela se torna uma exigência premente para a Igreja. Salesianos e leigos são chamados a cada vez mais tomarem consciência da área em que devem trabalhar: a cultura e a educação.

95
O desafio
da cultura
contemporânea

Assiste-se hoje a maior sensibilidade social, civil e política. Ela empenha quantos se inspiram em Dom Bosco a dar a mesma atenção que ele dava aos movimentos e às mudanças culturais. A *política do Pater noster* torna-se dessa forma projeto de uma sociedade renovada mediante o trabalho desenvolvido com competência e consciência, a elevação cultural e a fé alegre, para fazer de todos os homens filhos iguais do mesmo Pai.

Nessa tarefa, a *consciência renovada do laicato* coloca em primeira plana a responsabilidade de todos os homens de boa vontade. Impõem-se algumas urgências: a família como “santuário da vida”, o respeito pela dignidade da pessoa e pelos seus direitos, a difusão de uma cultura da solidariedade e da paz, a promoção humana que leva a condições de vida mais justas, a defesa do equilíbrio ecológico. Deve-se repropor e apoiar a inserção na política direta, vivida com espírito de serviço, para fazer crescer a justiça e a fraternidade, Dando a atenção aos mais pobres e aos últimos.⁹

96
Juntos para
um renovado
empenho
apostólico

O discernimento das culturas como realidade humana por evangelizar exige *um novo tipo de colaboração* entre todos os responsáveis pela obra de evangelização. Salesianos e leigos cristãos são chamados a acionar a força recebida no Batismo: a fé; a confiar-se a Deus com atitudes de certeza: a esperança; e a pôr como sinal distintivo da pertença a Ele a disponibilidade para com todos: a caridade.

Estamos empenhados em fazer com que a fé anunciada, vivida e celebrada em plenitude chegue a tornar-se cultura: os valores culturais autênticos, avaliados e assumidos à luz da fé, são necessários para a encarnação na própria cultura da mensagem evangélica. Para cum-

⁹ cf. ChL 42

prir essa tarefa, a CEP “torna-se experiência de comunhão e lugar de graça, onde o projeto pedagógico contribui para unir, numa síntese harmoniosa, o divino e o humano, o Evangelho e a cultura, a fé e a vida”.¹⁰

Nesse horizonte novo, inspirado pela Palavra de Deus e pela doutrina social da Igreja, pode-se levar adiante a novidade evangélica que põe no centro a salvação da pessoa, o serviço, a orientação para o Reino. Para os Salesianos é um convite a aprofundar sua radicalidade na “sequela Christi”, e para os leigos a progredir na síntese entre a acolhida do Evangelho e a ação concreta.

O programa de vida condensado nas bem-aventuranças que apresentam os valores do Reino e do Pai Nosso podem ser propostos também aos que pertencem a outras religiões.

2.4. Espiritualidade do cotidiano e do trabalho

97 **A vida ordinária, lugar de encontro com Deus**

Dom Bosco propunha aos seus primeiros colaboradores, bem como aos jovens do Oratório, uma maneira para viver em profundidade o Evangelho, sem desligar-se da vida: *viver na presença de Deus*.

Assim sendo, a vida de cada dia constituía para Dom Bosco o espaço natural de aperfeiçoamento de todos os homens, o lugar de resposta à vocação humana e cristã, e para nós Salesianos também religiosa.

A intuição do valor do cotidiano nos leva a *valorizar com os leigos toda a criação como dom de Deus*: a vida, a natureza, as coisas materiais produzidas pelo homem, o relacionamento interpessoal.

Solidários com o mundo e com a sua história,¹¹ *compartilhamos com os leigos as dificuldades e as*

¹⁰ VC 96

¹¹ Const. 7

alegrias provenientes do contexto social em que nos achamos inseridos, procurando, juntos, encontrar nele os sinais da vontade de Deus.

98
**O dom do
trabalho e a
profissionalidade**

Dom Bosco ensinava seus jovens a empregar o tempo em tarefas úteis à vida pessoal ou comunitária de forma sadia, educativa e criativa. Ele mesmo foi exemplo de uma vida inteiramente dedicada ao trabalho e quis que os seus Salesianos se caracterizassem pelo espírito de iniciativa e laboriosidade.

Olhando para essa experiência, vemos *em Valdocco uma verdadeira escola do trabalho*: nela se desenvolveu uma *pedagogia do dever* que educa a esta forma prática de viver a espiritualidade.

O trabalho, concebido como parte integrante do projeto de Deus sobre todos os homens, nos leva a defender a dignidade de cada trabalho e do homem como sujeito dele. Essa consciência valoriza o esforço conjunto e individual dos salesianos e dos leigos para educar os jovens.

De nós, e segundo as características da nossa vocação específica, *exige-se a profissionalidade*, isto é, a maior perfeição possível no próprio trabalho. O que implica assumir de boa vontade a fadiga, o empenho constante e a necessária formação permanente. A disciplina e o sentido do dever tornam-se para nós caminho de ascese, medida concreta do nosso amadurecimento espiritual.

2.5. O Sistema Preventivo: em permanente escuta de Deus e do homem

99
**Uma aproxima-
ção pedagógica
continuamente
renovada**

Estamos convencidos de que a principal contribuição à mudança do mundo para o advento do Reino é o empenho pela educação. “Não há dúvida, como afirma João Paulo II, que o fato cultural primeiro e fundamental é o homem espiritualmente maduro, isto é, o homem

plenamente educado, o homem capaz de educar-se a si mesmo e de educar os outros”.¹² A contribuição original que podemos oferecer à causa da educação chama-se *Sistema Preventivo*. Ele demonstra sua permanente vitalidade ao saber responder aos desafios mais diversos. Nas múltiplas situações em que se encontra a atuar, ele precisa de contínua re-compreensão. Tal urgência entendia indicar o Pe. Egídio Viganó quando falava de *novo Sistema Preventivo*.

Elemento essencial de tal novidade é a *partilha* entre salesianos SDB, leigos adultos e jovens de uma práxis educativa pastoral sempre em *diálogo* com as aquisições das ciências e com os diversos contextos em que operamos.

Para garantir fidelidade e fecundidade é preciso reconsiderar as intuições originais de Dom Bosco. Ele está convencido de que “*este sistema se apóia inteiramente na razão, na religião e na bondade*”.¹³ Somos chamados a ver, de maneira nova, os três fundamentos por ele indicados.

a) Razão

No pensamento de Dom Bosco, razão é sinônimo de razoabilidade e persuasão, vistas em oposição a pressão e imposição. Ela ajuda a avaliar todas as coisas com sentido crítico e a descobrir o valor autêntico das realidades terrenas, respeitando-lhes a autonomia e a dignidade secular. Habilita a descobrir e partilhar o grande esforço do homem, no incessante e fadigoso processo de personalização e socialização.

¹² Discurso de João Paulo II na UNESCO, 1980

¹³ MB XIII, 919

Mais com fatos do que com palavras, Dom Bosco nos mostrou que, na raiz do seu sistema educativo, há um sólido humanismo e um genuíno apreço das realidades criaturais. Isso faz do Sistema Preventivo *um sistema aberto*, rico de esperança no homem, capaz de dialogar com as diversas situações culturais. Requer, por isso, uma atenção especial aos contextos, uma leitura prévia da situação dos jovens e uma articulação da atuação educativa mediante a elaboração do PEPS. Poder-se-á, destarte, traçar um caminho educativo equilibrado, evitando os riscos opostos do “minimalismo” que tem medo de propor, ou do “maximalismo” que queima as etapas e impõe pesos insuportáveis.

b) Religião

A *religião*, entendida como fé acolhida e correspondida, vem a ser o ponto onde se cruzam o Mistério de Deus e o mistério do homem, atado à fragilidade da sua história e da sua cultura, mas também solicitado pelo seguro chamado de Deus. A consciência de tal realidade convida-nos a imitar a paciência de Deus, encontrando jovens e leigos “no ponto em que se encontra sua liberdade”.¹⁴

Se por um lado devemos reconhecer que a *terra de missão* se estendeu a todas as partes do mundo, por outro devemos estar prontos a adentrar caminhos de educação da fé calculados e graduais.

Nos *contextos cristãos* ainda é possível realizar o Sistema Preventivo com certa plenitude e ajudar fiéis leigos adultos e jovens a descobrir o Rosto de Jesus. A escuta e o anúncio da Palavra, a celebração dos sacramentos e especialmente da Eucaristia e da Penitência, o empenho da caridade e do testemunho, a felicidade de

¹⁴ Const. 38

viver sob o olhar de um Pai amoroso são ainda metas educativas possíveis e que devem ser propostas sem muita timidez, dentro de uma atitude serenamente ecumênica.¹⁵

Nos *contextos secularizados*, onde a cultura parece muda e incapaz de falar do Pai de Jesus Cristo, será preciso educar as invocações de transcendência e as grandes demandas de sentido postas pela vida e pela morte, pela dor e pelo amor, sem esconder o raio de luz que nos vem da nossa fé.¹⁶

Nos *contextos das grandes religiões* monoteístas e das *tradicionais*, o primeiro diálogo educativo será com os leigos mais próximos para reconhecer junto com eles a graça nelas presente, animar o desejo de oração e valorizar os fragmentos de Evangelho e de sabedoria educativa presentes na cultura, na vida, na experiência dos jovens.¹⁷

Muitas vezes nos encontramos a trabalhar com jovens e leigos, com *homens e mulheres de boa vontade* que não manifestam uma explícita pertença religiosa. Então, o Sistema Preventivo nos move a procurar e a acolher a centelha de verdade depositada no coração de cada um, a promover aquele “diálogo de vida” — especialmente “na solicitude pela vida humana” e na “promoção da dignidade da mulher” — “que prepara o caminho para uma partilha mais profunda”.¹⁸

c) Bondade (*amorevolezza*)

Ela se manifesta como acolhida incondicional, relação construtiva que desperta iniciativas, partilha de alegrias e de dores, capacidade de traduzir em “sinais” o amor educativo.

¹⁵ cf. CG23 68-71

¹⁶ cf. CG23 76-77, 83

¹⁷ cf. CG23 72-74, 86

¹⁸ cf. VC 102

Além de convidar cada educador individualmente a uma presença cordial e fiel entre os jovens, leva a comunidade a criar um autêntico espírito de família.

Exprime outrossim aquela caridade pastoral que promove *nova cultura educativa* “oferecendo uma contribuição específica às iniciativas dos outros educadores e educadoras”.¹⁹ Junto com os leigos, que se inspiram em Dom Bosco, temos um dever explícito de procurar os caminhos e os melhores modos de transplantar a genialidade de Dom Bosco para a vida pública, para o mundo da cultura, da política, da vida social. Ela poderá então criar aquela *nova educação*, que abre o caminho para a *nova evangelização*.

Com especial atenção será preciso estudar estratégias para passar o Sistema Preventivo às mãos das famílias, ajudando-as a iluminar as aspirações e os problemas de hoje, a criar um ambiente de alegria, diálogo e solidariedade, transformando-as assim em autênticas “igrejas domésticas”.

3. UMA PEDAGOGIA PARA VIVER JUNTOS ESPÍRITO E MISSÃO DE DOM BOSCO

101 **Formar-nos** **juntos**

Realizar a comunhão e a partilha do espírito e da missão de Dom Bosco comporta para nós, salesianos SDB e leigos, sempre respeitando as normas da Igreja,²⁰ uma renovação nos processos formativos.

É necessária uma mudança de mentalidade: *crescer juntos, formar-nos juntos*.

¹⁹ VC 96

²⁰ cf. can. 652; can. 654ss.

Dom Bosco recomendava aos leigos cooperadores: “É preciso que nos unamos entre nós e todos com a Congregação. Unamo-nos, pois, visando o mesmo fim e usando os mesmos meios para consegui-lo. Unamo-nos, pois, como uma só família com os vínculos da caridade fraterna”.²¹

Acreditamos que dessa novidade de método depende grande parte do fruto que desejamos.

102
Pedagogia do
coração
oratoriano e
da missão

O primeiro passo para nós, salesianos SDB e leigos, é conhecermo-nos, apreciando-nos quer no que temos em comum quer nas nossas diferenças. O ponto de encontro é a partilha do coração oratoriano e do estilo do Bom Pastor. Ele é fonte profunda de unidade para todos os chamados a trabalhar com Dom Bosco. O espírito salesiano, vivido com sensibilidade e acentuações diversas, deve ser exposto a todos nos seus elementos essenciais. Mas a reflexão teórica não basta. Com Dom Bosco cremos que o trabalho comum nos oferece as melhores oportunidades metodológicas para nos formarmos juntos. No compartilhar a missão, cada pessoa, cada CEP e cada grupo salesiano faz experiência concreta do Sistema Preventivo, adquirindo a capacidade de aprender da vida.²²

103
Partilhemos
um itinerário
de formação

O empenho na formação partilhada deve tornar-se caminho aberto a todos, adequado ao passo de cada pessoa e respeitoso das riquezas de cada vocação. É preciso também determinar progressivamente itinerários particulares, programados junto. Estes se apresentam como determinações mais detalhadas de experiências, conteúdos e metas, conforme as situações particulares.²³

²¹ Bollettino Salesiano, gennaio 1878

²² cf. Const. 119

²³ cf. CG23 109-110

Consideramos importante cultivar em tais itinerários algumas *atitudes*:

- uma cuidadosa tomada de consciência do nosso comportamento relacional e comunicativo,
- a paciência da escuta e a disponibilidade para dar espaço ao outro,
- a opção de doar confiança e esperança,
- a disponibilidade para entrar na lógica da troca dos dons,
- a prontidão em dar o primeiro passo e em acolher sempre com bondade,
- a assunção da disciplina cotidiana que valoriza o estar junto,
- a prontidão na reconciliação.

Nesse caminhar junto promovemos também *metodologias* que ajudam a crescer na espiritualidade e na práxis salesiana:

- a Palavra de Deus colocada no centro da própria existência,²⁴
- a experiência da vida cotidiana como espaço concreto do encontro com Deus,²⁵
- o conhecimento e a prática do Sistema Preventivo em todos os seus componentes,
- assimilação dos valores salesianos mediante o método da experiência com os seus diversos momentos: viver, refletir, comunicar e celebrar.²⁶

²⁴ cf. CG23 146

²⁵ cf. CG23 162

²⁶ cf. FSDB c. IV, n. 130ss.; cf. também *O Salesiano Coadjutor*, pp. 160ss.

104
Santidade
partilhada

No dia 22 de abril de 1996 encerra-se em Turim, com grande alegria de todos, o primeiro passo no caminho de reconhecimento da santidade de Mamãe Margarida. Tal fato faz-nos pensar na santidade vivida em Valdocco com um perfil particular. Alguns dos que partilharam a vida da primeira comunidade salesiana foram reconhecidos pela Igreja como testemunhas de santidade.

Isso atesta que em Valdocco se respirava um clima especial: a santidade era construída juntamente, partilhada, reciprocamente comunicada, tanto que não se pode explicar a santidade de uns sem a dos outros.

A meta de uma formação realizada juntos que Dom Bosco, a Igreja e sobretudo os jovens de hoje esperam de nós salesianos e leigos, é o dom da nossa santidade, pessoal, mas também da CEP e da FS: uma santidade partilhada.²⁷

105
Memória

Com alegria trouxemos à memória a rica tradição, das origens até hoje, dom do Espírito para a nossa missão.

Memória:

*para celebrar as maravilhas do Senhor
para conservá-la com Maria na mente e no coração
para repetir o “da mihi animas”
nos caminhos do tempo
para partilhar com os leigos o coração oratoriano
para irradiar o carisma mais além de toda fronteira
para sustentar em toda parte a esperança dos jovens
para voltar a Valdocco e de aí tornar a partir.*

²⁷ cf. Const. 25

TERCEIRA PARTE

RUMO AO FUTURO

*“Corri logo ao encontro dos meus jovens;
reuni-os ao meu redor
e pus-me a gritar em voz alta:
Coragem, meus filhos,
temos um Oratório mais estável que no passado;
teremos igreja, sacristia,
sala para as aulas, lugar para recreio.
Domingo, domingo iremos ao novo Oratório,
que fica lá na casa Pinardi.
E apontava-lhes o lugar”.*

(MO, p. 124)

CAPÍTULO PRIMEIRO

Áreas de empenho (nn. 106-148)

CAPÍTULO SEGUNDO

Comunidade educativa pastoral (nn. 149-179)

CAPÍTULO TERCEIRO

Situações particulares de novidade (nn. 180-186)

ÁREAS DE EMPENHO

0. INTRODUÇÃO

106 O CG24 oferece à atuação dos SDB novas perspectivas para viver a missão hoje. Deseja despertar convicções profundas e promover comportamentos renovados. Para tal fim, reputa como um dever seu captar os sinais dos tempos nas atuais estratégias de evangelização e de educação.

Após considerar a realidade sócio-cultural do mundo cada vez mais secularizado e atingido pelas múltiplas formas de pobreza juvenil, a eclesiologia conciliar de comunhão e a responsabilidade comum na missão da Igreja, o crescimento de estima pelo espírito de Dom Bosco e o compromisso de vivê-lo no mundo por leigos sempre mais numerosos, o CG24 entende:

- **fixar a atenção na nova relação SDB-Leigos**, e, pois, na conseqüente exigência de uma mudança de mentalidade e de estilo de vida, trilhando um caminho de santidade e de empenho comum;
- **empenhar as comunidades locais e inspetoriais** em realizar essa nova relação na interação com os vários grupos de leigos, especialmente com os membros da FS, da qual os SDB são e devem sentir-se parte integrante;¹
- **designar os Inspectores e os Diretores** como principais responsáveis por tal empenho no seio de suas comunidades;

¹ cf. Const. 5

- **tornar participantes desse projeto** os demais membros da FS, de modo particular as FMA e os CCSS, solicitando-os a partilhar a comum responsabilidade carismática;
- **privilegiar a CEP** como lugar de vida e de ação, convocando-a e estruturando-a em torno de um PEPS compartilhado;
- **promover o Movimento Salesiano**, no qual estão envolvidos os jovens (MJS), os animadores, os voluntários, as famílias, os colaboradores, os amigos de Dom Bosco;
- **estabelecer os próximos seis anos** como o tempo para a atuação dos compromissos de ação aqui formulados, confiando às Inspetorias a tarefa de estudar-lhe a aplicação segundo as diversas situações locais;
- **incentivar e coordenar** o intercâmbio de idéias e de experiências nos níveis local, inspetorial e mundial.

Concretamente o novo relacionamento SDB-Leigos realiza-se mediante **processos e estratégias** interdependentes:

- o **ENVOLVIMENTO** convicto e sincero entre os SDB e Leigos,
- que amadurece na **CO-RESPONSABILIDADE** concreta e efetiva,
- com a necessária **COMUNICAÇÃO**, recíproca e transparente,
- qualificados por adequada **FORMAÇÃO** mútua e complementar.

1. AMPLIAR O ENVOLVIMENTO

107 Desde o início de sua atividade apostólica, Dom Bosco envolveu na missão muitos leigos na perspectiva de uma partilha tão forte que fazia pensar numa Congregação de religiosos com votos e vida comum (Salesianos) e de lei-

gos (Salesianos externos) ligados pela única missão a serviço dos jovens segundo suas possibilidades.

Hoje o envolvimento dos leigos na missão educativo-pastoral de Dom Bosco é um dado de fato, ainda que o mais das vezes se trate de uma presença sobretudo profissional ou ocasional que deveria amadurecer numa opção consciente. É urgente ampliar e qualificar o **envolvimento** dos leigos dispostos a fazer parte daquele vasto movimento de pessoas que trabalham pela salvação dos jovens, dentro e fora das estruturas salesianas, na Igreja e nas instituições civis.²

1.1. Objetivo

- 108** Passar de uma simples aceitação dos leigos a uma efetiva valorização de sua contribuição peculiar para a educação e para a pastoral.

1.2. Orientações

109
Responsabilidade no envolvimento

O empenho em ampliar o envolvimento é de todos os que de fato, por motivo e nível diversos, já partilham o espírito e a missão de Dom Bosco. Uma responsabilidade toda especial cabe aos SDB, em razão de sua identidade e da tarefa que o Fundador lhes confiou de serem animadores do Movimento que dele se origina.

110
Testemunho comunitário

A vontade de abertura e de envolvimento da comunidade SDB se exprime antes do mais através do testemunho comunitário de espiritualidade salesiana e a capacidade de acolhida, acompanhamento e formação de todos aqueles que pretendem viver o espírito e a missão de Dom Bosco.

² cf. Const. 5

111
Rumo a uma
partilha maior

Particular atenção deve dar-se aos leigos colaboradores, aos membros da FS, sobretudo aos CCSS, aos do Movimento Salesiano, como também aos pais e às famílias dos jovens. Deve ser favorecida a partilha dos ideais educativos mediante a experiência direta de responsabilidade na CEP e mediante planos orgânicos de formação permanente.

112
Os jovens

Além de destinatários, os jovens são sujeitos ativos e protagonistas à medida que crescem na partilha da nossa missão. Hoje abrem-se para eles novos campos de envolvimento, como a animação dos grupos juvenis e o voluntariado.

113
Leigos de
outras
religiões e
não-crentes

Também os leigos de outras religiões, os não-praticantes e os não-crentes, merecem nossa atenção. Partindo de sua disponibilidade ao engajamento, eles são chamados a crescer na partilha, válida mesmo que parcial, dos nossos objetivos educativos e sociais. Tal partilha deve ser promovida também com todos os que trabalham para o bem da juventude.

114
Atenção às
formas de
comunicação

Tem notável importância para o envolvimento cuidar da imagem junto à opinião pública e difundir os motivos e os valores da missão, não somente com adequada informação, mas sobretudo por intermédio de modos concretos e significativos de presença no território.

1.3. Empenhos operativos

Em nível local

115 *A comunidade local deve preparar um programa de envolvimento com tempos e modalidades concretas de atuação, adaptadas às diversas situações e presenças:*

a) promova juntamente com os leigos o conhecimento dos traços característicos do espírito salesiano e dos conteúdos típicos da laicidade, mediante o estudo, a comparação e a experiência concreta de participação em momentos significativos de vida em comum: dias de formação, encontros de fraternidade, partilha da mesa, celebrações e festas, momentos de oração e de escuta recíproca;

b) valorize a contribuição insubstituível dos pais e das famílias dos jovens de maneira contínua e efetiva, também favorecendo a constituição de comissões e associações que possam garantir e enriquecer com sua participação a missão educativa de Dom Bosco;

c) zele pela significatividade no território e na Igreja local, com adequadas modalidades de informação, com experiências de participação sistemática ou ocasional, com outras pessoas e grupos que partilham conosco o trabalho de formação dos jovens especialmente pobres.

Em nível inspetorial

116 *O Inspetor com o seu Conselho:*

a) estimule o conhecimento e o contato com os leigos que vivem e operam com o espírito de Dom Bosco fora das nossas estruturas;

b) programe com eles alguns momentos de intercâmbio, animando o empenho de serviço em favor da juventude;

c) estude, de acordo com os respectivos organismos das FMA e dos CCSS, as possibilidades e as maneiras mais adequadas para favorecer o engajamento dos leigos na missão comum.

2. PROMOVER A CO-RESPONSABILIDADE

117 O envolvimento pleno e responsável dos leigos na missão da Igreja e da Congregação faz crescer a **co-responsabilidade**. Isto significa respeitar as tarefas que correspondem à vocação laical e ajudar cada um a sentir-se empenhado no trabalho educativo e pastoral.

Não bastam apenas fatos ou situações nos quais se envolvem os leigos, mas é preciso uma tomada de consciência por parte dos SDB quanto à necessidade de promover a co-responsabilidade. Trata-se de criar ou de intensificar uma relação nova entre os SDB e os Leigos, respeitosa da identidade e da função própria de cada um, sem confusão de funções.

A co-responsabilidade, que se exprime no diálogo, no trabalho de equipe, na organização de estruturas e organismos adequados e na busca de recursos econômicos, deve ser promovida em todos os níveis. Ela se manifesta sobretudo na CEP e nos seus organismos de governo e de animação.

2.1. Objetivo

- 118** Promover experiências, atitudes, processos de ação e estruturas de co-responsabilidade que favoreçam a comunhão e a partilha no espírito e na missão de Dom Bosco.

2.2. Orientações

- 119** Lugar próprio e eficaz de exercício da co-responsabilidade dos leigos na missão única que procede de Dom Bosco é a CEP, na qual SDB e Leigos juntos fazem experiência de comunhão e partilha, elaborando, levando a efeito e avaliando o PEPS.
- 120** O exercício da co-responsabilidade é um processo de toda a CEP que coloca no centro os jovens e suas necessidades. Todos os seus componentes percorrem um caminho de discernimento, participando ativamente na busca de soluções, na ótica do projeto educativo-pastoral.
- Itinerário de participação ativa**

121

Pontos-força

Para tal fim é indispensável promover:

a) *o diálogo* sereno e progressivo sobre os conteúdos e as motivações do trabalho educativo-pastoral, favorecendo momentos de fraternidade e convivência entre SDB e Leigos.

b) *o trabalho em grupo*, planejando objetivos, tempos e modalidades concretas de comunicação e confronto, que prevejam também a análise dos aspectos econômicos: cálculo orçamentário e balanços;

c) *a necessária integração* entre as exigências da atividade educativa e pastoral e as da vida familiar, social e política, sobretudo dos leigos, utilizando da melhor maneira todas as formas de gestão colegial já prescritas pelas instituições ou pelo direito próprio;

d) *a clara atribuição dos papéis e das funções* dos salesianos SDB e dos leigos, segundo as disponibilidades de tempo, as diversas vocações, as competências profissionais e os níveis de amadurecimento espiritual, com particular atenção aos leigos mais jovens e aos membros da FS.³

122

Voluntariado

Uma forma significativa de co-responsabilidade para os leigos, sobretudo jovens, é o voluntariado. O serviço educativo desenvolvido por um determinado período e em tempo integral, inseridos numa comunidade SDB ou numa comunidade de voluntários, na Inspetoria de origem, em outras Inspetorias ou em terra de missão, representa uma experiência muito significativa para os leigos que partilham o projeto de Dom Bosco.

³ cf. ACG 350, p. 53

2.3. Empenhos de ação

Em nível local

123 *A comunidade SDB:*

a) valorize, como instrumentos de formação na coresponsabilidade, as estruturas internas da Comunidade SDB: o conselho da comunidade, o dia da comunidade, a assembléia dos irmãos;

b) consolide a CEP: faça com que todos os membros que a compõem tenham parte ativa na elaboração, atuação e avaliação do PEPS; garanta o funcionamento dos órgãos colegiais de participação (conselhos, equipes diretivas e de coordenação, organismos administrativos e financeiros); torne os leigos participantes nas tarefas decisórias (perspectivas pedagógicas e pastorais, novos campos de missão, exigências econômicas, construções e reformas); favorecerá, conforme as circunstâncias, a assunção de responsabilidades diretivas por parte de leigos competentes;

c) cuide da abertura às iniciativas educativo-pastorais promovidas pelos grupos leigos da FS e, na medida do possível, preste-lhes a necessária ajuda.

124 *No que respeita ao voluntariado, a comunidade local:*

— seja aberta para acolher quantos pedem para fazer experiência de voluntariado tanto na pátria como no estrangeiro;

— acompanhe os voluntários que prestam serviço na obra, cuidando de sua formação, tornando-os participantes da vida de comunidade e guiando-os no exercício das responsabilidades educativas.

Para os que voltam do estrangeiro:

— acompanhe-os para que consigam um justo equilíbrio psicológico-afetivo, mediante uma acolhida fraterna no ambiente familiar, eclesial e social;

— leve em conta o aspecto econômico, ajudando-os a inserir-se no mundo do trabalho e favorecendo possivelmente as ocupações que se acham em sintonia com sua opção de vida.

A todos os voluntários:

— faça a proposta vocacional concreta de adesão a um dos grupos da Família Salesiana (SDB, CCSS, FMA, VDB, CDB...).

Em nível inspetorial

125 *O Inspetor com o seu Conselho:*

— promova encontros e reuniões com os responsáveis salesianos e leigos dos diversos setores de atividade para programar e avaliar juntos o caminho da ação educativo-pastoral;

— estabeleça o quadro geral das normas e critérios para o bom andamento das atividades e da relação SDB-Leigos e das iniciativas por eles promovidas;

— estude e, se necessário, promova a realização de projetos juntamente com os grupos da FS ou outros grupos laicais. Para isso sugira a constituição e favoreça o bom funcionamento do Conselho local da FS, dentro do qual e de forma compartilhada se estudem as necessidades dos jovens do território e se elaborem projetos comuns;

— experimente, onde possível e conveniente, diversas formas de gestão, p. ex., confiando algumas obras salesianas à direção dos leigos, sempre resguardando sua significatividade salesiana.

126 *No que diz respeito ao voluntariado:*

— ajude os irmãos e as comunidades a reconhecer sua importância para a missão salesiana;

— redija e leve a efeito um plano inspetorial que, segundo as orientações do documento “Voluntariado e

Missão Salesiana”, contenha uma proposta articulada que deve ser inserida no projeto educativo-pastoral, seja para a preparação dos voluntários, seja para o acompanhamento durante o seu serviço, seja para a acolhida e a valorização quando regressarem;

— levando em consideração os problemas relativos à cessação do serviço e em particular da volta dos que estiveram no estrangeiro:

- favoreça encontros periódicos entre eles e com outros jovens e adultos, para a difusão da cultura do voluntariado;
- ajude-os a fazer uma releitura crítica de sua experiência e uma nova projeção de sua vida à luz das novidades que encontram em si mesmos e no novo ambiente que os acolhe;
- favoreça os contatos com a comunidade junto à qual os voluntários prestaram o serviço, para que fique assegurada a continuidade da experiência.

Em nível mundial

127 *O Reitor-Mor com o seu Conselho:*

a) promova o bom funcionamento dos organismos mundiais de animação e de coordenação entre os diversos grupos da FS, tendo em conta sua autonomia e a missão comum, em ordem à co-responsabilidade;

b) verifique, junto com os outros membros da FS, a oportunidade de promover o Conselho mundial da FS;

c) faça conhecer iniciativas e experiências de colaboração entre SDB e leigos.

3. VALORIZAR A COMUNICAÇÃO

128 A ampliação do desenvolvimento e a promoção de co-responsabilidade exigem capacidade e valorização da **comunicação**, seja nas comunidades SDB,

seja nas relações SDB-Leigos; há grande desejo e expectativa pela concretização de relações capazes de envolver a vida e a experiência das pessoas, dos grupos e das comunidades.

Valorizar a comunicação exige que se tome consciência da nova situação cultural em que nos encontramos: assiste-se, com efeito, a uma invasão maciça de mensagens e de meios que criam mentalidade e condicionam comportamentos.

A comunicação é indispensável à missão, e no estilo salesiano requer presença e dedicação apostólica nos educadores, empenho em cultivar relacionamentos vitais com pessoas e grupos que partilham conosco a missão educativo-pastoral de Dom Bosco.

3.1. Objetivo

- 129** Valorizar a comunicação em todas as suas formas e expressões: comunicação interpessoal e de grupo, produção de mensagens, uso crítico e educativo dos meios de comunicação social.

3.2. Orientações

130
Comunicação
interpessoal e
entre grupos

O cuidado para com a qualidade e o crescimento da comunicação, dentro e fora da comunidade SDB, desenvolve atitudes e capacidades de escuta, abertura, maleabilidade e empatia para saber estar com os jovens como educadores e comunicadores da fé.

A comunicação dentro da CEP, da FS e de outros grupos torna-se uma oportunidade eficaz para amadurecer juntos na capacidade de relação e de partilha a fim de viver os valores do Sistema Preventivo.

131
Evangelizar e
educar é
comunicar

A fé cristã é pela própria natureza comunicativa: é escuta e resposta à Palavra, através da mediação das linguagens humanas. A inculturação do Evangelho e a evangelização das culturas exigem um esforço para entrar em comunicação com os valores do tempo e dos lugares.

A educação é pela própria natureza relação, comunicação. O Sistema Preventivo, apelando aos recursos da inteligência, do coração e ao desejo de Deus presente em cada jovem, supõe capacidade de escuta, de diálogo e de respeito dos jovens. A presença ativa e animadora (assistência) dos SDB e dos leigos educadores em meio aos jovens é uma forma excelente de comunicação educativa e evangelizadora que os próprios jovens aguardam.

132
Comunicação,
produção de
mensagens e
uso educativo
dos meios de
Comunicação
Social

Para tornar-se comunicadores é preciso cuidar de dois aspectos: o amadurecimento de adequadas atitudes culturais e espirituais e a aquisição de capacidades críticas e técnicas que habilitem a uma comunicação eficaz.

Os leigos podem desempenhar uma tarefa específica neste setor. Eles, com efeito, podem individuar e elaborar mensagens que melhor respondam à nova cultura e às necessidades atuais do povo e dos jovens. Possuem, muitas vezes, uma linguagem mais adequada às situações ordinárias da vida. De modo especial os que, entre eles, têm uma profissionalidade específica podem ser preciosos colaboradores da missão de Dom Bosco.

3.3. Empenhos operativos

Em nível local

133 *a) A comunidade SDB:*

— favoreça a comunicação e a partilha das experiências educativo-pastorais dos irmãos;

— programe momentos de formação, entre SDB e leigos, para a comunicação interpessoal, comunitária, social e para as linguagens dos jovens;

— viva o dia da comunidade e outros encontros como lugar de exercício concreto para o crescimento na comunicação interpessoal.

134 *b) A CEP:*

— procure um estilo de comunicação interpessoal mais aberto e amplo, valorizando as linguagens e as mensagens positivas da cultura moderna veiculada pelos mass-media. Isto exige uma presença física, afetiva e cultural, lá onde os leigos e os jovens vivem, mediante a redescoberta do significado e a prática da assitência salesiana;

— empreguem-se os meios de informação já existentes (Boletim Salesiano, ANS, Noticiário Inspetorial, Folhetos Informativos) e outros possíveis, como instrumentos que facilitam a comunhão e a partilha entre SDB e Leigos.

135 O Diretor e os vários responsáveis, com o objetivo de promover maior conhecimento e comunicação entre os Grupos da FS:

— sensibilizem a comunidade salesiana SDB quanto ao significado e valor da FS;

— favoreçam encontros comuns para todos os Grupos;

— promovam iniciativas que expressem a unidade da FS na Igreja local e no território.

Em nível inspetorial

136 *a) O Inspetor com o seu Conselho zele e verifique a qualidade da comunicação dentro e fora da Inspetoria, entre os irmãos, com os grupos da FS, com as comunidades eclesiais e as instituições civis e sociais, entre os grupos de Inspetorias e com o Conselho Geral.*

b) Salvaguardando tudo o que está previsto pelo CG23 n. 259, o encarregado inspetorial da CS, de acordo com o Inspetor, faça-se promotor de uma equipe, formada por SDB e leigos qualificados, com o escopo de valorizar a CS para a educação e a evangelização dos jovens e das classes populares. A equipe redija um plano inspetorial de animação-formação-assessoria no âmbito da CS, providenciando estruturas e instrumentos adequados.

Em nível mundial

137 a) O Reitor-Mor com o seu Conselho estude, neste sexênio, um plano de ação para valorizar, promover e coordenar a Comunicação Social, campo de ação significativo que se coloca entre as prioridades apostólicas da missão salesiana (Const. 43).

b) O Conselheiro Geral para a CS, neste sexênio, ofereça às Inspetorias orientações para a ação com vista à elaboração de um Plano inspetorial para a CS, que valorize a colaboração e a co-responsabilidade entre SDB e leigos.

4. QUALIFICAR A FORMAÇÃO

138 A participação dos Leigos no espírito e na missão salesiana constitui para as comunidades SDB um desafio ao qual se dará resposta mediante uma **formação** adequada às novas exigências.

A formação implica, antes do mais, que as comunidades tomem consciência dos novos aspectos da relação SDB-Leigos e ponham em ação os processos necessários para realizá-la, num caminho de enriquecimento recíproco que torne visível a comunhão e mais eficaz o trabalho educativo-pastoral.

A cultura da participação e da partilha comporta uma válida formação conjunta. Os processos de formação, que vêem SDB e leigos contemporaneamente destinatários e agentes, serão tanto mais eficazes quanto mais clara for a identidade vocacional de cada um e quanto maiores forem a compreensão, o respeito e a valorização das diversas vocações.

A formação visa tornar as pessoas capazes de viver hoje a experiência da própria vida com maturidade e alegria, de cumprir a missão educativa com competência profissional, de tornar-se educadores-pastores, de ser solidariamente animadores de numerosas forças apostólicas.

4.1. Objetivo

139 **Projetar itinerários de formação qualificada para realizar a missão educativo-pastoral comum.**

4.2. Orientações

140 **Uma** **formação** **permanente** **feita** **conjuntamente**

O processo de formação permanente deve ser pensado como um dar e um receber conforme objetivos precisos:

a) *tornar os Salesianos SDB e os Leigos capazes:*

— de renovada compreensão da própria identidade vocacional e dos papéis específicos;

— de compreender e viver a espiritualidade salesiana, que é graça de unidade e síntese entre consagração e laicidade, entre fé e vida, entre opção religiosa e compromisso educativo;

— de ser protagonistas na missão e agentes de mudança cultural;

— de atualizar as competências para reagir positivamente diante de situações culturais e desafios educativos sempre novos;

— de animar um amplo ambiente educativo, de acompanhar grupos e orientar pessoas a se integrarem nos contextos;

b) *iluminar os valores da laicidade como lugar vocacional*, em relação recíproca com as demais vocações eclesiais, com particular atenção:

— à vocação familiar e à responsabilidade educativa e formativa dos pais;

— ao contexto cultural, social, político e econômico em que os leigos vivem e operam;

— aos valores da feminilidade que conferem novidade e estímulo de aprofundamento à missão juvenil e à espiritualidade salesiana.

Essa formação continua mesmo quando os leigos deixam as nossas obras, como ex-alunos ou ex-colaboradores: havemos de acompanhá-los para que levem ao território e à Igreja a missão e o espírito de Dom Bosco.

141
Rumo a um
discernimento
vocacional

O ponto mais alto do itinerário de fé é a opção vocacional. Ela supõe ajuda e amizade no acompanhamento espiritual personalizado tanto dos jovens como dos adultos. Por isso, a comunidade local SDB, lugar privilegiado de proposta e de acompanhamento vocacional, descobre formas de acolhida dos jovens e promove experiências de voluntariado e de serviço educativo-pastoral que levem a significativas opções vocacionais na vida laical, no ministério ordenado e na vida consagrada.

142
Com um
cuidadoso
processo
de formação
inicial

Os processos de discernimento e de formação inicial devem fazer amadurecer a convicção de que ser SDB hoje significa entrar numa Família, num vasto Movimento, no qual os leigos têm parte ativa, tanto na participação no espírito salesiano, como na partilha do trabalho educativo-pastoral e na co-responsabilidade com vista à missão.

Tendo presente a natureza diversa das vocações dos SDB e dos Leigos e os tempos de amadurecimento humano, afetivo e apostólico, as etapas da formação inicial prevejam conteúdos e experiências de formação recíproca e complementar para o crescimento comum.

143
A promoção
vocacional na FS

A vocação comum une a FS num parentesco espiritual. Cada grupo se enriquece no intercâmbio dos diversos modos de viver o mesmo carisma e traz para a FS uma contri-

buição original. A consciência do próprio chamado, com tudo o que implica, e a resposta alegre e pronta a ele, ajuda a partilhar os mesmos ideais do carisma salesiano.

Com alegria transmitimo-los a outros, cuidando em conjunto da proposta vocacional.

4.3. Empenhos de ação

Em nível local

144 *Cada comunidade SDB faça da CEP o lugar privilegiado da formação de SDB e Leigos juntos:*

— promovendo, em diálogo e co-responsabilidade com os leigos da CEP, um programa de formação Salesianos SDB-Leigos. Tal programa deve contar com sessões de estudo, tempos de oração, momentos de distensão, elaboração de subsídios, experiências concretas, e também metodologias práticas e formativas;

— qualificando o processo de elaboração do PEPS, como instrumento prático de formação recíproca. Tal projeto deve ser anualmente revisto, avaliando a qualidade das respostas dadas às exigências dos destinatários e a realização da comunhão e da co-responsabilidade educativo-pastoral;

— favorecendo, com atenta comunicação e com as providências e adaptações que se tornarem necessárias e oportunas, a atualização profissional, educativo-pastoral e salesiana.

Em nível inspetorial

145 Cada Inspetoria, mediante um grupo formado de leigos e SDB, engajados e peritos na formação, na pastoral juvenil, na FS e na comunicação social, reveja e qualifique o Projeto Leigos solicitado pelo CG23 e o complete, no próximo Capítulo Inspetorial, com um *programa de formação SDB-Leigos*. Esse programa deve apresentar:

- conteúdos, experiências e tempos dedicados à formação;
- definição dos papéis, das relações e das modalidades de colaboração entre SDB e Leigos;
- coordenação entre os vários setores e estruturas de animação;
- papel e intervenções do Inspetor e dos membros do Conselho Inspetorial nas atividades de formação;
- disponibilidade de centros, grupos e estruturas de animação inspetorial.

Os SDB tenham como compromisso específico, além de prioritário e privilegiado, responder positivamente à demanda e ao direito de formação e animação que lhes vem dos leigos da FS, a fim de que estes se tornem, por sua vez, animadores e formadores na família, no seu ambiente de vida e de trabalho, na comunidade eclesial e na sociedade.

146

Cada Inspetoria durante o próximo sexênio:

- convida os membros da FS a assumir responsabilmente o compromisso de uma pastoral vocacional unitária, cuidando do discernimento vocacional e propondo as várias formas de vocação cristã (laical, ministério ordenado, vida consagrada) e as próprias da FS;
- continue o esforço de promoção dos centros dos CCSS e dos Ex-alunos/as. Para tanto devem ser cuidadosamente preparados e formados os Delegados e os Assistentes dos vários Grupos da FS;
- ofereça programas inspetoriais e locais de formação abertos também a ex-alunos/as e outros leigos que, fora dos nossos ambientes, querem viver e trabalhar segundo o espírito de Dom Bosco, providenciando oportunas formas de acompanhamento.

147 O Conselheiro Geral para a Formação promova a revisão da *Ratio* segundo as orientações do CG24.

Cuide, de modo especial, que na formação inicial:

— sejam apresentados os conteúdos e os valores da laicidade; habilitem-se os jovens irmãos a saber crescer e amadurecer juntos, a adquirir a capacidade de ser formadores e animadores dos leigos, a promover as vocações laicais;

— sejam apresentados, não apenas de maneira informativa, mas também vital e experimental, o conhecimento e o encontro com os vários grupos da FS, especialmente os CCSS, as VDB e os Ex-alunos/as;

— sejam difundidos e tornados conhecidos a *Carta de comunhão na Família Salesiana*, o RVA dos CCSS, as *Constituições* das FMA e das VDB, o *Estatuto* da Federação dos Ex-alunos/as;

148 — seja reservada particular atenção ao amadurecimento afetivo exigido pela colaboração com os leigos e com o mundo feminino.

O Conselho Geral promova e apóie, junto à UPS e outros Centros Universitários Salesianos ou de Espiritualidade, estudos, experiências e escolas para a formação dos formadores, nos quais SDB e leigos se formem juntos (salvas as normas do Código de Direito Canônico e da Santa Sé). Particular atenção seja reservada à espiritualidade de São Francisco de Sales e ao Sistema Preventivo de Dom Bosco.

COMUNIDADE EDUCATIVA PASTORAL

1. A COMUNIDADE DE CONSAGRADOS, ALMA DA CEP

149 O verde prado de Pinardi está a indicar o infinito horizonte juvenil. O coração de Dom Bosco sente os jovens pobres e abandonados como o futuro da humanidade e a esperança da Igreja.

Nesse prado repleto de jovens, Dom Bosco convoca o maior número de pessoas, eclesiásticos e leigos, jovens e adultos, homens e mulheres, para que estejam a seu lado.

Estar com Dom Bosco significa estar com os jovens e oferecer o que somos: coração, mente, vontade; amizade, profissionalidade e presença; simpatia, serviço, dom de si.

Mas a alguns Dom Bosco pede mais. Pede que fiquem com ele para sempre, que se dediquem aos jovens em tempo integral e a vida inteira e que votem a própria vida à seqüela de Cristo obediente, pobre e casto, para um serviço fiel a Deus e aos jovens.

São os salesianos SDB.

150 Dom Bosco quis pessoas consagradas no centro da sua obra, orientada para a salvação e para a santidade dos jovens.

Queria seus religiosos como ponto de referência preciso do seu carisma: com sua dedicação total, eles trariam solidez e ardor apostólico para a continuidade e expansão mundial da missão.

Para responder ao grande amor de Deus, percebido como amor de predileção, o consagrado salesiano torna-se portador dele aos jovens, especialmente aos

mais pobres,¹ torna-se o Dom Bosco de hoje que pode dizer com toda a verdade: “Por vós estudo, por vós trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida”.²

O religioso manifesta “com delicado respeito e também com coragem missionária, que a fé em Jesus Cristo ilumina todo o campo da educação, não prejudicando mas antes corroborando e elevando os próprios valores humanos”.³

1.1. Profecia em ação

151 Não é somente o fazer, mas sobretudo o ser que qualifica os religiosos. “Mais do que com as palavras, elas testemunham essas maravilhas com a linguagem eloqüente de uma existência transfigurada, capaz de suscitar a admiração do mundo”.⁴

Com sua própria vida, o salesiano SDB traduz o evangelho em linguagem acessível sobretudo aos jovens: pelos valores da consagração desperta interrogações e aponta possibilidades de sentido; pela sua doação anuncia que o segredo da felicidade está no perder a vida a fim de a reencontrar; pelo seu estilo torna atraente o espírito das bem-aventuranças e anuncia a alegria da Páscoa; pelo seu construir comunidade torna-se imagem da igreja, Sacramento do Reino.

Sua maneira de viver faz com que os jovens e os leigos co-responsáveis se identifiquem não tanto com ele quanto com a vocação que vive como membro da comunidade, a qual é portadora do carisma e da espiritualidade salesiana e núcleo da CEP.

¹ cf. Const. 2

² Const. 14

³ VC 97

⁴ VC 20

1.2. Radicalidade evangélica

152

A vida consagrada parte de uma profunda experiência de Deus⁵ que exige (chama) uma fidelidade semelhante à de Cristo e se reflete como escola de santidade.

Essa atitude se traduz na CEP e entre os jovens como capacidade de escuta, respeito e admiração.

“Uma tarefa específica compete às pessoas consagradas, que são chamadas a introduzir no horizonte educacional o testemunho radical dos bens do Reino”.⁶

“Verdadeiramente a vida consagrada constitui memória viva da forma de existir e atuar de Jesus, como Verbo encarnado diante do Pai e dos irmãos”.⁷

A profissão dos Conselhos Evangélicos, além de ser expressão da seqüela de Cristo, tem uma carga pedagógica de crescimento humano e é paradigma de nova humanidade.

* Pela **obediência**, o religioso coloca-se em tempo integral à disposição do projeto educativo de Deus e exprime um itinerário de crescimento entre os jovens e na CEP:

— não absolutiza a própria vontade, antes submete-se a outros valores tidos como superiores: a comunidade, a Igreja, a sociedade;

— busca sempre a vontade de Deus nos sinais dos tempos e nas circunstâncias para apontá-la aos irmãos;

— é dócil ao Espírito e torna conhecido aos jovens e à CEP “o dinamismo secreto da história”;⁸

— torna-se idôneo para a projeção (PEPS) e para o trabalho em conjunto.

* **A castidade** é o seu testemunho específico que anuncia e educa para o amor, numa sociedade ameaçada por consumismo sexual, onde as relações de fidelidade na família e nos vínculos de amizade são frágeis, onde

⁵ cf. VC 73

⁶ VC 96

⁷ VC 22

⁸ VC 96

o amor é muitas vezes vivido somente como satisfação pessoal e onde a gratuidade de quem dá a sua vida pelos outros é sempre menos compreensível.

A castidade vivida como dinamismo evangélico traça um itinerário para o crescimento de valores humanos e cristãos: equilíbrio, domínio de si, liberdade, alegria, maturidade, estímulo precioso para a educação na castidade própria de outros estados de vida.⁹

* A **pobreza** é, antes do mais, imitação das opções radicais de Cristo. Por isso o consagrado:

— volta-se para os últimos, para os pobres, para a classe popular, para os jovens;

— vive a precariedade deles, não se refugia na segurança de estruturas, de estipêndio, de domínio;

— radica sua segurança tão-somente na suficiência de Deus, verdadeira riqueza do coração humano;¹⁰

— como animador-educador na CEP, serve-se desse dinamismo para que triunfe a justiça, a solidariedade, a caridade, para que se encontrem soluções para a fome e para os sofrimentos dos pobres e se promovam atividades e organizações de voluntariado.¹¹

1.3. Comunidade de consagrados

153 Os Salesianos vivem esses grandes valores em comunidade.

Ela torna visível o mistério de comunhão que constitui a natureza íntima da Igreja e se torna fermento do Reino. Por esse valor de sinal e de instrumento, a comunidade dos consagrados desempenha uma preciosa função relativamente à CEP; ajuda-a a tornar-se, ela própria, uma autêntica experiência de Igreja na comunhão fraterna e no serviço dos jovens.

⁹ cf. VC 88

¹⁰ cf. VC 90

¹¹ cf. VC 89, 27

1.4. Componente laical na comunidade SDB

154 No interior da comunidade religiosa encontramos a figura do salesiano coadjutor, “genial criação do grande coração de Dom Bosco” (Pe. Rinaldi). Ele une em si os dons da consagração e os da laicidade. Aos irmãos consagrados lembra os valores da criação e das realidades seculares: aos irmãos leigos lembra os valores da dedicação total a Deus pela causa do Reino. A todos oferece particular sensibilidade pelo mundo do trabalho, a atenção ao território, as exigências da profissionalidade através da qual passa sua ação educativa e pastoral.

155 Da comunidade SDB à CEP Dom Bosco foi levado pelo Senhor a fundar uma comunidade de consagrados para que fosse fermento para a multiplicação dos serviços, animação espiritual para quantos se dedicam à educação, garantia de continuidade na missão entre os jovens. Mas desde o começo Dom Bosco envolveu leigos, que contribuíram para a definição do projeto, enriqueceram a eficácia educativa, difundiram o carisma.

Nasceu assim a que hoje chamamos CEP. Seu núcleo animador é a comunidade dos consagrados.

2. CEP: NATUREZA E FUNÇÕES

156 De acordo com as Constituições, artigo 47, a comunidade salesiana realiza em todas as obras a Comunidade Educativa Pastoral. Ela é:

— **comunidade:** porque envolve num clima de família jovens e adultos, pais e educadores, até poder tornar-se uma experiência de Igreja;

— **educativa:** porque ajuda a amadurecer as potencialidades dos jovens em todos os aspectos: culturais, profissionais e sociais;

— **pastoral:** porque acompanha os jovens no encontro com Cristo e na construção da Igreja e do Reino.

157 Os sujeitos da CEP são a comunidade salesiana, os jovens, os pais, os leigos por várias razões responsáveis e colaboradores, entre os quais, sobretudo, os membros da FS.

Nela todos se sentem responsáveis pela formação comum, em ordem à profissionalidade educativa, ao caminho de fé, à especificidade salesiana.

A CEP encontra objetivos e estratégias no projeto educativo pastoral, de cuja identidade a Inspetoria é responsável.

Ela tem necessidade de organismos e de orientações que favorecem a comunhão e a participação de todos os sujeitos: conselhos, assembléias, órgãos de coordenação e metodologia de programação (decisão-execução-avaliação).

2.1. Animação

158 Para animar a CEP, conforme o espírito e a missão de Dom Bosco, existem tarefas, que se colocam em diversos níveis:

- a organização,
- a coordenação,
- o acompanhamento metodológico,
- a orientação educativa nos objetivos e nos conteúdos,
- a formação espiritual e cristã,
- a garantia da originalidade salesiana.

Tais tarefas são todas elas necessárias e ligadas entre si; algumas são até mais determinantes para garantir a animação da CEP.

O trabalho de equipe, com a divisão das tarefas e a definição de responsabilidades, garante a convergência operacional.

159
Função
animadora da
comunidade
salesiana
na CEP

A comunidade salesiana é uma “comunidade carismática”; isto significa que vive, conserva, aprofunda e constantemente desenvolve o carisma de Dom Bosco.¹²

¹² cf. *Mutuae Relationes* 11

Ela desenvolve uma ação animadora específica em relação à CEP, de modo unitário e em referência aos níveis mais decisivos de animação. Cada SDB é animador e se habilita sempre mais a sê-lo. É isto que significa a expressão núcleo animador da CEP, atribuída à comunidade salesiana pelo artigo 5 dos Regulamentos.

Sua tarefa peculiar consiste especialmente em:

- testemunhar o primado de Deus e a dedicação total à educação evangelizadora mediante as figuras vocacionais de salesiano sacerdote e salesiano coadjutor;
- garantir a identidade carismática;
- ser centro de comunhão e participação;
- acolher, suscitar e convocar os leigos para participar do espírito e da missão de Dom Bosco;
- promover a formação espiritual, salesiana e vocacional.

2.2. Conselho da CEP e Conselho da Obra

160

**Animadores
da CEP:
salesianos e
leigos juntos**

A comunidade SDB, consciente de sua responsabilidade específica, convoca os leigos para a CEP.

Nela todos se tornam animadores, ainda que na diversidade das relações; por isso é preciso que leigos e salesianos projetem, realizem, verifiquem o PEPS e se formem juntos.

Para tal fim faz-se mister um organismo a que chamamos Conselho da CEP ou Conselho da Obra, constituído de salesianos e leigos, que funcione como grupo de animação e co-responsabilidade.

161

**Conselho
da CEP**

Em obras complexas que têm vários setores de atividade (paróquia, escola, pensionato universitário, jovens em dificuldade) podem existir várias CEP ou mesmo uma só. Se nessa obra há só uma CEP, então existe só um Conselho da CEP, que coincide com o Conselho da Obra. Se, ao invés, existem tantas CEP quantos os se-

tores da obra, cada um deles tem o próprio conselho e existe o Conselho da Obra constituído pelos representantes dos conselhos da CEP.

No Conselho da CEP e nos Conselhos da Obra, o diretor SDB tem uma função específica que deve ser precisada.

3. CONVOCAÇÃO DOS LEIGOS

162 **Motivações**

No passado, as diversas tarefas de animação da CEP eram assumidas quase exclusivamente pela comunidade salesiana. Hoje, ela deve convocar os leigos para desempenhar papéis de animação e responsabilidade.

Tal opção por parte dos SDB é determinada por vários motivos:

— *antropológicos*: pois a educação é uma ação secular, partilhada também por quem tem uma referência religiosa diversa:

— *eclesiológicos*: dado que todos os batizados são chamados a assumir a missão evangelizadora da Igreja;

— *carismáticos*: uma vez que os leigos exprimem melhor a dimensão secular da missão de Dom Bosco enriquecendo dessa forma a proposta educativa pastoral;

— *profissionais, educativos e pastorais*: porque numerosos leigos têm competência e capacidade em nível profissional, educativo e pastoral.

É necessário, por conseguinte, individuar com quais critérios convocar os leigos para a animação e a responsabilidade na CEP. Se os leigos pertencem à FS, mais facilmente a comunidade salesiana pode confiar-lhes tarefas de animação, mesmo em níveis direcionais.

163 **Tipologias**

Os leigos que entram em contato conosco e, por motivos os mais diversos, são associados à nossa missão educativa e evangelizadora apresentam uma realidade variegada:

— conforme os ambientes em que atuam (Oratórios-Centros Juvenis, Escolas, Paróquias, Missões, Obras Sociais),

— conforme os encargos que desempenham (animadores, catequistas, professores, pessoal diretivo e auxiliar, treinadores esportivos, pais, voluntários e outros),

— conforme o grau de pertença, de empenho, de engajamento e de responsabilidade na mesma missão.

Para favorecer o processo de comunhão e de partilha do espírito e da missão de Dom Bosco, que se dá em contextos e situações muito diversas, o CG24 indica alguns critérios que se referem a aspectos fundamentais para a missão salesiana e os principais requisitos das pessoas nela envolvidas ou desejosas de o serem.

164 **Crítérios**

Os valores humanos, sociais, culturais e religiosos para realizar o programa de Dom Bosco “bons cristãos, honestos cidadãos”, devem ser vividos pelos leigos educadores para serem propostos aos jovens com credibilidade.

Tais valores formam o quadro de referência dos critérios aqui indicados.

Crítérios básicos

Os principais requisitos básicos exigidos do leigo que se achege à missão salesiana, cada um segundo suas possibilidades, visa a avaliar-lhe a sensibilidade e a capacidade de inserção nela. Entre os traços mais significativos evidenciam-se:

— a coerência pessoal, que o torne para os jovens referência educativa, sobretudo nos valores da sua vida laical;

— a atitude educativa e a sensibilidade ante a condição juvenil, sobretudo dos mais pobres;

— a simpatia por Dom Bosco e pelo seu método educativo;

— a abertura ao transcendente e o respeito pela diversidade religiosa e cultural.

Critérios de crescimento

O progressivo envolvimento e a assunção de responsabilidades exigem o crescimento gradual do leigo educador nas áreas indicadas pelo “critério oratoriano”.¹³ Estas dizem respeito:

— à maturidade humana: equilíbrio afetivo, relações educativas com estilo de família, capacidade de viver e trabalhar juntos, forte tensão ética, sensibilidade aos valores sociais, disponibilidade para a formação permanente;

— à competência educativa: positiva motivação vocacional, adequada preparação profissional, abertura cordial às pessoas sobretudo jovens, sensibilidade pastoral, disposições para o estilo de animação;

— à identidade salesiana: atenção privilegiada aos jovens mais necessitados, progressivo conhecimento e prática do Sistema Preventivo, presença concreta em meio aos jovens, disponibilidade para viver o projeto local;

— ao testemunho cristão: tendência para a coerência de fé, participação na vida eclesial, respeito aos valores de outras religiões e culturas.

165 **Modalidades** **de realização**

A diversidade de contextos e de situações em que atuam salesianos SDB e leigos exige que se deixe a cada Inspetoria a tarefa de adaptar esses critérios e de explicitar ulteriormente conteúdos e metodologia.

É certo, de qualquer maneira, que para favorecer os processos formativos são necessárias três preocupações:

*** criar um ambiente que:**

— ponha no centro a pessoa, valorize o específico de cada um, favoreça o espírito de partilha, eduque para a capacidade de trabalhar juntos;

— viva e manifeste o “coração oratoriano” de Dom Bosco;

¹³ cf. Const. 40

— eduque para a justiça e para a legalidade, inspirando-se na doutrina social da Igreja;

*** fazer uma proposta que:**

— envolva na partilha do espírito e da missão de Dom Bosco todas as pessoas que a eles se achegam. Isto exige:

- vizinhança e alegre testemunho da comunhão salesiana;
- abertura de espaços de participação e de co-responsabilidade;
- cuidadosa escolha dos educadores por parte da equipe dirigente local, com preferência, em paridade de condições, pelos leigos pertencentes à Família Salesiana;

*** providenciar um acompanhamento que:**

— ajude o sujeito a aprofundar e partilhar as motivações vocacionais da vida e do trabalho, sobretudo no período de prova;

— envolva-o plenamente na comunidade educativo-pastoral (CEP), por intermédio de itinerários de formação conjunta;

— torne-o elemento ativo para a ligação entre a obra salesiana e o território;

— leve-o a um conhecimento vivo das diversas vocações na Família Salesiana.¹⁴

4. PRESENÇA FEMININA NA CEP

166 A presença da mulher em muitas das nossas obras é um dado de fato, seja no que diz respeito aos destinatários como aos co-responsáveis da educação.

¹⁴ cf. Const. 47

A esse dado acrescentem dois elementos:

— o destaque que a feminilidade vai adquirindo na nossa cultura,

— o empenho exigido pela co-educação para oferecer modelos de identificação tanto masculinos como femininos.

Por outro lado, sente-se a importância de permanecer fiéis à opção de Dom Bosco decididamente orientada para a juventude masculina.

5. ORIENTAÇÕES

5.1. Referentes à comunidade dos consagrados

167 A comunidade salesiana:

— *verifique freqüentemente a incidência* da sua vida consagrada e comunitária como força dinâmica da educação e da animação da CEP;

— *valorize as ocasiões para apresentar-explicar* aos leigos e aos meninos o específico da vida consagrada na sua valência educativa;

— *promova experiências e ocasiões* nas quais, sobretudo os jovens, possam partilhar a vida e a oração da comunidade.

Nas várias fases da *formação inicial* os jovens salesianos SDB sejam ajudados a aprofundar a identidade de sua consagração e a amadurecer sólidas convicções quanto ao valor educativo da consagração.

168 Esteja sempre viva na CEP a presença do *diretor* que, com a comunidade consagrada, constitui o núcleo animador dela. Atribuem-se aos consagrados os papéis mais atinentes à sua identidade educativo-pastoral.

5.2. Referentes à CEP

169

**Modelos
de ação
para a CEP**

Levando em consideração a realidade inspetorial e a consistência dos diversos ambientes educativos, o Inspetor com o seu Conselho, em diálogo com a comunidade salesiana local:

— determine os modelos concretos de atuação da CEP;

— defina para cada presença a realização de uma só CEP para toda a obra ou de uma CEP para cada setor da obra;

— especifique para os diversos tipos de obras as funções de responsabilidade e de animação a serem confiadas aos leigos.

Nisso tudo, o Inspetor e a comunidade local devem cuidar da unidade do projeto salesiano no território e na Igreja local.

170

**Avaliação do
funcionamento
da CEP**

Cada comunidade local, em continuidade com a deliberação do CG23,¹⁵ avalie o funcionamento da CEP.

Nessa tarefa seja apoiada pelo Inspetor com a colaboração dos organismos de animação inspetorial.

O Reitor-Mor, com o seu ensinamento e com a ajuda dos dicastérios competentes, favoreça o aprofundamento e estimule essa avaliação.

171

**Conselho da
CEP e/ou
Conselho da
Obra**

A comunidade SDB constitua ou consolide o Conselho da CEP e/ou Conselho da Obra como organismo central que anima e coordena toda a obra salesiana, mediante a reflexão, o diálogo, a programação e a revisão da ação educativo-pastoral.

Tais Conselhos sejam constituídos pelos SDB e leigos que têm papéis de responsabilidade na CEP, segundo os critérios definidos em nível inspetorial.

¹⁵ cf. CG23 232-238

Para o conselho da CEP ou Conselho da Obra, o Inspetor com o seu Conselho:

- determine os critérios de composição,
- estabeleça as competências,
- defina os níveis de co-responsabilidade e os âmbitos de decisão,
- precise a necessária ligação com o Conselho local da comunidade salesiana.

172

O diretor na CEP

O diretor SDB, na qualidade de primeiro responsável das atividades apostólicas e da administração dos bens da comunidade salesiana,¹⁶ é também primeiro responsável da CEP; nela a palavra definitiva, depois de paciente busca, caberá ao diretor¹⁷ sempre em diálogo com o seu Conselho.

Quando a obra tem um só CEP, o diretor preside o Conselho da CEP. Quando há várias CEP, o diretor participa de direito aos Conselhos das CEP e preside o Conselho da Obra.

Em particular o diretor na CEP:

- anima os animadores e está a serviço da unidade;
- zela pela identidade carismática do PEPS, em diálogo com o Inspetor e em sintonia com o projeto inspetorial;
- promove os processos formativos e relacionais;
- realiza os critérios de convocação e de formação dos leigos, individuados pela Inspetoria;
- mantém a ligação entre Conselho da comunidade salesiana e Conselho da CEP ou Conselho da Obra.

173

Consistência quantitativa da comunidade salesiana

Para desempenhar sua função animadora, a comunidade salesiana tem necessidade de uma consistência quantitativa e qualitativa, que ajuda a tornar visível e significativa a sua ação.

A consistência numérica sustenta melhor a formação, a vida espiritual e fraterna, o confronto e a qualidade pastoral, a projeção e o diálogo com o território e a Igreja local.

¹⁶ cf. Const. 176

¹⁷ cf. CG21 68

Segundo as indicações dos artigos 20 e 150 dos Regulamentos, no próximo sexênio devemos empenhar-nos por tornar mais consistentes numericamente as comunidades salesianas. Isso exige que se reduza ou supere a dispersão dos SDB que trabalham individualmente em atividades ou obras, como também que se redimensione a presença salesiana num território de acordo com os critérios assinalados pelas Constituições (art. 6) e Regulamentos (art.1).

174
Consistência
qualitativa da
comunidade
salesiana

A consistência qualitativa exige na comunidade figuras capazes de presença, de acompanhamento e educação para a fé dos jovens, de animação de grupos e pessoas, de formação dos leigos, de atenção ao território e à Igreja local, à Família Salesiana e ao Movimento Salesiano.

No próximo sexênio cuide-se da qualificação dos SDB nesses âmbitos, dando preferência à capacidade educativa, relacional e pastoral diante da administrativa, burocrática e organizativa.

A presença significativa e complementar de salesianos presbíteros e salesianos coadjutores na comunidade seja garantida como traço essencial da sua fisionomia e completude apostólica.¹⁸

5.3. Referentes à convocação dos leigos

175 Cada Inspetoria procure que sejam integrados no “Projeto leigos” os critérios de base e de crescimento sugeridos acima.

Os Convênios com Entidades públicas e privadas sejam estipuladas pela Inspetoria em diálogo com a comunidade local.

176 A comunidade local defina com clareza:

- o papel proposto ao leigo,
- a duração do encargo,
- o período de prova,
- o caminho de formação.

¹⁸ Const. 45

5.4. Referentes à presença feminina na CEP

177 Intensifique-se a colaboração com a família como primeira educadora dos seus filhos e das suas filhas. Para tal fim é preciso criar em nossas obras um clima educativo rico de valores familiares e, de modo particular, uma equipe de educação integrada harmoniosamente de presenças masculinas e femininas.

178 Nesse contexto é necessário destacar o significado e a força profética do salesiano SDB: ele não só concorre para a educação com os valores masculinos mas, vivendo o celibato com alegria e fidelidade, testemunha uma qualidade particular do amor e da paternidade.

Por isso, desde os primeiros anos da formação ajudem-se os irmãos a crescer numa atitude serena e madura em relação à feminilidade.

Para construir um ambiente de co-educação sadio e equilibrado deve-se cuidar da formação afetiva e relacional seja dos SDB seja dos leigos membros da CEP.

179 Sem descuidar as exigências dos diversos contextos, destaque-se a necessidade de superar um paralelismo artificial de encargos, consistente em confiar a educação dos meninos aos homens e a das meninas às mulheres.

É urgente que em nível inspetorial e nas CEPs locais se faça uma séria reflexão:

- sobre os valores e as possibilidades da co-educação;
- sobre como viver o Sistema Preventivo nos ambientes de co-educação;
- sobre como cuidar da identificação sexual no desenvolvimento integral da pessoa e a educação do amor.

A Inspetoria, nos contextos de co-educação, vise a um sadio equilíbrio da presença masculina e feminina entre os nossos destinatários, como ainda entre os colaboradores.¹⁹

¹⁹ cf. Reg. 3

SITUAÇÕES PARTICULARES DE NOVIDADE

1. ATIVIDADES E OBRAS DIRIGIDAS POR LEIGOS DENTRO DO PROJETO INSPETORIAL SALESIANO

Da análise da situação resulta que, em alguns contextos, existem quer obras ou atividades confiadas pelos SDB aos leigos, quer atividades ou obras criadas pelos leigos e reconhecidas no projeto inspetorial.

1.1. Critérios fundamentais

180 Para que uma atividade ou uma obra, administrada por leigos, possa ser **considerada** como pertencente ao projeto de uma Inspetoria, deve realizar os critérios de identidade, comunhão e significatividade da ação salesiana e deve funcionar sob a responsabilidade do Inspetor e do seu Conselho.¹

a) Critérios de identidade salesiana

Os critérios de identidade salesiana da atividade e das obras, que se encontram nas Constituições e Regulamentos dos SDB, garantem a realização das finalidades salesianas e referem-se à CEP, ao PEPS e aos destinatários. Tais critérios valem também para as atividades e obras dirigidas pelos leigos dentro do projeto inspetorial.

* Com referência à *Comunidade Educativa Pastoral*:

¹ cf. VC 56

A obra realiza a CEP, envolvendo num clima de família, jovens e adultos, pais e educadores:²

- tem um grupo de animadores e de responsáveis;
- participa da vida e das iniciativas da comunidade inspetorial;
- tem um diretor leigo, possivelmente pertencente à FS.

* Com referência ao *Projeto Educativo Pastoral*:

A CEP elabora e realiza o PEPS local segundo as orientações do projeto inspetorial.

O PEPS local, para responder às necessidades dos jovens e da classe popular:

- inspira-se no Sistema Preventivo;
- está atento à promoção integral do jovem, zela pela educação e pela cultura; propõe o caminho de fé baseado no encontro com Cristo, na experiência eclesial e na vida sacramental; ajuda o jovem a descobrir a própria vocação; interessa-se pela construção de grupos e pelo crescimento do associacionismo;
- evidencia os critérios próprios da ação salesiana: coração oratoriano, itinerários diferenciados, acompanhamento personalizado, espírito de iniciativa e de criatividade, protagonismo juvenil.

* Com referência aos *destinatários*:

— a obra volta-se para os jovens, especialmente para os mais pobres, para as classes populares, para os povos ainda não evangelizados;

— trabalha de preferência nos lugares de maior pobreza e empenha-se em colaborar com as forças do território e da Igreja local.³

² cf. Const. 47

³ cf. Reg. 18-19

b) Critérios de comunhão

— *Comunhão vocacional*: na comunidade educativa pastoral há uma pluralidade e variedade de vocações, que manifesta e realiza uma “experiência de Igreja”.⁴

Nela deve-se favorecer sempre, para as específicas contribuições vocacionais e carismáticas, a presença dos SDB.

— *Comunhão inspetorial*: as atividades ou obras administradas por leigos, dentro de um projeto inspetorial, busquem as formas de comunhão e de partilha do carisma de Dom Bosco, realizem a interação com a comunidade inspetorial, criem as condições para que possam amadurecer opções vocacionais para a Igreja e para a FS.

c) Critério de significatividade

A *significatividade* do projeto de uma inspetoria depende dos recursos de salesianos e leigos postos a serviço da animação das atividades e obras.

O projeto inspetorial deve garantir em primeiro lugar a identidade carismática, a eficácia evangelizadora, a qualidade educativa, a capacidade de despertar vocações em todas as atividades e obras.

A Inspetoria deve poder oferecer aos leigos responsáveis de tais atividades e obras um acompanhamento carismático forte; com efeito, na presença de leigos com clara identidade cristã e salesiana, a forma de acompanhamento inspetorial deve ser igualmente explícita, para não deixar sem um correspondente apoio as disponibilidades existentes.

⁴ cf. Const. 47

1.2. Orientações

1.2.1. Responsabilidade da Inspetoria

181 É o Inspetor com o seu Conselho que decide aceitar ou não no projeto e na responsabilidade inspetoriais atividades ou obras educativas, que surgiram autonomamente e são dirigidas por leigos.

Como é também o Inspetor com o seu Conselho que decide confiar à gestão dos leigos algumas atividades ou obras, que permanecem dentro do projeto e da responsabilidade da Inspetoria.

a) *Atividades ou obras dos leigos aceitas no projeto inspetorial*

Existem atividades e obras, pertencentes a leigos da FS ou do MS, que realizam a missão de Dom Bosco. Os SDB devem favorecer a plena autonomia e responsabilidade dos leigos em tais realizações; com efeito, ordinariamente não é sempre útil ou possível que uma inspetoria as assuma no próprio projeto e na própria responsabilidade.

Se, porém, por situações especiais uma atividade ou uma obra, pertencente aos leigos da FS ou do MS, pede para fazer parte de um projeto inspetorial, após uma avaliação por parte da Inspetoria com respeito às próprias forças e à possibilidade de realizar nela os critérios de identidade salesiana, de comunhão e de significatividade, pode ser aceita pelo Inspetor com o seu Conselho.

b) *Atividades ou obras confiadas aos leigos dentro do projeto inspetorial*

A Inspetoria tem a responsabilidade de garantir a identidade salesiana das atividades ou obras, dirigidas pelos leigos, dentro do próprio projeto. Para tanto:

- contribui com intervenções de animação e governo, de maneira análoga a quanto acontece nas CEP que têm a presença da comunidade salesiana, como a visita inspetorial, a avaliação do projeto local, a ligação do diretor leigo da obra com o Inspetor, a participação periódica de um delegado do Inspetor ao Conselho da CEP;
- promove a constituição do Conselho da CEP;
- organiza junto com os leigos um sério itinerário de formação para a identidade salesiana;
- cuida dos leigos que têm papéis de animação e responsabilidade na CEP;
- estabelece uma ligação estável com uma comunidade salesiana vizinha ou com o centro de animação inspetorial, especialmente no que concerne aos aspectos carismáticos e ministeriais;
- caso ocorra a necessidade de fechar uma obra, verifique antes a possibilidade de confiá-la aos leigos, colocando-a oportunamente dentro do projeto inspetorial.

1.2.2. Responsabilidades dos leigos

182 *Estatutos*

Sendo diversos os contextos e as legislações civis, cada Inspetoria individue os modelos de gestão para os vários tipos de obras confiadas aos leigos dentro do projeto inspetorial, com particular referência às tarefas de responsabilidade, às nomeações, à duração dos cargos, aos órgãos decisórios, às competências do Inspetor. A Inspetoria proponha para isso regulamentos ou estatutos da atividade ou da obra.

Convênios

Existem situações em que uma Inspeção confia a uma entidade jurídica (associação, cooperativa, sociedade) uma atividade, uma obra ou setores dela e o uso de imóveis de sua propriedade. Neste caso é preciso um convênio que regule as relações jurídicas e econômicas.

2. COLABORADORES LEIGOS EM CONTEXTOS PLURIRRELIGIOSOS E PLURICULTURAIS

2.1. Referências eclesiais

183 Existe uma unidade fundamental entre todos os seres humanos, pelo fato de terem Deus como origem e a plenitude de vida em Deus como destino.⁵ Existe também uma única história da salvação para toda a humanidade,⁶ tendo ao seu centro Jesus Cristo, que na sua encarnação “uniu-se de certo modo a cada pessoa”.⁷

A presença e a atividade da Palavra e do Espírito também fora dos confins da Igreja,⁸ dá origem a valores positivos e a elementos de graça também nas várias tradições religiosas.⁹ Isso não implica que tudo seja bom nessas religiões. Por causa das consequências do pecado, a verdade e o erro, o bem e o mal nem sempre são separáveis. Exige-se, pois, atento discernimento.¹⁰

A unidade fundamental de todos os seres humanos, os valores positivos e os elementos de graça presentes nas várias tradições religiosas, animam a Igreja a entrar em “diálogo e colaboração” com elas.¹¹

⁵ *Nostra Aetate* (NAet) 2; *Dialogo e Annunzio* (DA) 28

⁶ Gn 1-11; DA 28

⁷ GS 22; RH 13

⁸ AG 4; RH6; *Dominum et Vivificantem* 53; DA 56

⁹ NAet 2; AG 11; LG 17; DA 30

¹⁰ DA 31

¹¹ NAet 2; GS 92-93

A fé em Cristo e o batismo, sacramento da unidade, estabelecem nos cristãos de outras confissões a comunhão, se bem que imperfeita, com a Igreja católica. Tal comunhão torna possível um diálogo mais profundo.

Várias são as *formas de diálogo*:

— o diálogo de vida, que requer hospitalidade, respeito, genuíno interesse por todos compartilhando-lhes as esperanças, alegrias, sofrimentos e dificuldades;

— o diálogo da ação, que visa empenhos comuns pela causa do desenvolvimento, da justiça e da paz;

— o diálogo do escândalo teológico, que exige a compreensão recíproca e a promoção dos valores presentes nas outras religiões;

— o diálogo da experiência religiosa, que implica partilha de experiências de oração, de *Lectio Divina*, de busca de Deus.¹²

A Igreja é disponível ao diálogo e à colaboração com todas as pessoas: com os cristãos de outras denominações, com os membros de outras tradições religiosas, com as pessoas que respeitam os valores humanos, e até com os que são contrários à Igreja e a perseguem.¹³

Dessa forma, a Igreja, evitando os perigos do sincretismo e sem faltar ao seu dever de evangelizar e proclamar a Boa Nova, procura colaborar com todos para construir o Reino de Deus, definitivamente inaugurado por Jesus Cristo,¹⁴ que é empenho de todos: das pessoas, da sociedade, do mundo inteiro.¹⁵

Diálogo e colaboração ecumênica e interreligiosa são uma tarefa séria dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica. Essa tarefa precisa de adequada formação.¹⁶

¹² cf. DA 42; VC 101-102

¹³ GS 92

¹⁴ *Redemptoris Missio* (RM) 16

¹⁵ RM 15

¹⁶ cf. VC 100-102

2.2. Referências salesianas

184

No começo, os colaboradores de Dom Bosco eram católicos. Mas ele estava disposto a aceitar a ajuda e a colaboração dos outros. Em 1881, escrevendo a um judeu que havia manifestado sua perplexidade e surpresa por ver-se inscrito entre os cooperadores, disse: *“É coisa verdadeiramente singular que um padre católico proponha uma associação de caridade a um israelita! Mas a caridade do Senhor não tem confins, e não exclui nenhuma pessoa de qualquer idade, condição e crença...”*.¹⁷

A atitude de Dom Bosco justifica em nós, hoje, a mesma abertura.

Podemos convidar os leigos de diversas crenças a colaborar conosco num projeto educativo que é aplicável a diversas situações e culturas: *“O aspecto da transcendência religiosa, pedra fundamental do método pedagógico de Dom Bosco, não só é aplicável a todas as culturas, mas é adaptável com fruto também às religiões não-cristãs”*.¹⁸

“Ali (em territórios de primeira evangelização) sobretudo será possível operar eficazmente mesmo com leigos que não pertencem à Igreja católica, sempre que se saiba viver em plenitude a experiência de Dom Bosco e apresentar integralmente seu sistema educativo e seu espírito apostólico”.¹⁹

Em tais contextos é importante que o salesiano viva a fidelidade ao próprio carisma e à missão evangelizadora da Igreja²⁰ marcando sua intervenção com diversos elementos: o testemunho da vida cristã, o empenho pela promoção humana e pela justiça social, a oração e a contemplação, o diálogo interreligioso, o anúncio direto do Evangelho de Cristo.

¹⁷ *Espistolario*, V, carta 2247

¹⁸ IP 11

¹⁹ *Mensagem de João Paulo II ao CG24*, OR, 19-20 de fevereiro de 1996

²⁰ cf. Const. 6, 7, 30, 31

2.3. Orientações

185 Das referências eclesiais e salesianas podemos extrair dois critérios para orientar-nos no delicado processo de partilha e comunhão com leigos de outras tradições e convicções.

a) O Sistema Preventivo é o critério de base.

Com os que não aceitam a Deus podemos caminhar juntos, baseando-nos nos valores humanos e laicais presentes no Sistema Preventivo; com os que aceitam a Deus ou o Transcendente, podemos ir mais adiante, até facilitando a acolhida dos valores religiosos; por fim, com os que partilham conosco a fé em Cristo mas não na Igreja, podemos avançar ainda mais no caminho do Evangelho.

b) Como a missão juvenil nos leva a uma educação que é ao mesmo tempo evangelização, ficam fora da possibilidade de colaboração os que não se mostram abertos à busca de Deus. Eles, porém, não serão excluídos da nossa preocupação pastoral. Isso vale sobretudo para adeptos de algumas seitas ou movimentos ou ideologias que alimentam convicções hostis à fé cristã.

2.4. Empenhos para a ação

186 *a)* O CG24 pede aos Salesianos e às CEP maior compreensão das ricas possibilidades que nos são oferecidas pelos colaboradores leigos de outras religiões e convicções, e estimula um diálogo vital e prático com eles na área da educação dos jovens.

b) No próximo sexênio, faça-se um estudo acurado e aprofundado do nosso relacionamento com eles em toda a sua amplitude, tendo sempre como última perspectiva a plenitude do anúncio de Cristo.

c) Seja valorizada a presença deles no seio de nossas obras, acolhendo-lhe o desejo de serem reconhecidos como colaboradores válidos da missão salesiana.

d) Promova-se uma formação qualificada e adequada, juntamente com eles, no que respeita aos aspectos marcantes do Sistema Preventivo e aos valores humanísticos, éticos, transcendentais e religiosos que nele se contêm.

e) Procure-se, pois, uma inteligente colaboração com outros organismos públicos ou privados que trabalham em favor da juventude.

CARAMANCHÃO DE ROSAS

187 Um ano depois de chegar a Valdocco, Dom Bosco teve um sonho que só contou em 1864 a um pequeno grupo de Salesianos convocados depois da boa-noite.

“Já vos contei diversas coisas em forma de sonho, pelas quais podemos ver quanto Nossa Senhora nos ama e ajuda. Mas, já que estamos aqui sozinhos, para que cada um de nós tenha a certeza de que é a Virgem Maria que quer a nossa congregação, e para que nos animemos cada vez mais a trabalhar para a maior glória de Deus, vou apresentar-vos não tanto a descrição de um sonho, mas o que a própria Bem-aventurada Mãe teve a bondade de me mostrar.

Falo-vos com toda a confiança...”

É a famosa visão do “Caramanchão de rosas”.

Dom Bosco recebe ordem de tirar os sapatos. Ele o faz com prazer, mas para bem depressa perceber quão dolorosos eram os espinhos escondidos pelas flores. Os espinhos mostram as dificuldades: dificuldades internas (necessidade da mortificação!), dificuldades externas (necessidade da coragem apostólica!).

Mas Dom Bosco não está só.

“Muitos padres, clérigos e leigos por mim convidados haviam-se posto a seguir-me com ar festivo, atraídos pela beleza das flores. Quando, porém, perceberam que era preciso caminhar sobre espinhos pungentes que apontavam de todos os lados, entraram a gritar, dizendo: Fomos enganados! Eu respondi: Quem quer deliciar-se em caminhar sobre rosas volte para trás. Os outros me sigam.

Não poucos voltaram para trás (...). Mas logo fui consolado. Vejo avançar em minha direção uma legião de padres, de clérigos e de seculares, que me disseram: Eis-nos aqui, somos todos seus, prontos a segui-lo. Precedendo-os, pus-me a caminho. Vários deles eu conhecia pela fisionomia, muitos ainda não os conhecia”.

O caminho os levará a um jardim ameno, onde uma brisa suave sana todas as feridas, para terminar na esplêndida casa onde Nossa Senhora comparece para explicar o sentido da visão e animar os seus à missão.

“Assim que a Mãe de Deus terminou de falar, voltei a mim e encontrei-me em meu quarto”.¹

É uma mensagem dirigida, em primeiro lugar, a nós SDB. Nela encontramos o eco certo duma palavra de Deus.

188

Em resposta, advertimos a necessidade de renovar nossa fé, desejando que se torne “símbolo”, vínculo de comunhão com irmãs e irmãos onde quer que se encontrem espalhados mundo afora.

*Cremos que
guiados por Maria
juntos
chegaremos àquela sabedoria
que é promessa de vida.*

*Cremos que
quanto une
salesianos e leigos
juntos
é o grito levantado a Dom Bosco
“nós somos todos teus”.*

¹ MB III, 32-37

*Cremos que
podemos retomar a estrada
para convocar outros irmãos
juntos
ao longo do caminho.*

*Cremos que
tempos novos se abrem
para a Igreja e para o mundo;
vivamente esperamos ser
juntos
construtores do Reino.*

**DELIBERAÇÕES E ORIENTAÇÕES
REFERENTES ÀS CONSTITUIÇÕES
E REGULAMENTOS
E AO GOVERNO DA SOCIEDADE**

O CG24 examinou as propostas que chegaram dos Capítulos inspetoriais e dos irmãos referentes a alguns pontos do direito próprio e das estruturas de animação e governo da Congregação, e aprovou as seguintes modificações aos textos legislativos (Constituições e Regulamentos Gerais) e algumas outras orientações para a ação referentes à animação e ao governo da Congregação.

1. LIMITAÇÃO DA DURAÇÃO NO CARGO DOS MEMBROS DO CONSELHO GERAL, NO MESMO SETOR DE ATIVIDADE (Const. 142)

189 O CG24, consideradas as propostas que lhe foram apresentadas,

— tendo presente a indicação geral do Código de Direito Canônico¹ sobre a temporaneidade dos cargos nos Institutos de Vida Consagrada, como também a norma já adotada no nosso direito próprio para os superiores nos níveis inspetorial e local;²

— considerando também, por um lado, o notável esforço exigido por um cargo em nível de Conselho Geral e, por outro, a aceleração histórica e a grande complexidade do momento que atravessamos, ao ponto de dois sexênios no mesmo cargo parecerem suficientes para expressar as capacidades de animação de uma pessoa, que poderá eventualmente cumprir outras funções, ainda com forças e possibilidades,

aprovou a seguinte modificação (*em itálico*) ao artigo 142 das Constituições:

¹ cf. can. 624

² cf. Const. 163 e 177; Reg. 171

142. Os membros do Conselho Geral permanecem no cargo seis anos, salvo o caso previsto no art. 143 das Constituições, e podem ser reeleitos *para um segundo sexênio no mesmo cargo*.³

Se algum dos membros do Conselho Geral falecer ou ficar definitivamente impedido, o Reitor-Mor, com o consentimento do seu conselho, confiará o encargo, até o fim do sexênio, a quem no Senhor julgar mais idôneo.

Essa modificação do artigo 142 das Constituições foi aprovada pela Sé Apostólica com rescrito n. T.9-1/96 da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica com a data de 20 de março de 1996 e promulgada pelo Reitor-Mor com decreto n. 088/96 de 20 de março de 1996.

2. MODIFICAÇÃO DO ART. 3 DOS REGULAMENTOS GERAIS

190 O CG24, partindo das propostas chegadas dos Capítulos Inspetoriais, e refletindo sobre a presença dos jovens nas obras e atividades dirigidas e animadas pelos Salesianos, à luz da nossa missão, com referência ao art. 3 dos Regulamentos Gerais, pôs em relevo os seguintes aspectos principais:

³ Ao apresentar à votação a modificação do texto precisou-se quanto segue:

1. Acerca da expressão do texto do artigo 142 modificado: “... podem ser reeleitos *para um segundo sexênio no mesmo cargo*”: ela deve entender-se no sentido que o Capítulo Geral tem a possibilidade de eleger um Conselheiro no mesmo cargo para um segundo sexênio, *mas não para um terceiro sexênio*.

2. Acerca da situação particular indicada pelo art. 143 das Constituições (caso de morte ou cessação do ofício do Reitor-Mor), a expressão “... podem ser reeleitos *para um segundo sexênio no mesmo cargo*”, deve ser entendida no sentido que, no caso de um Conselheiro não ter concluído o segundo sexênio, a norma *não impede ao Capítulo Geral — se o julgar conveniente — de eleger o Conselheiro para uma terceira vez no mesmo cargo*.

O sexênio interrompido, isto é, de per si não é computado como sexênio completo. Caberá ao Capítulo Geral fazer o seu discernimento a respeito.

a) Julga-se importante, antes do mais, que *se conserve a referência carismática à prioridade de atenção à juventude masculina*, expressa pelo atual art. 3 dos Regulamentos Gerais; foi essa a intenção do CG22 ao aprovar este artigo regulamentar, ligado ao capítulo IV das Constituições.

Todavia, julga-se oportuno reformular o primeiro parágrafo do citado artigo 3, da seguinte forma: “*O nosso serviço educativo pastoral se dirige com prioridade à juventude masculina*”.

Dessa maneira, introduzindo no texto vigente do art. 3 dos Regulamentos a expressão *com prioridade*, ao mesmo tempo que se evidencia bem a prioridade carismática, tira-se a impressão de exclusividade que o texto atual pode dar (que poderia fazer aparecer a presença das jovens como uma exceção).

b) No que tange à continuação do artigo em questão, julga-se melhor tirar as referências às diversas obras específicas (oratório e centro juvenil, escolas), estendendo destarte a visão a toda a missão salesiana. Julga-se outrossim conveniente eliminar do artigo a referência ao “diálogo com o Reitor-Mor” para introduzir a co-educação na escola, bastante para isso os critérios e normas estabelecidos nas Inspetorias.

c) Ressaltando, por fim, que a co-educação não é um fenômeno idêntico em todas as partes do mundo, sublinhasse a importância de atender às situações locais, e, pois, a importância de que critérios e normas sejam estabelecidos nos níveis inspetoriais. Confia-se ao Capítulo Inspetorial a competência de definir os critérios e as normas para a co-educação nas obras da Inspetoria, continuando obviamente a competência do Inspetor com o seu Conselho para a decisão sobre os casos concretos. Reitor-Mor e seu Conselho intervêm ao ato da aprovação das deliberações do Capítulo Inspetorial, na forma das Constituições.⁴

⁴ Const. 170

O Capítulo Inspetorial, obviamente, ao fixar normas e critérios, agirá em harmonia com as orientações da Igreja local e com as leis civis, tendo a preocupação de criar um adequado ambiente de co-educação, em sintonia com o Sistema Preventivo de Dom Bosco.

Baseando-se nesses princípios, o CG24 aprovou o novo texto do art. 3 dos Regulamentos Gerais:

O nosso serviço educativo pastoral se dirige com prioridade à juventude masculina.

Em nossas obras são acolhidas também as jovens, segundo os critérios e normas indicados pelo Capítulo Inspetorial.

3. ORIENTAÇÃO PARA A AÇÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO DAS ESTRUTURAS DE GOVERNO

191 O CG24:

— partindo do exame de algumas contribuições a ele chegadas e do estudo da Relação do Vigário do Reitor-Mor sobre o estado da Congregação;⁵

— considerando as atuais estruturas de governo que, na sua articulação global, foram criadas no CG19, ainda que com sucessivas modificações parciais, e julgando, também em virtude das notáveis mudanças acontecidas neste período de tempo na vida da Congregação nos diversos contextos, parece oportuno submetê-las a uma avaliação mais cuidadosa, tanto a respeito do funcionamento como eventualmente a respeito de sua própria articulação,

aprovou a seguinte orientação para a ação:

⁵ cf. nn. 253-254

O CG24 pede ao Reitor-Mor com o seu Conselho que no próximo sexênio faça um acurado estudo — servindo-se também da ajuda de peritos — sobre o funcionamento do Conselho Geral (na sua articulação de conselheiros de setor e regionais), pondo em ação as oportunas intervenções para uma organização mais eficaz, potencializando órgãos de estudo e grupos de trabalho atuantes e criando uma programação bem articulada.

O Reitor-Mor e o seu Conselho estude também o modo de fazer uma avaliação mais profunda das estruturas do governo central, envolvendo os Capítulos Inspetoriais com vista ao CG25.

4. ORIENTAÇÃO SOBRE A “FORMA” DA NOSSA SOCIEDADE

192 O CG24, examinando as propostas vindas dos irmãos de algumas Inspetorias da Congregação sobre a oportunidade de um ulterior estudo sobre a “forma da nossa Sociedade”, ressaltou os seguintes elementos:

— Por um lado, observou que no recente Sínodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada foi feita uma proposta de estudo de uma possível forma “mista” (nem laical nem clerical) de Institutos religiosos, respeitando o próprio carisma fundacional, e foi constituída uma comissão especial para esse tema junto à Congregação competente.⁶ Este fato poderia ser também para nós ocasião de um ulterior aprofundamento da “forma” da nossa Sociedade, para ver se ela corresponde ao nosso carisma (Sociedade composta de eclesiásticos e de leigos).

⁶ cf. Exortação apostólica *Vita Consecrata*, n. 61

Esse renovado estudo sobre a “forma” da Congregação, com o eventual reconhecimento da forma “mista” — observou-se — poderia ajudar a definir melhor a figura do salesiano coadjutor, que deveria ser mais valorizada. E isso no interesse de toda a Congregação, mais do que de uma categoria de sócios.

— Por outro lado, lembrando o grande trabalho realizado nos Capítulos da renovação (CGE, CG21 e CG22) para o estudo e definição da “forma” da Sociedade, insistiu-se em que a questão toca profundamente o “carisma” da Congregação, sobre o qual existe uma tradição e um magistério salesianos (dos Capítulos Gerais e dos Reitores-Mores).

Será preciso compreender bem o que significa Instituto religioso “misto” e quais consequências, também jurídicas, levaria sobre a vida e missão da Congregação. E isso à luz do carisma.

Com base nessas reflexões, o CG24 aprovou a seguinte orientação, confiando-a ao Reitor-Mor com seu Conselho:

À luz da Exortação apostólica *Vita Consecrata* (n. 61) e dos desenvolvimentos jurídicos em curso sobre a “forma” dos Institutos religiosos, o CG24 reputa importante um estudo sobre a possível forma “mista” da nossa Sociedade e um ulterior aprofundamento para ver se as novidades inerentes a tal forma respondem ao nosso carisma e ao projeto originário do Fundador.

5. OS GRUPOS DE INSPETORIAS (Const. 154)

193 O CG24, de acordo com o art. 154 das Constituições, examinou a configuração dos grupos de Inspetorias confiadas aos Conselheiros Regionais. Percebeu-se, com efei-

to, a necessidade de uma reconsideração de todo o quadro das chamadas Regiões Salesianas, considerando-se o atual desenvolvimento da Congregação,⁷ tendo em conta a orientação já expressa pelo CG23 (n. 309) e o estudo realizado a respeito pelo Conselho Geral, e tendo presentes, de modo particular, as mudanças sobrevindas no decorrer dos últimos tempos.

O Capítulo julgou importante fazer antes uma reflexão sobre o papel do Conselheiro Regional e sobre os principais critérios sobre os quais basear a constituição dos grupos de Inspetorias.

O Conselheiro Regional e suas funções

A primeira atenção foi dada à **figura** e às **funções** do Conselheiro Regional, tal como emergem das Constituições⁸ e dos Regulamentos Gerais,⁹ mas também da vida das Inspetorias e das expectativas dos irmãos.

A avaliação, baseada na experiência, confirmou substancialmente a figura do Regional descrita no texto constitucional e regulamentar, ressaltando algumas peculiares características, como:

— ser membro, para todos os efeitos, do Conselho Geral, e, por isso, *Conselheiro do Reitor-Mor*, com um compromisso que diz respeito a toda a Congregação;

— e ao mesmo tempo o empenho peculiar que ele tem por uma determinada área salesiana, com uma função de:

• *comunicação e ligação*, nas duas direções: torna presente o Reitor-Mor e o seu Conselho nas Inspetorias e junto aos irmãos, e apresenta a vivência das Inspetorias e dos irmãos ao Conselho Geral;

⁷ cf. *Relazione del Vicario del Rettor Maggiore*, n. 254

⁸ Const. 140

⁹ Reg. 135-137

- *coordenação* da ação salesiana entre as Inspetorias: põe em comunicação e favorece o intercâmbio de dons e de valores entre realidades inspetoriais diversas, de modo que cada grupo se enriqueça reciprocamente;
- *animação e impulso* para o desenvolvimento do carisma salesiano: ajuda as Inspetorias a inculturar a missão salesiana.

Os critérios para formar os grupos de Inspetorias

Tendo presentes as funções do Conselheiro Regional, com as quais será preciso constantemente contar, foram em seguida especificados os *critérios* de referência para então formular propostas concretas de agrupamento das Inspetorias.

Tomando como base os critérios indicados pelo art. 140 das Constituições (“facilitar as relações das Inspetorias com o Reitor-Mor e com o Conselho Geral” e “promover a ligação das Inspetorias entre si”), foram sublinhados estes aspectos:

— Os critérios de contigüidade geográfica, de afinidade cultural e lingüística são bons e devem ser levados em consideração, mas não devem ser absolutizados. Cada critério, tomado isoladamente, é em si insuficiente.

— Sublinha-se a importância de ter um *critério flexível*:

* que não enrijece a homogeneidade;

* que não tende a identificar o grupo de Inspetorias que formam a Região com a Conferência (ou as Conferências) inspetoriais, muito embora a presença de Conferências num grupo possa favorecer mais intensa colaboração entre Inspetorias mais homogêneas.

— Tal critério flexível deve favorecer o *encontro*, o *intercâmbio* e a *comunicação* de valores, afim de facilitar uma *tensão criativa* entre culturas, histórias, mentalidades e também línguas diversas. E isso sobretudo em nível de experiências e de história salesiana (enriquecimento re-

cíproco e intercâmbio entre as Inspetorias). Desse ponto de vista, resultará positivo o tender a uma internacionalização da Região.

— Sublinha-se, outrossim, a importância de levar em conta, em primeiro lugar, a *missão* das Inspetorias. Se é importante olhar para a consistência numérica do grupo de Inspetorias, mais importante é prestar atenção ao que favorece a missão e o desenvolvimento salesiano.

— Quanto ao *critério numérico*: também a eles aplica-se a flexibilidade. Reputa-se prioritário o bem da Congregação e das Inspetorias, e o serviço da missão. É o que dita as condições para a configuração do grupo, junto, porém, com as situações concretas e as possibilidades.

— Junto com esses critérios, seja qual for a composição dos grupos, sublinhou-se também a importância da colaboração e do intercâmbio recíproco entre as Regiões.

194 Os grupos de Inspetorias

Estabelecidos os critérios, após um discernimento sobre as situações e sobre as possibilidades concretas, o CG24 aprovou a seguinte configuração dos grupos de Inspetorias, para o próximo sexênio:

1. GRUPO ÁFRICA E MADAGASCAR

Juridicamente constituído pelas cinco circunscrições existentes: África Central, África Leste, África Meridional, Madagascar, Zâmbia-Malavi-Zimbábue.

O Reitor-Mor com o seu Conselho precisará as responsabilidades do Regional na coordenação das outras presenças salesianas na África, no espírito do n. 310 do CG23.

2. GRUPO AMÉRICA LATINA - CONE SUL

Compreende 14 Inspetorias:

Argentina-Buenos Aires, Argentina-Bahia Blanca, Argentina-Córdoba, Argentina-La Plata, Argentina-Rosario, Brasil-Belo Horizonte, Brasil-Campo Grande, Brasil-

Manaus, Brasil-Porto Alegre, Brasil-Recife, Brasil-São Paulo, Chile, Paraguai, Uruguai

3. GRUPO INTERAMÉRICA

Compreende 12 Inspetorias e 2 Visitadorias:

Antilhas, Bolívia, América Central, Canadá, Colômbia-Bogotá, Colômbia-Medellín, Equador, Haiti, México-México, México-Guadalajara, Peru, Estados Unidos Leste, Estados Unidos Oeste, Venezuela

4. GRUPO AUSTRÁLIA-ÁSIA

Compreende 13 Inspetorias e 2 Visitadorias:

Austrália, China, Coréia, Filipinas Norte, Filipinas Sul, Índia-Bangalore, Índia-Bombaim, Índia-Calcutá, Índia-Dimapur, Índia-Guwahati, Índia-Hyderabad, Índia-Madrasta, Japão, Tailândia, Vietnã

5. GRUPO EUROPA NORTE

Compreende 16 Inspetorias e 1 Circunscrição: Alemanha-Colônia, Alemanha-Munique, Áustria, Bélgica Norte, Circunscrição Leste, Croácia, Eslováquia, Eslovênia, Grã-Bretanha, Holanda, Hungria, Irlanda, Polônia-Cracóvia, Polônia-Pila, Polônia-Varsóvia, Polônia-Wroclaw, Rep. Tcheca,

6. GRUPO EUROPA OESTE

Compreende 11 Inspetorias:

Bélgica Sul, Espanha-Barcelona, Espanha-Bilbao, Espanha-Córdoba, Espanha-León, Espanha-Madri, Espanha-Sevilha, Espanha-Valença, França-Lião, França-Paris, Portugal,

7. GRUPO ITÁLIA - ORIENTE MÉDIO

Compreende 10 Inspetorias e 1 Visitadoria:

Adriática, Lígure-Toscana, Lombardo-Emiliana, Meridional, Piemonte e Valle d'Aosta, Romana, Sardenha, Sicília, Vêneto Leste, Vêneto Oeste, Oriente Médio

ANEXOS

MENSAGEM DE S. S. JOÃO PAULO II PARA O INÍCIO DO CG24

Ao Reverendíssimo Sacerdote

Pe. João E. Vecchi,

Superior da Sociedade Salesiana de São João Bosco.

195 1. Para mim é muito prazeroso fazer chegar até o senhor e a todos os irmãos salesianos, especialmente para estes que se encontram reunidos para a realização do 24^a da Congregação, a minha cordial e auspiciosa saudação.

Como não pensar, neste momento, antes de tudo, no saudoso Pe. Egídio Viganó, que durante tantos anos foi o Superior Geral da Congregação Salesiana? É com emoção que para ele dirijo o meu pensamento agradecido, relembando seu profundo empenho em difundir a sabedoria renovadora do Concílio Vaticano II, tanto na Sociedade de São Francisco de Sales, quanto nos mais vastos âmbitos da Igreja, fazendo parte ativamente, em diversas oportunidades, de importantes e grandes reuniões eclesiais.

Enquanto rememoro seu fiel serviço eclesial, peço ao Senhor que lhe conceda a paz no seu Reino e infunda em todo o Instituto um renovado espírito apostólico e missionário, tendo em vista a aproximação iminente do Terceiro Milênio cristão.

196 2. Na perspectiva do Grande Jubileu, este Capítulo Geral está situado, pois, como etapa de fundamental importância na vida da Congregação. Todo Capítulo Geral tem sempre uma dupla finalidade: por um lado, a de percorrer novamente os seis anos anteriores para avaliar o empenho colocado pelas várias comunidades na realização de tudo o que tinha sido determinado pelo Capítulo precedente, e por outro, a de projetar, à luz do carisma original, a vida da Congregação para os próximos seis anos. De fato, é necessário que nunca se perca de vista o carisma primordial.

Neste contexto, a vocação específica educativa e pastoral da Congregação Salesiana, nestes anos de expressivas e rápidas transformações sociais e culturais, encontra no Capítulo a oportunidade e os instrumentos para se colocar na vanguarda dos jovens e de toda a comunidade cristã, que aguarda um renovado impulso evangélico e missionário. É grande esta responsabilidade! Diante disto, enquanto na oração desejo aos Capitulares um proffico trabalho, relembro que o tema escolhido para a assembléia se reveste de um caráter particularmente urgente no contexto do mundo contemporâneo.

3. Com a visão concreta do educador e com o olhar abrangente do santo, Dom Bosco propôs a seus filhos um objetivo apostólico bem determinado: “Preparar cidadãos honestos e bons cristãos”. Com certeza, a Congregação Salesiana já refletiu muitas vezes sobre o significado de tais palavras, chegando a fazer delas um lema, que relembra aos educadores o caminho a ser percorrido e propõe aos jovens, que usufruem da educação salesiana nas mais diversas atividades, uma espécie de desafio, capaz de dar sentido à sua existência.

Os frutos desta impostação educacional estão documentados em uma história agora mais do que secular. Os Salesianos podem contar com tantos Amigos de Dom Bosco espalhados pelo mundo inteiro, com denominações diferentes, mas todos unidos ao Santo dos jovens; podem contar com os numerosos Ex-alunos que ainda se voltam para o Pai e Mestre da sua juventude como um importante ponto de referência nos compromissos familiares e sociais; podem contar com os Cooperadores que realizam os sonhos de educação e de evangelização de seu Fundador, continuando e difundindo o genuíno espírito de Dom Bosco e a espiritualidade salesiana.

4. A referência a todos estes que pedem ajuda a Dom Bosco e aos seus filhos salesianos para que possam viver como “cidadãos honestos e bons cristãos” me dá oportunidade para uma reflexão mais explícita a respeito do tema desta assembléia capitular: *a inter-relação salesianos e leigos*.

Nos últimos anos, o mundo dos “leigos” despertou uma atenção especial por parte do magistério da Igreja e foram muitas também as minhas intervenções a respeito, antes e depois do Sínodo dos Bispos dedicado exatamente à “vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo”. Na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* (“Leigos Cristãos”) apresentei organicamente as exigências e as perspectivas surgidas nestes anos na Igreja, para que a “excelente ‘teoria’ sobre o laicato expressa pelo Concílio, possa se tornar uma autêntica ‘realidade’ eclesial” (n. 2). Acenando aos riscos a que se expõe o testemunho dos leigos no mundo atual, escrevi: “Podemos lembrar duas tentações das quais os leigos nem sempre conseguiram se libertar: a tentação de reservar um interesse de tal modo forte para os serviços e para as obrigações eclesiais que chegasse freqüentemente a um desempenho prático em suas responsabilidades específicas no mundo profissional, social, econômico, cultural e político; e a tentação de legitimar a indevida separação entre a fé e a vida, entre o acolhimento do Evangelho e a ação concreta nas mais diversas realidades temporais e terrenas” (*ib.*).

5. Na escola de Dom Bosco que queria “cidadãos honestos e bons cristãos”, é possível ajudar os fiéis leigos a superar estes dois riscos apenas lembrados. De fato, em sua tradição os Salesianos possuem eficazes instrumentos para criar harmonia e equilíbrio entre as várias exigências da vida contemporânea.

Gostaria de retomar aqui, de modo especial, três elementos.

Antes de tudo: *a capacidade de acompanhamento educativo*. Quer seja qualificada como assistência, animação, espírito de família ou de qualquer outra forma, sempre se trata de estabelecer uma atuante “presença entre os leigos”, que seja “estímulo para o crescimento da pessoa em sua história”, e conduza à “procura conjunta” do projeto de vida. Daí, a urgência de comunidades salesianas ricas, numérica e espiritualmente, que estejam preparadas para dar acompanhamento a todos, dando respostas para exigências e necessidades. A colaboração entre salesianos e leigos deve ter como objetivo a formação de “comunidades educativas” nas quais os dons pessoais sejam compartilhados para o bem de todos. Quem poderia se esquecer da extraordinária capacidade de Dom Bosco de reunir em torno dele tantas pessoas em unidade de intenções?

O segundo elemento é constituído por *uma organização dinâmica e ágil das forças*: dos indivíduos em grupos de interesse, em associações de compromisso civil e religioso, e em vasto movimento educativo e espiritual. Repito aqui tudo o que já tive oportunidade de afirmar: a “tendência eclesial para o apostolado associativo possui, sem dúvida, uma origem sobrenatural na ‘caridade’ infundida nos corações pelo Espírito Santo” (cf. *Rm 5,5*), mas o seu valor teológico é compatível com a exigência sociológica que no mundo moderno conduz à união e à organização das forças para atingir os objetivos pré-fixados (...). Trata-se de unir e conjugar as atividades daqueles que se propõem a inculcar a mensagem evangélica no espírito e na mentalidade das pessoas que se encontram nas mais diversas condições sociais. Trata-se de agilizar uma evangelização capaz de exercer influência sobre a opinião pública e sobre as instituições; e para atingir este escopo é necessária uma atividade desenvolvida em grupo e bem organizada” (*Audiência geral* de 23 de março de 1994, n. 2). Na verdade, Dom Bosco foi mestre na organização das forças, solicitando que cada um oferecesse o que soubesse e pudesse, e fazendo com que todos convergissem para objetivos concretos, práticos, visíveis.

O terceiro elemento sobre o qual é preciso que se reflita é *a proposta espiritual que emana através da experiência de Dom Bosco em Valdocco* e que ultrapassou os confins da comunidade salesiana. Atualmente os leigos têm necessidade de uma profunda vida espiritual que é exigida pelos deveres que eles devem desenvolver: crescendo os compromissos e ao mesmo tempo os obstáculos para a construção do Reino de Deus, percebe-se a

exigência de uma aprofundada interioridade apostólica. A cultura hodierna tem necessidade de crentes convictos e ativos, para serem no mundo fermento de bondade e de bem. Por isso, a formação dos fiéis leigos é colocada entre as prioridades sobre as quais convergem os esforços da comunidade. É a formação que ajuda os leigos na descoberta da própria vocação, fornecendo-lhes os meios úteis para o contínuo amadurecimento, introduzindo-os nos caminhos do Espírito do Senhor. Ela constrói “aquela unidade da qual está marcado o seu próprio ser de membros da Igreja e de cidadãos da sociedade humana” (*Christifideles Laici*, n. 59). “Uma fé que não se torne cultura é uma fé não plenamente aceita, não inteiramente assimilada, não vivida na fidelidade” (*ib.*).

200

6. Dom Bosco deu amplo respaldo para a formação espiritual, entendida como habilitação para que se possa viver a totalidade da própria existência, em suas diversas manifestações, na presença de Deus e na construção ativa do Reino. Esse tipo de formação preparará os leigos dos novos tempos para que saibam responder aos inéditos desafios do nosso tempo para construir um futuro rico de esperança para toda a humanidade. Os trabalhos da recente Assembléia do Sínodo dos Bispos, dedicada à vida consagrada, colocaram bem em evidência a relação existente entre a espiritualidade de um Instituto religioso e a espiritualidade dos leigos que para ele inspiram a vida e a atividade. É nesta perspectiva que pretende situar-se a reflexão da assembléia capitular, que não deixará de traçar pistas de cooperação apostólica entre consagrados e leigos, chamados para ser no mundo testemunhas corajosas do Evangelho.

Entrego os trabalhos do Capítulo a Maria Auxiliadora, que continua vigilante sobre os sonhos e sobre as aspirações dos filhos de Dom Bosco, empenhados, muitas vezes com risco pessoal, em territórios de primeira evangelização. Sobretudo aí será possível agir eficazmente, até mesmo com leigos que não pertencem à Igreja Católica, sempre que se saiba viver em plenitude a experiência de Dom Bosco, repondo integralmente tanto o sistema educativo, quanto o espírito apostólico.

Ao invocar sobre todos os que se dedicam a esta missão tão fascinante e comprometedora a proteção de Dom Bosco e dos Santos salesianos, envio de coração, como sinal de estima e de confiança, uma especial Bênção Apostólica ao Senhor, aos participantes do Capítulo Geral e a todos os Coirmãos das diversas comunidades, como também a toda a Família Salesiana.

Vaticano, 31 de janeiro de 1996, Festa de São João Bosco.

João Paulo II

**DISCURSO DE S. S. JOÃO PAULO II
AOS CAPITULARES SALESIANOS
RECEBIDOS EM AUDIÊNCIA NA SALA CLEMENTINA**

1º DE ABRIL DE 1996

*Caríssimos Capitulares
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco!*

201 1. Estou muito alegre por causa deste esperado encontro convosco, que representais os Salesianos espalhados pelo mundo inteiro. Vós testemunhais, com a vossa numerosa presença, a maravilhosa expansão da obra de São João Bosco, cujo carisma permanece vivo e vital no mundo contemporâneo.

Congratulo-me, antes de tudo, unindo-me à vossa alegria, com o Reitor-Mor, Pe. Juan Edmundo Vecchi, que escolhesteis para assumir a responsabilidade de vossa Família espiritual, chamando-o à sucessão do saudoso Pe. Egídio Viganó, tão benemérito por causa da obra que desenvolveu com tanta clarividência de pensamento e com total dedicação para o bem da Igreja e do Instituto. Peço ao Senhor para que acompanhe o novo Reitor-Mor e os seus colaboradores em seu importante trabalho, de forma que possam introduzir a Sociedade e a Família Salesiana no novo milênio com a energia apostólica de São João Bosco e com toda a atualidade de seu carisma.

202 2. Nesta perspectiva de futuro e tendo diante dos olhos os desafios do mundo contemporâneo, desejo, antes de tudo, expressar profundo reconhecimento pela ativa e fiel participação de vossa Família na missão da Igreja. Vós vos sentis parte viva da *comunidade eclesial*, plenamente nela inseridos e ao seu total serviço nas diversas partes do mundo.

Sobre as diretrizes do vosso Fundador, que vos transmitiu este “*sensus Ecclesiae*” (“sentido de Igreja”) como sua preciosa herança, vós desenvolveis a vossa missão em um setor de extraordinária importância: a educação da juventude, “a parcela mais delicada e mais preciosa da sociedade humana”, como dizia Dom Bosco. Na Carta *Iuvenum Patris*, que vos enviei por ocasião do centenário da morte do Santo, lembrei-vos que “a Igreja ama

intensamente os jovens: sempre, mas sobretudo neste período já tão próximo do ano dois mil, sente-se convidada pelo seu Senhor para olhar para eles com especial amor e esperança, considerando a sua educação como uma de suas primeiras responsabilidades pastorais” (n. 1). Exorto-vos, portanto, a perseverar neste nobre e delicado propósito, que certamente está no centro da atenção do vosso Capítulo Geral, uma vez que — como dizem as vossas Constituições — vós “como Dom Bosco, sois todos chamados em cada oportunidade para ser educadores da fé” (art. 34).

- 203** 3. Para a realização desta missão, o vosso Capítulo dedicou uma *particular atenção aos leigos* que, na vossa Família, colaboram de diversas maneiras na educação da juventude. O próprio Dom Bosco intuiu a importância de possuir colaboradores que, de maneiras diversas, estivessem disponíveis para ajudá-lo no grande empreendimento educativo, compartilhando com ele os princípios e a prática de seu sistema preventivo. Além disto, compreendeu a importância da existência das pessoas que compartilhavam mais profundamente o espírito da Congregação, tornando-se arautos dela para fora na Igreja e na sociedade. Por isto fundou a Associação dos Cooperadores Salesianos, ligada à Sociedade de São Francisco de Sales, com o objetivo fundamental de colaborar com a sua missão de salvar os jovens. Considerava-a uma “associação importantíssima que é a alma da nossa Congregação” (*Dos escritos do primeiro Capítulo Geral*). Ao lado dos Cooperadores, muitos outros leigos, ligados de maneira mais ou menos forte à Congregação, se associaram ao vasto compromisso da educação e da evangelização: ex-alunos, pais, amigos e benfeitores, voluntários, homens e mulheres de boa vontade, todos unidos no amor e no serviço da juventude.

Percorrendo a estrada traçada por Dom Bosco e atentos aos sinais da Igreja do nosso tempo, particularmente à luz do Concílio Vaticano II e da Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, vós quereis retomar o vosso empenho com os leigos, crescendo juntamente com eles na comunhão e partilha do espírito e da missão de Dom Bosco. Este é certamente um tema dirigido para o futuro no âmbito da nova evangelização, que ajudará a Congregação e toda a Família Salesiana a entrar, com muitas e válidas forças, no Terceiro Milênio que já está às portas.

- 204** 4. Nesta perspectiva, no vosso Capítulo vós vos propusestes o objetivo de *alargar o compromisso, de promover a participação e a co-responsabilidade*. Sim, é realmente esta a estrada sobre a qual caminhar para unir todas as forças do bem em uma efetiva colaboração na qual cada

um, segundo a própria vocação específica — sacerdotal, religiosa ou leiga —, oferece as próprias riquezas, num recíproco intercâmbio de dons, para a realização da missão educativa.

De minha parte, quero acentuar a *atribuição obrigatória da formação*, que na Exortação *Christifideles Laici* apresentei como um dos aspectos fundamentais da vida e da missão dos fiéis leigos, como “o chamado para crescer, para amadurecer gradativamente, a produzir fruto sempre mais abundante” (n. 57). Por um lado é preciso relembrar que o compromisso da formação é um compromisso que envolve todos conjuntamente, porque reciprocamente recebido e dado por todos, e isto tanto mais em uma Família espiritual, onde a participação no mesmo carisma e a colaboração em uma mesma missão exige que sejam agilizados processos formativos compartilhados. Mas, por outro lado, é preciso que se acentue a exata responsabilidade que compete àqueles que, por especial dom do Espírito, são chamados a ser formadores dos formadores. Para vós, filhos de São João Bosco, esta é uma atribuição obrigatória: ajudar os vossos leigos a se formar como educadores da juventude, no espírito do Sistema Preventivo de São João Bosco.

205

5. Como vos recordei na mensagem inaugural do vosso Capítulo, um ponto importante que deveis levar em consideração, neste compromisso formativo, é a *proposta espiritual que emana da experiência de Dom Bosco em Valdocco*. Esta é ao mesmo tempo fonte e meta do caminho proposto a todos quantos — jovens e adultos — compartilhem o método educativo do Santo. Permito-me insistir sobre o primado desta espiritualidade que permeia vossa vida e a vossa missão, e que deve brilhar antes de tudo no vosso testemunho de apóstolos consagrados, “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens”, como afirmam as vossas Constituições (art. 2). Os leigos que compartilhem convosco o espírito e a missão da experiência salesiana têm necessidade de perceber semelhante exigência para desenvolver o compromisso de educadores para o qual são chamados. Dentro do necessário escalonamento, e respeitando as convicções de fé de cada um, sois chamados a ajudá-los a crescer em direção de metas sempre mais altas, no desvelamento da própria vocação, até introduzi-los nos caminhos do Espírito do Senhor.

Na Carta *Juvenum Patris* ressaltai como na figura de Dom Bosco se possa encontrar um admirável *intercâmbio entre educação e santidade*: “Ele realiza — escrevi — a sua santidade pessoal mediante o compromisso educacional, vivenciado com zelo e coração apostólico, sabendo propor, ao mesmo tempo, a santidade como meta concreta da sua pedagogia”

(n. 5). Caros Salesianos, desejo que saibais imitar Dom Bosco nesta sua capacidade de transmitir os valores do Evangelho, envolvendo neles os colaboradores na missão educativa e os próprios jovens para os quais é dirigida. Podereis, assim, chegar a fazer da comunidade educativa uma verdadeira experiência de Igreja, o ambiente exato para um crescente caminhar em direção a um autêntico amadurecimento cristão.

206 6. A Semana Santa, que apenas iniciamos, aflora à memória a mensagem que no ano passado, exatamente nestes dias, o prezado Reitor-Mor, Pe. Egídio Viganó enviava à Família Salesiana. No dia 14 de abril, Sexta-feira Santa, escreveu: “De maneira especial me sinto unido a vós neste santo dia de mistério e de sacrifício. Já faz algumas semanas que estou hospitalizado e nunca havia experimentado a Sexta-feira Santa como dia extraordinário do carisma de Dom Bosco. Mergulhar no mistério do amor de Cristo oprimido pelos sofrimentos do corpo: não se descobre um momento mais próprio para estar com os jovens, para animar co-irmãos e co-irmãs, para intensificar a Família Salesiana. Com estes sentimentos o Pe. Viganó dirigia a todos os augúrios pascais “no Senhor Vitorioso”.

Caríssimos Capitulares, eu vos convido a contemplar este esplêndido testemunho de fé e de otimismo, para extrair dele inspiração e coragem nas decisões que sois chamados a assumir. A lição que o Pe. Viganó vos deixou é bem clara: na adesão sem reservas ao Cristo crucificado e ressuscitado está o segredo de uma adesão apostólica corajosa e fecunda.

Invoco sobre todos vós a proteção celestial de Maria Auxiliadora: que Ela seja para vós, como o foi para Dom Bosco, Mestra e Guia em vossa missão de educadores.

A vós, aos vossos co-irmãos, aos leigos das vossas comunidades educativas, bem como a todos os membros da Família Salesiana concedo de coração a Bênção Apostólica.

**SAUDAÇÃO DO CARD. EDUARDO MARTÍNEZ SOMALO
PREFEITO DA CONGREGAÇÃO
PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA
E PARA AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA**

207 Caros Salesianos de Dom Bosco, animadores da grande Família Salesiana, eu vos saúdo com cordialidade, dizendo-vos, de imediato, que entre vós me sinto bem, como em família.

Saúdo os Eminentíssimos Senhores Cardeais, os Excelentíssimos Arcebispos e Bispos como também os responsáveis dos diversos ramos da Família Salesiana aqui convocados, no início do vosso 24^a Capítulo Geral.

Pretendo dirigir-me a cada um de vós, caríssimos, para vos confirmar, espero, na tradição de Dom Bosco e de seus sucessores, convidando-vos a continuar, nas vésperas do Terceiro Milênio cristão, o vosso incomparável serviço de *“Missionários dos jovens”*.

Antes de tudo, peço-vos permissão para uma lembrança muito especial do Reitor-Mor que nos deixou no último mês de junho: o *Pe. Egídio Viganó*, filho autêntico de Dom Bosco e, por isto, fiel e sábio servidor da Igreja.

A ele o reconhecimento da Igreja, para cujo serviço se entregou de maneira progressiva e sempre mais próxima: do magistério na Universidade Católica de Santiago do Chile, à presença como perito no Concílio Vaticano II, às Assembléias das Conferências Episcopais latino-americanas, dos postos de responsabilidade na Congregação Salesiana à sua participação no Sínodo dos Bispos e sua colaboração nos Dicasterios da Cúria Romana! Rendamos graças a Deus por este colaborador tão fiel quanto competente. A vós o desafio de continuar com a sua energia e com o seu otimismo, na trilha de Dom Bosco. Energia e otimismo que vos devem acompanhar nos trabalhos de 24^a Capítulo Geral.

208 1. *O vosso Capítulo Geral, um evento de comunhão.*

A vossa Assembléia Capitular é uma graça do Espírito para promover uma fecunda comunhão e participação entre vós que o Deus de toda vocação reuniu *“para viver e ao mesmo tempo louvar”* no carisma educativo-pastoral de Dom Bosco, marcado pelo amor preferencial para com os jovens, os mais necessitados de afeto e de Evangelho.

Clima de comunhão para poder comunicar e comunicação cordial para poder testemunhar. Sintonia de almas e de corações para que possais vos enri-

quecer reciprocamente com as múltiplas experiências cristãs, fundidas em unidade de objetivos, como fruto do melhor de tudo aquilo que provém de todas as partes do mundo onde, como Salesianos, estais presentes e operantes.

Diferenças de culturas, é o que afirmam as vossas feições e as vossas línguas, mas unidade de espírito e de objetivos, assim:

— Reunidos em Capítulo, para vos reforçar na unidade do patrimônio salesiano, participando-o aos leigos que desejam se comprometer convosco na missão de educar e de evangelizar os jovens.

— Em comunhão para unificar sempre mais todos os membros da Família Salesiana, em torno da rocha que é Pedro no desafio da Nova Evangelização. E quem pode se esquecer do amor de Dom Bosco pelo Papa?

— Unidos em torno do sacramento da Eucaristia, outro grande amor de Dom Bosco; Eucaristia *“sinal de unidade e vínculo de caridade”* (Santo Agostinho, *Comentário ao Evangelho de João 26, 6, 13*) para atingir nas diversas culturas, em que se encarna o Evangelho, aquele objetivo desejado pelo próprio Dom Bosco, ou seja, de colocar na tessitura da sociedade *“cidadãos honestos e bons cristãos”*.

— Harmoniosamente, de modo que a riqueza do carisma salesiano não perca na substância, enquanto se encarna em todas as realidades positivas presentes nas mais diferenciadas culturas.

Caríssimos Salesianos, bem sabeis que aquele que vos vê com carinho *“do lado de fora”*, deseja que sejais sempre mais *“luz que ilumina, calor que humaniza com o Sistema Preventivo e torna cristãos os jovens e os não-jovens que gravitam em torno de vós; atração de outros no seguimento de Cristo como e com Dom Bosco*, diria com a sua própria sede do *“Da mihi animas”*!

Comunhão que depois se difundirá em postura dialética com a sadia pluralidade, em continuidade na busca cotidiana da verdade e da profecia, como serviço da Nova Evangelização.

209

2. Um Capítulo para o lançamento da Congregação Salesiana no Terceiro Milênio.

É do conhecimento de todos vós como o Santo Padre está conduzindo a Igreja em direção à celebração do Grande Jubileu do Ano 2000, a fim de que o evento *“Cristo”* ontem, hoje e sempre, ilumine com a luz de Sua face, reforce com a verdade de Sua Palavra e vivifique com a esperança de Sua Páscoa, o caminho da humanidade pelas estradas do Novo Milênio.

Este Capítulo tem o encargo de lançar a vossa Congregação no ano dois mil, de assumir os desafios com o mesmo coração pastoral de Dom Bosco, e de ser de modo especial para os jovens *“sinais e portadores do amor de Deus”*.

O Espírito Santo que vos acolheu de todas as partes do mundo, como em um renovado Pentecostes eclesial, una, portanto, as vossas vontades, as energias, as fadigas, os objetivos, os desejos, de modo que a espiritualidade salesiana, que é caridade pastoral e amor educativo, seja a contribuição significativa e generosa que ofereceis ao ministério de toda a Igreja.

O mesmo Espírito Santo, Consolador, vos congregue com a aragem de uma renovada juventude espiritual, anime vosso coração com a inexaurível alegria de Dom Bosco e vos confirme no dinâmico realismo apostólico, próprio da vossa metodologia educativo-pastoral, forjadora de santos.

Ele vos outorgue unidade de espírito e de projeto para atrair os jovens, onde quer que se encontrem, para caminhar com eles ajudando-os a atingir a maturidade em Cristo (cf. *Ef* 4,13), tornando-se nele uma nova pessoa (cf. *Ef* 2,15; 4,24).

Fiéis ao espírito de São João Bosco e em continuidade com a vossa história, contribuireis, assim, para a salvação da juventude, inserindo-vos, também vós, ativa e fecundamente, nos acontecimentos do vosso tempo, como foi relembrado pelo recente Sínodo sobre a Vida Consagrada.

210

3. *Uma osmose entre salesianos e leigos.*

O fiel leigo, a partir da ótica da comunhão e da participação do espírito e da missão de Dom Bosco, estará no centro do vosso trabalho capítular. Idêntica vocação à santidade e à missão: esta dupla dimensão — que depois se reduz a uma com duas facetas — agrupa, de fato, todos os membros da Igreja. As denominações, com as quais os membros são designados, possuem sua raiz nas funções que cada um, por concentrações da única vocação, é chamado a realizar.

Assumir renovada consciência de que a obtenção da santidade e a chamada à missão possui instâncias comuns, mesma visão normativa e prática, mesma *respiração espiritual*, ajudar-vos-á a aprofundar adequadamente o significado de “*comunhão e participação*”, tirando daí as devidas consequências.

A visão “normativa” e os dinamismos da vocação à santidade e à missão passam, como bem sabemos, através da interiorização da vida trinitária em cada um de nós, alimentada e ritmada pelos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, pela oração, pela ascese e por uma vida transcorrida com retidão de intenção para a glória de Deus.

Trabalhar em conjunto, salesianos e leigos, comporta, então, distinção entre consagrados e leigos, mas na unidade do espírito e da missão salesiana; cada um na identidade da própria vocação, em âmbitos de trabalho — por vezes diferenciados, mas todos “concordes” no projeto que o Senhor, por meio de Maria, confiou a Dom Bosco. Unidade e

distinção, comunhão de metas a serem atingidas e diferenciação de ação apostólica, mas sempre com a mesma energia e método educativo: em uma palavra, com a mesma paixão por Cristo, enquanto se age guiados pelo Espírito Santo. Desta forma vossa vida consagrada adquire valor de sinal tornando-se para os leigos força de atração na missão; enquanto a sua presença — como foi lembrado pelo recente Sínodo — contribuirá para dar uma imagem mais articulada da Igreja e da sua missão no mundo.

Estas relações, como lembra ainda o Sínodo de 1994, fundamentam-se sobre a eclesiologia de comunhão, promovida pelo Concílio Vaticano II, que atribui, no entanto, a cada cristão funções e ministérios específicos.

Não pretendo separar uns dos outros. Mas, é necessário fazer a distinção, mesmo se todos somos chamados a ser evangelizadores.

Os leigos possuem a capacidade, a título inteiramente especial, para fazer emergir as possibilidades evangélicas escondidas na realidade da cidade do homem, desde que ajam unidos e como parte da Igreja, sob a inspiração do Espírito Santo, por meio de Cristo.

Compete a vós ajudar o leigo a amadurecer na consciência de sua missão salesiana e a torná-lo capacitado para descobrir níveis e direções operativas que lhe são próprias.

De fato, vós salesianos possuís um método educativo cujas potencialidades e virtualidades devem ser aplicadas pela formação à colaboração do leigo. Ele encontrará assim facilidade na obra de redenção das atitudes do homem, para apresentá-las na transparência do desígnio divino.

A partir daqui emerge sob nova perspectiva aquilo que Dom Bosco dizia: “*formar cidadãos honestos*”, ou seja, competentes nos campos em que o leigo age, como a ciência, a técnica, a cultura, o trabalho, a arte, a política, etc. e “*formar bons cristãos*”, ou seja, fiéis no ser e no agir como cristãos.

Caríssimos Salesianos, desejo-vos que o intercâmbio dos dons de inteligência e dos métodos operativos que se realizará neste Capítulo Geral, possam conduzir-vos a focalizar os sustentáculos basilares para uma autêntica comunhão e participação com os leigos do espírito e da missão de Dom Bosco.

Proponho para a vossa e para a minha atenção quatro pontos, lembrados por insistência também por várias intervenções sinodais, que não podem ser esquecidos quando se trata de autêntica comunhão e participação, de interação entre uma comunidade de vida consagrada, como a vossa, e os leigos.

- 1) Cultivai juntamente com os leigos uma profunda e autêntica comunhão eclesial: o “*agere cum Ecclesia*” parte sempre do “*esse in Ecclesia*” e se fomenta com o “*vivere pro Ecclesia*”

- 2) Testemunhai e propõe junto aos grupos de leigos comprometidos o chamamento à santidade. A vossa participação e a vossa comunhão tornem-se *lugar* onde a vocação à santidade é *claramente* proposta, manifesta, encorajada contra qualquer passivismo desanimador.
- 3) Sede “vós mesmos” e permiti que também os leigos o sejam. A irradiação do vosso carisma pressupõe, de fato, pessoas e comunidades solidamente ancoradas em sua identidade consagrada. O carisma de Dom Bosco, a sua missão juvenil, a espiritualidade e a metodologia do Sistema Preventivo serão incisivos e fecundos somente à medida que fordes suas testemunhas convictas e transparentes. Mas, ajudai também os leigos a ser si mesmos. Na comunhão e na participação do espírito e da missão salesiana, eles são chamados a demonstrar aspectos que lhes são próprios, enraizados em sua laicidade, em ambientes e em campos que lhes competem. Esta especificidade é riqueza para vós e para a missão juvenil.
- 4) Enfim, Salesianos e Leigos juntos, observai os enormes desafios que provêm dos jovens e de suas contestações. Com a sensibilidade do “*coração oratoriano*”, tornai-vos para eles amigos, irmãos, mestres e promotores de iniciativas, que prolonguem no tempo a solicitude do “*pai e mestre*” da juventude.

Concluo. Fiz menção a dois dos três amores de Dom Bosco: a Eucaristia e o Papa.

Seja-me permitida uma retomada, por último, mas não última, ao outro amor de Dom Bosco: Maria Auxiliadora.

Que Ela vos proteja, vos abençoe e vos assista.

Como sede da Sabedoria, como Virgem sábia e prudente aumente em cada um aquelas virtudes que devem emergir em uma assembléia de tom assim elevado como a presente. Que Ela, Mãe amável, encorage e sustente os momentos em que a sua presença amorosa é necessária e vos ajude a ser — agora e sempre — fiéis, corajosos, testemunhas alegres, com todos os leigos para os quais trabalhais e que colaboram convosco na obra educacional.

Maria Auxiliadora, que guiou Dom Bosco com materno cuidado e predileção, guie também vós no testemunho da missão apostólica que a Igreja espera de vós.

Obrigado!

Roma, 19 de fevereiro de 1996.

**DISCURSO DO VIGÁRIO GERAL
PE. JUAN E. VECCHI
NA ABERTURA DO CG24**

*Eminentíssimo Cardeal Eduardo Martínez Somalo,
Eminentísimos Cardeais e Bispos,
Mães, Irmãs e Irmãos responsáveis de Grupos da Família Salesiana,
Irmãos capitulares.*

211 Damos início ao 24º Capítulo Geral da Sociedade de São Francisco de Sales que nos conduz ao grande Jubileu da Redenção.

Sinto-me feliz dirigindo uma saudação de reconhecimento a Sua Eminência, o Prefeito da Congregação, para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. A sua presença é sinal da nossa comunhão com todos aqueles que, na Igreja, acolheram o convite de seguir radicalmente Cristo.

Agradeço os nossos co-irmãos Cardeais e Bispos pela sua fraterna participação neste ato. A vossa vocação salesiana, colocada a serviço de altas responsabilidades pastorais, nos relembra o caráter eclesial da Congregação e desta nossa Assembléia.

Estamos agradecidos pela representação nesta sala dos ramos da Família Salesiana: um cordialíssimo obrigado à Madre Marinella Castagno, Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, ao Coordenador dos Cooperadores, ao Presidente mundial dos Ex-alunos e das Ex-alunas, à Responsável-Mor das Voluntárias de Dom Bosco, às Superiores Gerais da Oblatas Salesianas e das Apóstolas da Sagrada Família.

A vós capitulares, aqui reunidos provenientes de todo o mundo, aprecio calorosas boas-vindas e o desejo de bom trabalho.

212 1. Um acontecimento de Igreja

As nossas Constituições nos dizem claramente o que representa o acontecimento que hoje nos reúne. O nosso Capítulo Geral é o principal sinal de unidade da Congregação: sinal no sentido sacramental, que esta unidade manifesta e ao mesmo tempo produz e reforça.

A unidade se revela no encontro fraterno visível. Nele nos propomos realizar uma reflexão comunitária para nos mantermos fiéis ao Evangelho e ao carisma do Fundador e sensíveis às necessidades dos

tempos e dos lugares. Evangelho e carisma são as referências comuns e constantes, mas não estáticas. Os tempos e os lugares são a terra onde semeá-los, para que floresçam e dêem novos frutos. A vontade de Deus, procurada no discernimento, é a indicação de que necessitamos para nos orientar em nossas escolhas operativas.

O Capítulo Geral vem a ser, pois, a mediação através da qual a Sociedade Salesiana, na sua totalidade, procura conhecer, em determinado momento da história, o serviço que deve prestar à Igreja e aos jovens.

Não se trata de pequeno empreendimento. De fato, os entendimentos acima mencionados — discernimento da vontade de Deus, adesão ao Evangelho, fidelidade ao carisma, unidade espiritual e operativa, serviço à Igreja, docilidade ao Espírito, sentido de tempo, adequação aos lugares — estão na raiz de nossa existência humana e são o fundamento da nossa vida consagrada.

É verdade, comportam atribuições de responsabilidade, mas ao mesmo tempo nobres e alegres, tanto mais que contamos com excelentes companheiros de caminhada: o Espírito Santo, Maria Santíssima, Dom Bosco.

A mesma imagem do Capítulo Geral que nos é oferecida pelas Constituições aparece como explicitada no tempo, em nossa história de 150 anos. Nela cada uma destas 23 grandes assembleias, que precederam a nossa, embora com grandes diferenças entre elas, abriu uma perspectiva, concretizou um pedaço, reforçou uma dimensão, aperfeiçoou uma norma. Assim, em conjunto não apenas asseguraram a nossa unidade carismática no transcorrer do tempo, mas a enriqueceram continuamente.

Este momento, portanto, é para nós salesianos pleno de significados, de possibilidades, mas também denso de fatos já realizados.

Parece que isto diz respeito unicamente à Congregação ou, no máximo, à Família Salesiana. O art. 6 das Constituições nos coloca em outro horizonte. Convida-nos a dirigir o olhar para a Igreja e a nos sentir mergulhados em seu mistério: “A vocação salesiana — afirma — nos situa no coração da Igreja e nos dispõe inteiramente ao serviço da sua missão”. É justamente a Igreja que considera o nosso Capítulo Geral não um fato particular de um Instituto religioso, mas um acontecimento eclesial quando em sua lei (can. 631) determina o seu caráter, o seu âmbito e suas finalidades principais.

213

Estamos aqui reunidos como Igreja, convocados por ela, para o seu serviço, pela força daquele carisma que juntamente com os outros dons suscitados pelo Espírito Santo constitui o mistério do Corpo de Cristo e a principal energia da sua missão.

Esta dimensão eclesial foi destacada pelo acolhimento filial da mensagem do Santo Padre que, segundo as Constituições, é o nosso supremo Superior, a cuja autoridade os sócios, embora reunidos em Capítulo Geral, são filialmente submissos, até por força do voto de obediência.

Justamente por causa de seu significado espiritual e eclesial, o Capítulo Geral detém a autoridade máxima na Congregação. Ele a exerce em forma extraordinária, sobretudo na realização de três atribuições: a legislativa, a eletiva e a deliberativa.

Cada capitular, uma vez eleito pela própria Inspetoria, torna-se membro do Capítulo Geral com responsabilidade pessoal plena e exclusiva. Não está ligado a diretrizes ou escolhas da própria Inspetoria ou Região, como se fosse seu porta-voz. De fato, o Capítulo Geral não é uma Assembléia de representantes, mas um corpo colegial de governo extraordinário, cuja autoridade promana das Constituições (cf. Const. 122).

A primeira e principal referência do capitular é o próprio Capítulo Geral, as suas finalidades e entendimentos e o caminho de discernimento que nele se realiza. Cada um traz para este caminho a experiência particular e a sensibilidade cultural, deixando-se plasmar nele pelo diálogo à luz do carisma.

Isto se encontra na própria natureza do Capítulo Geral: ele se volta em primeira instância para a Congregação e para as suas partes em função da unidade, fidelidade e vitalidade do todo. É para todos um forte chamado para assumir a dimensão carismática e a perspectiva mundial sobre a particular.

214 2. O CG24

O nosso é o vigésimo quarto Capítulo Geral, é o mais numeroso na história salesiana: 210 capitulares que provêm de 89 circunscrições; também o número destas é o maior alcançado até agora.

Estarão presentes 208. Dedicamos um comovido e grato pensamento ao Pe. Egídio Viganó, que deveria tê-lo presidido, e ao Pe. Martin MacPake, Conselheiro Geral para a região de Língua Inglesa. Unem-se aos capitulares sete convidados, com os quais fica assegurada também uma presença mais consistente dos irmãos coadjutores.

As etapas preparatórias, indicadas nas Constituições e Regulamentos Gerais, foram realizadas pontualmente: convocação e proposta do tema, formação da comissão técnica, capítulos inspetoriais, nomeação e trabalho da comissão pré-capitular, entrega prévia do esquema de trabalho, designação da comissão jurídica para a verificação das eleições.

Acreditamos, portanto, que naquilo que diz respeito às responsabilidades humanas, a preparação tenha sido otimizada.

O CG24 se posiciona em continuidade progressiva com os Capítulos Gerais do pós-Concílio: depois da reflexão global sobre a identidade salesiana e a conseqüente promulgação das Constituições renovadas, passou-se a aprofundar aspectos particulares da nossa vida: a evangelização dos jovens, a formação, a prática pastoral ou Sistema Preventivo, a animação da comunidade, a figura dos sócios. E sucessivamente foram focalizados pontos ainda mais precisos e verificáveis: o caminho de fé a ser proposto aos jovens, os critérios de funcionalidade das obras, a espiritualidade juvenil salesiana, a configuração do sujeito da ação pastoral, ou seja, a comunidade educativa com os salesianos como animadores e os leigos como participantes dos interesses educativos e pastorais salesianos.

Exatamente por meio deste último tema o CG24 se religa, e quase se entrelaça visivelmente, ao precedente. De fato, ele se propõe esclarecer e concretizar a condissão e co-responsabilidade que os leigos podem ter no espírito e na missão de Dom Bosco sempre para a evangelização dos jovens, especialmente os mais pobres, no contexto da comunidade educativa, da Família Salesiana e do vasto movimento de Amigos de Dom Bosco ou, de qualquer forma, de pessoas interessadas na educação em sentido cristão.

À primeira vista pode parecer algo que complete ou coroe tudo aquilo que já dissemos sobre a prática pastoral. Ao invés nos convida a repensá-la inteiramente a partir da nova perspectiva da Igreja como povo de Deus, amadurecida nos últimos tempos.

Pode parecer também um esforço ulterior de difusão do espírito salesiano. Ao contrário, é um estímulo para meditá-lo de novo integralmente, redescobrimo nele dimensões escondidas. Neste sentido o caminho já percorrido nos é utilíssimo para acolher o novo que estamos entrevedo. E isto é indispensável para compreender e tornar fecundo, atualmente, aquilo que até agora elaboramos.

215

O nosso Capítulo Geral, pois, como os precedentes, tem o encargo de eleger o Reitor-Mor e o seu Conselho. Não creio que seja necessário salientar a importância deste ato. Os nossos meios de comunicação sensibilizaram as comunidades e os irmãos de forma mais intensa do que no passado. Estamos, portanto, sustentados pela oração e pela solidariedade de muitos em nosso caminho de discernimento.

Aquilo que aparece como interesse legítimo para todos, torna-se para cada Capitular um fato de consciência, muito singular e pessoal diante de Deus e dos irmãos. O Senhor quer se servir de nossa mediação, pessoal e comunitária, para indicar aquele que se tornará sinal da presença de Dom Bosco, com os seus mais íntimos colaboradores. Espera-se de nós pureza de coração e esforço conjunto de busca serena.

A iluminação paciente, a capacidade de escuta, o distanciamento de razões superficiais, a autonomia em dar o próprio voto terão na caridade para com todos e na oração as fontes mais genuínas. Quisemos que as eleições fossem precedidas de alguns dias de discernimento e de invocação de ajuda para obter aquela serenidade interior que nos dá a assistência do Senhor.

O CG24, de acordo com seu dever legislativo, poderá verificar também, de acordo com o direito, as normas que necessitam de adequação urgente, dentro de suas mais específicas competências: ou seja, as Constituições e os Regulamentos Gerais. A sua autoridade é suprema, mas não isolada, nem ilimitada. Articula-se e se completa com os outros organismos de governo. Seria uma perda de tempo discutir problemas secundários ou problemas que são tratados pelo governo ordinário com mais facilidade e experiência.

Para a validade também carismática das conclusões em relação aos três encargos mencionados, é assegurada uma absoluta precisão jurídica desde a realização das eleições nas comunidades locais, passando pela realização dos Capítulos inspetoriais e, finalmente, no mérito e nos procedimentos do Capítulo Geral.

A nossa não é apenas uma reunião de amigos ou de agentes pastoraes, nem uma convenção de estudiosos. É o ponto de convergência de aproximadamente 17.000 irmãos, sendo que cada um deles tem neste Capítulo Geral a sua parte de co-responsabilidade estabelecida por normas, longa e sapientemente estudadas, para expressar a comunhão.

A legalidade, portanto, não é simplesmente uma formalidade exterior. É essência do Capítulo Geral, juntamente com os conteúdos. Como afirmou o CGE: “A vida religiosa é de natureza carismática, comportando, por isto, uma dimensão espiritual na qual reside a sua vitalidade. Mas tem necessidade de uma expressão institucional que lhe dê sustentação. Considerando que os religiosos são homens e possuem fins concretos que devem ser atingidos em comum...” (CGE n. 706, 1).

216 **3. O contexto do CG24**

O Capítulo não nos isola do mundo, mas nos insere nele com maior conhecimento de causa e providência. É chamado a se tornar ocasião de tomada de consciência do momento histórico que vivemos para uma participação mais evangélica através de um serviço, mas sobretudo através de uma presença profética. Existem agora algumas coordenadas que assinalam esta situação do mundo.

A primeira é a *nova evangelização*: esta é a leitura dos tempos, urgência sentida do anúncio de Cristo, proposta e movimento eclesial já operante. É como a concretização na prática pastoral de todo o caminho de reflexão, percorrido pela Igreja através dos Sínodos e documentos

pós-conciliares. Aparece como lúcida consciência das tendências da cultura, dos problemas do mundo e das aspirações do homem; e, ao mesmo tempo, como a resposta que os discípulos de Cristo pretendem dar com a palavra, mas sobretudo com a vida. E isto não apenas para garantir a salvação depois da morte, mas também para defender a dignidade da pessoa na história. Como educadores nos interessam ambos os aspectos, entrelaçados em nosso propósito de evangelizar educando.

A segunda coordenada é a descoberta das *riquezas que cada uma das vocações significa* para a nova evangelização: a do leigo, a do ministro ordenado, a do consagrado. E não isoladamente, mas na sua interação, no seu enriquecimento recíproco e na sua ação conjunta para a fermentação evangélica do mundo. Não se pede de nós que nos convalidemos, que diluamos a identidade, que sejamos menos consagrados, mas que o sejamos mais radicalmente e mais visivelmente, porque também os leigos vivem o Evangelho de modo mais radical dentro das realidades seculares. O que se pede de nós é que consigamos extrair nova luz e energia do nosso posicionamento na transcendência e no amor total, para que os leigos se sintam levados a fermentar por dentro a realidade do mundo, de acordo com as próprias leis, endereçando-as para o Reino.

A terceira coordenada é o *Jubileu da Redenção* do ano 2000. É mais do que uma ocorrência, embora excepcional. É um conjunto de significados, como a urgência da profecia no nosso tempo, o despertar para o crente da esperança Naquele que era, que é e que vem, a luz “do além” para aqueles que não acreditam, a convocação de todas as igrejas para a unidade e de todas as experiências religiosas comprometidas em favor do homem. O ano 2000 é somente a indicação cronológica. O tempo histórico, ao invés, vem carregado de possibilidades. E para perscrutá-las somos chamados também como Capítulo Geral.

217 4. Conclusão

A natureza, a finalidade, os deveres, o contexto exigem de cada capitular e do Capítulo, enquanto tal, visão e concretização, utopia e praticidade. Pode acontecer que estas duas dimensões apareçam desligadas nas expectativas. Talvez alguém queira um Capítulo profético e carismático, aberto ao futuro de Deus, sem limites de perspectivas. E algum outro o deseje prático, quase administrativo, restrito às possibilidades que se descortinam hoje, prudente diante daquelas com as quais se pode sonhar. Compete aos capitulares fazer

uma síntese das duas. Não se pode permanecer aturdidos pelos horizontes distantes, de modo que não seja possível ver onde atualmente estão sendo colocados os pés; mas também não se pode ter uma visão tão restrita ao imediato que não se perceba a luz das perspectivas deixando de tender para a sua realização.

Como religiosos e educadores somos simultaneamente especialistas dos sonhos e do caminho possível, da utopia do Reino e do trabalho cotidiano.

* * *

Àquela que foi dada a Dom Bosco no sonho como Mestra de sabedoria imploramos a inspiração e a orientação no trabalho que nos dispomos a empreender.

Roma, 19 de fevereiro de 1996.

**SAUDAÇÃO DO REITOR-MOR PE. JUAN E. VECCHI
A SUA SANTIDADE JOÃO PAULO II
DURANTE A AUDIÊNCIA AO CG24**

Roma, 1ª de abril de 1996.

Beatíssimo Padre,

218

Estamos aqui os 230 participantes do 24º Capítulo Geral da Congregação Salesiana: membros de direito e convidados. Entre estes estão também alguns leigos que compartilham conosco o espírito de Dom Bosco, fazem parte da Família Salesiana e colaboram na missão juvenil e popular. Gostaria de apresentá-los um a um. Eles estão empenhados em outros tantos pontos diferentes da terra na nova evangelização e representam hoje a realização do carisma de Dom Bosco.

Todos, salesianos e leigos, foram, durante estas semanas, protagonistas solidários do importante acontecimento da Congregação, que é o Capítulo Geral. E se fazem, em seguida, portadores e realizadores de tudo aquilo que foi deliberado.

Em nome de todos expresso a Vossa Santidade os sentimentos de gratidão pela atenção, pelo afeto e a confiança sempre demonstrados para com a nossa Família. As vossas mensagens e discursos aos nossos três últimos Capítulos Gerais, juntamente com a carta *Iuvenum Patris*, que nos foi enviada por ocasião do centenário da morte de Dom Bosco, constituem para nós uma antologia. Relembra-nos a originalidade da nossa espiritualidade e do nosso estilo educativo que desejamos sempre colocar à inteira disposição da missão da Igreja, particularmente nesta última fase do século que nos conduz ao Terceiro Milênio. De fato, consideramos este tempo como um desafio e uma oportunidade para apóstolos educadores. Nisto sentimos-nos encorajados pelos vossos encontros com os jovens, as vossas esperanças sobre eles, as vossas palavras de orientação.

Sabemos também do Vosso paternal interesse pelo desenvolvimento do nosso Capítulo Geral e que perguntastes e quase esperastes a fumaça branca. Foi isto, pelo menos, que nos contaram os nossos serviços secretos, destacados no Vaticano.

219

Este encontro que quisestes nos conceder, dividindo o tempo na multiplicidade dos vossos compromissos, foi por nós desejado e espera-

do. Suscita, portanto, uma alegria há muito contida. Que o pessoal encarregado pela ordem seja indulgente com estes salesianos, se houver algum movimento ou palavra além do protocolo. Está no meio de nós muita gente de oratório. Essas pessoas se guiam pelo princípio de que a espontaneidade não deve ser reprimida, mas orientada.

A alegria provém daquela nossa adesão filial ao Vigário de Cristo que para nós é fácil, porque está enraizada na fé e no senso pastoral. Mas nós a absorvemos como que em família das palavras e dos exemplos de Dom Bosco e dos gestos dos nossos formadores. A data de hoje, aniversário da canonização do nosso Pai e do nascimento de Mãe Margarida, nos conduz facilmente a estas raízes.

No trabalho com os jovens, nas comunidades cristãs, vivemos e apresentamos o ministério de Pedro como um dom do Senhor à Igreja para a unidade e ao mundo para a orientação ética e social, em tempos complexos e necessitados de pontos de referência.

Esta é uma dimensão da nossa espiritualidade que as Constituições — o nosso projeto de vida em Deus — nos recomendam com estas palavras: “Sentimo-nos parte viva da Igreja e cultivamos em nós uma renovada consciência eclesial. Expressamo-la na fidelidade filial ao sucessor de Pedro e ao seu magistério e na vontade de viver em comunhão e colaboração com os bispos, o clero, os religiosos, os leigos”.

220

Exatamente por causa deste senso eclesial, o nosso 24^a Capítulo Geral quis aprofundar as relações de comunhão e participação entre consagrados e leigos, no carisma e na missão de Dom Bosco. Foi encorajado e iluminado pelas Vossas Exortações apostólicas *Christifideles Laici* e *Pastores Dabo Vobis*. Mas, sobretudo neste momento, depois da recente publicação, estamos colocando em prática a Exortação apostólica *Vita Consecrata*, pela qual vos somos agradecidos, porque nos oferece a dimensão perene da nossa escolha indicando-nos as condições para torná-la significativa hoje no mundo.

Queremos que o dom, que o Senhor realizou em Dom Bosco, à Igreja pela Evangelização dos jovens, seja ampliado e seja compartilhado pelo maior número possível de pessoas, de modo a estabelecer um diálogo contínuo e fecundo com os jovens nos lugares tradicionais de educação, mas também nos novos arcópagos juvenis.

Confiamos ao Vosso coração e à Vossa oração estes nossos desejos. E enquanto vos apresentamos as nossas mais vivas congratulações pelo Vosso Jubileu Sacerdotal, dispomo-nos a levar em nosso coração a Vossa palavra e invocamos sobre as nossas pessoas, comunidades e projetos a Vossa bênção.

DISCURSO DO REITOR-MOR NO ENCERRAMENTO DO CG24

Roma, 20 de abril de 1996.

Queridos Irmãos Capitulares,

221 com a graça de Deus, chegamos ao ato conclusivo do CG24. Ele se exprime nesta última Assembléia capitular, etapa final de um caminho que percorremos juntos, na busca partilhada das rotas que a nossa Congregação é chamada a trilhar, juntamente com numerosos colaboradores, nestes anos carregados de desafios, na missão em favor dos jovens. Neste momento solene e significativo, enquanto recolhemos como numa síntese o que foi amadurecendo nos dois meses de trabalho capitular, sentimos quão importante é que cada um de nós assuma e faça próprias as orientações e as deliberações capitulares, para poder transmiti-las e viver em nossas comunidades educativas e pastorais.

1. Sentido de gratidão

222 O primeiro sentimento que nesta ocasião brota espontâneo é o do agradecimento. A Deus, sobretudo, que nos acompanhou e guiou com a constante presença do seu Espírito. Sobe a Ele o nosso louvor pelas maravilhas que operou e continua a operar em nossa Congregação, maravilhas que também neste Capítulo se manifestaram. À Virgem Auxiliadora, nossa Mãe e Mestra, sempre perto, sempre atenta às nossas urgências e às dos jovens. Ao nosso Fundador e Pai Dom Bosco, a quem de contínuo nos reportamos em cada etapa do nosso trabalho.

A Eucaristia, que vamos concelebrar, no clima festivo da liturgia pascal, é a expressão mais plena da nossa gratidão, em união com o louvor perene que a Igreja oferece ao Pai por meio de Cristo.

A gratidão se estende outrossim a quantos se empenharam, com constância e sacrifício, no trabalho capitular. Em primeiro lugar e de maneira especial, ao nosso Regulador, P. Antônio Martinelli, incansável, providente, sempre presente e atento em tudo, e à equipe que com ele mais diretamente colaborou; aos Moderadores e aos Secretários do Capítulo, competentes e precisos; às diversas Comissões, tendo à frente seus Presidentes e Relatores, ao grupo de redação, que

contribuíram para dar-nos um documento rico e estimulante; aos tradutores, assíduos e incansáveis; aos leigos que partilharam conosco um trecho do caminho capitular. O nosso reconhecimento dirige-se ainda a quantos acompanharam a nossa vida de cada dia: o diretor e os irmãos da Casa Geral, que nos secundaram com generoso serviço e bondade; e, de modo particular, as nossas queridas Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, com suas jovens, que proveram nossas necessidades diárias, com tamanha disponibilidade e gentileza. Um muito obrigado de coração a todos: não esqueceremos facilmente a experiência que vivemos e que podemos bem definir como um intercâmbio recíproco de dons.

2. CG24: acontecimento da Congregação às portas do Terceiro Milênio

223

O Capítulo Geral, como já lembrava no discurso de abertura, é um *acontecimento da Congregação*, que assinala uma etapa da sua história e a lança em direção ao futuro. Conquanto celebrado institucionalmente em Roma, ele de fato envolve a Congregação inteira, em todas as suas articulações; e nós percebemos, neste Capítulo talvez mais que em outros, também pela maior qualidade da comunicação, a proximidade e o envolvimento de irmãos e comunidades no evento.

Acontecimento de Congregação, o Capítulo Geral é também *acontecimento de Igreja*, não somente porque nós, pelo carisma recebido do Espírito, nos sentimos parte viva da Igreja (cf. Const. 13) e a seu serviço, mas também porque o evento capitular derrama seus frutos sobre a missão da Igreja no mundo contemporâneo, ao qual damos a nossa colaboração.

E nessa ótica não podemos deixar de sublinhar seu caráter peculiar. Celebrado às portas do ano dois mil, insere-nos no caminho que a Igreja está a percorrer para se apresentar com renovada capacidade evangelizadora ao encontro do novo milênio. O Papa João Paulo II, na audiência concedida ao Capítulo Geral, nos indicava precisamente a tarefa de “introduzir a Sociedade e a Família Salesiana no novo milênio com o ardor apostólico de São João Bosco e com todo o frescor do seu carisma”.

No âmbito da nossa Família, depois, revivemos, durante este Capítulo, o episódio humilde e profético que se deu no início da nossa história: de fato, no dia 12 de abril de 1996 comemoramos o *150º aniversário da chegada de Dom Bosco a Valdocco*, àquela “tettoia Pinardi” tão pobre, entretanto tão carregada de esperança, onde o Oratório encontrou sua sede estável, e da qual, com a proteção da Auxiliadora, espalhou-se por todos os continentes. A memória desse evento colocou na luz das origens toda a nossa reflexão capitular.

Alguns aspectos e fatos relevantes caracterizaram este Capítulo de fim do milênio. Eles ficaram esculpidos na nossa mente e no nosso coração e os trazemos conosco como conteúdo substancial da nossa experiência capitular.

224

Em primeiro lugar, *a profundidade e as manifestações da comunhão* no seio da nossa comunidade capitular. Provindos embora de contextos muito diversificados, e tendo de versar problemas que implicavam necessariamente pontos de vista diversos, experimentamos a fraternidade do “viver e trabalhar juntos” (Const. 49). A identificação carismática, a “graça de unidade” da nossa consagração apostólica, a oração comum, a sintonia dos corações, o esforço de convergência num diálogo sempre respeitoso e franco: tudo foi uma manifestação autêntica da comunhão mundial salesiana. Por isso, ao encerrar os trabalhos, sentimo-nos apoiados por essa “unidade operativa” ao fazer-nos portadores da mensagem capitular.

225

Outro aspecto característico do CG24 foi *a abertura mundial da Congregação*, que se manifestou de forma cada vez mais evidente, sempre com o constante cuidado de conservar a unidade no espírito e na missão. Essa abertura mundial revelou-se, de modo particular, na visão intercultural e transcultural do carisma, no tratamento contextualizado da realidade e dos problemas, na preocupação com o ecumenismo e com o diálogo inter-religioso, na valorização das várias línguas. Também na reflexão que levou a definir a nova configuração de grupos de Inspetorias, a atenção ao intercâmbio intercultural e internacional foi um dos critérios em que a Assembléia se inspirou.

226

No que tange à abertura à mundialidade podemos ver também *o crescimento da consciência missionária*, que se cultivou no Capítulo. Muito embora a atividade “missionária” não estivesse especificamente na ordem do dia, a discussão sobre muitos aspectos do tema capitular e, ao mesmo tempo, a comunicação das experiências feitas pelos Inspetores e Delegados dos nossos territórios missionários contribuíram para reavivar a fisionomia missionária da Congregação. Em dois sentidos: no conhecimento do empenho missionário vivido pelas nossas comunidades, e na compreensão cada vez melhor da urgência das fronteiras “ad gentes”, com o coração missionário de Dom Bosco.

227

Uma novidade do CG24, que se deve evidenciar de modo especial, foi *a presença dos leigos*, que não só contribuíram para o aprofundamento do tema próprio do Capítulo, como também o enriqueceram com a convivência fraterna, com a comunicação de suas experiências e com o testemunho dos dons de sua vocação específica laical, dentro da Família ou do Movimento Salesiano.

228 Fato relevante e coincidência significativa no transcurso do CG24 foi, além do mais, a *promulgação da Exortação Apostólica “Vita Consecrata”*. Uma exortação aguardada, depois do Sínodo, que se inseriu nos trabalhos do CG24 como um estímulo para compreender cada vez melhor a nossa vocação específica na Igreja, o dom do carisma que nos foi dado por intermédio do Fundador, os grandes horizontes que hoje estão abertos na Igreja e no mundo para nós consagrados apóstolos. Dentro do tema capitular, a Exortação Apostólica nos ajudou a perceber com mais profundidade a nossa contribuição de religiosos-padres e de religiosos-leigos na comunidade educativa e pastoral, da qual queremos ser animadores juntamente com os nossos colaboradores.

229 Devemos ainda lembrar a *novidade do discernimento* que, em nosso Capítulo, ajudou a colocar-nos na escuta do Espírito, abertos às diversas sensibilidades, livres e disponíveis interiormente, para escolher os que seriam chamados a animar a Congregação durante o próximo sexênio. Essa experiência é uma indicação válida também para as comunidades inspetoriais e locais quanto ao caminho que seguir ao tomar decisões ou estabelecer orientações respeitantes à vida e ao desenvolvimento da missão.

230 Ao assinalar esses aspectos, ao mesmo passo que ressaltamos com justiça as novidades que acarretaram e os progressos que foram feitos, não podemos deixar de sublinhar também a *sentido da continuidade* que os acompanhou. Com efeito, examinando as reflexões e as propostas das Inspetorias, demos-nos conta de que elas caminharam em sintonia com as Constituições, no esforço de realizar o projeto apostólico nelas expresso, de forma que sempre melhor correspondesse às situações e necessidades da juventude de hoje, mas em total fidelidade ao entendimento de Dom Bosco. Também no que diz respeito à partilha com os leigos, o CG24 reconheceu que ela é uma realidade que já existe ou está encaminhada, e deve ser estimulada e tornada mais viva e operante.

Por último, cumpre ressaltar a *qualidade da comunicação* que caracterizou este nosso capítulo; seja a comunicação oficial, que se valeu dos instrumentos e da competência profissional da equipe da nossa Agência de Notícias Salesianas (ANS), em estreita colaboração com a Comissão Capitular para a Informação, seja — e é um fato que merece destaque — a comunicação privada, que, servindo-se dos meios mais atualizados, chegou em tempo real a comunidades e irmãos. Aspecto esse que decerto estará presente nos futuros Capítulos Gerais.

3. Algumas orientações emergentes

Depois de lembrar os traços marcantes do evento e da nossa comunidade capitular, quero deter-me em algumas orientações que considero fundamentais para o caminho do sexênio, sem intenção de reler nem de resumir o documento capitular.

3.1. *Leigos: uma graça e uma tarefa*

231

O ponto focal da nossa reflexão foi o carisma salesiano, missão e espírito, como possibilidade, ainda por descobrir, de comunhão e co-responsabilidade a serviço dos jovens. Não devemos esquecer-lo, porque desse dom do Espírito provêm as riquezas e as formas originais de sinergia que auspiciamos.

Os sujeitos em causa simultaneamente são os salesianos e os leigos. Mas a novidade da perspectiva provém da irrupção destes últimos no horizonte salesiano e da inserção de sua experiência compreendida agora no coração do carisma.

Isso importa para os salesianos não um acréscimo marginal, mas uma nova luz projetada sobre a totalidade de sua vocação. Em vivendo com renovada consciência e entusiasmo tal vocação, eles haverão de encontrar os recursos para levar a efeito as conclusões do CG24.

A nova atenção aos leigos leva em primeiro lugar a reconhecer e a valorizar a realidade de que eles são portadores: filhos de Deus, templo do Espírito, membros do povo de Deus. Eles atuam no mundo com a graça profética que orienta para o Senhor, com o poder de santificar que cura e reconcilia e com a energia régia que cria, orienta e transforma. São chamados à santidade, que é completamente humano na comunhão com Deus. Conquanto repetidos, convém que tais elementos sejam meditados em termos reais e cotidianos.

A condição secular do leigo, tomada como chave de compreensão, amplia e enriquece a visão da missão salesiana: torna evidente que, mesmo tendo uma identidade, ela não tem limites relativamente à extensão e pode integrar aspectos, iniciativas e formas sempre novas, adequadas ao movimento do mundo; pode exprimir-se através de uma rede de pessoas que, vivendo em diversas partes ou trabalhando em diversos ambientes, se unem para um idêntico espírito e uma mesma finalidade.

A perspectiva laical leva também a descobrir as possibilidades da comunhão que a vida consagrada salesiana pode criar em torno da espiritualidade, da educação, da práxis pedagógica. Apresentam-se-nos incontáveis círculos de pessoas onde torná-las ativas e aptas a levar: a partir dos Cooperadores, que inauguraram e plasmaram sua identidade

salesiana leiga sob o olhar e a guia espiritual de Dom Bosco e são hoje os nossos principais colaboradores, até aos que partilham conosco os valores humanos, o ser religioso, a preocupação com a educação.

A presença dos leigos nos induz também a reexaminar a experiência secular, humana e cristã, e as situações em que ela se manifesta: a família, a profissão, a política. Tais realidades e os valores que lhe são conaturais constituem conteúdo indispensável da educação, que é o nosso campo de trabalho.

232

Nesta re-compreensão emerge a identidade da mulher e a sua contribuição à cultura, à educação, à vida eclesial e salesiana, que postula de nós acolhida, valorização e reciprocidade. Muito há que refletir para ponderar imagens, expectativas e relacionamentos. Mas certamente tiraremos proveito com isso para a nossa vida consagrada, para a comunhão e para a pastoral.

Amplia-se, destarte, e aprofunda-se, com a presença dos leigos, a nossa visão e bem assim as nossas possibilidades de ação. Constatamos que são muitas as pessoas movidas pelo espírito mediante o encontro com Dom Bosco. E também que o seu projeto de vida no espírito oferece infinitas possibilidades de realizações institucionais e individuais.

A *Christifideles Laici*, porém, nos adverte no n. 2: “Com efeito, o desafio que os Padres Sinodais aceitaram foi o de apontar os caminhos concretos, para que a esplêndida teoria sobre o laicato expressa pelo Concílio possa converter-se numa autêntica práxis eclesial”.

Também para nós o campo de prova é a práxis, na qual o primeiro passo são as boas-vindas, a atitude disponível e grata ante o emergir do leigo na cena do carisma. A práxis precisa por certo de reflexão eclesial e salesiana constantemente enriquecida e vigorosamente motivadora. E não se pode afirmar como certo que tal reflexão já está interiorizada e transformada em realidade por todos os salesianos.

Inspetorias e comunidades são convidadas pelo CG24 a passar, no que respeita aos leigos, das realizações fragmentárias a um projeto completo e orgânico. Todos os elementos e situações que a experiência passada havia chamado à baila foram focalizados pelo CG24. Hoje são pensados e resolvidos no seu conjunto, contando com os leigos não como suplência, mas como companheiros do nosso caminho.

É preciso passar das diversas avaliações individuais a uma mentalidade comunitária partilhada. A um tempo em que opiniões e práticas sobre a participação dos leigos eram deixadas a critério de cada um, sucede outro, no qual ela se torna convicção de todas as pessoas, critério para todas as instituições e programas.

3.2. *Missão salesiana*

233

A experiência de Dom Bosco, que lembramos na celebração do 150º aniversário de sua instalação em Valdocco, evidencia um fato: impressionados e atraídos pelo seu relacionamento com os meninos pobres e pela sua ação em favor deles, vários leigos começaram a juntar-se a ele. Não poucos, talvez, já andavam preocupados com o fenômeno juvenil e buscavam a maneira de responder por ele como cristãos. Mas tinham necessidade de um convite, de um exemplo, de um sinal, de um projeto, de um lugar. Tiveram-no na opção feita por Dom Bosco e nos seus primeiros passos para realizá-la. Diversas foram suas contribuições: colaboração educativa, apoio econômico, aproximação e amizade, oração, acolhida nas classes sociais que podiam cooperar, valorização da sua obra nas igrejas locais.

Depois, e sempre com os olhos voltados para os jovens e para quanto por eles se fazia ou podia fazer, Dom Bosco estendeu ao infinito seu convite a participar.

Ainda hoje a audácia em expressar a missão convoca à comunhão e provoca à colaboração aqueles que o Espírito move interiormente.

Assim sendo, os esforços das Inspetorias e comunidades locais deverão concentrar-se sobre a realização atualizada dos aspectos mais originais da missão.

234

A *colocação juvenil e popular*, que fundamentalmente caracteriza a nossa missão, sugere que nos voltemos com mais decisão para os jovens necessitados e para as classes pobres. As formas com que se apresenta hoje o desajustamento dos jovens são múltiplas. Em toda a parte a Igreja fez a opção preferencial pelos mais pobres. O serviço em favor deles tem ainda uma força agregadora incomparável. E não sem razão! Representa uma esperança para quem se sente abandonado e é, neste sentido, uma manifestação eminente do amor pastoral de Cristo.

A *dimensão educativa* nos leva a todos e nos torna acolhedores a quem é pobre de perguntas ou de interesses, a quem se encontra em busca ou quer trilhar um caminho: dá-nos a capacidade de oferecer itinerários simultâneos de desenvolvimento humano e de evangelização. A preocupação com a fé logo desde o começo é certamente um ponto qualificativo e irrenunciável. Consideramo-la como energia para o crescimento humano, encontro com Cristo que abre ao mistério de Deus e do homem. Mas ao mesmo tempo operamos sobre os vastos espaços da promoção, da cultura, da dinâmica social. Nada que seja humano nos é indiferente. Tal opção é conatural à dimensão leiga e consente uma inserção sem limites de leigos em diversos níveis.

A missão traz sempre a marca do *Sistema Preventivo* como síntese de propostas e método, como modelo de relacionamento e comunicação educativa, como capacidade de formar uma comunidade juvenil e popular com determinadas características, como critério de percepção e assimilação dos valores, como visão dos recursos da pessoa.

Desde o CG21 se estimulou a reformulá-lo de acordo com a condição juvenil e a cultura de hoje. O “novo” Sistema Preventivo é tarefa de sempre. Mas hoje se apresenta como numa virada.

235

Por fim, o *oratório* se apresenta como o protótipo da presença e ação da missão de Dom Bosco: ele realiza simultaneamente a acolhida, o crescimento cultural e a preparação para a vida, o amadurecimento na espiritualidade cristã. E o faz com uma proposta integrada, que um ambiente de participação espontânea torna concreta e vital.

No conjunto da missão de uma Inspetoria e da Congregação, toda presença tende a ser *significativa*: ao propor, atrair, irradiar e convidar pela qualidade do estilo educativo e pela atualidade da proposta. Os Capítulos Gerais anteriores sublinharam a urgência de fazer de cada uma delas uma novidade evangélica adequada à condição juvenil, às urgências da Igreja, à situação da sociedade. Novidade que se exprime sobretudo no testemunho evangélico que dão, indivíduos e comunidades, quando em unidade fraterna demonstram proximidade das pessoas, dedicação à tarefa, tensão propositiva em relação ao território, incidência sobre a mentalidade e sobre a vida.

Quanto à significatividade, emergem hoje, juntamente com as presenças entre os pobres, as que oferecem aos jovens busca de sentido, compromissos missionários e de solidariedade, itinerários de fé. Ajudam a amadurecer capacidades suscitadas pelo Espírito a serviço da Igreja e nos inserem no movimento da nova evangelização dos jovens, que visa criar fermentos-sinal. Acrescentam-se as iniciativas nos novos areópagos (como a comunicação social), levadas adiante com critérios comunitários, com perspectivas de continuidade e qualificação progressiva, preocupadas com agregar e dedicadas a elaborar mensagens de cultura e de evangelização.

3.3. Comunidade SDB

236

A comunidade salesiana, como afirmam as Constituições (Const. 44), é sujeito da missão, mesmo quando não gere diretamente todas as iniciativas. Certo, muitos outros participam no carisma de Dom Bosco. Mas na comunidade SDB ele tem um grau especial de concentração: pela força da consagração, pela experiência comunitária, pelo projeto de vida (profissão), pela dedicação total à missão.

Ela é, pois, *núcleo animador*, sempre, mesmo que não só ela e não necessariamente do âmbito local. Vem a ser o ponto donde, em altíssima percentagem, partem impulsos de iniciativa, propostas de formação, estímulos para a constituição de uma comunidade mais ampla. Habilita-a ao papel de animação sobretudo a sua experiência do Espírito, que reside no primado conferido ao sentido de Deus, na seqüela de Cristo, na caridade pastoral que a põe a serviço dos jovens, na transparência da fraternidade, no patrimônio educativo e espiritual salesiano. Tudo isso deverá naturalmente manifestar-se no relacionamento, no projeto de trabalho, na forma de avaliar a cultura, no método pedagógico. Habilita-a outrossim a riqueza das vocações complementares do sacerdote e do coadjutor. A primeira tem um canal privilegiado no ministério do diretor, que juntamente com os demais irmãos orienta para Cristo, torna presente a realidade da sua *graça*, favorece a pertença ao povo de Deus. A segunda visibiliza a nossa proximidade ao mundo e a confiança nas realidades seculares, saídas das mãos de Deus criador e redimidas por Cristo.

Animar é uma tarefa conatural ao dom do Espírito, mas pode cumprir-se com fruto sob determinadas condições. Há, pois, que considerar alguns elementos nos quais reside a fecundidade. Esta nos interessa mais do que a simples manutenção das obras.

A consistência numérica e qualitativa é necessária quando a comunidade deve animar uma obra ou então se lhe confia um conjunto de iniciativas. Corremos o risco de ficar muito condicionados por certo desempenho individual dos encargos. Isso torna mais difícil a criação de projetos e a experiência de comunhão, da mesma forma como a diminuição da comunidade *ativa* habitua a desempenhar os serviços de forma individual.

Devem ser esclarecidos, hierarquizando-os, os objetivos da animação salesiana: co-responsabilização adulta de todos, formação cristã, salesiana e profissional dos componentes da comunidade educativo-pastoral; constituição, unidade e dinamicidade da comunidade global; projeção conforme à missão e ao espírito salesiano, orientação da ação e das decisões principais, contato direto qualificado com adultos e jovens segundo as próprias possibilidades, aplicação cuidadosa dos critérios estabelecidos para o envolvimento dos leigos na comunidade educativa.

237

São ainda visadas *algumas metas*, mesmo quando as forças são reduzidas:

— A concepção solidária do trabalho de animação. É enriquecedora a participação real de todos os membros da comunidade segundo as próprias possibilidades: a animação pode tomar caminhos múltiplos e até insólitos. É importante que ninguém se exima, delegue, se afaste.

— A preparação de cada um para a tarefa de animação. É mister retomar e realizar quanto recomendava o CG23: “Cada Inspetoria... prepare os irmãos para as tarefas de educadores da fé, animadores das comunidades pastorais, formadores de leigos” (n. 223).

— A reflexão sobre a função do diretor e do Conselho na animação para não privar os organismos da CEP de suas naturais atribuições e para não se limitar apenas ao aspecto religioso interno que deitaria a perder a unidade entre espiritual, pastoral e pedagógico própria da nossa experiência.

— Assumir uma forma e um ritmo de vida que favoreçam e como que predisponham para a animação: comunicação, discernimento, projeção, avaliação, oração partilhada. De particular importância é a sensibilidade cultural e a tensão educativo-pastoral do grupo salesiano, a sua capacidade de contato com os jovens. Porque a comunidade é chamada a ser sinal, escola e ambiente de fé.

238

Deste Capítulo Geral vem ainda um destaque sobre o papel da Inspetoria na promoção da vida religiosa, na conscientização das comunidades, no impulso em favor da criatividade pastoral. O caminho percorrido ultimamente é mais que satisfatório e nos prepara para o que é preciso no futuro imediato. A Inspetoria não só reúne numa comunidade mais ampla as várias comunidades locais, mas, como sujeito da missão num grande território, pode assumir iniciativas, atividades a cargo de leigos, devidamente formados e acompanhados. Cabe a ela discernir, sempre com o critério da qualidade e segundo a medida que esta permite, como distribuir os recursos salesianos, de acordo com a importância que atribui a cada iniciativa e às capacidades que nela já estejam em ação.

É preciso reforçar o sentido da comunidade inspetorial, a intercomunicação entre as comunidades educativas pastorais, a capacidade de convocar e formar da Inspetoria, a fim de que também os leigos tenham uma referência de pertença comunitária bem ampla. Para tanto é importante a articulação dos organismos e sua intervenção convergente, como recomendava o CG23 (cf. nn. 239-246). Mas mais ainda o são o rumo e o tom que o inspetor e o Conselho dão à própria ação de governo. Suas prioridades sejam as da animação, e sua confiança, mais que sobre os meios e estruturas materiais, seja depositada na qualificação espiritual e profissional de salesianos e leigos.

3.4. Espiritualidade

239

Em todo o itinerário capitular, mereceu adequado relevo o discurso sobre a “espiritualidade”. Emergiu com insistência nas propostas dos Capítulos Inspetoriais — sob a forma laical e sob a salesiana. Temos aí um sinal

da vitalidade e assimilação da proposta sobre a santidade juvenil salesiana, que o CG23 mostrava como a energia, o ponto de chegada e o critério de avaliação dos itinerários educativos salesianos.

O debate acerca da relação sobre o estado da Congregação confluiu para o reconhecimento de uma prioridade: a formação do salesiano, entendida como habilitação para “viver e comunicar espiritualidade”.

À espiritualidade chegou o CG24 na busca de uma fonte de comunhão entre leigos e salesianos. Difunde-se na Congregação a consciência de que nossos laços com os leigos precisam de maior vigor espiritual, se, juntos, devemos enfrentar os difíceis desafios da missão salesiana na hora presente. A espiritualidade leva não só a partilhar o trabalho educativo, mas sobretudo as motivações que o esteiam. Representa o terreno comum de diálogo entre valores laicais — cristãmente inspirados ou naturais — e os da vida consagrada.

Notou alguém que o termo espiritualidade não pertence à nossa linguagem tradicional, que, em geral, preferiu falar de “espírito”. Ainda assim, seu emergir deve considerar-se como sinal de uma urgência. É hoje indispensável para uma aproximação significativa à cultura.

A espiritualidade, de fato, é “um projeto concreto de relacionamento com Deus e com o meio circunstante, caracterizado por modulações espirituais particulares e opções de ação que põem em evidência e repropõem ora um aspecto ora outro do único mistério de Cristo” (VC 93).

240

Afastadas as previsões sobre o eclipse do sagrado, desfeitas as promessas de progresso ininterrupto e de bem-estar para todos, afastada a utopia de uma justiça e igualdade rápida e universal, esvaiu-se a confiança na ideologia, na técnica e na organização política, nas quais não sem razão se viam os sinais da civilização moderna. Tudo isso e muito mais mostrou mais claramente que o crescimento do homem deve ser procurado na consciência mais que no consumo, no ser mais que no ter.

Os jovens, se bem que aliciados por tantas tentações, não se mostram insensíveis diante de quem sabe traçar para eles caminhos de contemplação e de compromisso, de descobrimento do mistério do homem, de Cristo, de Deus.

Muitos leigos, que, nestes anos, foram nossos companheiros de viagem e de trabalho mostraram apreciar o estilo de vida cristã ligado à experiência de Espírito Santo feita por Dom Bosco.

A Exortação apostólica *Vita Consecrata* nos adverte: “Hoje alguns Institutos, muitas vezes por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos. E assim, estes são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto” (VC 54).

Concluimos o CG24 com a convicção de que propor a eles a espiritualidade salesiana é a resposta adequada a um pedido premente e a oferta de um dom desejado. De resto, a procura de espiritualidade nos leva a descobrir os tesouros de família, a desenvolver e aprofundar aqueles traços que Dom Bosco nos confiou com extraordinária eficácia.

Toda a missão salesiana é o fruto maduro de uma semente espiritual. Sabemo-lo todos por experiência: a só satisfação que vem do bom sucesso no trabalho educativo, a simples alegria de estar no meio de jovens, não privados de fascínio, o contentamento de aplicar os próprios recursos num campo de ação significativo não levam muito longe no empenho apostólico. De muito mais há mister.

A missão é, antes de tudo mais, uma operação que o Espírito realiza dentro de nós, uma “Transfiguração nossa”, sugere-nos a VC, que nos faz “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres” (Const. 2): O Espírito de Deus está sobre mim, porque me escolheu para dar uma boa notícia aos pobres” (Lc 4,18).

Sem experiência do Espírito não há missão, nem de nossa parte nem da parte dos leigos. É a contemplação de Deus que ama e salva o homem, a mola firme que sustenta nossa tensão para com os jovens e o povo de Deus.

241

O *Da mihi animas* é em primeiro lugar uma invocação, uma oração, um grito de ajuda, dirigido a Deus, para que seja Ele quem faça aquilo que nos manda.

É o convite a envolver os leigos numa aventura espiritual, mais do que apenas empenhá-los nos nítidos encargos de um serviço educativo e pastoral.

Mas somos ainda capazes e desejosos de tal aventura? Certo enfraquecimento do nosso entusiasmo missionário não se deverá imputar a um cansaço espiritual? “As pessoas consagradas, pela sua vocação específica, são chamadas a fazer emergir a unidade entre auto-evangelização e testemunho, entre renovação interior e ardor apostólico, entre ser e agir, evidenciando que o dinamismo provém sempre do primeiro elemento do binômio” (VC 81).

Então, não nos admiremos se a espiritualidade está no coração do CG24. É chamada a ser a alma da comunidade educativa pastoral, o miolo dos itinerários formativos para serem percorridos juntos, num clima de intercâmbio de dons. Nós a comunicamos com o nosso viver cotidiano, descendo — como Dom Bosco sugeria — da cátedra para o pátio, de maneira que a nossa palavra seja a exegese da nossa vida.

O CG24 nos convida a explicitar a dimensão laical da espiritualidade salesiana, aprofundando e atualizando os elementos que, para Dom Bosco, plasmam o “honesto cidadão e o bom cristão”.

Pedem-nos que qualifiquemos nossa presença na comunidade educativa pastoral, como portadores de uma pedagogia de intensa valência espiritual. Ela se exprime no modelo de homem em que se inspira — Jesus homem perfeito —, nas motivações de que se alimenta, nas metas a que tende e nos métodos que emprega.

Olhando o mundo, o CG24 nos empenha a descobrir aquelas “semina Verbi”, que o Espírito espalhou a mancheias por toda a parte e que nos permitem enfrentar com esperança o diálogo ecumênico, o inter-religioso e com todos os homens e mulheres de boa vontade. Será a espiritualidade vivida que nos ajuda a “procurar e encontrar, na história dos indivíduos e de povos inteiros, vestígios da presença de Deus, que guia toda a humanidade para o discernimento dos sinais da sua vontade redentora” (VC 79).

3.5. *Qualidade pastoral e cultural do salesiano*

242

A novidade dos leigos (em quantidade e assunção de responsabilidades), a significatividade da missão, o dever ser solidariamente núcleo de atração exigem do salesiano como que um salto no que respeita à preparação geral e na específica de pastor-educador.

São várias as competências culturais e profissionais desta nova preparação: a capacidade de ler a realidade, a mentalidade de projetar, o trabalho em equipe, o hábito de atualizar-se, o conhecimento das novas linguagens.

Outras dizem respeito especificamente à dimensão pastoral: a contínua re-compreensão da própria identidade cristã, consagrada e ministerial, o aprofundamento dos temas que inspiram a pastoral para que esta não permaneça nos elementos externos ou se reduza às prestações técnico-profissionais, o enriquecimento da vida espiritual, a capacidade de acolher e orientar na fé pessoas, grupos e comunidades.

Alguns desses aspectos acham-se mais expostos em nossa vida ao desgaste ou à esclerose, e exigem atenção especial. A cultura evolui rapidamente, difundem-se os conhecimentos, as informações chegam com extraordinária velocidade, ao passo que a mentalidade referente aos valores e às concepções da vida levantam sempre novas interrogações. A cultural, é uma dimensão que requer esforço paciente e contínuo. Convém insistir sobre sua urgência e estimular à seriedade na formação inicial. Mas também recuperar os tempos de estudo nos anos de pleno empenho na atividade.

Também nisto será determinante o enfoque da vida e do trabalho na comunidade local e inspetorial. A comunicação social e a interpessoal oferecem oportunidade de seguir a evolução da cultura. Mas é ainda indispensável o hábito do estudo pessoal e a concentração em áreas de especialização teórica e prática, sem fechamentos rígidos.

Em nível inspetorial, convém considerar a conveniência de estudos universitários para todos aqueles que podem fazê-los, em campo eclesialístico ou secular, e a permanência dos irmãos, com a devida flexibilidade, nas áreas para as quais se prepararam. Pouco aproveita gastar em qualificações que depois não são exploradas e aperfeiçoadas.

A urgência que sentimos é compartilhada por todos os Institutos de Vida Consagrada, tradicionalmente fermento de vida cristã, pela fé e pela caridade, mas não em menor escala pela educação da mentalidade e pela presença na cultura.

A Exortação apostólica *Vita Consecrata* no-lo lembra no n. 98, que quero reproduzir amplamente: “A necessidade de contribuir para a promoção da cultura, para o diálogo entre a cultura e a fé, é hoje sentida, na Igreja, de modo absolutamente particular.

Os consagrados não podem deixar de se sentir interpelados por essa urgência. Também eles são chamados, no anúncio da Palavra de Deus, a individuar métodos mais apropriados às exigências dos diversos grupos humanos e dos vários âmbitos profissionais, para que a luz de Cristo penetre em cada setor humano e o fermento da salvação transforme a partir de dentro a vida social, favorecendo a consolidação de uma cultura permeada pelos valores evangélicos.

Mas para além do serviço prestado aos outros, também no seio da Vida Consagrada há necessidade de um *renovado amor pelo empenho cultural*, de dedicação ao estudo como meio para a formação integral e como percurso ascético, extraordinariamente atual, em face da diversidade das culturas. A diminuição do empenho pelo estudo pode ter pesadas conseqüências mesmo no apostolado, gerando um sentido de marginalização e de inferioridade ou favorecendo superficialidade e imprudência nas iniciativas.

Na diversidade dos carismas e das reais possibilidades dos diversos Institutos, o empenho do estudo não se pode reduzir à formação inicial ou ao alcance de títulos acadêmicos e de habilitações profissionais. Mas é sobretudo expressão do desejo insaciável de conhecer mais profundamente a Deus, abismo de luz e fonte de toda a verdade humana. Por isso, tal empenho não isola a pessoa consagrada num intelectualismo abstrato, nem a fecha nas espirais de um narcisismo sufocante; pelo contrário, é incitamento ao diálogo e à partilha, é formação da capacidade de discernimento, é estímulo à contemplação e à oração, na busca incessante de Deus e da sua ação na complexa realidade do mundo contemporâneo”.

3.6. *Principal investimento: a formação*

Qualificação cultural, profissionalidade e espiritualidade fazem voltar a atenção para a formação.

A exigência de um renovado empenho pela formação emergiu fortemente da análise da situação da Congregação e do aprofundamento do tema capitular.

A reflexão do CG24 pôs em evidência a necessidade da formação dos leigos e da formação juntamente com os leigos. Mas com não menor vigor sublinhou a indispensabilidade da formação dos salesianos com tempos, conteúdos e modalidades específicas, próprias da nossa vocação especial. Este último ponto foi indicado pelos próprios leigos, como a afirmar que a comunhão e a partilha serão tanto mais intensas e contagiosas quanto mais os salesianos viverem com autenticidade e transparência sua vocação.

Já o CG23 nos tinha feito realizar um processo positivo no campo da formação contínua, mostrando a importância da comunidade local e da qualidade de vida e de trabalho no cotidiano: é uma tarefa que deve prosseguir.

Não menos urgente é uma ação decidida no campo da *formação de base ou inicial*. A condição juvenil e o contexto cultural, os desafios do projeto de vida religiosa e sacerdotal, o problema dos “abandonos” e sobretudo o perfil do salesiano de amanhã dizem com clareza que a formação deve colimar a qualidade.

Para fazê-lo, é necessário privilegiar três pontos merecedores de atenção.

245

— *O primeiro é a coerência operativa ou aplicação consciente da práxis formativa salesiana.* A Congregação conta com uma práxis formativa consolidada e codificada. Os objetivos, as modalidades e as condições do processo formativo estão suficientemente definidos: comunidades formativas, papel dos formadores, processos de amadurecimento, experiência concreta dos aspectos que constituem a espiritualidade e a vida, acompanhamento pessoal. Mais que de novas formulações, é preciso adequar o quadro formativo: qualificando os formadores e dotando toda comunidade formativa de um número suficiente, avaliando constantemente a experiência, promovendo uma pedagogia de propostas, atenta à realidade da vida e aos processos evolutivos, capaz de um acompanhamento personalizado e constante. A incidência da formação está ligada “à capacidade de propor um método rico de sabedoria espiritual e pedagógica, que leve progressivamente... a assumir os sentimentos do Cristo Senhor” (VC 68).

246

— *Vem em seguida a atenção às novas exigências da evangelização e da inculturação.* Elas tocam profundamente todo projeto de vida religiosa e de missão pastoral. Para a nossa Congregação, que se está tornando sempre mais universal e multicultural e está em contato com os jovens, são deveras vitais. Nosso processo formativo, com efeito, tem o seu ponto de partida na “cultura juvenil” e visa levar a assumir um projeto de consagra-

ção apostólica, que faz realizar a missão num contexto cultural complexo, fragmentado e em constante evolução.

Os objetivos da formação e a pedagogia formativa devem, por isso, estar continuamente atentos à referência cultural e à avaliação pastoral, e os formadores devem tornar-se capazes de um diálogo que ponha ambos em confronto.

247

— *Por isso, a particular importância que se deve dar à formação intelectual.* Quanto há pouco dissemos torna-se impossível sem uma atualizada preparação cultural que habilite a viver conscientemente a vocação, leve a uma adequada visão da realidade, crie hábitos de reflexão e ofereça os instrumentos para novos aprofundamentos.

“Uma sólida preparação intelectual — afirma a *Ratio* — ajuda, de maneira insubstituível, a viver sem limitações e com eficácia a índole própria da vocação salesiana e sua missão” (FSDB 210). Já o ressaltamos ao falar da qualidade pastoral e cultural do salesiano.”

Tudo isso se reflete no empenho que o CG24 solicita na *formação dos leigos*. Como nos dizia o Papa na sua mensagem para o início do Capítulo: “A formação dos leigos deve ser posta entre as prioridades para as quais convergem os esforços da comunidade”.

248

Que exige de nós esse empenho, que vem a ser um desafio à capacidade formativa e motivadora da comunidade e de cada irmão? Sem retomar quanto diz o texto capitular, saliento algumas linhas de ação:

— *A primeira é tornar formativa a partilha do cotidiano.* Ele é feito de relacionamentos, de partilha de propósitos e responsabilidades, de um clima, de organização e realizações, de comunhão no Sistema Preventivo. Expõe os salesianos aos olhos e à avaliação de quantos participam da experiência educativa. Torná-la formativa quer dizer comunicar com a vida e integrar tudo na vocação cristã, educativa e salesiana, religiosa ou laical da pessoa.

— *Destarte, será preciso restituir aos salesianos o sentido da prioridade da formação.* Somos chamados a ser animadores do crescimento das pessoas. É um serviço ao qual nos levam a nossa vocação de consagrados e educadores e o ministério sacerdotal, um serviço que se presta em cada encontro, mas se concentra em momentos específicos para os quais convém estejam todos preparados.

O Papa no-lo lembra na mensagem inicial: “É a formação que ajuda os leigos a descobrir a própria vocação, fornece-lhes os meios úteis para ao depois amadurecer, introdu-los nos caminhos do Espírito do Senhor... Dom Bosco deu grande importância à formação

espiritual, entendida como habilitação para viver a própria existência, nas suas diversas expressões, na presença de Deus e na ativa construção do Reino”.

— *E agora uma terceira sugestão: dinamizar uma ação programada.* Faz-se mister articular em nível local e inspetorial uma série de iniciativas que correspondam, por conteúdo e duração, às diversas situações dos colaboradores e membros da Família Salesiana.

O CG24 pede que se faça da formação o investimento principal do qual esperamos os melhores resultados. Investir quer dizer estabelecer e manter prioridades, garantir as condições, operar segundo um programa que coloque no primeiro lugar as pessoas, as comunidades, a missão. Investir em tempo, em pessoal, em iniciativas, em recursos econômicos para a formação é tarefa e interesse de todos.

Deve fazê-lo cada irmão, primeiro responsável pela própria formação. É obrigação de cada comunidade, que deve empregar “o tempo necessário para cuidar da qualidade da sua vida” (VFC 13). Deve fazê-lo o diretor, hierarquizando as exigências do seu serviço. Devem fazê-lo, de modo particular, os responsáveis do governo inspetorial, atentos à formação e qualificação do pessoal, à solidez das comunidades, à significatividade das obras.

3.7. Comunicação

249

A comunicação está se tornando a expressão da “aldeia global”, para a qual se encaminha o nosso planeta. Fala-se dela como do “novo poder”, que será justamente daqueles que possuem os “bancos de dados” mais atualizados e as redes mais sofisticadas para consegui-los. A consciência do homem moderno vem sendo progressivamente plasmada e de contínuo estimulada a dilatar-se em âmbito mundial, sintonizando-se, em tempo real, com os acontecimentos, os dramas, as esperanças do mundo inteiro. Esta nova comunicação está demonstrando sua capacidade de criar agregação, de difundir novos modelos de vida, de confrontar culturas diversas, criando um novo contexto com o qual também a mídia tradicional (livros, jornais, rádio, TV, etc.) deve ajustar contas.

A Igreja viu nesse fenômeno complexo um dos “novos areópagos” do qual o cristão moderno não deve fugir, antes, aceitando situar-se nele como um protagonista ativo e responsável. “Os meios de comunicação social atingiram tal importância que são para muitos o principal instrumento informativo e formativo de guia e de inspiração para o comportamento individual, familiar e social. As novas gerações sobretudo crescem de maneira condicionada por eles. Possivelmente tem sido um tanto descurado esse areópago” (RM 37).

Desde sempre a nossa Congregação mostrou-se sensível ao fenômeno, mas nem sempre conseguiu adentrar os caminhos mais significativos, para colher os possíveis frutos de educação e evangelização.

Compreendeu, a partir de Dom Bosco, que não podia prescindir dos meios de comunicação social no esforço de animação cultural e evangelização popular, e que a “caridade pastoral”, que está na raiz da nossa missão, é capaz também de orientar as novas tecnologias no serviço do homem e do Evangelho.

Ao mesmo tempo, tomou consciência de que, num campo tão sofisticado não se pode entrar sem adequada formação, e compreendeu que a própria dimensão educativa da comunicação social só poderá desenvolver-se se tiver como suporte educadores (salesianos e leigos) competentes em formar “receptores sensatos e comunicadores especializados” (VC 99).

Para tanto, criou o ISCOS, que se demonstra habilitado a promissores desenvolvimentos, tem um Conselheiro Geral encarregado da comunicação social, promoveu a comunicação social na animação inspetorial, procurou uma renovação tecnológica dos serviços centrais e pensou na formação de irmãos competentes.

A tomada de consciência do fenômeno *comunicação*, entendida no sentido interpessoal, comunitário e social, é já parte integrante da consciência educativa.

Preocupa-se com a qualidade do comunicador — pessoa ou comunidade — empenhado em testemunhar o que exprime, com uma radicalidade capaz de suscitar perguntas, atingir a imaginação e tocar o coração. Esta a razão pela qual as verdadeiras testemunhas se revelam excepcionais comunicadores. Tê-lo-ia sido Dom Bosco, dada a força de sua mensagem, a totalidade de sua doação, a ousadia de suas iniciativas.

Essa consciência avalia também a qualidade da mensagem, pessoal e comunitária, sua compreensibilidade por parte das pessoas comuns. Ela se torna tal quando é evento e não apenas palavras ou demonstração de eloquência. E vem a talho notar que muitas vezes a santidade afeiçoa esse evento com insólita força comunicativa.

As modernas ciências do homem puseram em evidência os elementos que conferem eficácia à comunicação. Parece natural para nós salesianos descobri-los e interessar-nos por eles.

A reflexão do CG24 não podia contentar-se com passar ao lado desses problemas, precisamente pela natureza do tema que lhe foi confiado. A comunicação é veículo indispensável de comunhão, tanto dentro da CEP como na Família Salesiana, no Movimento salesiano e entre os Amigos de Dom Bosco.

Dom Bosco o havia intuído ao fundar o *Boletim Salesiano*, de cuja duradoura validade nas diversas línguas somos ainda hoje testemunhas.

De resto, não foi difícil ver no campo da comunicação uma área privilegiada na qual a sensibilidade e a profissionalidade laicais podem ser valorizadas a serviço da missão salesiana. Disso já existem muitas experiências na Congregação e mais outras estão a nascer.

Refletindo sobre a história de Dom Bosco, descobre-se a estreita ligação que existe entre a sua missão, a irradiação do seu carisma e o envolvimento laical.

Para Dom Bosco comunicar significa fazer do mundo inteiro, por assim dizer, uma “obra salesiana” na qual os problemas dos jovens, o Sistema Preventivo, o interesse em *salvá-los* se encontram no centro da atenção. Comunicando, Dom Bosco faz compreender que a sua é uma “missão sem fronteiras”, que chega onde quer que haja um jovem em necessidade e alguém que se comprometa a cuidar dele.

Comunicar é chegar ao povo e anunciar-lhe o Mistério de salvação; é incidir em sua cultura, que é a atmosfera que todo jovem respira; é propor a vocação salesiana como carisma eclesial no qual cada um pode empenhar-se.

Comunicar é mobilizar e unir as forças dos bons, para que juntos cultivem aquela esperança da humanidade que se chama juventude. Uma vez que o mundo da mídia “representa uma nova fronteira da missão da Igreja”, nela “a responsabilidade profissional dos fiéis leigos (...) deve ser reconhecida em todo o seu valor e apoiada com mais adequados recursos materiais, intelectuais e pastorais” (ChL 43).

3.8. Capacidade vocacional

252

Entre as linhas que emergem dos trabalhos capitulares há uma indicação que se estende a muitos dos aspectos tratados, e vem a ser como uma indicação da caminhada para o sexênio que temos pela frente. Trata-se da *capacidade vocacional* que deve distinguir cada irmão e comunidade salesiana.

Suscitar vocações é uma das finalidades da missão da Congregação (cf. Const. 6); cultivá-las (independentemente dos resultados que possamos obter) é dimensão essencial em toda presença e em todo projeto ou processo que se inspire no método educativo de Dom Bosco. Com efeito, como lembrava o CG23, admitido que “a orientação vocacional constitui o vértice e o coroamento da nossa ação educativa pastoral, ela não é um momento terminal do caminho de fé, mas um elemento em toda parte presente, qualificador de todas as áreas de intervenção e de cada etapa” (CG23 247). A orientação vocacional vem a ser dessa maneira uma das tarefas características da comunidade educativa pastoral, que se move no espírito do Sistema Preventivo de Dom Bosco.

O tema do CG24, sobre a comunhão e partilha de salesianos e leigos no espírito e na missão de Dom Bosco, assume por sua natureza a dimensão vocacional. Por um lado, com efeito, ele leva a considerar a vocação de cada um — leigo, consagrado ou sacerdote — no seu valor intrínseco, fundado no projeto que Deus tem para cada pessoa, com olhos de amor pessoal; leva, depois, a saber valorizar todas as vocações na Igreja. Por outro lado, o tema capitular ressalta a contribuição específica que cada um é chamado a dar, com a riqueza dos seus dons: o leigo, empenhado em encarnar o evangelho no mundo com o seu típico estilo secular, e o salesiano — leigo ou sacerdote — chamado a testemunhar com a própria vida consagrada os valores do Transcendente e o amor absoluto de Deus. Assim sendo, Salesianos e leigos juntos são convidados a compartilhar a preocupação vocacional, com o testemunho de vida e com a capacidade própria dos educadores de ajudar os jovens a discernir e acolher o projeto de Deus para eles. Acertadamente o documento capitular põe o discernimento espiritual entre as orientações para a ação que dizem respeito à formação comum de salesianos e leigos.

Lugar privilegiado para esse trabalho é a *comunidade*: a comunidade salesiana, responsável pela genuinidade do carisma e a comunidade educativa pastoral, onde salesianos e leigos, co-responsáveis no projeto educativo, estão, juntos, comprometidos no serviço de orientação vocacional.

253

Tal serviço abre-se evidentemente a todo o amplo leque das vocações no povo de Deus. Entre elas, em harmonia com o documento capitular, podemos lembrar, em primeiro lugar, a atenção à família, como vocação primeira e comum, para cujos valores devemos saber formar as jovens gerações; depois o cuidado dos jovens animadores e dos jovens voluntários, abertos ao dom gratuito de si em favor dos outros, os quais muitas vezes já vivem uma grande sintonia com o espírito e a missão de Dom Bosco. O Movimento Juvenil Salesiano revelou-se um terreno fecundo para participar ativamente na espiritualidade e experimentar os valores da vocação.

Será outrossim tarefa da comunidade salesiana e da própria comunidade educativa pastoral, ao acompanhar cada jovem no descobrimento de seu projeto específico de vida, dentro de uma visão global, saber apresentar e propor também as vocações de especial consagração à vida religiosa ou à vida consagrada secular, ou ao sacerdócio. Nesse horizonte, é especial empenho dos grupos da Família Salesiana, que partilham o carisma e a missão, testemunhar e propor as vocações dos diversos grupos, com suas peculiares características (cf. documento capitular, n. 143). Para nós, Salesianos de Dom Bosco, ao mesmo tempo que cumprimos a missão de “educadores da fé” (Const. 34), é sempre um desafio testemunhar nossa

vocação de apóstolos consagrados — na sua dúplice e complementar forma laical e sacerdotal — aos jovens disponíveis, para que muitos possam continuar o projeto de Dom Bosco.

Continua sendo um dos empenhos prioritários também para este sexênio. Cumpre envolver nele toda a comunidade educativa pastoral e os grupos da nossa Família.

3.9. Mundialidade, nova dimensão da missão salesiana

254

O CG24 foi uma experiência do caráter mundial da Congregação, não só como conhecimento e unidade entre as Inspetorias, mas também como dimensão do espírito salesiano e possibilidade de operar em vasto espaço. Numerosos elementos do debate e da vida capitular evidenciaram esse espaço mais vasto: a reestruturação das Regiões, a inculturação, o voluntariado, o intercâmbio de informações, a alusão aos diversos contextos.

É o cumprimento do art. 59 das Constituições: “A profissão religiosa incorpora o salesiano na Sociedade, fazendo-o partícipe da comunhão de espírito, de testemunho e de serviço que ela vive na Igreja universal. A união com o Reitor-Mor e o seu Conselho, a solidariedade nas iniciativas apostólicas, a comunicação e informação sobre o trabalho dos irmãos, incrementando a comunhão, aprofundam o sentido de pertença e abrem para o serviço da comunidade mundial”.

Muitas e sempre a crescer foram as manifestações desta atitude *mundial* no passado imediato: os empreendimentos missionários, levados a efeito com a colaboração de todas as Inspetorias, a intercomunicação em nível continental (Europa, Ásia, África, América, Austrália), a solidariedade econômica, as inspetorias irmãs de maneira formal ou não declarada, a sensibilização em relação às necessidades de regiões distantes, a atenção e apoio oferecido à UPS e à Direção Geral, do que tivemos uma prova ainda nestes dias de Capítulo, a visita aos lugares significativos para todos, o desejo de percorrer caminhos comuns (CEP, PEPS, MJS).

É esta uma dimensão que, com o apequenar-se do mundo em consequência da comunicação e da facilidade dos movimentos e transportes, vai-se tornando cotidiana.

Oferece-nos novos espaços para a missão. E nos fornece também elementos hoje indispensáveis para a educação dos jovens e dos adultos em valores importantes, como a abertura intercultural, a capacidade de convivência interétnica, a solidariedade, a tolerância, a avaliação crítica dos sistemas econômicos. Deverá, pois, exprimir-se com formas novas e mais abundantes que no passado.

Confiando à criatividade das Inspetorias as iniciativas que a pouco e pouco poderão nascer, destaco algumas que neste momento parece serem as principais.

Uma é a *colaboração no esforço missionário*: alguma fronteira deve ainda consolidar-se com pessoal escolhido para serviços qualificados de formação e animação e com estruturas educativas adequadas; outras deverão ser abertas após cuidadoso estudo sobre o melhor emprego das forças. Estão a acontecer fatos que podemos considerar sinais, e apresentam-se campos semeadouros mui promissores para a Igreja e para o nosso carisma.

255

O *voluntariado leigo missionário*, de modo particular o dos jovens, leva-nos à abertura internacional. As primeiras experiências e as primeiras orientações já amadureceram e se mostram suficientes para tentar uma expansão corajosa. É uma iniciativa que bem se afina com toda a pastoral que se está a fazer entre os jovens adultos, que mostram disponibilidade para o compromisso.

Acrescento a inculturação do carisma salesiano, alicerçada em atento estudo de suas riquezas originais. Será preciso aprofundar o espírito e o conteúdo das Constituições, que são o nosso código de referência, bem como os demais textos fundamentais da história e da espiritualidade salesiana. É impossível inculturar o que ainda não se conhece mesmo que revestido de outra cultura.

A valorização dos *Centros internacionais de estudo* e das iniciativas de formação, nas quais tentamos unir as diversas partes da Congregação. À parte pequenas reservas, bastas vezes excessivamente repetidas, o saldo da frequência dos estudantes a estes Centros é altamente positivo para as pessoas, para as Inspetorias e para a Congregação. Não vemos como substituí-los com vantagem.

As Constituições salientam a importância da *comunicação com o Rei-tor-Mor e seu Conselho*. É nossa intenção que nada vos impeça de apresentar vossos pedidos, vossas impressões, e quando for o caso, vossas fráguas observações, e que nada nos impeça de falar-vos oportunamente e com clareza.

3.10. Uma pedagogia de aplicação: Orientações, conteúdos, práxis, avaliações

256

Como todo Capítulo Geral, também o nosso oferece às Inspetorias inspirações e orientações para a ação a fim de ajudar a viver com maior plenitude o nosso carisma na Igreja hoje. Elas deverão ser inoculadas na realidade de cada uma das Inspetorias; é uma realidade muito vasta e vária.

Será preciso que as indicações capitulares sejam integradas num projeto unitário e traduzidas em processos que lhe favoreçam a assimilação vital (mentalidades, atitudes, habilidades, experiências). Trata-se de levar as visões amplas ao terreno da vida cotidiana. É um desafio: encontrar a mediação eficaz entre as inspirações e a prática, entre o *documento* e a aplicação concreta.

Não faltaram entre nós estratégias de ação e metodologias adequadas para traduzir na prática os princípios e os critérios e para atingir com eles a vida das pessoas. Basta pensar nos diversos *manuals*, na insistência em projetos e itinerários, na importância dada à comunidade local, na comunidade educativa pastoral, na comunidade inspetorial, nas repetidas recomendações de programar e avaliar, isto é, de trabalhar juntos pela unidade de critérios, convergência dos esforços, adequação à situação e superar o individualismo, a descontinuidade e a fragmentação, o genericismo no agir.

Fizeram-se progressos, é certo, mas a situação parece exigir novo esforço, se se quiser chegar a uma mudança de mentalidade e favorecer um modo pessoal e comunitário de viver e de agir.

Dom Bosco, educador, pastor e mestre espiritual, soube unir a ousadia do iniciador (grandes horizontes e motivações, resposta criativa às novidades), a praticidade do organizador (que sabe traduzir num projeto, num sistema, numa comunidade estável, numa organização) e a sabedoria do pedagogo, atento às situações e aos processos, capaz de criar um clima, um ambiente, um estilo de relações, uma *metodologia do cotidiano* feita de momentos, de referências.

A nós não nos faltam orientações. É evidente também a multiplicação de iniciativas para realizá-las. Isso não obstante, a divergência entre propostas e atuação, a avaliação do resultado de tantos esforços convidam a avaliar a pedagogia prática. A fecundidade do nosso trabalho, a qualidade da nossa vida, a significatividade das pessoas, das comunidades e das iniciativas dependem, em grande parte, dessa inteligente praticidade pedagógica, não isolada da organização e da magnanimidade das inspirações.

257

Podemo-nos referir, à guisa de exemplo, a alguns pontos.

Quanto à *ação pastoral*: deve-se buscar com decisão a comunhão de critérios (mentalidade), a convergência de intentos (objetivos), a organicidade de intervenções (co-responsabilidade, dimensões, continuidade, avaliações...), a que chamamos CEP e PEPS, e que o documento capitular apresenta como expressão forte da comunhão e partilha do espírito e da missão de Dom Bosco, como caminho de formação permanente e

condição de fecundidade apostólica. Trata-se de ir além da ação generosa, para chegar a partilhar os critérios de ação, a programação sistemática, a avaliação periódica, a adequação do nosso agir.

Quanto à *experiência espiritual salesiana*: sente-se a necessidade de converter num itinerário de vida, numa pedagogia pessoal, o estilo de santidade, que une *Da mihi animas* e Sistema Preventivo; de garantir as condições que permitem ao salesiano viver com profundidade sua vocação, evitando a fragmentação, o desgaste, a superficialidade espiritual, pastoral e pedagógica, que muitas vezes se notam; de fazer crescer uma verdadeira espiritualidade comunitária, partilhando a experiência apostólica, o discernimento, percorrendo juntos um itinerário espiritual.

Quanto à *ação de governo* nos diversos escalões, pede-se um novo empenho para mobilizar energias na perspectiva da significatividade, superando situações de emergência ou um proceder pragmático, imediatista, repetitivo, buscando um justo equilíbrio entre qualidade e extensão; dar unidade às propostas, procurando maior convergência de objetivos e de mensagens, suscitando adesão a opções motivadas, hierarquizando os serviços e as intervenções, evitando setorialismos, adequar o todo aos ritmos de assimilação e à capacidade de ação, às situações pessoais e comunitárias.

* * * * *

258

As perspectivas são, pois, empenhativas. O conjunto das tarefas pode até parecer árduo. Mas o campo que temos pela frente é cada vez mais extenso e fértil. O trabalho mostra-se, assim, atraente. E a fecundidade do Espírito, já experimentada, torna-o gratificante.

Maria, que mostrou a Dom Bosco seu *campo* de trabalho e o animou a cultivá-lo com fé, nos acompanhe e assista. A Ela, hoje, com particular intensidade, em nome dos nossos irmãos, repetimos: “Nós nos confiamos inteiramente a vós e vos prometemos trabalhar sempre para a maior glória de Deus e para a salvação das almas”.

**INTERVENÇÕES
DO PE. JUAN E. VECCHI
NA ASSEMBLÉIA**

*Das ATAS das ASSEMBLÉIAS CAPITULARES
retiramos alguns esclarecimentos e algumas
intervenções do Pe. Juan E. Vecchi, Reitor-Mor.*

RESPOSTAS A QUESTÕES SOBRE O ESTADO DA CONGREGAÇÃO

27 de fevereiro de 1996

259 **Esclarecimentos sobre o governo, a estrutura central da Congregação e o seu funcionamento (n. 254 da relação).**

Várias perguntas expressam pareceres sobre a validade das atuais estruturas, dizem respeito ao seu funcionamento ou então propõem que seja introduzida entre os temas do Capítulo a discussão sobre a estrutura central da Congregação. O Pe. Vecchi dá uma resposta global ao invés de responder a cada pergunta.

Por **estrutura central da Congregação** são entendidos os papéis fundamentais de que se compõe o Conselho Geral: Reitor-Mor, Vigário, Dicastérios Regionais. O modo da estrutura é representado pela articulação Regionais-Dicastérios. O n. 254 da relação relata a reflexão do Conselho Geral sobre a estrutura central e sobre o seu funcionamento, reflexão feita em dois momentos, sendo que no primeiro o Pe. Vigánó esteve presente. O Conselho Geral julga que a atual articulação é conveniente e a melhor para combinar a comunicação com as diversas partes da Congregação e a animação dos setores da vida da Congregação (formação, pastoral juvenil, família salesiana, comunicação, economia...), permitindo assim movimento, contatos e reflexão em nível nacional e mundial. A respeito de seu funcionamento, é julgado substancialmente bom, tanto nas relações com os níveis regionais e inspetoriais, quanto nas capacidades de resposta, de produção de materiais e de assistência por parte do Conselho.

As **difficultades** se encontram:

- na definição prática dos papéis dos Conselheiros que é esclarecida e colocada por escrito;
- está sendo melhorada a capacidade de enfrentar os problemas em perspectiva global, empregando maior tempo juntos e superando uma concepção setorial do próprio papel;
- deve-se objetivar uma programação mais unitária, graças também a uma mais longa permanência na sede dos Conselheiros de dicastério; isto permitiria evitar as superposições a respeito de áreas comuns ou setores que já são cuidados em nível inspetorial ou nacional.

Quanto à proposta de rediscutir a estrutura central do governo da Congregação o Pe. Vecchi afirma que é sábio ter presente o caminho

percorrido na elaboração da atual estrutura em nível mundial, inspetorial e local, empregando bastante tempo para explicitar as razões e chegar a um acordo na substância e nos detalhes por parte dos dois terços da Assembléia. Conclui, portanto, que para um empreendimento deste teor é necessária uma preparação do tema para não perder a sua visão orgânica (veja-se a experiência dos Capítulos 20, 21, 22).

A respeito do pedido de se organizar as Regiões de acordo com a nova geografia da Congregação, afirma que tal exigência será colocada na ordem do dia sobre a base das reflexões feitas pelo Conselho Geral. No que diz respeito à perspectiva de re-estudar os espaços dos Dicastérios, acentua que o RM tem autoridade para se mover com facilidade no âmbito das atribuições dos vários Dicastérios e neste sentido, pois, existiriam sugestões úteis da parte do Capítulo. Além disso, é sentido o problema da colocação do Dicastério da Comunicação Social. Sobre estes problemas o Conselho Geral refletiu, embora não chegando a posições claras e seguras; as conclusões foram entregues ao Regulador.

No que diz respeito ao pedido de avaliação sobre as visitas de conjunto, foi sugerido que a persistência das mesmas a partir de 1972, com avaliações a cada seis anos, demonstra a sua validade. Em 1984, o Pe. Viganó apresentou ao CG22 os resultados da avaliação das visitas de conjunto dando ênfase aos seguintes aspectos, que são ainda os motivos de sua validade. As visitas de conjunto são:

- momento de comunhão e de intercâmbio,
- momento de verificação e de síntese,
- ocasião de retomada, especialmente do último CG,
- momento de animação dos inspetores e dos Conselhos.

Foi reconhecido que certamente existem elementos a serem melhorados:

- na escolha dos temas,
- na preparação dos conselhos inspetoriais e dos conselhos gerais;
- na definição de orientações concretas para onde tender,
- no esforço de aplicar as conclusões.

A avaliação global do Vigário sobre as visitas de conjunto é de que são suficientemente boas e, em alguns casos, plenamente positivas. Os seus efeitos são múltiplos e diversamente direcionados. Não é preciso se deixar impressionar só pelo seu aspecto parcial da imediata praticidade.

260 A respeito da significação da nossa presença pastoral.

Defrontamo-nos, sinteticamente, com uma série de questões que dizem respeito à **identidade salesiana, ao crescimento numérico e à originalidade educativa da paróquia**. O ponto de partida é a constatação de

uma gradual mentalização do CGE e do CG21 e de outros documentos relativos à identidade da paróquia, esclarecida também em alguns encontros Regionais pelo Conselheiro da Pastoral Juvenil e pelo próprio RM. Verificou-se uma melhoria gradual à medida que eram substituídos os responsáveis por salesianos imbuídos de uma nova preparação.

Contribuem para uma definição prática mais clara da identidade da paróquia:

- a atualização da concepção da paróquia (comunidade, missão);
- o estabelecimento de prioridades nas dimensões que devem ser favorecidas no projeto, entre as quais emergirão as educativas e juvenis;
- o equilíbrio dos compromissos paroquiais.

Deve ser redimensionada a impressão de um excessivo crescimento numérico das paróquias, distribuindo-as entre 88 inspetorias e avaliando as diferentes motivações para aceitá-las (conveniência pastoral, expansão missionária, premente solicitação dos Bispos, necessidade de ocupar um pessoal salesiano).

261 **Esclarecimentos sobre o Movimento Juvenil Salesiano e sobre a influência e os limites da Espiritualidade Juvenil Salesiana (n. 265 da relação)**

O Pe. Vecchi explica que o MJS se desenvolveu como um envolvimento educativo e apostólico de jovens unidos por uma espiritualidade e ligados através de convocações e encontros, com um mínimo indispensável de organização e de estrutura. Os resultados são bons, mesmo se ficam evidenciados limites no caminho de amadurecimento dos jovens que por vezes corre o risco de se firmar sobre o ativismo. Isto é devido em parte à condição juvenil, em parte à capacidade-incapacidade do salesiano de acompanhamento espiritual no confronto dos próprios jovens.

A respeito da afirmação de que o **oratório corre riscos de insignificância educativa**, o Pe. Vecchi a rejeita, observando que alguns oratórios têm falta de propostas e de relação educativa, de envolvimento e de conteúdo.

Ao pedido de critérios para uma pastoral vocacional renovada, o Vigário responde referindo-se, antes de tudo, à literatura salesiana disponível. E acentua os seguintes pontos:

- trabalhar sobre a faixa fecunda hoje: adolescentes e jovens, sem deixar de lado os pré-adolescentes,
- empenho das comunidades locais,

- ambiente capaz de proposições,
- acompanhamento no caminho da fé,
- experiências significativas de oração e de envolvimento apostólico,
- discernimento,
- acompanhamento no desenvolvimento vocacional pessoal.

Acrescenta que se trabalhou bem na Congregação naquilo que diz respeito aos itinerários da fé que ademais são aplicáveis aos grupos.

262 **Sobre a relação entre fecundidade vocacional e qualidade pastoral** responde que as vocações são, certamente, dom de Deus, que existem contextos difíceis, que algumas categorias de jovens (perturbados e problemáticos) são menos fecundas, que não apenas a ação pastoral mas também a vida da comunidade está na origem das vocações. Nota-se, porém, que no texto se afirma tratar-se de um sinal (não o único), que a vida de comunidade é parte integrante da nossa pastoral juvenil e que quando se fala de vocações se faz referência às sacerdotais e religiosas, mas também às leigas.

263 À margem dos esclarecimentos solicitados sobre **encargos ou papéis oferecidos pelas dioceses** (n. 270 da relação), por um lado se evidencia certo perigo de “diocesinação” dos religiosos, por outro, que existem experiências positivas. Os critérios para aceitá-los são: a consonância com o nosso carisma, a responsabilidade da inspetoria, a urgência, a proporção. Acrescenta-se que trabalhar para a Igreja local não corresponde necessariamente a assumir compromissos diocesanos. O carisma deve manter a sua tensão em direção às fronteiras. As nossas relações com as dioceses são avaliadas como boas em 99%. As dificuldades que surgem neste âmbito são devidas por vezes ou à personalidade do Bispo ou à do salesiano ou à própria forma de pensar o nosso carisma ou a nossa presença. De qualquer forma, reafirma-se a necessidade de que os salesianos estejam ativamente presentes na vida das igrejas locais tornando-se elementos de comunhão.

264 **A formação.**

O Vigário responde que não é possível fornecer um quadro completo, com responsabilidade intelectual, dos motivos dos abandonos, por causa da falta de dados suficientes para refletir e estudar o fenômeno na sua totalidade. A Secretaria Geral e o Dicastério da Formação solicitaram que seja enviada uma relação aprofundada por parte do Inspetor,

bem como um “relatório” suficiente da parte do sujeito, sobre o desenvolvimento da própria decisão. Mas tanto um, como outro, raramente chegam. Portanto, não possuímos material de estudo. Além disso, a pesquisa deve ser feita em nível regional, porque diversas são as causas. Na relação fica evidenciado que tal verificação foi feita na Espanha, na América Latina Atlântico e na Índia.

Coadjuutores.

265

Pergunta-se se a assim chamada “paridade jurídica” seja um dos motivos da diminuição das vocações de coadjutores e se tal questão deva ser considerada fechada. O Pe. Vecchi responde que o fato de a autoridade máxima ser confiada na Congregação somente aos sacerdotes, não parece um obstáculo fundamental. Neste momento se deveria dizer que é um critério de discernimento, no sentido de que aquele que deseja realizar a qualquer custo uma figura diferente de religioso leigo não se destina à Congregação Salesiana. Da mesma forma que não se destina à Congregação quem desejasse realizar um tipo de sacerdócio pouco ou nada conforme com o nosso projeto comunitário. Uma ulterior etapa de reflexão e de discernimento não pode ser excluída. De qualquer forma, a luz deve ser procurada no carisma, no tipo de comunidade e de missão e, portanto, no tipo de guia que a Congregação quer e não na esperança de obter mais vocações com a mudança.

Uma comissão teológica pós-sinodal está indagando a respeito de uma terceira figura de Instituto de Vida Consagrada chamado “misto”, nem clerical, nem leigo, mas também ela acentua a necessidade de que cada Instituto aprofunde sua própria realidade carismática, sua missão, sua comunidade e sua espiritualidade.

266

Alguns denunciam **carências nos conteúdos da formação permanente**, sobretudo se referindo ao conhecimento da situação juvenil e à compreensão da cultura. O Vigário observa que a formação permanente não se identifica com um curso, mas é a capacidade da pessoa de operar constantemente uma síntese dinâmica das realidades e das idéias com que interage, fazendo carga sobre uma robusta implantação espiritual (que por ora se revela carente). Um bom curso leva isto em consideração, fornecendo abundância de estímulos e chaves de leitura. Isto significa que os conteúdos sobre a condição e missão juvenil oferecidos às comunidades do respectivo Discastério ou equipe pertencem à formação permanente. Por isso, pode-se compreender por que em certo período

nos cursos se insiste sobre os aspectos pessoais (espiritualidade, sentido de consagração, natureza da missão). As razões pelas quais se “cede” vocacionalmente estão mais sobre esta linha do que aquela de um conhecimento da condição juvenil.

Família Salesiana.

267

No que diz respeito a outros grupos da Família Salesiana além dos três (CC, Ex, VDB) previstos nos Regulamentos, temos responsabilidades de comunhão na Família Salesiana, mas nenhuma obrigação de animação, nem de assistência espiritual. Oferecemos aqueles serviços que temos possibilidade de realizar, na economia geral da nossa missão e sob a responsabilidade de Inspectores e Diretores.

Os Amigos de Dom Bosco são uma realidade viva, em movimento, sem estruturas ou órgãos de ligação; existe uma ligação afetiva com Dom Bosco. O Capítulo Geral poderá dizer algo mais.

Não se tocou nas eventuais dificuldades de **relacionamento com as FMA**, por uma questão de honestidade: faltam elementos sérios de análise, por vezes os problemas estão ligados às pessoas e uma questão como esta deveria ser enfrentada conjuntamente com as FMA. Geralmente, o relacionamento é bom, respeitoso e fraterno, ainda que não se tenha encontrado o ponto de colaboração ideal nas ações; nós reconhecemos que devemos amadurecer na valorização da contribuição original da mulher e da religiosa. Na relação o Vigário observa, no entanto, que existe boa colaboração em nível de território.

A **Carta de comunhão**, desejo acariciado durante muito tempo, é um resultado obtido depois de vários esforços, dos quais participaram outras ramificações da Família Salesiana. Teve a aprovação do Reitor-Mor e do seu Conselho. Trata-se de uma tentativa apreciada, útil e passível de aperfeiçoamento, realizada sobre a linha do Sínodo e da experiência de outras famílias religiosas.

O ANDAMENTO DOS TRABALHOS CAPITULARES

2 de março de 1996.

268

Comentário sobre “12 dias” já vividos, marcados por algumas realizações:

- * a abertura, com uma visão geral da natureza e das atribuições do Capítulo;
- * o retiro espiritual (4 dias) para se colocar sobre uma exata plataforma espiritual e salesiana;
- * foi ouvida, estudada e aprofundada a relação sobre o estado da Congregação, mais do que já tenha sido feito nos Capítulos precedentes; foram deduzidas daí as urgências presentes para o estudo do tema e os sinais de resposta global para a vocação salesiana;
- * foi estudado e aprovado o Regulamento do CG entendido não como uma formalidade, mas como condição de validade e de entendimento entre muitos;
- * foi votado o documento base de trabalho com uma intensa e participada discussão;
- * foi completada a Presidência com a eleição dos Moderadores e com a complementação da Comissão Central;
- * foram votadas e constituídas as comissões que já se organizaram com as equipes de direção e de coordenação;
- * foi votado o cronograma que compreendia:
 - eleições
 - encontro com os leigos
 - acabamento definitivo
 - fechamento;
- * foi votada a modalidade do discernimento comunitário para combinar da melhor maneira o processo pessoal com a abertura para todas as informações que podem provir da comunidade. Pe. Vecchi ressaltava que a escolha foi feita por causa de uma precisa solicitação do CG23 em vista de um fenômeno observado: algumas informações permaneciam fechadas em grupos nacionais ou de tendência; a nova metodologia deveria assegurar que tudo aquilo que é pensado pela comunidade possa chegar aos participantes, dando-lhes possibilidade de meditar pessoalmente, sem vínculos regionais nem de tendên-

cia; assegura que nada existe a temer pela discrição, enquanto não são previstos momentos da Assembléia e nenhuma ficha exigirá a assinatura; pede-se a todos absoluta pureza de intenções;

- * foi nomeada a Comissão para a Informação, responsável diante da Congregação e da opinião pública; naturalmente, os responsáveis poderão se valer dos serviços de outras agências e preferivelmente da ANS, que goza da nossa confiança, para uma informação correta em referência e aos fins do CG24 e ao conteúdo das informações, pelas quais, no entanto, não são delegadas responsabilidades.

O trabalho desta primeira fase do Capítulo foi intenso e os resultados mais do que satisfatórios. A condução foi ágil, segura e respeitosa.

Nesta primeira fase a Assembléia respondeu de acordo com suas responsabilidades com o estudo, a participação no debate, a solicitação de esclarecimentos, as votações e a aceitação dos resultados.

Agora temos todos os instrumentos para trabalhar com inteligência, com rapidez e com capacidade de escolha e de discernimento.

Alguns objetivos comunitários determinantes para que se possa atingir as finalidades do Capítulo foram encaminhados ou atingidos; a nossa comunidade se integrou progressivamente em nível fraterno, cultural e salesiano com o conhecimento, a estima, o reconhecimento das diversidades, celebrando acontecimentos pessoais, entretendo-se familiarmente à mesa, e rezando em conjunto. Percebe-se que a língua cria uma barreira; tomamos consciência, porém, que de qualquer forma deveremos nos relacionar, aceitando um “discreto bilingüismo” como necessário para as comunicações. Desenvolvemos relações seguras de confiança: quando nos expressamos não temos intenções secretas ou planos não-revelados.

Enquanto Comunidade-Capítulo, interiorizamos a necessidade de nos colocar em uma perspectiva universal, supra-regional e supra-nacional ao comunicar entre nós experiência e cultura em nível pessoal e ao compartilhar os momentos litúrgicos que não são rigidamente fechados aos grupos lingüísticos; reforçou-se a idéia de que a Região é contemplada como elemento mediador somente para a eleição do Conselheiro Regional.

Tudo isso para nos colocar sobre uma plataforma carismática que é a que nos reúne, enquanto as coisas, os problemas, as propostas são vistos na perspectiva da natureza, da forma, das estruturas, da originalidade salesiana, ou seja, à luz do carisma e não de fatos e de circunstâncias contingentes.

Dispomo-nos a afrontar a segunda etapa:

1. a elaboração das orientações sobre o tema do Capítulo;
2. as integrações às Constituições e aos Regulamentos.

É importante a qualidade do trabalho das comissões; todos os capitulares, sem exceção, estão empenhados com a disponibilidade de seu tempo e da sua inteligência, no estudo, na pesquisa, na leitura e no confronto. Neste trabalho é importante a comunicação entre comissões e a assembléia, único sujeito de autoridade; a comissão tem a função de preparar e facilitar o trabalho da assembléia.

O Pe. Vecchi conclui ressaltando, com uma expressão inédita, que é necessário “deixar-se convergir”, ou seja, realizar uma convergência interior, fruto também de um repensar sobre aquilo que é necessário, urgente e possível.

COMO CONCLUSÃO DA TERCEIRA SEMANA

9 de março de 1996.

269 Chegamos ao final da terceira semana que presenciou:

- * o trabalho das comissões,
- * o funcionamento da comissão central de coordenação,
- * a prova da assembléia que se exercitou na passagem que interligou a apresentação de um documento desde a primeira fase até a sua aprovação, de acordo com as seguintes etapas:
 - proposta da comissão,
 - solicitação de esclarecimentos,
 - debate em campo aberto,
 - votação de sondagem,
 - reapresentação da proposta,
 - sucessivas votações sobre o mesmo texto com possibilidades de reformulação.

As comissões realizaram um primeiro confronto, chegando a algumas convergências e preparando-se para a apresentação na sala de reuniões da primeira elaboração de seus documentos.

A Comissão central reuniu-se duas vezes, com um estilo sóbrio e conciso, e ouviu os presidentes de comissão para resolver eventuais problemas de coordenação e de superposição. Congratula-se com o trabalho dos presidentes e dos secretários de comissão.

A respeito da dinâmica do Capítulo o Pe. Vecchi evidencia a tranquilidade interior de todos; há lugar e tempo para que as próprias idéias sejam ouvidas, sobretudo na comissão, competindo a cada um oferecer fundamentos sólidos e razões convincentes daquilo que se propõe, segundo uma metodologia de discernimento. Além disso, refere-se à liberdade de expressão e à vontade de participação da qual, indubitavelmente, foram tirados benefícios para a assimilação por parte das pessoas e para o documento que pode assumir a sensibilidade de todos.

Naquilo que se refere à temática a respeito do estudo e da criação de estruturas de governo acrescenta algumas atenções:

— O sentido da objetividade: a aplicação universal por parte do governo ordinário. Depois de ter manifestado as próprias preferências e interesses é preciso passar:

- * das sensibilidades às razões,
- * da parte ao todo.

Acrescenta que não seria oportuno que se deixasse de lado uma visão de conjunto em favor de visões particulares; a nossa não é uma assembléia para dividir o capital, mas para dar consistência à Congregação em sua vida e em sua ação.

— Uma segunda atenção diz respeito à globalidade coerente das estruturas, da qual depende o funcionamento. O Vigário o explica através de dois exemplos a respeito da relação entre os encargos dos Conselheiros Regionais no confronto da Região, e os encargos no âmbito do Conselho Geral referentes a todas as outras regiões e as questões importantes da Congregação. Em relação aos possíveis novos encargos: são importantes os setores, mais importante, porém, é a capacidade do Conselho Geral de enfrentar problemas globais. Posteriormente se refere ao critério de proporcionalidade, acentuando que é necessário ativar os setores adequando-os às possibilidades da Congregação. Pensar que onde existe uma necessidade urgente devem ser criadas imediatamente estruturas, parece uma lógica muito imediata na articulação das 89 circunscrições da Congregação. Além da distribuição horizontal dos encargos, existe outra vertical que corresponde ao princípio de subsidiariedade: o Conselheiro Regional não estabelece relação direta com as comunidades locais, mas com as equipes e estruturas inspetoriais e regionais. Os papéis centrais não são chamados a repetir com maior autoridade aquilo que já está confiado às instâncias inspetoriais, mas insistir sobre uma coordenação superior.

— O Pe. Vecchi conclui evidenciando três ulteriores pontos a respeito do funcionamento das estruturas de transmissão.

- * Correspondência à missão, tendo, porém, presente que a missão não se exaure na soma dos setores que a expressam; existem problemas que dizem respeito à vida das comunidades e às energias disponíveis, à sua colocação no contexto, etc...
- * As dimensões em relação àquilo que hoje na Congregação é chamado a fazer o Conselho Geral no seu todo, com a organização e a

hierarquização dos diversos setores; ou seja, não conceber o âmbito dos dicastérios simplesmente segundo a sua titulação (missões, pastoral, juvenil...), mas de acordo com aquilo que a Congregação Salesiana pode e deve fazer.

- * Um critério de ação: proporção entre produção de propostas, comunicação e colocação em prática das mesmas; é inútil uma abundância de propostas setoriais se quem as deve receber não dispõe nem de tempo, nem de forças para agilizá-lo. Neste caso, o Conselho Geral deve se preocupar sobretudo com outros problemas globais.

DEPOIS DA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO DOS TEMAS CAPITULARES NO PLENÁRIO.

16 de março de 1996.

270 Fazendo um retrospecto no fim desta semana, ressalto três séries de pontos:

1. Pontos realizados nesta semana:

1.1. *Surgiu a redação das seis partes em que tinha sido articulado o tema.* Isto significa que as comissões encontraram um método de trabalho, como cada um dos redatores explicou na assembléia, e entenderam os objetivos específicos próprios de cada uma das partes, de modo a poder escoher bem os conteúdos. Estas comissões conseguiram obter uma panorâmica pontual do próprio tema e, portanto, uma visão bastante segura dos pontos claros e daqueles que aparecem sobretudo como problemáticos. Por conseguinte, saberão estimular o debate sobre os pontos para os quais este debate é necessário: poderão assim avaliar as contribuições ouvidas.

1.2. *A apresentação na Assembléia das seis partes do tema,* pelo que já se pode ter uma certa idéia do conjunto. Cada parte foi apresentada de forma suficiente para orientar a leitura, sem condicionar a assembléia. Restou um tempo mais do que suficiente para uma leitura atenta antes da discussão, sobretudo se forem consideradas as partes que serão discutidas depois da semana do discernimento. Cada um está formando uma visão da totalidade do material.

1.3. *A discussão "por partes" do esquema da primeira comissão.* Houve tranqüila oportunidade de se ouvir e também de começar a prever o espaço de cada uma das partes, como também o conteúdo do conjunto.

Neste ponto também nós devemos começar a verificar as nossas propostas. É um fenómeno comum pedir um documento absolutamente breve, onde, porém, devam entrar todas as coisas, de tal modo que, como dizia um humorista, queremos o sapato pequeno "por fora", mas grande "por dentro". Começam a ser vistas também as concordâncias a serem feitas, e, portanto, a utilidade daquele mercado ou passagem de partes, de que se falou nas primeiras jornadas. Esperemos que seja aquela pitoresca feira popular, que imaginamos ao ouvir esta expressão, e que não tenha a dificuldade de Maastrich.

1.4. *No tocante às questões a respeito das Constituições e os Regulamentos*, com o trabalho da Comissão n. 7, a assembléia definiu praticamente, com a votação final, a questão referente à limitação da duração dos Conselheiros no mesmo cargo e a atribuição a um mesmo Conselheiro de setores correspondentes à Família Salesiana e à Comunicação Social. Em estágio de avançada elaboração estão as Regiões, e aqui auguramos que a conclusão seja satisfatória, pelo menos relativamente, para todos, e contenha uma facilitação para o Reitor-Mor e para o seu Conselho, para o governo da Congregação nos próximos seis anos. Também para as regiões, como para os Dicastérios, deve-se dizer que, uma vez examinadas uma a uma, será considerado como se configura o todo do governo, para poder chegar facilmente à animação de todas as Inspetorias e a iluminar os problemas totais. Uma vez que existe ainda um debate a nos esperar, esta é uma atenção que se pode levar em consideração.

271 2. Além dos pontos mencionados, vai-se notando um amadurecimento na Assembléia. Ressalto cinco indicadores deste amadurecimento progressivo.

2.1. *Existe uma clarividência maior do próprio papel e*, portanto, do modo adequado de realizá-lo. A Assembléia acima de tudo decide: e hoje tivestes a experiência da importância do voto final, porque somente por um voto, uma determinada deliberação teve certo andamento. A decisão é o momento típico da Assembléia, como o é também a resposta conscienciosa às consultas que são feitas através das sondagens: típico porque é quando a Assembléia se expressa como um todo. A decisão da assembléia é preparada pelo trabalho de comissão, pelo debate, pelas sondagens: cada um aprendeu a intervir no momento oportuno, para não precisar se lamentar de não ter inserido aquilo que desejava dizer.

2.2. Juntamente com a maior clareza do próprio papel existe uma *consciência da relação entre comissão e assembléia*. A comissão é encarregada de reordenar a matéria, de oferecer e esclarecer as motivações das diversas hipóteses, de explicar as razões da própria escolha. Isto certamente exerce uma influência sobre a Assembléia, mas ninguém deve se deixar condicionar; deve, sim, deixar-se iluminar, mas tem sempre nas próprias mãos

a decisão nas consultas e nas votações. O mediador desta relação entre comissão e assembléia é o relator, e agradeçamos a todos os relatores que passaram, pelo esforço de clareza, sinceridade e adesão aquilo que foi expresso pela comissão. O relator não é um orador que fala em nome pessoal, mas apresenta à assembléia aquilo que a comissão disse e expressou.

2.3. Existe um *processo de assimilação comunitária dos temas*, dos pontos problemáticos, dos fundamentos da nossa reflexão; esta assimilação comunitária é o resultado da ligação existente entre as diversas passagens de um tema. Graças a Deus a nossa assembléia não desenvolve um diálogo de surdos. Assim nos preparamos também para comunicar com maturidade os resultados deste nosso curso de formação permanente aos irmãos. Esta matéria, que passa pela Assembléia e é assimilada em sua totalidade por todos, é a que será passada depois aos confrades, talvez mesmo além daquilo que está escrito nos documentos oficiais.

2.4. Está amadurecendo um certo *equilíbrio sadio entre aprofundamento doutrinal e concretização operativa*: no início do Capítulo Geral parecia-nos ouvir em alguns setores certa alergia doutrinal, talvez justificada, mas vai penetrando a convicção de que sem motivações, enraizadas sobre as realidades fundamentais da nossa vida e da nossa experiência cristã, não se pode caminhar e ainda menos podem caminhar juntas todas as nossas 1.700 comunidades. A minha experiência mostra que nunca houve um progresso pastoral sem um aprofundamento correspondente da fé em sentido doutrinal, um retorno à verdade da Igreja, um retorno à verdade de Cristo, um retorno à verdade da fé, pela qual, para caminhar juntos, deveremos unir o aprofundamento doutrinal, a vida espiritual e a prática pastoral. Digo “para caminhar juntos”, porque enquanto a ação se diversifica de acordo com os lugares e os grupos, surge a necessidade de um quadro de referência compartilhado, ao qual se possa referir, porque tantas ações diversas se desenvolvem em unidade de orientação.

2.5. Acredito que exista um *maior conhecimento dos problemas*, que talvez no início estavam fora do horizonte da maioria, ou quase, desta assembléia: por exemplo, o limite de tempo no cargo deu lugar a interessantes aprofundamentos sobre a figura do Reitor-Mor; a discussão sobre Regiões deu lugar a interessantes informações sobre Regional e sobre problemas de governo. E o mesmo poderia ser dito de outros pontos.

3. Um último grupo de comentários diz respeito à comunidade. Vamos vê-lo rapidamente. Acredito que também em nível comunitário continuamos construindo um caminho.

Com certeza vai sendo consolidada a *visão universal e a sensibilidade intercultural*, que vai adquirindo consistência com o encontro cotidiano, os momentos de lazer, as “boas noites” ouvidas.

Vai sendo reforçado também o desejo da *continuidade* do nosso trabalho em relação ao que foi feito pelo CG23, vendo-se o tipo de agregação leiga que o salesiano pode fazer: é verdade que a missão não coincide com as obras, mas é verdade que a missão salesiana sempre exige um espaço operativo visível, em torno do qual vão sendo formados também os círculos invisíveis, que vivem talvez uma adesão espiritual; um espaço operativo não é uma obra, mas pode ser também um grande território. Podemos sonhar com o dia em que os salesianos colocarão em órbita um satélite de comunicação, com uma equipe encarregada. Não teremos uma obra no sentido tradicional, mas o nosso espaço operativo será aquele onde chega a comunicação. A nossa forma de agregar, como se vê no início do Oratório, é um pouco diferente da forma de alguns movimentos eclesiais: admite a adesão espiritual, mas o centro visível e provocante, através do qual Deus chama em primeiro lugar, para construir outros círculos, é este espaço operativo onde a missão se encarna e se torna visível. A continuidade entre este capítulo e o precedente, que ressaltava o itinerário dos jovens para a fé, possui exatamente esta ligação: a amplitude da missão, a força significativa do espaço operativo.

A união da comunidade e a sua interculturalidade se atualizam sempre mais nos momentos de oração comum, particularmente quando tais momentos são contra-distinguidos por algum sinal que nos toca profundamente, como foi a nossa visita ao Pe. Viganó nas catacumbas ou alguns momentos de celebração comunitária.

Assim estamos nos aproximando de forma bastante preparada para a importante semana do discernimento, que colocamos sob a proteção de Maria Auxiliadora.

CONCLUINDO A SEMANA DAS ELEIÇÕES

23 de março de 1996.

273

Concluindo esta semana que presenciou a eleição do Reitor-Mor, do Vigário do Reitor-Mor e dos Conselheiros gerais de setor, é interessante observar, antes de tudo, a convergência manifestada. Outro ponto significativo: a presença no Conselho da experiência de quatro continentes, senão por nascimento, pela permanência ativa salesiana.

O Conselho se revela rico de capacidades, de conhecimentos lingüísticos e será sucessivamente completado e enriquecido com a eleição dos Conselheiros regionais. Obrigado aqueles que aceitaram bem como aqueles que trabalharam nos seis anos precedentes; o Reitor-Mor faz uma referência particular e um agradecimento pessoal ao Pe. Omero Paron, reconhecendo que ele entrega uma economia ordenada, forte e aberta à solidariedade.

O Pe. Vecchi continua se referindo à prova positiva do “discernimento”, pelo qual percebeu uma satisfação comum. Refere-se ao fruto espiritual pessoal que derivou através de um caminho interior de purificação, à capacidade de ouvir, à oração e ao exercício de convergência, que permitiu também que assumisse com calma os momentos não claros da comunidade: é bonito porque se vive a proximidade do Senhor não de maneira mítica, mas com realismo e responsabilidade. Esta experiência de discernimento é uma riqueza que deve ser levada consigo, às comunidades locais e aos conselhos inspetoriais: existem problemas que devem ser enfrentados com discernimento e calma. Cita, em seguida, numerosos artigos constitucionais que fazem referência ao discernimento, que ressalta, como exigência da nossa identidade, em vista de uma fidelidade no mundo cultural de hoje, nas situações complexas em que vive a Congregação e em vista das escolhas de longa perspectiva e realização.

Concluindo, indica uma meta ulterior: a confiança recíproca, a estima, embora na diversidade, e um encontro mais ameno entre nós. Expressa gratidão a Deus e aos capitulares.

UMA SEMANA COM OS LEIGOS

30 de março de 1996.

274 1. Presença dos leigos: irmãos e irmãs.

Chegaram como tinha sido previamente combinado, foram envolvidos na vida e na realidade capitular, participaram da discussão na Assembléia, foram co-responsabilizados na seqüência da redação dos documentos e contribuíram para ampliar a nossa consciência dos diversos ramos da Família Salesiana.

Esta presença teve um valor real para a consistência das suas contribuições e também um valor simbólico, tornando-se um sinal para a Congregação. Certamente terá uma influência multiplicadora nas comunidades salesianas.

Reforça o agradecimento pela sua contribuição e observa como foi um itinerário laborioso: primeiro procurá-los, depois, convidá-los e, além disso, superar a dificuldade de trabalho e de compromissos: mas os resultados são decisivamente satisfatórios e compensam pelo cansaço.

275 2. Terminou também a primeira discussão em sala das seis partes em que tinha sido dividido o documento capitular. As intervenções e as contribuições pessoais foram abundantes.

A primeira comissão recebeu 137, a segunda 70, a terceira 49, a quarta 37, a quinta 61 e a sexta 36 contribuições. Um total de 390 intervenções entre as pronunciadas e as escritas.

Uma média de 1,80 páginas por capitular, considerando também os leigos. Alguns intervieram mais, alguém não escreveu nada e participou com a sondagem, mas “palavra e silêncio”, combinados, formam a sabedoria.

Foram focalizados aspectos determinantes como, por exemplo, a relação entre leigos e vida consagrada, aquela relação que vai além da cortesia e do acolhimento e que ao contrário consiste no intercâmbio de dons, para a construção da comunidade educativa e para a educação dos jovens; o núcleo animador; a definição de Movimento Salesiano e de Família Salesiana.

Este amplo debate evidencia alguns elementos, sem tratar dos conteúdos, em cujo mérito entrará em seguida.

O primeiro elemento é a *concretização e o esforço de definição*. Foi muito bom não ter permanecido nas enunciações entusiásticas das utopias, procurando o significado preciso e operativo dos termos. Talvez a isto responda o desejo do vocabulário e uma certa exemplaridade não aceita por nós (cf. a referência feita em sala para a multinacional de *fast-food* Mc Donald's).

Um segundo elemento é a *riqueza de referências a experiências vividas* que mostram a todos a possibilidade de realizar as coisas ditas.

Além disto, procurou-se com persistência os fundamentos e as inspirações para avaliar as experiências de cada um e para manter a originalidade carismática nas diversas soluções.

276

3. A terceira anotação é o **exame do debate por parte das Comissões**; assim teve início a segunda redação do documento. Notou-se com quanto cuidado se procurou integrar no texto as diversas contribuições, também as dos leigos, e até mesmo a Exortação apostólica *Vita Consecrata*, recentemente publicada. Por vezes estas integrações provocaram uma diminuição de páginas e ao mesmo tempo uma concentração de conteúdos.

Assim caminhamos em direção ao texto definitivo: haverá ainda debates, sondagens de preferência e depois a sistematização definitiva.

4. É claro o **caminho futuro do documento** de seu estado atual até sua conclusão, que deverá acontecer nas três semanas de Capítulo que ainda restam.

Neste caminho calcula-se o trabalho de um grupo de redação que dará unidade e desenvolvimento mais legível ao texto que levaremos embora.

5. Depois, são evidentes os **resultados em nível pessoal**: todos puderam elaborar uma visão universal da situação, todos aprofundaram as metas, todos tomaram consciência das condições para realizar aquilo que está sendo proposto.

6. A sétima comissão concluiu a **definição das Regiões**, superando até mesmo as dificuldades das altas Cordilheiras.

Estas “regiões” foram todas votadas com mais de dois terços dos votos da Assembléia.

Apresentou, depois, as últimas questões que tinha na ficha. Portanto, chegou ao final antes das outras (aplausos).

Alguns comentários a respeito do debate:

277

1. Procura do equilíbrio.

Existe um equilíbrio que deve ser procurado pessoalmente, no documento, no governo das Inspetorias e das casas entre algumas exigências complementares.

Os documentos estão atingindo este equilíbrio. O Reitor-Mor pretende deter-se em torno de alguns aspectos que aparecem acentuados por uma “forte polaridade”.

— Uma primeira polaridade: *vocação comum no povo de Deus e diferença de dons*.

Todas as pessoas são iguais na dignidade e na vocação à santidade e na possibilidade de formação, mas na condição humana o Espírito tornou-as diferentes de forma a enriquecer a comunhão, exatamente como o homem e a mulher, que são iguais em dignidade no matrimônio e, portanto, existe reciprocidade, mas cada um carrega a especificidade da condição humana. E isto não é para estabelecer hierarquias, mas para oferecer o próprio dom com generosidade.

É assim que devemos pensar da nossa parte em relação aos dons dos leigos, mas também aos dons que os salesianos consagrados oferecem aos leigos, e entre estes não devem ser esquecidos os dons sacerdotais.

Ser sacerdote não significa apenas exercer uma função, mas deixar-se plasmar interiormente em conformidade com Cristo “bom pastor”.

— Outra polaridade é aquela que pode ser definida como *extensão e qualidade*.

Pode-se estender a Família Salesiana a todos aqueles que fazem um gesto de simpatia; mas deve-se pensar depois se os laços criados permitem veicular aquela carga de espiritualidade que faz da Família Salesiana o núcleo animador de um movimento sem confins.

Os movimentos sem confins jamais funcionam sem um forte “fermento”.

Simultaneamente é preciso pensar em ampliar a influência e em cuidar dos “fermentos”.

— Outra polaridade ainda: *humanismo e originalidade cristã*.

Certamente todos poderiam entrar na comunidade educativa, mesmo aqueles que não pretendem considerar a possibilidade da fé, mas limitar-se aos valores humanos.

Mas, é preciso ver, então, se será possível tomar presente o acontecimento histórico da Encarnação e do Evangelho de Jesus Cristo.

— Poder-se-ia continuar com outras polaridades, como por exemplo: *educação e pastoral / condição ordinária e extraordinária*.

Uma comunidade educativa pode em algumas circunstâncias assumir alguns momentos de difícil gestão; é preciso considerar se esta situação pode ser proposta como norma geral para dar consistência tanto para a Inspetoria, como para a nossa ação educativo-pastoral.

Manter a tensão entre estas polaridades é uma garantia de concretização operativa e significa atuar a “graça da unidade” de que sempre se falou.

O Capítulo não é chamado apenas para enunciar metas ou utopias, mas para apresentar um caminho concreto para que elas sejam realizadas.

278 2. O “núcleo animador”.

Outro comentário é sobre o “núcleo animador”: é um tema que suscitou muito interesse e com razão, porque comporta a nova colocação da comunidade salesiana na Obra ou iniciativa.

E aqui se coloca muito da identidade educativo-pastoral da comunidade salesiana, como também os seus resultados educativos.

Este problema tinha sido pensado também por Dom Bosco de acordo com as condições do seu tempo, quando ressaltava a importância do Diretor e do Conselho, e tinha dado ao Diretor indicações para animar jovens e adultos.

Convém que se expresse com clareza em primeiro lugar os diversos níveis de animação: o da organização, da coordenação cotidiana, do acompanhamento metodológico; depois, a orientação educacional (enquanto diz respeito a conteúdos objetivos), depois a formação espiritual e cristã e, no vértice, deve-se assegurar a identidade salesiana do todo.

Trata-se de níveis coligados, mas pode-se fazer uma distinção entre eles.

Alguns aspectos são mais determinantes do que outros.

Em segundo lugar, interessa que os Salesianos de Dom Bosco, onde quer que estejam presentes, sejam sempre um núcleo animador; que cada SDB seja capaz de animar, dedique-se à animação, que o grupo presente assuma primariamente esta função, desenvolvendo-a de forma comunitária.

Isto pertence intimamente à sua vocação consagrada e salesiana.

A comunidade consagrada é sempre um ponto forte de formação da Igreja. Em torno dela são criados círculos de comunhão e de participação.

Isto não quer dizer que esteja no centro como núcleo organizador, nem que esteja só neste trabalho de animação: os leigos também participam dele de acordo com o caminho estabelecido por eles mesmos e pela própria comunidade.

É bom e desejável que os leigos estejam presentes, mas é essencial que não falem os salesianos no núcleo animador.

Em nível local, é possível também que haja um núcleo animador formado somente por leigos, mas com uma referência ou assistência por parte de SDB, ou em nível inspetorial, ou de uma comunidade próxima que cuida dos aspectos carismáticos e se encarrega da presença ministerial.

Tudo isto não pode acontecer de forma enfraquecida: quanto mais forte for a presença dos leigos, tanto mais essencial deve ser a assistência da Inspeção ou da comunidade próxima, porque nunca se deve deixar uma disponibilidade cristã sem o alimento correspondente.

Em relação, pois, a estas presenças em uma Inspeção, deve-se perguntar: quantas podem ser mantidas com eficácia? Porque o princípio não é o de "ocupar" o maior espaço possível, mas sobretudo, verificar se a ação está sendo em termos de formação de Igreja, de evangelização, de fazer surgir vocações comprometidas.

279 3. E, aqui, outra polaridade.

É verdade que somos para o mundo, mas jamais a Igreja pensou no mundo sem pensar também em si mesma. Não para se impor, ou para se conceder privilégios, mas para examinar a própria identidade e as condições para a própria ação.

O ser “para” o mundo não deve ser interpretado apenas em termos de extensão, mas de forte “fermentação cristã”.

O mundo não vive apenas de quantidade, mas mundo e cultura progridem através de fermentos em termos de qualidade.

280 4. Por fim, é preciso recordar que podem existir **outras pessoas inteiramente responsáveis por obras** que são chamadas de salesianas, porque acreditam ser portadoras do espírito e do estilo salesiano e não interessa à Congregação Salesiana assumir a responsabilidade principal de todas estas obras, especialmente se existirem projetos capazes de levá-las adiante em nome próprio. Pensamos em Cooperadores, Ex-alunos, Damas salesianas, etc.

Isto comportará da nossa parte outro tipo de assistência e de acompanhamento, que não correspondem ao “núcleo animador”, enquanto isto corresponde à pessoa que tem a responsabilidade.

O Reitor-Mor se encaminha para a conclusão evidenciando que tudo o que desejou dizer não foi para fechar os horizontes, mas para construir estradas a serem percorridas.

Antes, porém, de fazer o fechamento propriamente dito deste amplo, rico e significativo comentário que ilumina o caminho percorrido, bem como o caminho que o Capítulo tem diante de si, há ainda uma palavra para os leigos. De fato, não estarão mais presentes nos próximos dias de trabalho: e isto, diz o Reitor-Mor, provoca saudade.

Na verdade, sua presença foi muito agradável e enriquecedora, pela qual existe um ulterior agradecimento. No entanto, não existirão palavras de adeus ou de despedida. Existirá um “enviar”, uma “missão”, como a dizer “ite”, ide em direção a toda área leiga-salesiana e também em direção às comunidades dos salesianos consagrados.

São enviados para anunciar uma novidade: “acreditamos ser possível e nos propomos trabalhar como uma família integrada, como um movimento que deseja recolher até mesmo as migalhas de boa vontade e simpatia de todos aqueles que desejam se colocar à disposição dos jovens, especialmente daqueles mais necessitados”.

A CONCLUSÃO DOS DEBATES E A ELABORAÇÃO FINAL DO TEXTO

13 de abril de 1996.

281

Expressamos e ouvimos tudo aquilo que esta assembléia de aproximadamente 220 membros consentiu ouvir e dizer em um mês e meio de trabalho. Isto não quer dizer que esgotamos o argumento. Depois deverá haver o trabalho de se colocar no contexto e de explicitar ulteriormente as coisas à altura de cada uma das Inspetorias e comunidades. A reflexão foi aprofundada, tanto quanto possível. Trouxe esclarecimentos indispensáveis, por exemplo, sobre a comunidade educativa, sobre o núcleo animador e sobre outros temas; recuperou aspectos que no início ficaram um pouco relegados, como a identidade e a função dos religiosos consagrados, ou do ministério sacerdotal; redimensionou pontos percebidos, mas que deveriam encontrar seu lugar equilibrado na economia deste tema, como a questão das Filhas de Maria Auxiliadora, que não vivem a condição de leigas, mas a de pessoas consagradas: falar delas representa para nós um compromisso especial em seu confronto; outro tema é o do coadjutor, que traz em si uma dimensão secular, vivendo-a, porém, na condição de religioso consagrado. O texto pôde se servir de intervenções inesperadas, mas enriquecedoras, sobre as imagens, os aspectos litúrgicos, os aspectos históricos: é preciso dar continuidade à atenção que as comissões dispensaram a todas as contribuições.

Uma conclusão atingida é o *trabalho de redação dos textos por parte das comissões*.

Isto implica para todos num último compromisso, o de um estudo atento para a assimilação do documento: existe ainda a possibilidade de oferecer uma contribuição dos “modos” com que se poderá melhorar posteriormente no detalhe o documento que será oferecido à Congregação.

282

Outra etapa empreendida foi a *agilização da organização final do documento*.

Solicitada mil vezes para eliminar repetições e superposições, foi depois votada. Representou algum sacrifício para as comissões. No entanto, notou-se uma excelente colaboração entre as diversas comissões e o grupo encarregado de dar um aspecto unitário ao documento.

Detenho-me um pouco sobre o *documento do Capítulo Geral*.

Foram expressas diversas expectativas, por exemplo: que ele seja fácil, compreensível mais ou menos de imediato, prático e operativo. Todas estas qualidades foram seguramente buscadas pelo grupo redator. No entanto, parecem-me pertinentes *alguns comentários*.

— O primeiro é sobre o *caráter deste documento*.

Será um documento que servirá para o trabalho das comunidades locais e inspetoriais. Podemos pensar em sua beleza, no seu tom um tanto poético ou entusiasmante; não se deve esperar um documento semelhante a uma Exortação apostólica, na qual foi empregado um ano de trabalho e cinco ou seis redações, e é oferecido a um público indistinto de religiosos e de religiosas. Nós temos como destinatárias as comunidades que conhecemos muito bem, como conhecemos as suas condições de vida e de trabalho. O nosso documento é uma voz que convida à reflexão: um documento que deve ser completado com a reflexão que será feita nas comunidades locais e nas comunidades inspetoriais. Deve-se reforçar a idéia de que se trata de um documento para trabalho, mais do que um documento para simples leitura.

— O segundo comentário é *sobre a legibilidade*.

O grupo certamente se empenhará para torná-lo ágil e legível, mas deve-se dizer que não será um documento a ser lido inteiro de uma só vez, como leitura espiritual: será um documento a ser estudado, em relação às idéias que apresenta, em relação à mentalidade existente que gostaria de colocar em discussão, e em relação à vida e à situação em que nos encontramos. Por isto, o documento necessitará de meditação e os mediadores sereis vós, capitulares. O documento oferece uma base para que possais repassar tudo aquilo que adquiristes na experiência capitular, com interpretações certamente não contrárias ao sentido e ao texto do documento, mas esclarecedoras. Deverá ser dividido em partes, para uma leitura profícua. A primeira leitura talvez seja rápida, mas depois, para aprofundá-lo, dever-se-á parar sobre cada um dos problemas e das reflexões. É um documento sempre suscetível de enriquecimento com uma leitura criativa e expansiva e não puramente repetitiva ou de assimilação. A partir dele devemos compreender aquilo que é exigido pela nossa mentalidade e pela nossa situação.

— Um último comentário sobre a *função deste documento no caminho da Congregação*.

Em primeiro lugar formar mentalidade comunitária; esta é uma das maiores urgências em todos os níveis: a primeira dificuldade para a orientação em direção de objetivos pastorais é justamente a diversidade de sensibilidade e de mentalidade em relação a conteúdos, finalidades e metodologias, de modo que querer formar mentalidade comunitária não é função indiferente para um documento.

Em segundo lugar, levar sugestões práticas, que provenham de soluções já experimentadas e aqui codificadas e oferecidas para todos.

Uma terceira função é a de propor critérios a serem seguidos, especialmente nas áreas que mal foram exploradas, ou que são oferecidas como áreas de exploração e de abertura. Convém andar adiante, mas não dispersamente, sem bússola e sem critérios de orientação. E aqui são apresentados critérios também.

Finalmente, uma função do documento é a de oferecer objetivos a serem alcançados nos próximos seis anos.

À luz de tudo isso algumas expectativas poderão ser redimensionadas, mas ao mesmo tempo atribuir a este documento alguns méritos para os quais ainda não se tinha dado a devida atenção.

MENSAGENS

MENSAGEM DO CG24 AOS LEIGOS

283

Nós, membros do CG24, no fechamento da semana que nos viu caminhar lado a lado com uma representação qualificada de leigos provenientes do mundo salesiano, consideramos dom e inspiração da Providência ter escolhido como tema do Capítulo a relação Salesianos-Leigos e ter chamado, pela primeira vez na história dos Capítulos Gerais, um grupo de Leigas e de Leigos para participar e para trazer a riqueza de suas vozes e de sua sensibilidade para um tema que lhes interessava diretamente.

A estas vozes que ressoaram entre nós, somos particularmente gratos:

- pela simpatia e pela amizade das pessoas que as expressaram;
- pela sinceridade e pela franqueza que as caracterizou;
- pela validade das contribuições que realmente deram.

Interpretaram com espontânea convicção a nova sensibilidade da Igreja. Solicitaram uma resposta mais integral por parte da Congregação.

E neste sentido, através deles, pretendemos reafirmar a tantos e tantos leigos, homens e mulheres, que de alguma forma entraram na amizade de Dom Bosco e se tornaram seus colaboradores, que os Salesianos:

- já têm grande apreço por eles agradecendo-lhes profundamente pela generosidade e pela qualidade da sua presença;

- pretendem agilizar com mais profundidade modalidades concretas de participação mais plena e fecunda, em todos os campos da missão salesiana;

- querem, de modo particular, torná-los protagonistas junto com eles na Comunidade Educativa Pastoral, abrindo espaços para a insubstituível complementaridade de suas contribuições;

- pretendem, ainda, ajustar o clima do encontro e da colaboração, conduzindo-o sempre mais em direção ao calor da família e ao ideal da “comunhão”.

Ao mesmo tempo, fraternalmente lhes pedimos:

- a paciência neste caminho para nós e para eles de muito empenho;
- a vontade de afinar a capacidade de entendimento e de participação, aceitando modalidades e tempos de uma nova formação;

- o desejo de se achar ao grande coração de Dom Bosco, para ser ainda mais contagiados por ele e expressar nova generosidade e paixão pelos jovens que têm mais necessidade.

Reconhecemos, no entanto, a significativa realidade de colaboração leiga que já está em andamento na história salesiana através:

— dos leigos da Família Salesiana (primeiros, antes de todos, os Cooperadores), portadores dos mesmos valores, animados pela mesma espiritualidade e intérpretes da mesma missão, embora de formas e com características diversas, na originalidade de cada um dos grupos;

— dos Jovens do Movimento Juvenil Salesiano, os quais com original protagonismo vivificado pela espiritualidade salesiana, tornam-se missionários de outros jovens, em uma caracterizante escolha educativa salesiana;

— dos Amigos de Dom Bosco, com as mais diferentes fisionomias, que foram atraídos pelo seu fascínio, e, diferentes pela proveniência, pela cultura, pelo nível social e credo religioso, mostram-se dispostos a empregar energias, tempo e recursos em favor dos jovens;

— da Mulher, chamada a “expressar o verdadeiro gênio feminino em todas as manifestações” (*Evangelium Vitae*, 99) e especialmente naquelas tipicamente educativas da missão salesiana, reconhecendo-lhe nova postura relevante e novo “espaço de pensamento e de ação singular” (*ib.*);

— de todos os Leigos daquele “grande movimento de pessoas que, de diversas maneiras, trabalham para a salvação da juventude” (*Const.* 5).

Leigos e Salesianos já estamos encaminhados para o Terceiro Milênio, já às portas, repleto de contradições, mas também de promessas; com o nosso compromisso específico de “ser na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres” (*Const.* 2). Isto já foi realizado esplendidamente por tantos Salesianos e Leigos, desde o tempo de Dom Bosco até hoje. Mas, “vós não tendes apenas uma gloriosa história para recordar e contar, mas uma grande história para construir! Olhai para o futuro, no qual o Espírito vos projeta para realizar convosco coisas ainda maiores”, afirma o Papa com palavra firme a nós Salesianos, mas analogamente a vós, Leigos que participais da nossa missão (*Vita Consecrata*, 110). O desafio está diante de nós. Exige inteligência de programas, perseverança de percursos, coragem de novos caminhos.

Para vós, Leigos, também graças às intuições e aos estímulos deste CG24, existe um renovado, forte apelo de Dom Bosco para ser, de acordo com respostas diferenciadas e graduais, parte viva da sua missão juvenil e popular na Igreja. Assim Dom Bosco vos agradece, assim vos convoca ainda mais numerosos, assim torna a prometer, com arguta e sábia simplicidade, “pão, trabalho e paraíso” (*MB XVIII*, 420).

A Virgem Auxiliadora, solícita a socorrer quem estiver em necessidade, torna-se mais uma vez nossa Mestra e nossa Guia.

Com uma fraternal saudação.

Roma, 20 de abril de 1996.

MENSAGEM DO CG24 AOS JOVENS

284 Caríssimos jovens,

Há 150 anos, no dia 12 de abril de 1846, domingo de Páscoa, Dom Bosco se transferia com os seus jovens para Valdocco. O Oratório se enraizou aí, cresceu e deu frutos até se expandir pelo mundo inteiro a serviço da juventude.

Nós, Salesianos reunidos em Capítulo Geral, inspirados por este evento, colocamo-nos em contato com vocês, jovens do MJS, animadores, voluntários, e todos aqueles que, das maneiras mais diversas, conheceram e amaram Dom Bosco.

Obrigado, pelas solicitações de vocês

Antes de tudo, queremos agradecer-lhes por tudo o que nos disseram na preparação do CG, respondendo às questões por nós solicitadas:

- vocês nos pediram com insistência para que estejamos mais presentes em seu meio, dividindo sua vida, particularmente nos momentos espontâneos e informais;
- desejam acompanhamento e ajuda para uma formação mais profunda;
- solicitam espaços de participação efetiva no trabalho educacional e evangelizador;
- desejam nos ver como testemunhas coerentes do Evangelho com a nossa vida religiosa: homens verdadeiramente pobres e de oração, que sabem viver e trabalhar em comunidade.

A experiência do CG24

O CG24 foi para nós uma extraordinária experiência de “salesianidade”: tocamos com as mãos a universalidade do carisma e da missão salesiana, a força de convocação ainda hoje suscitada por Dom Bosco e a comunhão que existe entre nós e tantas pessoas

de boa vontade, de todas as religiões e culturas, de modo especial com a Família Salesiana.

Ouvimos a voz de vocês e a dos leigos que trabalham junto conosco: todos nos pedem abertura e participação, protagonismo e envolvimento na missão salesiana. Dom Bosco, que desde o início soube envolver os jovens em seu compromisso e deixá-los a serviço de seus contemporâneos, é para nós exemplo e estímulo.

Aprofundamos a nossa visão de Igreja como comunhão de vocações a serviço do Reino no mundo.

Conhecemos melhor, e por isto agradecemos ao Senhor, o trabalho de vocês no campo da animação e da evangelização de tantas formas e em tantos lugares. Experimentamos a grande alegria de compartilhar com vocês a missão salesiana.

Tudo isto já é uma das realizações da comunhão e participação entre salesianos e leigos no espírito e na missão de Dom Bosco, tema do Capítulo.

A nossa resposta

Aceitamos o desafio que nos provém deste Capítulo.

Apesar de conscientes de nossas limitações, oferecemos-lhes a nossa mão para que caminhemos juntos e nos empenhamos para que as nossas comunidades e as nossas obras estejam abertas para todos vocês.

Como Dom Bosco, queremos viver com vocês, queremos estar com vocês, com vocês queremos trabalhar para a salvação da juventude, especialmente a mais pobre e mais necessitada.

Propomos a vocês um caminho de fé concretizado na espiritualidade juvenil salesiana do qual queremos ser testemunhas vivas entre vocês.

Queremos que vocês sejam jovens de forte interioridade, na procura e abertos a Deus.

Desejamos provocá-los para que façam da própria vida um serviço para com os outros, sobretudo em favor dos últimos e a para que sejam portadores de solidariedade e de esperança.

Queremos encorajá-los para que sejam missionários dos jovens.

Pedimos que vocês vivam intensamente a amizade com Cristo.

Convidamos vocês para que caminhem em direção à santidade.

Em qualquer momento, contem com o nosso acompanhamento e com o nosso apoio.

Um empenho comum

Dom Bosco dizia: “Se tivesse comigo um grupo de jovens como eu os imagino, poderíamos conquistar o mundo”. Com a mesma confiança convidamos a todos para que trabalhem pela educação e evangelização dos jovens de todo o mundo.

Vivemos a experiência de nos formar juntos para continuar o caminho de fé e encarnar Dom Bosco neste final de século, apresentando-o vivo às novas gerações de jovens!

Esta será a nossa forma concreta de participar do grande projeto do ano jubilar, para o qual o Papa nos convoca.

Coloquemos nas mãos de Maria Auxiliadora, a Mãe e Mestra de Dom Bosco e dos jovens, estes desejos e compromissos para que se tornem uma alegre realidade.

Roma, 20 de abril de 1996.

Os Capitulares do CG24

MENSAGEM DO CG24 AOS COOPERADORES SALESIANOS

285 Caríssimos Cooperadores e Cooperadoras:

Encaminhamo-nos para o final do CG24 e é justo que vos dirijamos uma saudação e uma palavra de reconhecimento, seja pela oração fraterna, seja pela mensagem rica de conteúdo salesiano.

Nestes dias renovamos a nossa consciência de ser, na Igreja, filhos de um Pai que desejava unir todas as forças movidas pelo espírito do bem. Ele queria envolver todos no seu projeto de vida: ir ao encontro dos jovens pobres e abandonados para testemunhar-lhes que Deus os ama.

Vós Cooperadores e Cooperadoras, conosco SDB e com as Filhas de Maria Auxiliadora, como grupos centrais da Família Salesiana (cf. *Carta de Comunhão na Família Salesiana*, art. 2), tendes uma importante responsabilidade na comum missão salesiana.

Hoje a missão vive mais do que nunca um desafio: a pobreza e a marginalidade crescem cada dia em todo o mundo, prendendo muitos jovens em suas redes. Acreditamos com a Igreja do Vaticano II que este momento deve nos encontrar unidos para sermos coerentes com o carisma, com a missão e com os sinais dos tempos. Embora no respeito e na valorização de cada vocação particular, devemos agrupar as nossas forças na unidade, sustentar-nos mutuamente, integrar-nos e articular-nos através de uma relação e de uma comunicação mais fluente.

O tema do Capítulo nos levou a querer abraçar no espírito e na missão o maior número possível de leigos. Acreditamos que vós, Cooperadores e Cooperadoras tenhais entre eles um papel proeminente (cf. CGE 741). O RVA, de fato, apresenta-nos o Cooperador Salesiano como o protótipo do leigo que condivide a experiência educacional e pastoral de Dom Bosco através dos tempos.

Agradecemos a Deus pelo que sois, pela vossa original vocação dentro da FS, indispensável pela missão. Desejamos, ao mesmo tempo, estar ao vosso lado para crescer e caminhar juntos na animação e formação dos leigos que fazem parte do Movimento Salesiano.

Queremos nos empenhar também em aprofundar e conhecer melhor a identidade recíproca, para promover uma mútua formação permanente e realizar juntos uma significativa pastoral vocacional.

A conclusão do Processo diocesano para a beatificação de Mamãe Margarida (22.04.96) nos faz pensar na radicalidade de vida evangélica da primeira comunidade de Valdocco. O Espírito Santo fez crescer, entre aqueles que deram forma à primeira experiência oratoriana, da qual celebramos o 150º aniversário no dia 12 de abril pp., um tipo de relação capaz de santificá-los. Por isso, ao aproximar-se também o Jubileu do Ano 2000, desejamos repropor especialmente a vós, Cooperadores e Cooperadoras, e a todos os membros da FS, o objetivo de uma santidade construída em conjunto, para oferecer aos jovens o melhor presente que podem esperar de nós.

Que Maria Auxiliadora seja o nosso sustentáculo!

Roma, 20 de abril de 1996.

Os Capitulares do CG24

MENSAGEM DO CG24 AOS EX-ALUNOS E EX-ALUNAS DE DOM BOSCO

286

1. A vós, queridos Ex-alunos e Ex-alunas de Dom Bosco, é enviada a nossa saudação mais cordial. Ficamos reconhecidos pelas reflexões que as Federações e particularmente a Confederação mundial ofereceram na preparação do CG24. Ouvimos também a mensagem que o representante dos (das) ex-alunos (as) ofereceu no início do Capítulo e durante a semana, na qual salesianos e leigos (as) trabalharam juntos.

A vossa contribuição colocou em evidência a vitalidade do movimento Ex-alunos no interior das culturas no mundo; a capacidade organizadora das Federações, o bem que eles realizam na vida cotidiana e os projetos que são marcados como compromisso de futuro. As dificuldades não faltam, mas temos certeza da boa vontade dos Salesianos e dos Ex-alunos para superá-las.

2. Admiramos a objetividade, a serenidade e a sinceridade da análise feita sobre a Confederação dos Ex-alunos de Dom Bosco. Ajudou-nos a compreender mais profundamente a nossa parte de responsabilidade nas relações com os Ex-alunos comprometidos: o cuidado solícito das relações entre Ex-alunos (as) e comunidade local dos salesianos, a contribuição solicitada aos salesianos na formação dos líderes e dirigentes, especialmente dos jovens, maior estabilidade dos delegados salesianos, um espaço mais significativo dos Ex-alunos no interior das CEP (comunidade educativa pastoral das obras salesianas), a animação qualificada dos jovens Ex-alunos (JEX) autentica a esperança de continuidade e de profunda renovação.

3. Agradecemos ao Senhor pela vossa presença na Família Salesiana e, junto convosco, queremos renovar a nossa fidelidade a Dom Bosco. Ele, cheio de confiança na Providência e guiado pela Auxiliadora, convocou leigos adultos, jovens, homens e mulheres, e tantas pessoas de boa vontade para levar adiante a imensa causa da juventude pobre e abandonada. Estamos convencidos de que na fidelidade de vossa identidade religiosa e confessional e no diálogo e tolerância com todos aqueles que professam outra fé e outras religiões, podeis oferecer a vossa contribuição válida na obra educacional dos salesianos SDB, vossos educadores.

Reconfirmamos e queremos compartilhar convosco o nosso compromisso de:

- a) assegurar uma educação integral dos jovens em nossas obras: este é o nosso principal e fundamental critério para o futuro da Associação dos Ex-alunos de Dom Bosco, assumindo os valores do Sistema Preventivo como referências humanísticas no meio de outros compromissos seculares da vida social (cultura, política, trabalho, economia e a própria vida de fé);
- b) cuidar da animação e da formação dos ex-alunos/as empenhando-vos em compartilhar as responsabilidades e a privilegiar a formação permanente dos dirigentes;
- c) Criar e desenvolver em conjunto espaços para a presença e o testemunho dos Ex-alunos:

— em nossas obras, mediante as programações e as atividades das CEP,

— na sociedade, mediante a defesa dos valores da vida, da família, da mulher, dos direitos humanos, da justiça social, da paz e da solidariedade e o serviço para os mais pobres e necessitados.

4. Solicitamos a vós todos que trabalheis para o desenvolvimento da vida associativa. Ao mesmo tempo, propomo-vos aceitar o envolvimento e a co-responsabilidade, de acordo com as vossas disponibilidades, no trabalho que de agora em diante os salesianos querem oferecer à missão salesiana juntamente com os leigos/as. A nível local e inspetorial a vossa Associação se torne promotora de convocação e de colaboração expandindo assim o carisma salesiano no vasto movimento e criando uma rede de amizade e simpatia com os inúmeros “amigos” da obra salesiana e de Dom Bosco.

O nosso Pai e Mestre continua a vos convocar e a vos convidar a viver conosco, na comunhão e na participação de seu espírito e da sua missão e vos agradece pelo bem já realizado.

Maria Santíssima continua a ser a vossa Ajuda. Sede, portanto, sempre e em todo lugar difusores de alegria, de otimismo e de bondade.

Roma, 20 de abril de 1996.

Os Capitulares do CG24

MENSAGEM DO CG24 ÀS VOLUNTÁRIAS DE DOM BOSCO

287

Os membros do CG24, vindos a Roma provenientes de todas as partes do mundo, dirigem-se a vós, caríssimas Voluntárias, que “nascestes e crescestes na Família Salesiana de Dom Bosco”. Chegue até vós a nossa saudação fraterna e o sincero agradecimento por nos terdes acompanhado neste acontecimento. Vós nos enviastes uma contribuição que enriqueceu a nossa reflexão: nós vos somos agradecidos pela presença no dia da inauguração do Capítulo e durante a semana dos trabalhos junto com os outros representantes leigos.

Em nossa reflexão capitular, orientada para a maior compreensão das relações recíprocas que nos ligam no mesmo espírito e na mesma missão salesiana, relembramos os elementos que servem para aprofundar e para reforçar a colaboração e a participação para que se chegue a um “vasto movimento de pessoas”, unidas pelo desejo de evangelizar educando, no espírito de Dom Bosco.

A vossa vocação específica na Igreja e na Família Salesiana nos ajuda a compreender melhor tanto como se pode ser sinal vivo de Cristo no mundo, quanto a contribuição da mulher na Igreja e no mundo.

Durante as discussões capitulares reafirmamos a convicção profunda que “o primeiro passo da missão é viver a consagração” (cf. *Vita Consecrata*, 72). Neste caso, é a própria vida “que se torna educativa, porque fala por si mesma e coloca interrogações”. A afirmação se refere também à nossa consagração, vivida na síntese harmoniosa com a secularidade. Nós apreciamos este vosso modo simples e ao mesmo tempo exigente de testemunhar a radicalidade do amor, importante para o homem de hoje que tem sempre mais necessidade de sinais visíveis para crer.

Na contribuição que nos transmitistes escrevestes: “Pela nossa imersão no mundo podemos comunicar-vos uma sensibilidade experiencial das situações em que vivem os destinatários da missão”. Indicando-nos a problemática da sociedade que viveis na primeira pessoa, podeis nos ajudar para atualizar o nosso tra-

balho educativo-pastoral. Também este é um dom do momento em que refletimos sobre a “dimensão secular” da Igreja, da Congregação e dos carismas surgidos nela para o mundo.

Como salesianas, afirmais a plena participação no carisma de Dom Bosco, participando de modo original, com a sensibilidade que provém do fato de serem mulheres. Frequentemente vos dirigis diretamente aos nossos destinatários privilegiados, apoiando a missão com a vossa competência profissional. Assim, na Família Salesiana estais presentes com as atitudes de criatividade e de generosidade sacrificada, mesmo se silenciosa e por vezes escondida.

Caríssimas Voluntárias, há seis anos, durante o CG23, vivemos juntos a alegria da beatificação do vosso Fundador e terceiro sucessor de Dom Bosco, Pe. Filipe Rinaldi. Ainda hoje renovamos nosso reconhecimento a Deus por um Santo que é nosso mestre no promover a colaboração com os Leigos. Como Pe. Rinaldi, também nós desejamos encontrar em cada uma de vós “uma colaboradora e uma animadora do compromisso salesiano” (E.Viganó).

Em diversas circunstâncias nos pedistes apoio na formação e na animação espiritual. Asseguramo-vos que vos acompanharemos com este serviço fraterno. Desejamos aprender também de vós, salesianas consagradas na secularidade, a fidelidade ao carisma salesiano, para realizar aquela “respiração pelas almas” que foi vivida por Pe. Filipe Rinaldi, a quem confiamos os promissores inícios do ramo masculino, para o qual oramos e convosco esperamos.

Maria Auxiliadora nos guie no mesmo compromisso de consagração e de missão.

Roma 20 de abril de 1996.

Os Capitulares do CG24

OS LEIGOS PRESENTES NO CG24 DA FAMÍLIA SALESIANA

288 Caros amigos,

Nós leigos aqui presentes no CG24, estamos vivendo um momento historicamente importante, porque é a primeira vez que alguns leigos participam de um Capítulo Geral dos SDB.

Sentimo-nos à vontade participando dos momentos de oração, dos trabalhos, da vida comunitária, até porque os padres capitulares nos acolheram como irmãos e irmãs em Dom Bosco. Sentimo-nos honrados de ter participado e de ter podido contribuir para as discussões e para as reflexões sobre o tema do Capítulo: “Salesianos e Leigos: comunhão e participação no espírito e na missão de Dom Bosco”.

Esta oportunidade representou para nós uma grande responsabilidade, mas como leigos aceitamos o desafio.

A experiência de co-responsabilidade que vivemos foi muito importante e de grande valor e representa um exemplo a ser seguido pelos leigos e pelos salesianos de todo o mundo, porque estende o espírito de Dom Bosco para todo o Movimento Salesiano.

Tendo vivido esta experiência de compromisso em um clima tipicamente salesiano de alegria e de serenidade, convidamos todos os membros da Família Salesiana a repetir este tipo de encontro a nível local em todo o mundo, para promover maiores oportunidades de envolvimento e de comunhão entre leigos e SDB.

Conscientes de que tudo isto não é fácil, nós confiamos e vos convidamos a ter confiança no futuro que vai nos propor novas oportunidades, porque Deus fez o dom da riqueza do Carisma de Dom Bosco para a Igreja e para o mundo inteiro.

Com o afeto dos vossos amigos

Oliviero Zoli, Ken Greaney, Carlos Escobar, Andreu Ibarz, María Victoria Bernal, Isaac Tunez Fiñana, Giuseppe Bracco, Paul Lawry, Ortensia Barbarino, Maria Spackova, Marco Belfiori, Abraham Feliciano, Griselda Medina, Robert Hannigan, Gabi Holzinger, Jimenez Ignacio Marin, José Bernardini Campos, Antonio Gomes da Costa, Dominique De Lat, Rodolfo Trillini, Elisa de Rodríguez Azpurua.

HOMILIAS DO REITOR-MOR

HOMILIA NA MISSA DE ABERTURA DO CG24**Roma, 19 de fevereiro de 1996.**

Esta celebração nos introduz em nosso CG24. De fato, enquanto acontecimento espiritual, só pode ser inaugurado com um ato comunitário de fé na presença do Espírito Santo. Melhor ainda se realizado na Eucaristia, memorial da Ressurreição de Jesus, de quem o Espírito é dom, testemunha e garantia.

A presença do Espírito já é para nós agora e aqui um fato real. Podemos nos deixar levar pelas semelhanças entre a nossa assembléia e aquela de nos falam os Atos dos Apóstolos. Estamos também nós, como eles, fisicamente em um mesmo local, provenientes de longínquas partes do mundo. E isto é sinal de uma energia misteriosa que nos congregou.

Mas, sentimo-nos juntos também espiritualmente: pela fraternidade que nos une antes de nos conhecermos; pelo projeto comum que nos dispõe para a convergência de pensamento; pela concórdia sem igual que faz com que todos nos sintamos discípulos de Cristo e filhos de Dom Bosco. O Espírito já estabeleceu entre nós aqueles liames profundos de comunhão que o carisma gera quando é acolhido e desenvolvido.

Também nós, como eles, falamos línguas diferentes, somos provenientes de culturas diferentes, representamos tradições e condições diversas de vida. E, no entanto, confessamos e proclamamos as mesmas verdades e assumimos um mesmo estilo de vida.

Estamos também nós como que no término de um período que vai mostrando os sinais de acabamento, enquanto esperamos a abertura de um tempo novo para a nossa experiência religiosa e pastoral.

“Enquanto o dia de Pentecostes chegava ao fim” — diz o texto. Pentecostes, ou “tempos novos do Espírito” se sucedem na Igreja, atingem, realizam as próprias possibilidades, abrem a estrada para ulteriores novidades. Também assim em nossa Congregação. O tempo que nos preparamos para viver é certamente um desses Pentecostes.

Podemos imaginar que, fora deste ambiente, multidões aguardam para ouvir aquilo que contaremos depois da nossa reflexão e da nossa experiência espiritual: são os irmãos e os membros da Família Salesiana, os jovens e os fiéis que esperam um anúncio modulado de acordo com suas urgências e esperanças.

A nossa experiência hodierna da presença do Espírito encontra confirmação na memória da fé. Toda vez que o povo de Deus ou uma porção dele se reuniu para renovar a aliança, recebeu o Espírito do Senhor. Toda vez que os discípulos de Jesus se reúnem em seu nome para invocar a vinda do Reino, o Espírito está com eles.

O Espírito se manifesta como uma potência que transforma e causa mudanças. Move alguns para empreendimentos de salvação e libertação para dar dignidade e novas perspectivas de vida para as pessoas. Podemos pensar em Moisés, ou em outros personagens bíblicos, dos quais se diz que foram tomados pelo Espírito Santo de Deus e agiram com a energia estardalhadeira do fogo e do vento. E sobretudo em Jesus, que investido do Espírito enfrenta as tentações e se entrega à missão de evangelizar os pobres, expulsando demônios, curando doenças e debelando o mal.

O Espírito suscita e inspira os profetas e os sábios que mantêm viva a esperança do povo, arriscando por ela o sentido de fatos históricos complexos e quase incompreensíveis e sobretudo mantêm viva a consciência da vocação do homem e de sua realização final contra as tentações do imediato, da pura satisfação das necessidades materiais.

Da mesma forma, o Espírito está na origem do serviço sacerdotal, que favorece a experiência religiosa mais profunda, a liturgia, a oração, a realidade do templo e tudo aquilo que a ele está vinculado como mediação do encontro com Deus.

Juntos, guias, profetas e pastores, sábios, homens espirituais e homens de ação deram e dão ao povo de Deus e à comunidade eclesial, identidade, solidez e orientação.

Do mesmo modo o Espírito agiu e age em nossa humilde Sociedade, que é um componente da humanidade e da Igreja. Não fica mal proclamar, com renovada fé comunitária, aquilo que individualmente lemos com frequência e em que acreditamos: "O Espírito suscitou São João Bosco". Formou nele um coração de Pai e de Mestre: deu origem, portanto, à novidade do nosso espírito e estilo pastoral, em favor dos jovens pobres.

Ele lhe inspirou fundar a Congregação e a Família Salesiana, dirigindo depois para elas numerosas pessoas que as desenvolveram no tempo, apresentando hoje o projeto delas de forma criativa. No coração destas pessoas o Espírito suscita continuamente o desejo da experiência de Deus, da santidade, da fidelidade ao carisma através da graça sacerdotal. Desperta-as também através de palavras e de fatos proféticos, orientando-as através de guias escolhidos por Ele.

Mas, no acontecimento e na memória da fé está contida uma promessa de particular importância para nós. Jesus a explicita: "O Espírito vos guiará em direção da verdade na sua totalidade".

Em sua totalidade! Não é pouco em uma época em que somos tentados a ficar contentes com um fragmento, com o anúncio publicitário, com a experiência fugaz. A verdade toda inteira é o único equipamento que nos consente abordar com sucesso a realidade e atravessar a história. Porque coincide com a sabedoria, esta com a verdadeira vida e esta com Jesus Cristo como fonte e significado da nossa existência pessoal e comunitária.

Para atingi-la, é preciso solícita caridade, que cria comunhão de corações, porque ninguém possui o monopólio da verdade. E exige também a paciência dos percursos que conduzem às palavras adequadas e compreensíveis a todos e orientam em direção a uma prática comum. É o contrário de Babel, não só do ponto de vista, mas também do vocabulário. De fato, não nos basta coincidir nas inspirações. Nós, que somos também corpo, temos necessidade da palavra apropriada e inteligível e das obras úteis e significativas. E isto nos é prometido. Encontraremos o caminho para chegar a uma visão de participação, para falar uma língua comum e para agir em consonância.

Temos uma necessidade premente disto. A verdade na sua totalidade é para nós compreender o modo concreto de expressar hoje a nossa consagração apostólica; aquela consagração com a qual desejamos anunciar o primado de Deus sobre a nossa vida, e sobre qualquer forma de vida, mediante uma caridade que se compromete em tornar os jovens conscientes de sua vocação e em nos colocar ao lado deles para que possam realizá-la.

A verdade em sua totalidade comporta hoje para nós uma nova compreensão participativa da nossa missão e das escolhas adequadas para fazer com que ela se torne significativa nos diversos contextos. Foi o Espírito quem traçou as linhas da missão de Jesus e quem acrescentou as obras que a tornavam compreensível aos homens, como Ele mesmo proclamou na Sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me consagrou com a unção e me enviou para anunciar aos pobres uma alegre mensagem” (*Lc 4,16-17*).

O mesmo Espírito a mantém no caminho, orientada para o Reino de Deus, contra as tentações de temporalismo, de vantagens pessoais ou corporativas, de nivelamento a correntes do momento ou ceder a necessidades imediatas.

A verdade na sua totalidade é para nós o modo de entender e de expressar o seguimento radical de Cristo, em um mundo que legitimou e quase exaltou até convertê-las em “status symbol” as representações extremas dos três ídolos: a riqueza destacada da solidariedade, o prazer liberado da responsabilidade, a liberdade desvinculada do serviço. Nós somos chamados a proclamar não apenas a ascese e a moderação, mas o

valor humano e cultural, indispensável à pessoa, das atitudes evangélicas que orientam a posse à divisão, o prazer ao compromisso, a liberdade ao amor.

E a verdade na sua totalidade implica para nós em compreender de novo e realizar as novas dimensões da comunhão. Em primeiro lugar no interior das nossas comunidades diante dos desafios colocados hoje às relações humanas profundas, ao espírito de família, à participação nas responsabilidades, à comunicação do espírito salesiano para o qual olhamos como o horizonte do nosso trabalho capitular. Mas também a expansão da comunhão para fora. Estamos em tempos de dilacerações pequenas, mas inumeráveis, que necessitam de reconciliação. As nossas sociedades estão permeadas de cisões e discriminações, de diferenças sociais intransponíveis, de contraposições étnicas. O tecido social cede sob os interesses individuais.

A nossa comunhão é chamada a se tornar fermento na cultura e no território, na mentalidade dos jovens e nos ambientes educativos.

A promessa que nos é feita é que o Espírito nos acompanhará, e nos guiará na procura. Não seremos detidos pela verdade bonita e arranjada. Antes, vai nos oferecer os seus percursos típicos para que cheguemos a ela já transformados.

Um destes percursos é a palavra: fatos acontecidos e ensinamentos que daí são retirados: “Ele vos recordará tudo o que eu vos tenho dito”. O recordar, o trazer à memória, o criar no tempo referências estáveis, às quais retornar é uma das características do espírito. Ele afirma novamente, faz ressoar na Igreja todas as palavras de Jesus tais quais Ele as pronunciou, não permitindo que elas sejam esquecidas. Por isso inspirou os Evangelhos, que nos são oferecidos nas celebrações litúrgicas, dando aos ministros a graça de anunciá-los.

Também para nós será importante a palavra lembrada. Não somos uma geração sem história, nem uma Família sem Pai.

O carisma não começa conosco. Já foi vivido, compreendido e expresso. Sob a sua inspiração se desenvolveu a vida de muitos irmãos, especialmente daqueles que brilham pela santidade. Para descrever este estilo de vida escreveram Dom Bosco e seus sucessores. E em diversos momentos a comunidade tentou dizer isso de novo. Voltar à fonte para colher a originalidade do próprio ser e da própria graça é um dos percursos do Espírito.

Mas Ele não oferece apenas nem principalmente a memória literal. É também o Espírito da compreensão inovadora. Os significados da palavra são inexauríveis. A sua remediação suscita em nós inspirações no-

vas, quando o Espírito faz com que ela se encontre dentro de nós como eventos que nos interrogam. “Tenho ainda muitas coisas para dizer-vos, mas não sois capazes de suportar o seu peso. O Espírito receberá do que é meu e fará com que o compreendais”.

Dois elementos nos impedem de acolher internamente a verdade de Jesus: a não-plenitude dos tempos e o nosso nível de vigilância e vida espiritual. Os primeiros amadurecem por si só, porque Deus age no coração do existente. O segundo, ao invés, está sob a nossa responsabilidade. Somos, pois, convidados a olhar os acontecimentos, a colher as invocações humanas e as urgências e procurar responder a isto com disponibilidade e fé.

E ainda: Não é somente o Espírito da palavra compreendida de novo, mas também da invenção e da profecia: “Ele vos anunciará coisas futuras”. Aproximamo-nos da aurora de um novo século. A história humana se apresenta carregada de desafios e de possibilidades, sobretudo no que diz respeito à pessoa, à experiência religiosa, à vida social e à missão eclesial. Novas perspectivas aparecem para a Igreja como um novo esforço de evangelização, o ecumenismo, o diálogo inter-religioso, o humanismo ético, a fermentação das relações humanas.

O Sínodo sobre a Vida Consagrada acolheu este conjunto de desafios e pede a esta autenticidade, radicalidade, vigilância sobre os tempos, participação nas vicissitudes do mundo, segundo a própria originalidade carismática.

* * *

Acontecimento, memória da fé e promessa nos sugerem os comportamentos com que poderemos percorrer as estradas que o Espírito nos sugerir. “Pedi o Espírito e o Pai vo-lo dará”. Pedir o Espírito: é o que fazemos agora e repetiremos cada dia na certeza filial de que o seu dom não nos faltará jamais.

HOMILIA NO DIA SEGUINTE AO DA ELEIÇÃO

Roma, 21 de março de 1996.

Nestes dias de discernimento, estamos vivendo um acontecimento singular. Não me refiro somente nem principalmente a mim, mas para nós todos como comunidade. Sempre acreditamos que o discernimento nos envolvesse a todos com igual responsabilidade, que o seu resultado dissesse respeito a cada um com iguais vantagens ou perdas. Embarcamos todos no mesmo navio e para a mesma viagem.

Acontece naturalmente nesta Eucaristia dirigir o pensamento a Dom Bosco que nos conduziu suavemente para este evento. No interior dele existe uma perspectiva de futuro de sua família e de seu empreendimento.

As leituras da Quaresma não nos impedem de olhar para ele; antes, nos oferecem interessantes sugestões.

* A primeira leitura fala da aliança e da mediação de Moisés. A Aliança com Deus, o pacto de recíproca predileção com Iahweh era a fonte da dignidade pessoal de cada um dos componentes do povo de Israel e o fundamento de sua identidade social. Sobre a sua memória e sobre o seu código se fundamentava a educação de cada pessoa, construía-se a solidariedade e se reforçava o sentido de propriedade. Israel era o povo que colocava Deus, a sua palavra e a sua lei acima de todos os bens, os acordos, os recursos ofensivos e defensivos. Por isso, apesar das muitas infidelidades, foi a “memoria Dei” que chegou a nós como patrimônio da humanidade.

A culpa do povo, e, portanto, a sua desventura, não consiste tanto em ter feito uma festa ao redor de uma estátua, mas em ter se esquecido da preferência que Deus lhe tinha demonstrado libertando-o da escravidão, em ter se confiado a elementos terrenos na procura da vida e da própria satisfação. Vista desta forma, a idolatria não é coisa de outros tempos. É um risco constante. Alguns acham que em nossos dias esteja ainda mais difundida do que o ateísmo.

A aliança é aquela situação de graça e de iluminação em que nos é permitido intuir que Deus é para nós o primeiro, o único indispensável que pode satisfazer a nossa sede de vida e os nossos anseios de resgate e de salvação.

Em outras palavras, nós a chamamos de consagração, escolha religiosa, projeto de vida em Deus, reconhecimento da sua presença em nossa existência.

É uma condição da humanidade. Ela permanece em estado de aliança, porque não pode perceber a razão de si e de sua ação sem reconhecer que pertence a Deus e que a Ele está destinada. Da mesma forma que uma esposa não pode pensar em sua condição a não ser em referência à relação que a une a seu esposo.

Mas é também a situação de cada pessoa, que não encontra sentido e estabilidade enquanto não se enraizar em Deus.

A Igreja torna seu e quer expressar este amor de Deus pela humanidade e a necessidade de Deus que ela experimenta. Percebe-o com clareza, foi-lhe revelado na vinda de Cristo, através do qual Deus atrai para si toda a humanidade unindo-se estreitamente ao homem na carne e na história.

Os religiosos são levados pela graça a concentrar a própria existência sobre a relação com Deus e a proclamar que o seu amor é real e constitui a história. Vivem a aliança não como uma narração do passado, uma doutrina, um sentimento subjetivo, mas como uma relação pessoal que configura a sua existência temporal e determina as suas escolhas, os seus compromissos e as suas amizades.

As crises mais graves acontecem quando este centro de gravitação, que sustenta e une, mesmo psicologicamente, a existência do religioso — e não pode existir nenhum outro, por mais nobre que seja, que consiga substituí-lo — perde força. Neste caso, todos os demais componentes ficam debilitados, cai a ligação entre eles, desarticulam-se e se esmigalham. As razões que sustentaram o projeto de vida ficam ofuscadas e não possuem mais a força necessária para orientar a pessoa.

O sentido da aliança, a atração de Deus não foram e não serão para cada um de nós um momento único e extraordinário, mas um processo de unificação, feito de correspondência a muitas mediações e provocações externas e movido por diálogos que se desenvolvem em nossa consciência, que nos levam na direção de escolhas cada vez mais totais e definitivas.

A aliança é uma preferência que se desenvolve e cresce ao longo da vida. Para alguns pode ter começado com uma iluminação repentina e fulgurante em um momento de particular intensidade espiritual. Mas sempre haverá necessidade novas tomadas de consciência e de novas opções. O cansaço, o esquecimento, o descuido, o desejo de outra coisa estão sempre de atalaia na alma humana.

Na maioria das vezes tudo acontece com aquela seqüência que facilmente se confunde com o jogo das influências: um primeiro gosto devido a um contato com ambientes ou pessoas ligadas ao religioso, nos quais se apreendeu um valor particular. Depois, pouco a pouco, descobre-se a fonte da qual procedem estes valores: participa-se da experiência daqueles que nos impressionaram, através da amizade, da colaboração, da confiança. No final, a pessoa se sente cativada, segundo a expressão de São Paulo: “Fui conquistado por Jesus Cristo”.

* Justamente neste caminho de descoberta de Deus e de dedicação a Ele, Dom Bosco foi para nós um encontro determinante, uma mediação providencial.

É o que se afirma nas Constituições: “O Senhor nos deu Dom Bosco como Pai e Mestre”. Podemos relembrar como aconteceu este encontro e a graça que representou para nós a sucessiva familiaridade com ele; quanto ele nos enriqueceu de projetos, sentimentos, ideais e relacionamentos ao longo das diversas fases da

nossa existência; como candidatos à vida salesiana, como noviços, no período da formação inicial, na prática pastoral e nas responsabilidades comunitárias, na reelaboração de nossos pensamentos impostos pela vida adulta.

A sua companhia interior sempre foi inspiradora e encorajadora. Se hoje renunciássemos a tudo que nos veio dele, bem pouca coisa restaria de nossa vida espiritual.

Em todo lugar foi verdadeiramente “o dom de Deus para nós. É verdade que se não tivesse sido ele teriam existido outros para nos orientar para o Senhor. Mas a vida não é feita de condicionais, mas de acontecimentos reais. Mesmo os nossos pais poderiam ter sido outros. No entanto, carregamos os gens e a alma daqueles que nos colocaram no mundo.

Por isso, na expressão que estamos comentando, o “nós” não possui um sentido geral e coletivo, como se dissesse respeito à comunidade salesiana como um todo, mas exatamente distributivo: a cada um de nós, de forma individualizada e pessoal, foi dada a graça do encontro com Dom Bosco.

A nossa relação com ele é de filhos e discípulos. Dom Bosco teve e tem hoje admiradores, colaboradores e amigos. O termo que define sua relação conosco é “Pai”. Seria um engano pensar que se trata de um apelativo carinhoso, mas diz respeito à sua capacidade de manifestar bondade e proximidade.

É algo que vai além de sua bondade e do nosso afeto. Afirma que ele é o iniciador desta experiência espiritual que é o carisma salesiano. Ele nos gera seguidores de Cristo para os jovens. Teremos ainda muitos mestres, intérpretes e mesmo profetas do carisma, mas Pai apenas um. Ele o é no sentido empregado por Paulo ao se dirigir aos Coríntios: “Podereis ter mesmo dez mil pedagogos em Cristo, mas com certeza não muitos pais, porque fui eu quem vos gerou para Jesus Cristo através do Evangelho” (*1Cor 4,15*).

No Evangelho que ouvimos Jesus enumera as testemunhas que se concentram em sua pessoa: João Batista, Moisés, as escrituras. Todas conduzem a duas que são verdadeiramente convincentes: as suas obras e, em última instância, a voz do Pai para aqueles que são capazes de ouvi-la: “O Pai que me enviou deu testemunho de mim”.

Certamente, também para nós o testemunho definitivo chega através das obras de Cristo, do Espírito e do Pai. O Pai nos atraiu para ele com o chamamento para a Fé; as obras de Cristo se manifestaram em nossa “libertação do mal” e no desejo de nos conformar a Ele a partir do batismo; o Espírito faz com que nos sintamos filhos e nos coloca em contínua comunicação com Deus. Mas, Dom Bosco, com sua santidade, nos conduziu pedagogicamente para estes testemunhos. Toda santidade é transparência de Deus Pai e reflexo de Cristo. A de Dom Bosco possui algo de singular porquanto diz respeito à capacidade de revelar Deus aos jovens.

As Constituições procuram dizê-lo, acumulando expressões que se sucedem em um crescendo: nele aparece uma esplêndida harmonia entre natureza e graça; tal harmonia se ilumina progressivamente em um projeto de vida fortemente unitário a serviço dos jovens; um motivo explica a unidade de tudo, tornando-o resplandescente: é a preocupação pelas almas, a alegria pela presença e ação de Deus em cada pessoa, o desejo de orientar o jovem para Deus como fonte de felicidade.

Será que não foi justamente isto que nos atingiu e nos atraiu? Que Deus se tornou próximo da nossa realidade, sob o vulto acolhedor do homem exatamente como acontecia com os discípulos com a humanidade de Jesus?

Experimentamos que havia alguém que colocava as suas forças a serviço de nossa vontade de vida, de verdade e de compromisso; e através dos gostos legítimos, mas imediatos — aquilo que agrada aos jovens —, nos conduziu para horizontes de sentido, de responsabilidade, de transcendência.

Dom Bosco usou conosco o Sistema Preventivo: tornar luminoso o bem, para perceber a beleza da fé, mostrar a felicidade do serviço de Deus e dos irmãos.

* Viver esta aliança em todas as suas alegrias e exigências é o que ele pede atualmente aos Salesianos para o bem dos jovens. O testemunho imediato e transparente desta atitude, transmitido com a palavra e com as obras é a contribuição para a evangelização da juventude no mundo secularizado.

Que os jovens estejam à procura de sentido é o que vai sendo repetido em todo lugar. Que uma massa juvenil segue a corrente, enquanto aqueles que se sentem interiormente atraídos por Deus desejam companheiros de caminhada nós o percebemos no dia-a-dia. Que o que agrada aos jovens é a vida, na qual investir para fazer emergir aquilo que o adulto descobriu em contato com Cristo, é uma das nossas máximas. Antes, é a lei fundamental do Sistema Preventivo. É nossa obrigação não privar os jovens da boa notícia de Deus, limitando-nos a mantê-los honestamente.

Também pelo nosso compromisso com os leigos, o testemunho da consagração será o primeiro e determinante fator. O Espírito atrai os leigos para a órbita de Dom Bosco para aproximá-los de Deus, através de um amadurecimento da consciência e de um encontro mais profundo com Cristo. Do consagrado se espera um dom. Qual? A organização? A animação profissional?

Não! Espera-se, antes, o sentido de Deus, a visão religiosa da existência, a aproximação do Senhor, a memória de sua misericórdia.

Também nós temos necessidade de partir novamente de Deus. A palavra que o Senhor nos dirige hoje na liturgia e no acontecimento de família nos ajudem a nos tornar capazes de realizá-lo. Maria, que forjou o coração de Dom Bosco na consagração apostólica, plasme também o nosso, para que saibamos fundir em um único projeto o amor de Deus e a dedicação aos jovens.

HOMILIA NA FESTA DA ANUNCIAÇÃO

Roma, 25 de março de 1996.

A narração da anunciação a Maria do nascimento do Messias está entre as mais belas do Evangelho de São Lucas. Narra um fato real e ao mesmo tempo propõe seu sentido para a história da humanidade que é a nossa. Não diz respeito somente ao passado, mas é uma chave para ler o presente.

Antes de passar a qualquer aplicação, concedamo-nos alguns minutos de contemplação como quem olha para um quadro ou para um panorama.

A narração é construída com pinceladas da Bíblia que relembram as antigas esperanças, expressam as expectativas atuais e antecipam os sonhos de salvação do homem. Tudo isto vem se concentrar em Maria que personifica a humanidade chamada a acolher Deus em si.

“Alegra-te”: é uma saudação usada pelos profetas quando se dirigem à Filha de Sião, também ela representação da humanidade, particularmente daquele grupo que fez de Deus sua herança e sua esperança.

Não se trata de uma saudação convencional, como o nosso “Bom-dia!”. Ao contrário, manifesta a vontade favorável de Deus, apresentando uma prova que pode ser verificada. Isaías diz: “Exulta, ó estéril, que não destes à luz, explode em um cântico, e com voz forte entoe um hino, tu, que provaste a dor do parto”.

Depois, “o Senhor está contigo”, aparece frequentemente quando Deus chama para uma missão; repete-se nas narrações das vocações que têm um compromisso especial para a salvação.

E ainda o “para Deus nada é impossível” é a expressão dita a Sara, a mulher de Abraão, no momento desesperador de sua esterilidade, no início das gerações dos crentes. Expressa a decisão de Deus de intervir na história humana em favor do homem, superando qualquer limite de natureza ou de liberdade humana.

Estamos, portanto, diante do anúncio de um acontecimento relevante. Estamos diante de uma “vocação”, de um “chamamento” para aquela que deveria ser a mediadora e a protagonista humana daquele acontecimento; que, portanto, estava sendo convidada, em primeiro lugar, a crer (e aí está o mais difícil!), depois a aceitar o compromisso e depois ainda a realizar a colaboração no desenrolar da vida.

Na anunciação existe uma imagem de Deus. Um discutido filme procurou explorá-la. É interessante ver se coincide com a nossa imagem de Deus. Não aquela que repetimos, porque a estudamos nos livros, mas aquela que vivemos dentro de nós e aplicamos muitas vezes inconscientemente em nosso agir. Deus não permanece fora da história do homem, mas age no coração desta história, ali onde os acontecimentos têm origem e onde vão se entrelaçando.

Manda um anjo: ou seja, comunica-se conosco fazendo-nos conhecer os seus desígnios não através das grandes organizações, mas na vida ordinária: a anunciação acontece em Nazaré, em uma casa particular, para uma jovem noiva, que passa pela experiência do amor da família e da responsabilidade. Vendo ao nosso redor rapazes e moças, deveremos pensar que uma comunicação com Deus está acontecendo em seu coração.

Aí existe uma meditação sobre a humanidade, sobretudo daquela parte que se torna consciente da própria insuficiência para atingir a felicidade e a implora do Senhor: são os pobres. Tal humanidade não é apenas objeto da compaixão e generosidade de Deus. Mas em seus desejos e expectativas traz a capacidade de acolher a Deus que estabelece com ela uma comunhão também no tempo, como a que será realizada na Encarnação. É interessante que nos perguntemos também se esta perspectiva da humanidade orienta o nosso pensamento e a nossa ação. Deus é concebido no interior dos acontecimentos que dizem respeito à humanidade.

Aí existe uma visão do Espírito, o mesmo que presidiu a criação como Amor, energizando o caos primitivo, que depois manteve aceso o fogo das expectativas e dos desejos, movendo o povo eleito na direção das realizações parciais destes.

Ele possui a misteriosa potência de tornar fecundo aquilo que, sob o olhar humano, é estéril, limitado ou perdido. Trata-se de uma fecundidade não-comum, mas privilegiada, da qual têm origem os filhos de Deus. Isto é um convite para rever a nossa fé na ação e na energia do Espírito. Da mesma forma como uma virgem pode conceber um filho, assim o nosso mundo aparentemente estéril é fecundado, pelo espírito, com possibilidades não imaginadas por nós.

E tem uma apresentação de Jesus com abundância de nomes messiânicos: "Grande, Filho do Altíssimo, filho de Davi": expressão máxima, flor da humanidade e palavra definitiva de Deus.

* Os atores que intervêm na Anunciação são os mesmos que aparecem nos fatos que nos dizem respeito pessoalmente como crentes. Por isso dizia que a narração revela, de forma transparente, aquilo que hoje acontece a cada um de nós e à Igreja. Talvez desponte em nós uma pergunta: que

diferença pode existir entre esta narração, tão elaborada do ponto de vista literário e religioso, e aquele episódio humilde, escondido e talvez externamente ordinário, em que a jovem Maria de Nazaré se viu envolvida?

A página evangélica certamente não é um embelezamento, uma ficção e muito menos uma meditação edificante; mas, dá a verdadeira dimensão do acontecimento, porque já o contempla em seu desenvolvimento depois da Páscoa. Recolhe aquilo que Maria não poderia entender.

Assim, ensina-nos a viver na fé os acontecimentos dos quais somos parte. E a compreender que o alcance futuro das escolhas não depende de sua ostentação e grandiosidade, mas do fato de trazerem dentro de si a semente da eternidade, que é o sentido de Deus, a adesão à sua vontade.

Os artistas, sobretudo os pintores, mas não somente estes, demonstraram uma preferência por esta cena da anunciação. Incluem-na sempre quando apresentam a história da salvação. Muitos, porém, no-la deixaram aumentada e separada. Diante de suas obras de arte, como diante desta página, permanecemos estáticos e pensativos.

Gostaríamos de perscrutar a alma de Maria através daquela aparência e aqueles traços do rosto, tão delicadamente trabalhados para obter alguma coisa além das palavras e da cena externa: entendemos que o mais importante e misterioso acontece no coração e na mente de Maria, uma moça, em idade de casamento, que naquela época oscilava entre os treze e os quinze anos.

A sua conversa com o anjo, quer se trate de uma revelação, de uma visão, de uma audição ou somente de uma inspiração interna, é privada e escondida. As conseqüências começam a se desenrolar em seguida e chegam até nós.

Uma é a sua leitura da história, expressa no *Magnificat*, bem à luz do acontecimento pessoal. História de um povo pobre, minúsculo, cujos fatos não estão registrados nos livros dos grandes impérios. Mas serão mais determinantes do que os das grandes potências. Segue-se a concepção, a maternidade, a educação de Jesus. Neles esta contemplação, a compreensão dos acontecimentos humanos se enriquece continuamente. Depois, Cristo toma o seu caminho, adquire sua dimensão autônoma, envolvendo-a na realização da redenção, exatamente como havia feito Deus Pai na anunciação.

A nossa vida ativa, consagrada ou leiga, inclui uma tensão: interioridade e ação, resposta pessoal e transformação da realidade, contemplação e serviço. Esta última nos desafia e freqüentemente nos tenta. Queremos fazer sempre mais e pouco a pouco colocamos toda a nossa confiança nos meios e nas atividades que vão se esvaziando, a menos que os interliguemos con-

tinuamente ao ponto de partida do qual recebem energia e significado: o convite de Deus para colaborar com ele.

A anunciação nos chama para a prioridade da interioridade. Por si mesmos, o homem e a mulher não produzem nada que não seja concebido e aceito interiormente. Pensamentos, sentimentos, desejos, projetos, acontecimentos são elaborados em nosso coração. Aí está o santuário de Deus. Deste santuário Maria confessa a sua virgindade, a sua disponibilidade ao acolhimento. É o momento da audição e da iluminação, não só no sentido da piedade, mas também em relação ao melhor modo de conceber a ação apostólica: é atenção, estudo, aprofundamento.

Aí operam a graça e o Espírito que tornam Maria internamente Mãe do Verbo. Este é concebido primeiro na alma do que no ventre. É bonita aquela representação da anunciação que apresenta Maria com a Escritura sobre os joelhos como em atenta leitura. Ela serenamente concentrada, assimila a palavra. Vê-se em seu rosto que a acolhe e se alegra. Daí, a sua abertura ao futuro.

Às palavras do anjo, expressa aquelas perplexidades e dificuldades que também nós manifestaremos: que as coisas anunciadas não são possíveis. São muito grandes e muito bonitas, porque estão à altura de Deus. Mas quando compreende que Deus está comprometido, ela acredita e se coloca em ação.

Caros irmãos e irmãs, salesianos e leigos, em cada vida existe uma anunciação, ou melhor, diversas e interligadas, que propõem uma novidade convidando para a abertura de uma esperança. Anunciação foi a nossa vocação, anunciação foram os chamados à responsabilidade, nos quais é preciso confiar em Deus e aguardar com confiança o futuro.

Anunciação é o momento do Capítulo Geral que vivemos nestes dias: existe uma voz, existe uma promessa, existe um espírito que torna fecundo. A nós compete que acreditemos, que nos disponhamos a participar do empreendimento com toda a alma e que aguardemos em paz os resultados.

Maria no-lo ensina e nos oferece as palavras: Eis os servos do Senhor! Que aconteça em nós aquilo que tu disseste.

HOMILIA DA QUINTA-FEIRA SANTA

Roma, 4 de abril de 1996.

Hoje, Quinta-feira Santa, recordamos com veneração os gestos e as palavras de Jesus na última ceia de sua vida, para a qual Ele mesmo deu um significado de sacrifício espiritual ao Pai.

Quatro motivos se entrelaçam nesta celebração que serve como pórtico para o solene tríduo pascal: a *Igreja*, novo povo escolhido, instaurado sobre a aliança de Deus com a humanidade, que se realiza em Cristo e fundado historicamente sobre os doze testemunhos e depositários do segredo de Jesus; a *Eucaristia* como sinal, memória e atualização desta aliança nos diversos tempos e lugares; o *sacerdócio* de todos, particularmente daqueles que estiveram com Jesus desde o início e que neste momento são escolhidos por ele como uma família para celebrar a Páscoa com Ele; o *amor-serviço*, chave para interpretar o evento de Jesus, explicação da Eucaristia, mandamento para a comunidade, ministério e razão do sacerdócio.

Estes quatro motivos se inter-relacionam e se compreendem mutuamente. No contexto particular da ceia do Senhor não é possível separá-los um do outro, sem que percam parte de seu significado.

É conveniente para nós retomá-los hoje, refletindo sobre o nosso ministério sacerdotal. É um fato extraordinário que tantos sacerdotes salesianos estejam reunidos para uma celebração da Quinta-feira Santa.

Todos os anos, nesta ocasião, o Papa escreve uma carta para os sacerdotes. Nós, além disto, estamos aprofundando a comunidade educativa e pastoral, a Família e o Movimento Salesianos e o intercâmbio de bens que neles deve acontecer. Nos últimos trinta anos refletiu-se muito entre nós sobre o serviço que deve ser prestado por aqueles que animam as comunidades e se reforçou que deve ser enriquecido e inspirado pelos dons e pela experiência sacerdotais. Esta não foi considerada apenas como uma condição prévia para assumir o encargo; mas o próprio conteúdo da animação, que não é técnica, mas espiritual: fundamentada sobre a graça e tendendo a fazer viver sempre mais intensamente o estado de graça ou santidade, através daquelas mediações que Cristo conferiu aos seus apóstolos.

O ministério ordenado não é, em primeiro lugar, uma delegação para fazer alguma coisa, mas uma vocação e um dom carismático. Antes mesmo que satisfação de uma necessidade do povo de ter momentos de reunião e de oração, é um convite de Deus para alguns para seguir Cristo de determinada forma. Ninguém tem acesso a ele por família ou apenas por qualidades pessoais. Mas por uma voz que é ouvida dentro e que a Igreja discerne e aceita. Emana do Espírito. Não

formamos um grupo social. O nosso é um sacerdócio espiritual como o de Jesus. A graça do Espírito nos leva a uma conformação com Cristo Pastor e nos dispõe a oferecer a vida a Deus pelos homens; pela sua salvação, que consiste sobretudo na revelação de Deus, no qual o homem consegue descobrir o seu destino.

Este foi o grande trabalho de Jesus, como Ele mesmo retomou nos momentos últimos e supremos: “Eu lhes revelei o teu nome”... com paciência, com persistência, com pedagogia. A isto se referem todos os seus gestos e as suas ações. Estes atingem a nossa dimensão corporal e psicológica, mas sobretudo despertam a nossa consciência de filhos de Deus, comunicam o dom do Espírito Santo, dão o sentido da existência, reconciliam com o Pai.

* O carisma que recebe quem foi chamado ao ministério sacerdotal é destinado à comunidade, sobretudo em quatro formas.

É o *carisma do fundamento*; conduz a comunidade continuamente a Cristo através da exortação, mas sobretudo ligando-a historicamente ao evento de Cristo, pela sua participação na sucessão apostólica dos bispos. A fé cristã não é um humanismo religioso refinado, nem a soma do melhor de todas as religiões existentes ou possíveis. Em primeiro lugar é o acolhimento de um fato acontecido e de suas conseqüências: a encarnação, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus. As comunidades se interligam a este evento mediante o testemunho dos Apóstolos, mantido pela Igreja que chega até nós através de seus sucessores. Compete ao sacerdote manter viva a memória desta narração agindo de tal modo que todas as demais preocupações e iniciativas da comunidade sejam interligadas com ela. Existem muitos dons na comunidade. Mas, o ministério é o carisma do fundamento. E não se trata apenas de capacidades pessoais ou de preparação profissional, ainda que estas ajudem muitíssimo, mas da constituição do corpo de Cristo, como o diz claramente a celebração hodierna. Será atribuição de cada presbítero pela sua familiaridade com Jesus e pelo esforço de torná-lo presente, de modo que a comunidade se sinta apoiada e cresça sobre bases sólidas.

O sacerdote leva um segundo dom à comunidade: torna-se *senal e energia da comunhão eclesial*, no sentido interno e espiritual, além de visível. As comunidades cristãs não se caracterizam apenas pelas celebrações ou por um sentimento de simpatia por Cristo, e nem muito menos só pelo conteúdo da fé, mas de uma propriedade histórica. Existe um povo que é chamado a ser “instrumento” da salvação trazida por Cristo, não fora ou além da história, mas dentro dela. A propriedade emite sinais de identificação comportando também exigências de vida. É comunhão espiritual e unidade visível. Os sacerdotes não monopolizam, mas certamente alimentam, sustentam e enriquecem o sentido da Igreja, desde o nível mínimo, como é a convergência sobre alguns valores humanos, até a total comunhão.

Ligado aos precedentes, existe um terceiro dom: *a autenticidade da fé e da experiência cristã*. A fé de cada um e da comunidade é um anúncio da salvação e da

aceitação de suas condições. Exige vibração de sentimento e profundidade de reflexão: olha, porém, o Evangelho, não especulações produzidas pela mente humana, e existe uma verificação: a Igreja dos apóstolos. Em tal anúncio, e com tal confronto é preciso escavar também para penetrar o sentido e a consistência dos valores humanos segundo a sua destinação última.

Sobre o fundamento de Cristo, na comunhão eclesial, com a atenção na fé autêntica, entramos progressivamente *no âmbito da graça*, da relação com Deus, da experiência humana de nos sentir e de sermos filhos do Pai, vivida também a nível psicológico: é o itinerário do Espírito dentro de nós, a compreensão das mediações sacramentais e vitais que nos são oferecidas por Deus. De novo não se trata de poderes, mas de uma vocação e de um dom, com o qual o Espírito nos torna instrumentos para sermos veículos de graça e nos manda à comunidade.

* Os sacerdotes reportam ao fundamento, inserem na Igreja, desenvolvem a fé, introduzem na graça mediante o serviço da Palavra. Todos participam do anúncio e da exortação. Mas o sacerdote mostra a sua urgência para desvelar o mistério da vida: recorda que ela culmina em Cristo Jesus; dedica-se a atualizá-la na vida e se coloca a seu serviço.

Assim, pois, ajuda cada um e a comunidade a dar aquela generosa resposta a Deus que é a santidade. Todos colaboram para esta finalidade. Mas, o sacerdote a considera como o maior bem da pessoa, preocupa-se que pessoas e comunidades progridam nela para os homens e para Deus, oferece as riquezas de experiência e de graça que Cristo e a Igreja possuem.

Para orientar para Cristo, tornar plena a participação eclesial, viver o amor, os sacerdotes animam e regem a comunidade.

De novo, não apenas eles e não necessariamente através dos postos administrativos ou de coordenação. Mas de onde são esclarecidas as relações com o Senhor definindo-se o testemunho da caridade. Ele se preocupa que a comunidade não viva por si mesma, mas se coloque ao serviço do homem, como Jesus. Que neste ser para os outros não se feche para as possibilidades humanas, mas acolha o projeto divino revelado em Cristo; que não confie apenas nos bens temporais, mas aos espirituais; que acredite na fecundidade da presença do Espírito, que eduque a consciência, que abra à graça.

* Para exercer estes ministérios não burocraticamente, mas com alegria interior, dedicação e convicção, o Espírito enriquece os sacerdotes com uma energia que é a característica de sua existência e espiritualidade: *a caridade pastoral*. Todos a possuem. Mas, o sacerdote a recebe como um dom principal. É este amor que leva a contemplar, identificarmo-nos, colaborar com Cristo que ilumina, cura, reúne o povo e dá a vida por ela. Não só! Leva também a torná-lo presente no próprio ambiente com gestos e com palavras atuais, compreensíveis, solidamente orientadas em direção do fim da salvação.

O sacerdócio, assim concebido, é exercido não através de alguns atos específicos, mas através de toda a vida e em cada um de seus momentos. A existência sacerdotal é mediação, como foi a de Cristo, definido e descrito como sacerdote pela Carta aos Hebreus. O ministro age “in persona Christi” quando celebra, sem, no entanto, sacralizar o próprio estado, quando caminha pelas estradas, porque é a vida que foi assumida por Jesus.

* Somos levados a alguns comentários sobre o nosso sacerdócio salesiano. O Senhor nos chama a ser *sacerdotes educadores*. Isto significa levar a graça do nosso ministério ao campo da experiência humana do jovem e da comunidade que se ocupa com ele. Nós exercitamos o ministério da Palavra quando fazemos uma homilia; mas, também, quando falamos em particular com um jovem, quando reunimos um grupo de animadores ou damos aula. Escolhemos como púlpito, a escola, como lugar de anúncio o acampamento e o encontro. A Palavra de Deus não está isolada, mas é oferecida no contexto da vida. Palavra de Deus para o jovem pode ser o diálogo e a saudação de acolhimento se encontrarem nele iluminação e apoio.

Nós colocamos em jogo a energia da animação sacerdotal, quando dirigimos comunidade e obras para Cristo, no sentido de um serviço para a fé dos jovens, mesmo se tratamos de questões técnicas e administrativas.

Ser sacerdotes educadores quer dizer nunca separar o espírito da matéria, a orientação dos meios, as finalidades das mediações, o secular do religioso, a vida do sacramento.

Nós santificamos quando celebramos, mas também em nossos relacionamentos cotidianos. A graça se comunica sim nos momentos e através dos gestos de Jesus, realizados pela Igreja, mas também através daqueles que nós fazemos se partirem do coração sacerdotal.

* A segunda observação parte de uma pergunta aparentemente preocupante; mas quer ser de decidido otimismo. Será verdade que na CEP por vezes estão muitos sacerdotes, mas sente-se pouco o serviço e o dom sacerdotal? E se for assim, não será porque pensamos que a educação, a comunidade educativa, o ambiente juvenil não era o lugar para colocá-lo a serviço e esperamos o domingo para exercitá-lo apenas em sua forma mais religiosa e ritual? Desta pergunta parte uma perspectiva encorajadora: que potencial de iluminação, de graça, de orientação e de transformação se desenvolverá quando cada um de nós, povo de Deus e ministério ordenado, liberar todas as energias de seu sacerdócio?

Os jovens e os adultos sentem necessidade disto. E não significará uma diminuição da dimensão secular, mas o seu aperfeiçoamento e sua realização.

A este serviço, que alcança seu ponto máximo na Eucaristia, nos convida hoje Jesus com as suas palavras: “Fazei isto em minha memória”.

HOMILIA NA MISSA DE ENCERRAMENTO DO CG24**Roma, 20 de abril de 1996.**

A nossa experiência capitular chega ao fim, iluminada pela presença do Cristo Ressuscitado. Vem ao nosso encontro a imagem de Maria aos pés da Cruz.

É um ícone pascal. A representação “lacrimosa” prevaleceu somente nos últimos séculos. No Evangelho, ao invés, não existe referência às lágrimas ou à tristeza. Simplesmente estava aos pés, tomando parte neste acontecimento supremo da humanidade. Uma primeira imagem da Auxiliadora.

A cruz, para São João, coincide com a glorificação de Jesus; é o momento culminante da sua revelação, o seu caminhar em direção ao Pai. “Quando for levantado da terra, atrairei todos para mim. Da cruz nasce a comunidade dos crentes, representada pelo pequeno grupo que se reuniu em torno dela e simbolizada pela água do Batismo e pelo sangue da Eucaristia. Sobre a cruz se fundamenta a nova unidade do gênero humano que Cristo deve realizar de acordo com a promessa messiânica. Neste quadro eclesial encontram-se incrustadas as palavras dirigidas a Maria, que sugerem mais um símbolo a ser decodificado, um mistério a ser desvelado do que a narração comovida de um fato.

O episódio de Maria, de fato, está no centro daquelas últimas cenas que transmitem a memória da morte de Jesus. Está interligado à cena da túnica “sem costura, tecida num só pedaço”, que os soldados não dividem em partes, que é o símbolo da humanidade resgatada, do povo de Deus, definitivamente reunido pela graça de Cristo. E é seguido pela expressão com a qual Jesus declara a realização do desígnio do Pai. “Dito isto, sabendo Jesus que tudo estava realizado...”

Não se trata, portanto, somente da solicitude ou do amor filial de Jesus, atento em designar para Maria alguém que possa lhe servir de apoio, ou de afeto dos discípulos para com ela.

Coisas verdadeiras, sobre as quais, porém, João se concentra menos. Ele procura, ao invés, levar os seus leitores a interiorizar o sentido da morte de Jesus e a penetrar o seu mistério salvífico. Deixa de lado a superfície emotiva do drama e se detém sobre os efeitos que ele exerce sobre o caminho da humanidade. E sob esta luz relata o diálogo entre Jesus, Maria e o discípulo.

Jesus se dirige em primeiro lugar a Maria. Temos a impressão, e é exatamente assim, que não é Maria quem é entregue a João, mas, ele a ela, como filho. O que nos leva a pensar que Maria não é chamada pelo seu nome, mas sempre com o

apelativo de “sua mãe”. Isto lembra de perto o episódio de Caná, do qual o próprio João afirma que nele “Jesus manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram nele”. É a glória inicial da revelação do Messias que encontra o seu ponto mais alto na morte. E leva também a pensar no apelativo de “mulher” que nos conduz ao mesmo episódio, símbolo das novas núpcias. E mais atrás na história, na mulher da criação, da tentação e da sentença de Deus: Eva.

Por outro lado, do *discípulo* nunca se diz o nome. Representa todo seguidor de Jesus, o conjunto dos discípulos, a comunidade de seus fiéis que se caracterizam porque são amigos de Cristo e amados por ele.

Tudo isto nos leva a pensar que estamos no momento não de um ajustamento, mas de uma entrega solene e sagrada, de um ponto de partida. Jesus chama Maria para uma nova maternidade que tem origem a partir da cruz e através dela se torna fecunda. É uma nova capacidade de fazer nascer homens no Espírito.

Estamos “na hora” de Jesus, aquela que em Caná ainda não tinha chegado. Maria será sua Mãe, não só por tê-lo acolhido em seu seio, mas porque, identificando-se em todo lugar e totalmente com a comunidade que está nascendo da cruz, concebê-lo-á continuamente na história em milhões de pessoas ao longo dos séculos.

Maria representa e concentra em si, como qualidade, a Igreja Universal e também cada uma das comunidades locais. Todas nascem ao pé da cruz, são chamadas a se servir de suas riquezas significadas na água e no sangue e a dar testemunho dela com a ardorosa fidelidade daquele primeiro núcleo.

Por isso, a comunidade dos discípulos toma Maria consigo. Nós a vemos com eles na espera de Pentecostes. Ela certamente carregava um testemunho vivo da existência histórica de Jesus desde os primeiros anos; mais ainda, porém, era uma mediação materna para nos abrir ao mistério de Cristo, Filho de Deus. Desde aquela época continua presente em todo lugar nas comunidades, visivelmente sob os sinais com os quais a comunidade procura venerá-la; profundamente, com uma fecundidade que sempre apresenta sinais novos e imprevisíveis. É a companhia que também nós levamos conosco depois do CG24.

Ela nos lembrará o valor da oferta de si mesmo a Deus como energia da caridade pastoral.

Receberemos hoje uma pequena estátua do “Bom Pastor”, com a ovelha sobre os ombros. As atitudes e os gestos de Cristo, que freqüentemente recordamos como exemplares para nós (acolhimento, audição, apoio, iluminação, misericórdia), encontram na cruz o seu coroamento e a sua explicação. O Pastor, que João nos apresenta no capítulo décimo, é aquele que dá a vida. Se isto fosse ignorado, a caridade pastoral se tornaria técnica de aproximação, relações públicas, forma de beneficência ao invés de ser forma de salvação.

Maria, incorporada interiormente pelas palavras de Jesus a esta oferta, educa-nos no sentido da misteriosa fecundidade do amor.

Também para ela tudo possui realização e tudo se revela neste momento. A sua preocupação para fazer crescer o Filho de Deus toma outra dimensão: de Jesus à Igreja, aquela histórica e concreta, feita de homens e de fatos, da fecundidade humana à da graça. Aceitá-lo foi uma nova prova para a sua fé, quase um salto de qualidade.

Aos pés da Cruz, Maria nos revela o valor da comunidade, na qual se realizará o nosso serviço, daquela comunidade que está presente no sacrifício de Cristo de forma singular e diferente. É portadora da memória e somente ela compreende o sentido de tudo. É mais do que um “grupo”. É o espaço onde Deus revela a salvação.

Pensamos isto a respeito das comunidades educativas que animamos, da Família, do Movimento Salesiano, das igrejas. Zelamos pela referência a Cristo, a unidade no amor e na ação. Com isto invocamos e esperamos o Espírito tornando-nos atentos aos seus sinais.

Aos pés da Cruz, Maria nos relembra a salvação da qual desejamos ser sinais e portadores: é a quem provém da Redenção de Cristo, que se abre a Deus para receber dele a realização da própria existência. Muitas iniciativas colocamos em ação em favor dos jovens e dos adultos. Todas orientadas para uma e principal, todas fermentadas por uma expressa em nosso “*Da mihi animas*” a salvação em Deus, aquela que está no centro da obra de Jesus.

Com Maria, ao lado da cruz, descobrimos quais são as energias para a transformação que Deus quer realizar em nós e em nossas comunidades: a água e o sangue. A purificação e a Eucaristia. O tempo pascal, que estamos vivendo, é o tempo da pedagogia sacramental. As páginas evangélicas e os itinerários litúrgicos a propõem de mil modos.

Dentro de pouco pronunciaremos as palavras da confiança em Maria. Será um ato de fé em sua assistência e a expressão do nosso desejo de tomá-la conosco.

Celebramos os 150 anos da permanência de Dom Bosco em Valdocco. A presença de Maria religa, como um fio vermelho, as diversas passagens da sua experiência espiritual e pastoral: o início do Oratório, o seu ajustamento, a fundação da Congregação, a sua expansão. Encontramo-nos diante de uma nova etapa. Seja ela também a garantia da nossa oferta, da salvação que trazemos, das comunidades que formamos.

ELENCO DOS PARTICIPANTES DO CG 24

Conselho Geral

1. Pe. VECCHI Juan Edmundo	<i>Vigário do Reitor-Mor - Presidente</i>
2. Pe. NICOLUSSI Giuseppe	<i>Conselheiro para a Formação</i>
3. Pe. VAN LOOY Luc	<i>Conselheiro para a Pastoral Juvenil</i>
4. Pe. MARTINELLI Antonio	<i>Conselheiro para a FS e a CS - Regulador</i>
5. Pe. ODORICO Luciano	<i>Conselheiro para as Missões</i>
6. Pe. PARON Omero	<i>Ecônomo Geral</i>
7. Pe. BRITSCHU Dominique	<i>Conselheiro Regional</i>
8. Pe. FEDRIGOTTI Giovanni	<i>Conselheiro Regional</i>
9. Pe. GARCIA M. Guilherme	<i>Conselheiro Regional</i>
10. Pe. PANAKEZHAM Thomas	<i>Conselheiro Regional</i>
11. Pe. RODRIGUEZ T. Antonio	<i>Conselheiro Regional</i>
12. Pe. TECHERA Carlos	<i>Conselheiro Regional</i>
13. Pe. MARACCANI Francesco	<i>Secretário Geral</i>
14. Pe. PACHECO José	<i>Procurador Geral</i>

Região salesiana: DE LÍNGUA INGLESA

15. Pe. NAUGHTON Patrick	<i>Sup. Visit.</i>	África Meridional
16. Pe. CONNELL Michael	<i>Delegado</i>	África Meridional
17. Pe. MURPHY John M.	<i>Inspetor</i>	Austrália
18. Pe. MURDOCH Ian	<i>Delegado</i>	Austrália
19. Pe. AUTHIER Richard	<i>Sup. Visit.</i>	Canadá
20. Pe. OCCHIO Joseph	<i>Delegado</i>	Canadá
21. CUNNINGHAM Michael	<i>Inspetor</i>	Grã-Bretanha
22. Pe. GALLAGHER James	<i>Delegado</i>	Grã-Bretanha
23. Pe. HORAN John	<i>Inspetor</i>	Irlanda
24. Pe. FINNEGAN John	<i>Delegado</i>	Irlanda
25. Pe. PLOCH Timothy C.	<i>Inspetor</i>	Estados Unidos Leste
26. Pe. DUNNE Thomas	<i>Delegado</i>	Estados Unidos Leste
27. Pe. SCHAFER William	<i>Inspetor</i>	Estados Unidos Oeste
28. L RASOR John	<i>Delegado</i>	Estados Unidos Oeste

Região salesiana: ÁSIA

29. Pe. CHEMMALAKUZHAY Stephen	<i>Sup. Visit.</i>	África Leste
30. Pe. KOCHOLICKAL George	<i>Delegado</i>	África Leste
31. Pe. HO Peter	<i>Inspetor</i>	China
32. Pe. HON Savio	<i>Delegado</i>	China
33. Pe. CAPELLI Luciano	<i>Inspetor</i>	Filipinas Norte
34. Pe. ALCASID Rolo	<i>Delegado</i>	Filipinas Norte
35. Pe. ZAGO Peter	<i>Inspetor</i>	Filipinas Sul
36. Pe. BUZON Patrick	<i>Delegado</i>	Filipinas Sul
37. Pe. MIZOBE Osamu Francesco	<i>Inspetor</i>	Japão
38. L FUKAGAWA Francesco	<i>Delegado</i>	Japão
39. Pe. D'SOUZA Joaquim	<i>Inspetor</i>	Índia-Bombaim
40. Pe. D'SOUZA Tony	<i>Delegado</i>	Índia-Bombaim
41. Pe. RODRIGUES Stephen	<i>Delegado</i>	Índia-Bombaim
42. Pe. POLACKAL Thomas	<i>Inspetor</i>	Índia-Calcutá
43. Pe. VELLAPPALLIL Mathai	<i>Delegado</i>	Índia-Calcutá
44. Pe. FERNANDES Bertie	<i>Delegado</i>	Índia-Calcutá
45. Pe. PALATHINGAL Varghese	<i>Inspetor</i>	Índia-Dimapur
46. Pe. EDAKKUDAN Joseph	<i>Delegado</i>	Índia-Dimapur
47. Pe. JALA Dominic	<i>Inspetor</i>	Índia-Guwahati
48. Pe. CHEERAMBAN Francis	<i>Delegado</i>	Índia-Guwahati
49. L VALERI Nello	<i>Delegado</i>	Índia-Guwahati
50. Pe. PUTHOTA Benjamin	<i>Inspetor</i>	Índia-Hyderabad
51. Pe. MADATHUMURIYIL Sebastian	<i>Delegado</i>	Índia-Hyderabad
52. Pe. MYLADOOR Thomas	<i>Inspetor</i>	Índia-Bangalore
53. Pe. KUTTIYANIMATTAJHIL Jose	<i>Delegado</i>	Índia-Bangalore
54. Pe. FERNANDO Francisc C.	<i>Inspetor</i>	Índia-Madrasta
55. Pe. KANAGA Maria Arokiam	<i>Delegado</i>	Índia-Madrasta
56. Pe. RAJ Joseph Jaswant	<i>Delegado</i>	Índia-Madrasta
57. Pe. CUVELIER Marc	<i>Sup. Visit.</i>	Coréia
58. L SEO JEONG KWAN Hilario	<i>Delegado</i>	Coréia
59. Pe. PRATHAN Joseph	<i>Inspetor</i>	Tailândia
60. Pe. SOMCHAI Philip	<i>Delegado</i>	Tailândia
61. Pe. NGUYEN VAN De Peter	<i>Sup. Visit.</i>	Vietnã
62. Pe. NGUYEN VAN Ty John	<i>Delegado</i>	Vietnã

Região salesiana: ATLÂNTICO

63. Pe. NEGROTTI Santiago	<i>Inspetor</i>	Argentina-Buenos Aires
64. Pe. SOMMA Pascoal	<i>Delegado</i>	Argentina-Buenos Aires
65. Pe. HIPPERDINGER Ruben	<i>Inspetor</i>	Argentina-Bahía Blanca
66. Pe. TIRABASSO Vicente	<i>Delegado</i>	Argentina-Bahía-Blanca
67. Pe. BOCALON Victor Antonio	<i>Inspetor</i>	Argentina-Córdoba
68. Pe. OTTOGALLI Pedro	<i>Delegado</i>	Argentina-Córdoba
69. Pe. TIMOSSI Luis	<i>Inspetor</i>	Argentina-La Plata
70. Pe. LANGUS Jorge	<i>Delegado</i>	Argentina-La Plata
71. Pe. CANTINI Juan	<i>Inspetor</i>	Argentina-Rosario
72. Pe. JORGE Eduardo	<i>Delegado</i>	Argentina-Rosario
73. Pe. CARRARA Alfredo	<i>Inspetor</i>	Brasil-Belo Horizonte
74. Pe. SCARAMUSSA Tarcísio	<i>Delegado</i>	Brasil-Belo Horizonte
75. Pe. MACIEL João Bosco	<i>Inspetor</i>	Brasil-Campo Grande
76. Pe. LIMA José Carlos	<i>Delegado</i>	Brasil-Campo Grande
77. Pe. DALLA VALLE Franco	<i>Inspetor</i>	Brasil-Manaus
78. Pe. MEDEIROS Damásio	<i>Delegado</i>	Brasil-Manaus
79. Pe. BARUFFI Helvécio	<i>Inspetor</i>	Brasil-Porto Alegre
80. Pe. TEIXEIRA José Valmor C.	<i>Delegado</i>	Brasil-Porto Alegre
81. Pe. BREDA Valério	<i>Inspetor</i>	Brasil-Recife
82. Pe. RODRIGUES João Carlos	<i>Delegado</i>	Brasil-Recife
83. Pe. ALTIERI Antonio Carlos	<i>Inspetor</i>	Brasil-São Paulo
84. Pe. PESSINATTI Nivaldo Luiz	<i>Delegado</i>	Brasil-São Paulo
85. Pe. LOPEZ Cristóbal	<i>Inspetor</i>	Paraguai
86. Pe. GALEANO Rufino	<i>Delegado</i>	Paraguai
87. Pe. VISENTINI Amílcar	<i>Inspetor</i>	Uruguai
88. Pe. ALGORTA Juan	<i>Delegado</i>	Uruguai

Região salesiana: EUROPA e ÁFRICA CENTRAL

89. Pe. VALENTE Mario	<i>Inspetor</i>	África Central
90. Pe. KABWE Alexandre	<i>Delegado</i>	África Central
91. Pe. KELER Josef	<i>Inspetor</i>	Áustria
92. Pe. VÖSL Josef	<i>Delegado</i>	Áustria
93. Pe. VAN HECKE Albert	<i>Inspetor</i>	Bélgica-Norte
94. Pe. TIPS Mark	<i>Delegado</i>	Bélgica-Norte
95. Pe. NIHOUL Fernand	<i>Inspetor</i>	Bélgica-Sul
96. Pe. JEANMART Joseph	<i>Delegado</i>	Bélgica-Sul

97. Pe. BENEŠ Benno	<i>Inspetor</i>	República Tcheca
98. Pe. KOPECKÝ Josef	<i>Delegado</i>	República Tcheca
99. Pe. BOLKOVAC Stjepan	<i>Inspetor</i>	Croácia
100. Pe. PALOS Ruddi	<i>Delegado</i>	Croácia
101. Pe. JACQUEMOUD Marcel	<i>Inspetor</i>	França-Lião
102. Pe. WOLF Etienne	<i>Delegado</i>	França-Lião
103. Pe. BEYLOT Alain	<i>Inspetor</i>	França-Paris
104. Pe. OLAVERRI Miguel	<i>Delegado</i>	França-Paris
105. Pe. DEMMING Georg	<i>Inspetor</i>	Alemanha-Colônia
106. L MULLER Jean Paul	<i>Delegado</i>	Alemanha-Colônia
107. BIHLMAYER Herbert	<i>Inspetor</i>	Alemanha-Munique
108. Pe. BILY Lothar	<i>Delegado</i>	Alemanha-Munique
109. Pe. GRÜNNER Josef	<i>Delegado</i>	Alemanha-Munique
110. Pe. FLAPPER Wim	<i>Inspetor</i>	Holanda
111. Pe. SPRONCK Herman	<i>Delegado</i>	Holanda
112. Pe. MACÁK Ernest	<i>Inspetor</i>	Eslováquia
113. Pe. FEKETE Vladimir	<i>Delegado</i>	Eslováquia
114. Pe. HOČEVAR Stanislav	<i>Inspetor</i>	Eslovênia
115. Pe. SNOJ Alojzij Slavko	<i>Delegado</i>	Eslovênia
116. Pe. HAVASI József	<i>Inspetor</i>	Hungria
117. Pe. HALÁSZ Istvan	<i>Delegado</i>	Hungria

Região salesiana: IBÉRICA

118. Pe. CRUZ Pedro Simão	<i>Inspetor</i>	Portugal
119. Pe. DURO José Adolfo	<i>Delegado</i>	Portugal
120. Pe. DOMENECH Antonio	<i>Inspetor</i>	Espanha-Barcelona
121. Pe. BRULLES Joan	<i>Delegado</i>	Espanha-Barcelona
122. Pe. DIEZ DE LA IGLESIA Isaac	<i>Inspetor</i>	Espanha-Bilbao
123. Pe. ERRASTI José Maria	<i>Delegado</i>	Espanha-Bilbao
124. Pe. MUÑOZ RUIZ Eusebio	<i>Inspetor</i>	Espanha-Córdoba
125. Pe. FERNANDEZ Francisco	<i>Delegado</i>	Espanha-Córdoba
126. Pe. SAN MARTIN José Antonio	<i>Inspetor</i>	Espanha-León
127. Pe. RODRIGUEZ M ^a Filiberto	<i>Delegado</i>	Espanha-León
128. Pe. MARTINEZ AGUADO Eusebio	<i>Delegado</i>	Espanha-León
129. Pe. LOPEZ GARCIA Pedro	<i>Inspetor</i>	Espanha-Madri
130. Pe. GARCIA MENDEZ José M ^a	<i>Delegado</i>	Espanha-Madri
131. Pe. SEGURA V. Samuel	<i>Delegado</i>	Espanha-Madri
132. Pe. GONZALEZ Cipriano	<i>Inspetor</i>	Espanha-Sevilha

133. Pe. PEREZ G. Juan Carlos	<i>Delegado</i>	Espanha-Sevilha
134. Pe. ORDUNA Cándido	<i>Inspetor</i>	Espanha-Valência
135. Pe. VILLALONGA R. José	<i>Delegado</i>	Espanha-Valência

Região salesiana: ITÁLIA E ORIENTE MÉDIO

136. Pe. SCAGLIONI Arnaldo	<i>Inspetor</i>	Itália-Adriática
137. Pe. SCRIVO Gaetano	<i>Delegado</i>	Itália-Adriática
138. Pe. TESTA Luigi	<i>Inspetor</i>	Itália-Circ. Piemonte
139. Pe. LOTTO Francesco	<i>Delegado</i>	Itália-Circ. Piemonte
140. L. REGHELLIN Lucio	<i>Delegado</i>	Itália-Circ. Piemonte
141. L. FRAIRE Teresio	<i>Delegado</i>	Itália-Circ. Piemonte
142. Pe. CATTANEA Mario	<i>Delegado</i>	Itália-Circ. Piemonte
143. Pe. PALIZZI Giuliano	<i>Delegado</i>	Itália-Circ. Piemonte
144. Pe. CEREDA Francesco	<i>Inspetor</i>	Itália-Lombardo Emiliana
145. Pe. CAMERONI Pier Luigi	<i>Delegado</i>	Itália-Lombardo Emiliana
146. L. CARIOLI Giuseppe	<i>Delegado</i>	Itália-Lombardo Emiliana
147. Pe. MAZZALI Giovanni	<i>Inspetor</i>	Itália-Lígure Toscana
148. Pe. COLAJACOMO Giorgio	<i>Delegado</i>	Itália-Lígure Toscana
149. Pe. LATERZA Emidio	<i>Inspetor</i>	Itália-Meridional
150. Pe. ORLANDO Vito	<i>Delegado</i>	Itália-Meridional
151. Pe. IEVA Raffaele	<i>Delegado</i>	Itália-Meridional
152. Pe. PUSSINO Gian Luigi	<i>Inspetor</i>	Itália-Romana
153. Pe. CARNEVALE Mario	<i>Delegado</i>	Itália-Romana
154. Pe. MISSORI Silvano	<i>Delegado</i>	Itália-Romana
155. Pe. PIRAS Paolo	<i>Sup. Visit.</i>	Itália-Sardenha
156. Pe. CASTI Giuseppe	<i>Delegado</i>	Itália-Sardenha
157. Pe. TROINA Giuseppe	<i>Inspetor</i>	Itália-Sicília
158. Pe. FALZONE Giuseppe	<i>Delegado</i>	Itália-Sicília
159. Pe. PERRELLI Luigi	<i>Delegado</i>	Itália-Sicília
160. Pe. DISSEGNA Roberto	<i>Inspetor</i>	Itália-Vêneta Leste
161. Pe. TREVISAN Alberto	<i>Delegado</i>	Itália-Vêneta Leste
162. L. SANGOI Remigio	<i>Delegado</i>	Itália-Vêneta Leste
163. Pe. BONATO Giannantonio	<i>Inspetor</i>	Itália-Vêneta Oeste
164. Pe. BORELLO Luciano	<i>Delegado</i>	Itália-Vêneta Oeste
165. Pe. ZUPPINI Luigi	<i>Del. Circunscr.</i>	Madagascar
166. Pe. PICCHIONI Alfredo	<i>Inspetor</i>	Oriente Médio
167. Pe. POZZO Vittorio	<i>Delegado</i>	Oriente Médio

Visitadoria Universidade Pontifícia Salesiana

168. Pe. SCHWARZ Ludwig	<i>Sup. Visit.</i>	UPS
169. Pe. FARINA Raffaele	<i>Delegado</i>	UPS

Casa Geral

170. Pe. ALEEN Henry	<i>Delegado</i>	RMG
----------------------	-----------------	-----

Região salesiana: PACÍFICO-CARIBE

171. Pe. LINARES Juan	<i>Inspetor</i>	Antilhas
172. Pe. SOTO Angel	<i>Delegado</i>	Antilhas
173. Pe. IRIARTE José	<i>Inspetor</i>	Bolívia
174. Pe. FORGUES Fernando	<i>Delegado</i>	Bolívia
175. Pe. HERRERA Heriberto	<i>Inspetor</i>	América Central
176. L OLMOS Mario	<i>Delegado</i>	América Central
177. Pe. VITALI Natale	<i>Inspetor</i>	Chile
178. Pe. YAÑES José Lino	<i>Delegado</i>	Chile
179. Pe. CUEVAS Sergio	<i>Delegado</i>	Chile
180. Pe. CARDENAS Luis Alfredo	<i>Inspetor</i>	Colômbia-Bogotá
181. Pe. OLARTE Julio	<i>Delegado</i>	Colômbia-Bogotá
182. Pe. NIEBLES Vidal	<i>Inspetor</i>	Colômbia-Medellín
183. Pe. CARDONA Hernán	<i>Delegado</i>	Colômbia-Medellín
184. Pe. SANCHEZ Luis	<i>Inspetor</i>	Equador
185. Pe. ORTIZ Esteban	<i>Delegado</i>	Equador
186. Pe. MESIDOR Jacques	<i>Sup. Visit.</i>	Haiti
187. Pe. JEANNOT Jean-Sylvain	<i>Delegado</i>	Haiti
188. Pe. FLORES R. Salvador	<i>Inspetor</i>	México-Guadalajara
189. Pe. GONZALES Filiberto	<i>Delegado</i>	México-Guadalajara
190. Pe. ALTAMIRANO Francisco X.	<i>Inspetor</i>	México-México
191. Pe. AGUILAR Miguel	<i>Delegado</i>	México-México
192. Pe. VERA Juan	<i>Inspetor</i>	Peru
193. Pe. SAAVEDRA Alejandro	<i>Delegado</i>	Peru
194. Pe. DIVASSON José Angel ¹	<i>Inspetor</i>	Venezuela
195. Pe. GODOY José	<i>Delegado</i>	Venezuela

¹ Substituído pelo P REYES Johnny a partir de 5 de março

Delegação salesiana da POLÔNIA

196. Pe. WEDER Zdzislaw	<i>Del. Circunscr.</i>	Circunscr. Leste
197. Pe. MALINOWSKI Zbigniew	<i>Inspetor</i>	Polônia-Varsóvia
198. Pe. NIEWEGLOWSKI Jan	<i>Delegado</i>	Polônia-Varsóvia
199. Pe. JASKOT Grzegorz	<i>Delegado</i>	Polônia-Varsóvia
200. Pe. KOLYSZKO Wladyslaw	<i>Inspetor</i>	Polônia-Pila
201. Pe. BALCERZAK Antoni	<i>Delegado</i>	Polônia-Pila
202. Pe. WOJCIESZAK Tadeusz	<i>Delegado</i>	Polônia-Pila
203. Pe. SEMIK Stanislaw	<i>Inspetor</i>	Polônia-Wroclaw
204. Pe. BIESAGA Tadeusz	<i>Delegado</i>	Polônia-Wroclaw
205. Pe. DZIUBIŃSKI Marian	<i>Inspetor</i>	Polônia-Cracóvia
206. Pe. KRASOŃ Franciszek	<i>Delegado</i>	Polônia-Cracóvia
207. Pe. MARYNIARCZYK Andrzej	<i>Delegado</i>	Polônia-Cracóvia
208. Pe. BORYCZKA Piotr	<i>Del. Circunscr.</i>	Circunscr. Zâmbia

Observadores

1 Pe. DZIEDZIEL Augustyn	<i>Delegado do Reitor-Mor para a Polônia</i>
2 Pe. CARBONELL José	<i>Delegado inspetorial FIS para a Indonésia</i>
3 Pe. OLIVERAS Lluís M.	<i>Delegado inspetorial SBA p/ África Ocidental</i>
4 L BRZEK Zdislaw	<i>Polônia-Cracóvia</i>
5 L GARRIDO G. Mariano	<i>Espanha-Madri</i>
6 L HAVYARIMANA Diomède	<i>África Central</i>
7 L ROMANIN Daniel	<i>Argentina-La Plata</i>

Adidos à tradução

<i>para o francês</i>	Pe. Lambert PETIT
<i>para o inglês</i>	Pe. George WILLIAMS
	Pe. José REINOSO
<i>para o espanhol</i>	Pe. Nicolás MERINO
	Pe. Francisco BALAUDER
<i>para o alemão alternaram-se</i>	srta. Caterina TOMMASEO
	sr. Giovanni TOMMASEO
	srta. Gertrud SIVIERI

CRÔNICA DO CG24

18 de fevereiro - 20 de abril de 1996

1. Sessão de abertura do CG24

No dia 18 de fevereiro de 1996, os 208 membros do CG24 chegam de todas as partes do mundo na Casa Geral, para iniciar o CG24.

Às 10 horas do dia 19 de fevereiro, sessão solene de abertura do Capítulo. A manhã começou com a Concelebração Eucarística do Espírito Santo, presidida pelo Vigário, o Pe. Juan Vecchi.

Declarados abertos os trabalhos na sala de reuniões, por parte do Regulador do CG24, Pe. Antonio Martinelli, ressoou de imediato a mensagem de João Paulo II. Depois de ter dirigido com emoção um agradecido pensamento ao saudoso Pe. Egídio Viganó, afirma que “a colaboração entre Salesianos e leigos deve ter em vista a formação de ‘comunidades educativas’, nas quais os dons pessoais sejam partilhados para o bem de todos”.

O discurso seguinte é do Cardeal Eduardo Martinez Somalo, prefeito da Congregação para os estudos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica. Segue-se, depois, a leitura de breves mensagens de augúrios por parte dos representantes dos grupos da Família Salesiana e o discurso inicial do Vigário do Reitor-Mor.

Entre os presentes à sessão inaugural, além do Cardeal Martinez Somalo, estão também os salesianos Cardeais Rosalio Castillo Lara, Alfons Stickler, Antonio Maria Javierre Ortas, o arcebispo Tarcísio Bertone e os bispos Vincenzo Savio, Jesús Juárez Párraga.

2. E para começar... uma semana de Exercícios Espirituais

Às 16h30 do dia 19 de fevereiro têm início os Exercícios Espirituais, pregados por Pe. Guido Gatti, professor de Moral na UPS.

As temáticas das meditações são tiradas do “Sonho dos Diamantes”, que Dom Bosco teve na noite de 10 para 11 de setembro de 1881, enquanto os Salesianos faziam os Exercícios Espirituais em San Benigno Canavese.

A palavra exata e por vezes brincalhona do Pe. Gatti levou os Capitulares a refletir sobre a fisionomia da Congregação “QUALIS ESSE DEBET”, segundo o sonho de Dom Bosco. A fidelidade a Dom Bosco, a fé, a esperança, a caridade, a caridade pastoral, a caridade fraterna vivida na comunidade salesiana, o trabalho e a temperança, foram apresentados como os ingredientes que deveriam fazer florir a Congregação e delinear nas pegadas de Dom Bosco salesiano *qualis esse debet*.

O clima de oração e de recolhimento, as solenes celebrações comunitárias, as litúrgicas cuidadas e enriquecidas por cantos em diversas línguas, criaram de imediato o contexto *espiritualmente* correto para um Capítulo.

O tom familiar das boas noites do Pe. Vecchi, que concluíam todas as jornadas, completaram a tarefa.

O testemunho de um capitular resume bem o clima criado de imediato no Capítulo: “Vi Dom Bosco pregando na capela, passeando no corredor e vivo em cada encontro... Vi Dom Bosco em cada irmão, sacerdote ou leigo, jovem ou velho, branco ou negro, superior ou subordinado, todos unidos num só coração e em uma só mente em Dom Bosco”.

Os Exercícios Espirituais terminam com o almoço do dia 23 de fevereiro, durante o qual se agradece ao Pe. Gatti com agradáveis refrões.

3. O Relatório do Vigário do Reitor-Mor

Na parte da tarde do dia 23 de fevereiro, durante aproximadamente 90 minutos, o Pe. Vecchi descreve o estado da Congregação aos Capitulares. Apresentando o volume de 306 páginas com o título “A Sociedade de São Francisco de Sales nos seis anos 1990-1995”, ao qual está ligado um segundo volume de “Dados Estatísticos”, o Pe. Vecchi não leu todo o relatório, mas se deteve somente sobre algumas páginas consideradas mais significativas: aquelas dedicadas às perspectivas e aos motivos de esperança.

O RELATÓRIO é constituído por quatro partes: a primeira apresenta “A Congregação em suas diversas regiões”; a segunda oferece uma avaliação, em nível mundial, sobre “A Congregação nos vários setores de animação”; a terceira informa sobre o funcionamento de “Alguns serviços e instituições de interesse geral”; a quarta é proposta como “Esforço de avaliação global”, sendo a mais comprometedora.

É sobretudo sobre esta quarta parte, sobre os entendimentos e a situação nos seis anos 1990-1995, sobre o significado de nossa presença, sobre o testemunho da vida consagrada, sobre a preparação dos irmãos, sobre os desafios e sobre os motivos de esperança, que se detém a reflexão do Vigário do Reitor-Mor.

Um aplauso de aprovação saúda o fim do relatório, pelo qual o Regulador agradece ao Vigário pela síntese e pelas indicações oferecidas “com voz tranqüila”. Um relatório, segundo o Pe. Vecchi, que “exige estudo” e que permanece “um ponto de referência abalizado” sobre o qual os capitulares são chamados a se confrontar.

Depois de um dia de estudo pessoal, os Capitulares apresentam pedidos de esclarecimento e de aprofundamento: são 103. Às 9 horas do dia 27 de fevereiro, na sala magna, o Pe. Vecchi começa a responder às perguntas que chegaram: na verdade tantas, a metade exata do número dos capitulares. Ele explica que responderá não a cada uma das perguntas, mas a blocos de perguntas agrupadas por ele em nove temáticas: avaliação do contexto, retomada do CG23, esclarecimento sobre o governo, economia e administração, significado e presença pastoral, formação, Família Salesiana.

Depois de três sessões da assembléia, durante 4 horas e trinta minutos, dedicadas às respostas do Vigário, o próprio Pe. Vecchi revela a oportunidade de um aprofundamento ulterior do “Relatório”, em círculos de acordo com a língua. Foram constituídos treze com a indicação de apresentar cada um três argumentos relevantes, de interesse geral e escolhidos com a ótica mundial da Congregação. Os círculos (2 de língua francesa, três de língua inglesa, três de língua italiana, 1 de língua portuguesa, três de língua espanhola, um de língua alemã), formados por 15 membros cada uma, dedicam uma sessão de 28 de fevereiro ao confronto mais amplo sobre o Relatório do Vigário.

Os resultados dos círculos lingüísticos são examinados, enfim, por um grupo de seis capitulares que, juntamente com o Pe. Vecchi resumem em quatro pontos as perspectivas emergentes: formação, comunidade salesiana, significado, animação e governo. Uma sessão é dedicada à apresentação daquelas perspectivas.

A significatividade está, de modo incontestado, em primeiro lugar quanto ao número de perguntas. O que se quer é compreender sobretudo o novo papel que espera a Família Salesiana na perspectiva aberta pelas novas situações e pelas novas oportunidades missionárias, educativas e de relacionamentos com os leigos.

4. O andamento da máquina capitular

Completado o exame do relatório do Reitor-Mor, o Capítulo entra na fase de acabamento de sua organização.

A grande maioria da assembléia aprova, como base de discussão do tema capitular, o “Documento de trabalho”, preparado pela Comissão pré-capitular e ilustrado com convincente entusiasmo, na tarde de 27 de fevereiro, pelo Pe. Luís Zappini, superior da Visitadoria de Madagascar.

No dia 28 de fevereiro foram eleitos os três Moderadores, que completam a Presidência da assembléia capitular. De uma lista de oito nomes, propostos pelo Pe. Juan Vecchi, a assembléia escolheu o Pe. Richard Authier, superior da Visitatoria do Canadá, que em seguida será substituído pelo Pe. Bolkovac Stjepan, inspetor da Croácia; o salesiano leigo Lúcio Reghellin, delegado da Circunscrição Piemonte (Itália); Pe. Helvécio Baruffi, inspetor de Porto Alegre (Brasil). Os três eleitos postam-se na presidência ao lado do Vigário do Reitor-Mor e do Regulador Pe. Antonio Martinelli.

No mesmo dia acontece também a aprovação por unanimidade do Regulamento do CG24, ilustrado pelo Pe. Francisco Maraccani. Poucas as modificações relevantes em relação ao Regulamento do CG23.

No dia primeiro de março se completa a fase de organização com a aprovação do do calendário das várias fases do CG24.

Em particular, ratifica-se a semana na qual participarão do Capítulo alguns leigos (Cooperadores, Ex-alunos, VDB), Damas salesianas, jovens, colaboradores e outros) e que por motivos óbvios já tinha sido fixada há tempo pelo Regulador.

Para a eleição do Reitor-Mor, do Vigário e do Conselho Geral aprova-se quer a data (de 18 a 24 de março), quer a modalidade de eleição sobre proposta do Conselho Geral. Trata-se do discernimento, ou seja de “um caminho que se faz em uma procura espiritual, através da reflexão, da oração e da recíproca iluminação”, com uma série de etapas capazes de amadurecer uma decisão pessoal sobre o nome pré-escolhido. O processo eletivo será acompanhado por uma pessoa externa à Congregação, experiente em discernimento. Trata-se do Vigário Geral dos Marianistas, José M. Arnaiz.

5. O Capítulo navega na Internet

Uma novidade deste CG24 foi, sem dúvida, o uso silencioso, mas eficaz da parte de alguns capitulares do correio eletrônico.

A comunicação com as respectivas Inspetorias (favorecida também pelo uso do Fax), a informação sobre as várias fases do trabalho capitular, as curiosidades, as entrevistas, as notícias encheram as estradas da *internet*, permitindo a alguns capitulares de informar e a muitos irmãos, de todo o mundo, de serem informados... em tempo real. Navegando, navegando, os modernos exploradores ampliaram um constante e imediato fio direto entre o CG24 e as Inspetorias.

De um pequeno fascículo cheio de números, fornecido a todos os capitulares, juntamente com outros materiais úteis para o bom funcionamento do Capítulo, aparecia que os “inscritos” no *E-mail* já são em bom número: 58 casas Inspetoriais, 70 casas ou Offícios, 45 irmãos.

Uma prova geral das possibilidades que a rede telemática pode fornecer às notícias de família, que freqüentemente encontram ostracismo nos grandes meios de informação.

6. As Comissões de trabalho

Nesta fase em que se dá acabamento à metodologia de trabalho, outro ponto que é levado em consideração é o da constituição das Comissões, previstas pelo Regulamento do Capítulo.

Além da Comissão para a informação, no dia primeiro de março se decide que as comissões de trabalho sejam sete. Seis comissões começam examinar o documento de trabalho: a primeira examinará a situação, a segunda, o quadro de referência, a terceira, os compromissos operativos da comunidade, a quarta, os critérios para a escolha dos leigos colaboradores, a quinta, os problemas abertos constituídos pelo “núcleo animador” e identidade salesiana das obras, a sexta, os outros problemas abertos (feminilização, presença masculina, consagração e educação, voluntários, amigos de Dom Bosco). A sétima comissão terá o encargo de estudar as propostas que dizem respeito às Constituições e os Regulamentos gerais, e outros problemas inerentes ao governo central.

Formadas as comissões, cada uma delas elege o próprio presidente, o Relator e o Secretário.

Fica assim completa a “Comissão Central de Coordenação”, formada pelo Presidente do Capítulo, pelo Regulador, pelos Moderadores e por sete membros eleitos pela Assembléia (que são os presidentes das Comissões).

7. De Capitular a Bispo

É oficializada a notícia de que o Papa, depois de apenas 13 dias de Capítulo, nomeou o Pe. José Angel Divassón, capitular de 57 anos, Vigário Apostólico de Puerto Ayacucho, na Venezuela. A notícia transmitida pelo Pe. Vecchi, concomitantemente com a sala de imprensa do Vaticano, toma a assembléia de surpresa que saúda o novo eleito com um caloroso aplauso. O novo eleito agradece os capitulares que pessoalmente lhe dirigem as congratulações. Inspetor da Venezuela, José A. Divassón tomou parte no Sínodo sobre a vida consagrada como convidado do Papa em sua qualidade de presidente da União religiosa venezuelana. O novo bispo deixará o seu lugar no Capítulo ao delegado da Venezuela, o Pe. Johnny Reyes.

Um cálice, “nem suntuoso, nem pobre” é oferecido pelo Pe. Vecchi em nome da assembléia capitular ao neo-eleito Bispo José Angel Divassón. É um sinal de afeto e traz a dedicatória em espanhol “A dom J. A. Divassón, o capítulo geral, dois de março de 1996”. Divassón agradece e expressa a sua alegria por ter estado no Capítulo. Fala de seu Vicariato Apostólico, todo salesiano: lá trabalham 30 irmãos e a catedral é dedicada a Maria Auxiliadora. Trabalham lá também 60 irmãs a serviço de uma população indígena de 19 etnias. Gente pobre — explica o novo bispo — sendo que alguns vivem ainda em estado primitivo e algumas etnias estão desaparecendo. Será preciso trabalhar muito a serviço deles e em sua defesa, lutando para que a sua cultura não desapareça.

8. Uma experiência de comunidade

Concluída a fase das realizações gerais, as Comissões podem entrar de cheio no exame do documento de base, confrontado com os resultados dos Capítulos Inspetoriais e com a experiência dos capitulares trocada nas comissões e nos grupos.

Durante três semanas se desenvolve o intenso trabalho das comissões que se referem à Assembléia, apresentando observações e propostas, à medida que são examinadas as várias partes do tema. Acontecem, pois, sucessivos e intensos debates na assembléia, que definem primeiramente alguns “nós” de fundo, depois a estrutura e as linhas essenciais das partes do documento.

Trabalhos de comissão, de grupo, de assembléia, encontros regionais e outras convocações preenchem a “jornada-tipo” do capitular sem solução de continuidade. Os tempos de trabalho são quatro: dois de manhã: das 9 horas às 10h30 e das 11 horas às 12h30 e dois à tarde, das 15h30 às 17 horas e das 17h30 às 19 horas.

Mas, o elemento que está por baixo e que acentua o intenso trabalho é a experiência de comunidade salesiana. Os 208 capitulares, provindos de várias regiões do mundo, conseguiram construir uma verdadeira comunidade salesiana. Atípica, mas comunidade. Em tempo recorde e com uma capacidade superior às experiências do passado.

Percebe-se o resultado positivo do esforço de integração e convivência fraterna, que está conseguindo superar as barreiras das línguas. As refeições são uma boa oportunidade para se conhecer e criar intercâmbios com os comensais.

Faz-se festa, sobretudo para os onomásticos e para os aniversários, marcados freqüentemente por um bom sorvete. Existem também lugares de “encontro” para seguir também a TV de todo o mundo (graças à antena parabólica) para que não se permaneça isolado. O grupo de animação da vida comunitária do Capítulo previu momentos de distensão e de

fraternidade para o tempo da tarde, depois do jantar, organizado pelos diversos grupos de Inspetoria. Algumas destas reuniões serão reservadas para encontros culturais: significativos a apresentação de “Dom Bosco em seu tempo”, da parte do mesmo autor F. Desramaut e das “Cartas Circulares” do Pe. Egídio Viganó.

Grande destaque merecem as celebrações da oração: pela manhã são realizadas ordinariamente por grupos lingüísticos, à tarde em conjunto para as vésperas e a boa noite, que cria um clima de informação e de comunhão em família. Um dia por semana, na quarta-feira, se tem a celebração eucarística comunitária, sempre bem preparada pelo grupo de animação da liturgia. Para presidir algumas destas celebrações foram convidados: o arcebispo D. Tarciso Bertone (6 de março), o Cardeal Alfons Stickler (13 de março), o Cardeal Rosalio Castillo Lara (19 de março), o Cardeal Eduardo Pironio (28 de março), o Cardeal Antonio M. Javierre (10 de abril), D. Francisco Javier Errázuriz, Secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (13 de abril), o bispo diocesano de Porto e Santa Rufina D. Antonio Buoncristiani (18 de abril).

Depois do almoço acontecem amigáveis competições esportivas, tanto futebol, como basquete. Alguns fazem um passeio através das vielas da Pisana. Os mais preguiçosos jogam pingue-pongue.

A fraternidade da comunidade capitular pode ser notada através da percepção do humor e das piadas, nas boas-noites, na assembléia e na leitura dos textos.

Todos os capitulares desejam, junto com o Vigário, que “esta experiência de comunhão e a unidade por ela criada” não seja fugaz. Não se dissolva, mas se difunda quando terminar o CG.

Um momento que cria “clima” e é sempre muito esperado, é o da “boa-noite”. Na primeira semana foi o Vigário Pe Vecchi que falou da vida e dos problemas da Congregação. Em seguida, cada noite, depois da récita das vésperas, sucedem-se os Inspetores ou os delegados para apresentar a história, as atividades, os projetos e as dificuldades de cada uma das Inspetorias. É um panorama interessantíssimo, muito vasto e articulado. Comovente os testemunhos sobre algumas situações particulares: a circunscrição do Leste e a presença salesiana de Jakutsk na Sibéria, a presença nas Antilhas e de modo particular em Cuba, a situação na Polinésia e em Timor, a difícil presença no Vietnã e na China.

Um momento particularmente significativo e familiar acontece na manhã de 15 de março. Os capitulares realizam uma caminhada de oração e de meditação às catacumbas de São Calisto na Via Ápia Antiga, onde visitam o túmulo do Pe. Egídio Viganó.

Processionalmente realizam um rito de aproximação com três estações: o martírio (lê-se um texto do Pe. Viganó sobre os beatos mártires D. Luiz Versiglia e Pe. Calisto Caravario; Pe. Viganó como guia salesiano (lê-se um texto da carta mortuária sobre o Pe. Viganó enquanto cantando “Giù dai Colli” os capitulares descem para rezar diante do túmulo do falecido Reitor-Mor; a Ressurreição (na Igreja de São Tarcísio ouve-se uma leitura bíblica e se reza pelo CG24, a fim de que prossiga no caminho da renovação animado pelo sétimo sucessor de Dom Bosco).

9. As fases do trabalho

O trabalho das seis comissões, apresentado pelos respectivos relatores, produziu na sala um amplo debate, participado e muito pontual. O campo da colaboração entre salesianos e leigos e os problemas conexos, aparece muito vasto e variado na experiência amadurecida nos diversos continentes e nas várias culturas.

Trata-se não apenas de focar a vasta gama de colaboradores leigos (dos professores, aos crentes de outras religiões, aos homens de boa vontade), mas da convergência sobre critérios, sobre a identidade, sobre a questão de profissionalidade.

E olhando para o futuro, pensando na necessidade de projetar caminhos novos e comuns de formação.

Dezenas e dezenas de intervenções na sala, calorosos intercâmbios nas Comissões levaram à percepção de que a colaboração entre salesianos e leigos para a missão coloca todos diante de problemas muito novos. Não foi por acaso que algumas intervenções se tornaram eco da “grande invocação” que emana de toda a Congregação para a urgência de formação, que coloque as comunidades salesianas a ponto de dialogar com os leigos, com as mulheres, a se inserir na dinâmica do território, a saber discutir com autoridade com os órgãos públicos.

A formação não pode mais ser pensada em termos separados: leigos e salesianos devem juntos aprender a se defrontar com o novo.

Também os leigos são chamados a dar passos. Não apenas as comunidades salesianas devem se repensar. Os leigos colaboradores são muitos, mas nem todos se demonstram suficientemente preparados e formados, como exige a imensidão da missão.

Entretanto, diante dos capitulares está presente a espera das comunidades: uma espera pacata — diz-se — porque se percebe que o tema da colaboração com os leigos é vital e exigente. Mas também a convicção de que, se compete ao Capítulo dar indicações, competirá também às comunidades caminhar para torná-las concretas.

O trabalho capitular foi facilitado, também, pelo amplo uso feito do computador.

10. Chega a sétima Comissão

Enquanto as primeiras seis Comissões e a Assembléia trabalham sobre o tema específico do Capítulo (“Salesianos e leigos: comunhão e participação no espírito e na missão de Dom Bosco”), a sétima Comissão começa a examinar as observações propostas vindas dos Capítulos inspetoriais e dos irmãos, referentes ao nosso próprio direito (Constituições e Regulamentos) e alguns aspectos das estruturas de animação e de governo da Congregação.

No dia 7 de março, o Pe. Zuppini e o Pe. Maracanni, respectivamente presidente e relator da sétima comissão, apresentam na Assembléia o primeiro esquema de trabalho sobre alguns aspectos do governo central, em particular sobre o dicastério da Família Salesiana e da Comunicação Social. É a primeira de uma longa série de apresentações.

Depois de um amplo debate na assembléia e diversas votações de sondagem, o voto definitivo é favorável para que não se faça nenhuma modificação nos art. 133 e 137 das Constituições, nas quais está previsto que a Família Salesiana e a Comunicação Social constituem dois dicastérios animados por um mesmo Conselheiro de setor. Depois de um voto negativo sobre a atual situação (ou seja, um só Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação Social), na votação de sondagem, no final a maioria preferiu o certo sobre o incerto. É reforçada a importância e a urgência da comunicação social, mas se reenvia substancialmente a questão para a verificação global sobre o funcionamento das estruturas de governo, confiada pelo CG24 ao novo Conselho Geral.

Outro esquema, apresentado pela sétima comissão, diz respeito à reordenação aos grupos de Inspeção. O debate é vivo, por vezes sofrido, diante das mudanças organizacionais exigidas por novas situações, constituídas, por exemplo, pela queda do muro, ou da vitalidade do Projeto África, ou pelo progresso da União Europeia, ou pela perspectiva de integração das duas Américas. A geografia mundial salesiana é modificada pelo voto da Assembléia no dia 28 de março: é constituída região África. As inspetorias dos Estados Unidos e do Canadá se uniram às do Pacífico-Caribe. A Região Atlântico incorpora também o Chile junto com a Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil. A Austrália é ligada à Ásia. Inglaterra e Irlanda são agregadas à Europa Centro-norte, que compreenderá também o leste europeu, a Polónia e os Balcãs. A França será ligada à Espanha, Portugal e a Bélgica sul. Fica invariada a Região Itália-Oriente Médio.

Larga maioria obtém uma orientação operativa que atribui ao Reitor-Mor e ao seu Conselho um estudo mais acurado sobre o funcionamento do Conselho Geral, valendo-se também de profissionais competentes.

Levou-se em consideração também a aceleração da história quando se aprovou a limitação do tempo no cargo dos membros do Conselho Geral no mesmo setor de

atividade (Const. 142). De fato, o Capítulo decidiu que os Conselheiros possam ser reeleitos somente por um segundo período de seis anos no mesmo cargo.

Análoga limitação proposta também para o cargo de Reitor-Mor (Cons. 128) não foi aceita pela assembleia.

Volta ainda a sétima comissão na última semana do Capítulo. No primeiro tempo de trabalho do dia 16 de abril são aprovados pela Assembleia uma orientação e uma modificação do art. 3 dos Regulamentos Gerais. A orientação, confiada pelo Capítulo ao Reitor-Mor e ao seu Conselho, diz respeito ao estudo a ser feito sobre a possível fórmula “mista” da Congregação Salesiana, à luz da Exortação Apostólica *Vita Consecrata*. A modificação regulamentar diz respeito à presença dos jovens em nossas obras.

11. A eleição do Reitor-Mor

Depois de aproximadamente um mês de Capítulo, chega o momento importante das eleições.

Na tarde do dia 18 de março tem início o discernimento conduzido pelo Pe. José Arnaiz, que indica quatro condições: rezar (oração de intercessão, de purificação, de iluminação, de agradecimento); falar e dialogar com os outros, trocando-se palavras verdadeiras; procurar critérios na assembleia sem discutir. E sobretudo refletir pessoalmente sobre três pontos: conhecer os desafios atuais para a Congregação Salesiana que está para atravessar o milênio, procurar o perfil das pessoas que deveriam guiar a resposta para os desafios; aplicar o perfil às pessoas concretas à disposição.

Às 10h25 do dia 20 de março o Regulador Pe. Martinelli anuncia o início da votação para a eleição do Reitor-Mor. Distribuída as cédulas eleitorais, os eleitores são chamados a depor a cédula na urna. Os escrutinadores iniciam o trabalho.

Às 11 horas, no primeiro escrutínio aparece eleito o oitavo sucessor de Dom Bosco, Pe. Juan Edmundo Vecchi, que é saudado por um longo aplauso pelos Capitulares.

De acordo com o Regulamento, sendo o eleito também Presidente da Assembleia, o Regulador chama o Capitular mais velho para a proclamação do resultado. Pe. Ernesto Macák, Inspetor da Eslováquia, 76 anos e no seu primeiro Capítulo Geral, ex-prisioneiro dos cárceres comunistas, é acompanhado à mesa da presidência. De acordo com o ritual, o Pe. Vecchi responde: “Aceito”. Alguns capitulares da Índia sobem ao palco para oferecer ao Pe. Vecchi uma esplêndida coroa de flores brancas.

Os capitulares sobem ordenadamente ao palco para se congratularem com o novo Reitor-Mor. Tudo isto sob os “olhos” das máquinas fotográficas.

Às 12:15, na Igreja central da Casa Generalícia canta-se o solene “Te Deum” de ação de graças, recita-se uma oração dos fiéis apropriada para o Reitor-Mor apenas eleito, às quais se seguem as primeiras palavras do Pe. Vecchi como sucessor de Dom Bosco.

Os festejos se iniciam durante o almoço festivo, com cantos e brindes. À tarde do dia 23 de março se realiza uma festa de homenagem ao Pe. Juan Vecchi, novo Reitor-Mor, com a participação de grupos espontâneos da Família Salesiana e das comunidades de formação de Roma.

12. A eleição do Conselho Geral

Os colaboradores do Reitor-Mor, isto é, os membros do Conselho Geral, são eleitos com o mesmo método de discernimento guiado pelo Pe. Arnaiz.

Na manhã do dia 21 de março tem início a Assembléia capitular que introduz o discernimento para a eleição do Vigário. Uma primeira cédula é pedida para a indicação das qualidades do candidato para este cargo. Mais tarde é do resultado que indica na “complementaridade com o RM” a qualidade requerida. Depois do almoço acontece a eleição do Pe. Luc Von Looy, no primeiro escrutínio.

No dia 22 de março, na primeira convocação da Assembléia são dados os resultados da sondagem de discernimento para os Conselheiros e às 10:00 horas a primeira votação para o Conselheiro para a Formação, que confirma na primeira votação o Pe. José Nicolussi.

Para a Pastoral juvenil, procede-se a um novo momento de discernimento para esclarecer melhor as indicações surgidas. Logo após o almoço, na primeira votação, é eleito Conselheiro geral para a Pastoral juvenil o Pe. Antonio Doménech.

Seguem-se as eleições para os Conselheiros Gerais da Família Salesiana — Comunicação Social e para as Missões, cargos para os quais são confirmados respectivamente o Pe. Antonio Martinelli e o Pe. Luciano Odorico.

Na manhã do dia 23 de março, a Assembléia convocada para a eleição do Ecônomo geral, esclarece as últimas incertezas e elege o Pe. João Mazzali, na primeira votação.

Entra na sala magna a banda “Rapazes Dom Bosco”, do Instituto Salesiano de Nápoles, quase marcando o término desta primeira fase das eleições.

Na parte da tarde do dia primeiro de abril, depois da audiência com o Papa, o Pe. Arnaiz retoma o caminho do discernimento para a eleição dos conselheiros regionais. Os grupos das várias regiões se reúnem para votações de sondagem, cujos resultados são comunicados antes do jantar para toda a assembléia.

Na manhã do dia 2 de abril foram eleitos, todos em primeira votação, os Regionais da África (Pe. Rodriguez Tallón), da América Cone Sul (Pe. Helvécio Baruffi), da Austrália-Ásia (Pe. Joaquim D’Souza), da Europa Norte (Pe. Albert Van Hecke).

Como o Pe. Rodriguez Tallón, regional que está saindo da região Ibérica, foi eleito Conselheiro para a África, para a região Europa Oeste deve-se proceder a um novo discernimento.

Na tarde do mesmo dia, todos na primeira votação, são eleitos os demais regionais da Europa Oeste (Pe. Filiberto Rodriguez Martin), da América Central (Pe. Pascual Chávez, da Itália-Oriente Médio (Pe. João Fedrigotti).

Nestas últimas votações acontece o imprevisto. Pela primeira vez um Capítulo elege um membro do Conselho Geral fora da Assembléia Capitular. O Pe. Chávez, da Inspeção México-Guadalajara, encontra-se terminando a tese de doutoramento em Madri-Salamanca, quando o Reitor-Mor consegue comunicar-lhe por telefone a sua eleição.

13. Os leigos no CG24

Porta aberta aos leigos, pela primeira vez dentro de um Capítulo Geral dos salesianos. Vinte e um entre homens e mulheres de vários continentes, jovens e adultos que se sentiram em casa, porque o acolhimento não foi apenas cordial, mas paritário. Trata-se de Cooperadores, Ex-alunos, VDB e outros grupos da Família Salesiana, jovens, colaboradores e outros leigos.

Foi uma espécie de prova geral daquilo que, no tempo, tornar-se-á a colaboração dos salesianos e dos leigos nas comunidades e nas mais diversas obras salesianas no mundo.

O objetivo desta atitude inédita na história da Congregação é o próprio futuro da missão salesiana: a qualidade de sua presença e a força do envolvimento dependerá então em boa parte da capacidade de intercâmbio entre salesianos e leigos da Família Salesiana.

É o Reitor-Mor que lhes dará as boas vindas na manhã do dia 25 de março, assinalando com palavras de compromisso e não de circunstância, o fato novo de uma participação leiga em um Capítulo Geral.

Os leigos provêm de todo o mundo salesiano. São 13 europeus (4 italianos, 3 espanhóis, 2 ingleses, um português, um austríaco, um tcheco, um francês), 6 provêm das Américas (USA, Venezuela, México, Colômbia, Brasil e Argentina), 2 da Austrália. As mulheres são 6 e os homens 15. Entre eles 6 são jovens e os demais adultos.

Por turno, durante toda a semana os leigos apresentam a síntese das contribuições enviadas ao Conselho pelos grupos aos quais pertencem. O aplauso que acolheu cada vez a apresentação na Assembléia manifesta o caloroso acolhimento dos capitulares.

A semana dos leigos se conclui com a leitura da “*Mensagem para os leigos da Família Salesiana*” elaborada pelos 21 leigos participantes do Capítulo.

O Reitor-Mor, agradecendo os leigos pela contribuição que deram aos trabalhos, oferta a cada um deles uma medalha de Dom Bosco. A saudação não quer ser uma despedida, mas um envio para a área leiga e para a comunidade salesiana.

14. A audiência com o Papa

João Paulo II recebeu o Capítulo Geral em audiência, no dia primeiro de abril, segunda-feira pela manhã.

Os capitulares, que partiram em quatro ônibus em direção a São Pedro, pararam primeiro para uma oração na tumba de São Pedro e daí se dirigiram para a porta de bronze para ter acesso à Sala Clementina, onde se encontraram com o Papa.

Depois de uma pequena espera, o Papa entra na Sala e é acolhido com grande aplauso.

No início da audiência, o Reitor-Mor dirigiu a João Paulo II palavras de homenagem.

Ao longo do encontro o Papa relevou o “segredo de uma ação apostólica corajosa e fecunda: a adesão sem reservas a Cristo Crucificado e Ressuscitado”. O Santo Padre reforçou ainda o trabalho de compromisso que caracteriza a missão dos salesianos: “Ajudar os vossos leigos a se formar como educadores”.

Depois do discurso, o Papa se aproxima dos capitulares cumprimentando-os um por um com um aperto de mão enquanto o Reitor-Mor os apresenta, indicando a Inspetoria de proveniência.

15. A pausa de Páscoa

A avançada elaboração e discussão dos documentos das seis Comissões, as eleições do Reitor-Mor e de seu Conselho, a participação dos leigos, a audiência com o Santo Padre, levaram o Capítulo até a Páscoa.

Particularmente significativo para toda a comunidade capitular encontrar-se reunida na quinta-feira santa, celebrando a Eucaristia “in Coena Domini”. O Reitor-Mor, eleito há poucos dias, preside a liturgia e ressalta o sentido da celebração.

Nos dias seguintes do tríduo Pascal o Capítulo faz uma pausa nos trabalhos. Um grupo razoável de capitulares parte para passar a Páscoa em Turim-Colle Dom Bosco, convidados pelo Inspetor da Circunscrição Piemonte. Vários capitulares que ficaram em Roma podem participar das celebrações pascais nos lugares sagrados romanos, em união com o Sumo Pontífice.

16. Redação e votação do Documento Final

No dia 4 de abril, o Regulador comunica à Assembléia a constituição do “grupo redacional”, composto de quatro capitulares, que tinha sido escolhido para proceder à redação do texto unificado, que depois seria novamente submetido à Assembléia.

A obrigação do “grupo redacional” não é o de entrar no mérito do conteúdo, mas de redigir um documento prático, fácil, compreensível, sem as características de uma Exortação apostólica, portanto, um instrumento de trabalho para as comunidades. Todos os textos definitivos elaborados pelas Comissões e discutidos em sala, são confiados ao “grupo redacional”.

No dia 13 de abril, em base a uma “hipótese de redação do ‘Documento Final’”, apresentada pelo “grupo redacional”, a Assembléia vota em maioria que o documento capitular, na sua introdução faça menção da data de 12 de abril de 1846, dia da chegada de Dom Bosco com os seus rapazes a Valdocco.

Na última semana são entregues aos capitulares as três partes reelaboradas pelo “grupo redacional” com intenso e sacrificado trabalho, para a votação “juxta modum”.

Começa, assim, um novo confronto, cujos interlocutores são as Comissões, a Assembléia, o “grupo redacional”. Em suas diversas partes, de fato, o documento é examinado pessoalmente ou em grupo e votado em Assembléia, com possibilidade de se expressar “juxta modum” e de apresentar “modos” para a melhor definição do texto.

É uma fase que exige um trabalho assíduo e não fácil, sobretudo para se chegar a determinar aquelas deliberações e orientações concretas que deverão guiar as comunidades.

Nos dias 19 e 20 de abril procede-se às votações finais das três partes do Documento das três partes do documento. São votadas cada uma das partes e cada um dos números de todo o documento. Manifesta-se satisfação ao ver como para todos os pontos existe uma convergência, que vai muito além da maioria necessária. No final, é votado o Documento como um todo: a aprovação do texto é acolhida com um prolongado aplauso.

17. Saudações e Mensagens

O Capítulo já caminha para a sua conclusão. É o momento das saudações e das mensagens, através dos quais se expressa fraternidade e encorajamento.

Como destinatário das mensagens se pensou nos seguintes “grupos”: jovens, cooperadores, ex-alunos/as de Dom Bosco, voluntárias de Dom Bosco, que enviaram uma contribuição própria para o Capítulo.

Para a redação destas mensagens, o Moderador tinha encarregado alguns capitulares de preparar um breve esboço. Este esboço tinha sido dado a todos os capitulares, para que cada um pudesse expressar as próprias observações e as próprias sugestões. Ora, as mensagens, oportunamente revistas, são reapresentadas à Assembléia que dá o seu parecer favorável.

18. A conclusão do CG24

Na sexta-feira à tarde, na sala magna, realiza-se uma participada e alegre festa na presença de todos os capitulares. É o sinal de que o Capítulo chegou a seu término.

Os cantos apresentados pelas diversas regiões, as imitações e as brincadeiras irônicas de alguns momentos do capítulo, propõem a todos uma experiência inesquecível de vida salesiana.

Sábado, 20 de abril, a conclusão final.

Pela manhã, reunidos pela última vez em Assembléia Geral, os capitulares realizam os últimos acabamentos previstos pelo Regulamento. Portanto, depois da assinatura de todos, capitulares e observadores, o Reitor-Mor faz o seu discurso conclusivo.

A concelebração eucarística, na qual se renova também a entrega a Maria Auxiliadora, representa o fato final do CG24 e, ao mesmo tempo, o “envio” de cada capitular para transmitir aos irmãos e às comunidades educativas pastorais a experiência e a mensagem do Capítulo.

ÍNDICE TEMÁTICO ANALÍTICO

Amigos de Dom Bosco (ADB)

- uma preocupação típica de Dom Bosco: “Tornar amigos” 91
- são numerosos os ADB 85, 197, 214, 267
- nascem do clima e do estilo oratoriano 75, 210
- há uma variegada identidade dos ADB 50, 203, 251
- garantem a expansão da missão de Dom Bosco 85, 286
- um compromisso para o próximo sexênio: promover o Movimento Salesiano no qual estão engajados os ADB 106
- mediante a comunicação que veicula comunhão 251

Animação

- o Espírito Santo animador da Igreja 63
- o Bom Pastor animador de Dom Bosco 3
- Dom Bosco menino animador 70
- o ministério ordenado animador da comunhão 66
- salesianos SDB animadores:
 - consciência da comunidade SDB quanto ao seu papel de animação 19, 83
 - será preciso devolver aos salesianos o sentido da prioridade da formação: somos chamados a ser animadores do crescimento das pessoas 248
 - a comunidade é núcleo animador, sempre, ainda que não sozinha e não necessariamente no âmbito local 236
 - compromisso específico, prioritário e privilegiado dos salesianos na animação 145
 - a sua experiência de Espírito Santo habilita ao papel de animação. Habilita também a riqueza das vocações complementares do sacerdote e do coadjutor. A primeira tem um canal privilegiado no ministério do diretor. A segunda torna visível a nossa proximidade ao mundo e a confiança nas realidades seculares 236, 228
 - comunidade de consagrados animadora da CEP 40, 149, 159, 228, 236
 - consistência quantitativa da comunidade com religiosos padres e religiosos leigos e animação 173, 199
 - consistência qualitativa da comunidade e animação 174, 199, 228
 - é enriquecedora a participação de todos os membros da comunidade conforme as próprias possibilidades 237
 - SDB animadores da Família Salesiana e do Movimento Salesiano 109, 207
 - empenho de formação dos animadores 24
 - animação salesiana de atividades e obras confiadas aos leigos 27, 181
 - o diretor animador 168, 172
 - serviços qualificados de formação ou animação com estruturas educativas adequadas 254

- salesianos e leigos animadores juntos:
 - o dado de fato 24
 - algumas problemáticas 30
 - a comunidade inteira educativa animadora 47
 - também os leigos são animadores 84, 162, 164
 - modalidades diferentes de animação dos leigos 163
 - voluntários como animadores 26
 - animadores em território missionário 26
 - várias modalidades de animação por parte dos jovens 84
 - animação em obras conveniadas com entidades públicas 40
 - salesianos e leigos animadores juntos na CEP 160
 - a CEP precisa de animadores, salesianos SDB e leigos 180, 214
 - leigos Cooperadores enquanto animados pela mesma espiritualidade e intérpretes da mesma missão 283
- o modelo operativo da animação salesiana 39
- modelos operativos da CEP e animação 49, 160
- o conteúdo da animação salesiana 158
 - trata-se de realizar uma presença entre os leigos e o povo, que seja estímulo para o crescimento da pessoa em sua situação, e leve à busca conjunta do projeto de viver 199
 - animar é uma tarefa conatural ao dom do Espírito 236
- alguns instrumentos de animação:
 - carta de comunhão 48
 - o projeto PEPS 42
 - o espírito salesiano 91
 - o “da mihi animas” 94, 105
 - o Boletim Salesiano 82
 - a assistência salesiana 131
 - a comunicação social como animação cultural e de evangelização popular, que orienta as novas tecnologias para o serviço do homem e do Evangelho 250
- os níveis de animação:
 - local 171
 - inspetorial 138, 145, 170
 - mundial 127
- a animação manifesta a co-responsabilidade 117
- a formação tem como objetivo a animação 138, 140, 147
- a animação é um compromisso do sexênio 106
- a animação espiritual 155

Animadores

cf. *Animação*

Avaliação

cf. as palavras:

Critérios

Empenhos operativos em nível local

Em nível inspetorial

Em nível mundial

Projeto Educativo Pastoral Salesiano (PEPS)

Programação

Caridade

- a iniciativa de Deus e da sua caridade provoca o encontro entre Dom Bosco e Madre Mazzarello para a salvação da juventude 74
- os ministros ordenados são estimulados pela caridade do Bom Pastor 66
- Dom Bosco é rico da caridade do Bom Pastor 3
- o espírito salesiano concentra-se na caridade pastoral 88
- a caridade é meio e método fundamental da missão 90
- a caridade pastoral manifesta a experiência do Espírito que habilita para a animação 236
- a caridade guie cada ação e palavra 91
- a espiritualidade salesiana é caridade pastoral e amor educativo 209
- como salesianos exprimimos o significado da nossa existência com o ardor da caridade pastoral, que está na raiz da nossa missão 94, 250
- a “amorevolezza” salesiana é cheia de caridade evangélica 93
- o empenho da caridade é uma meta educativa possível 100
- a “religião” do Sistema Preventivo exprime a caridade pastoral que promove uma nova cultura educativa 100
- crescer juntos e juntos formar-se, para viver como uma família, com os vínculos da caridade fraterna 101

Carisma

- na lembrança dos 150 anos de Valdocco 87
 - o carisma de Dom Bosco continua vivo e vital no mundo contemporâneo 201
 - introduzi-lo no novo milênio com o ardor apostólico de São João Bosco e com todo o seu frescor 204
- características do carisma de Dom Bosco:
 - dimensão secular e profética 4
 - educativo 4

- elemento característico: jovens pobres 89
- a vida religiosa é de natureza carismática, por isso importa uma dimensão espiritual na qual reside sua vitalidade 215
- exigências do carisma:
 - encarnação 6
 - a riqueza do carisma salesiano não deve ceder na substância, ao passo que se encarna em todas as realidades positivas presentes nas mais diversas culturas 208
 - a identificação carismática é uma manifestação autêntica da comunhão mundial salesiana 224
 - notamos a universalidade do carisma e da missão salesiana 284
 - necessária inculturação através de um projeto 4
 - uma visão intercultural e transcultural do carisma 225
 - evangelho e carisma são as referências comuns e constantes, mas não estáticas 212
 - a novidade da perspectiva provém da irrupção dos leigos no horizonte salesiano e da inserção de sua experiência no coração do carisma 231
 - é impossível inculturar o que ainda não se conhece, mesmo sob a veste de uma outra cultura 225
- Dom Bosco e o carisma:
 - envolveu muitos no carisma 83, 155
 - envolveu muitos leigos 84
 - refletindo sobre a história de Dom Bosco, descobre-se a estreita ligação existente entre a sua missão, a irradiação do seu carisma e o envolvimento laical 251
- salesianos SDB e carisma:
 - ponto de referência do carisma 150
 - portadores do carisma 151
 - muitos participam do carisma de Dom Bosco. Mas ele tem na comunidade SDB um grau particular de concentração em virtude da consagração pela experiência comunitária, pelo projeto de vida (profissão), pela dedicação completa à missão 236
 - promotores do carisma na CEP 159
 - fidelidade ao carisma de Dom Bosco 184, 208
 - torná-lo presente numa zona 28
 - levá-lo para além das estruturas salesianas 85, 105
 - a irradiação do carisma pressupõe pessoas e comunidades solidamente ancoradas na sua identidade consagrada 208
 - tomar consciência da necessária irradiação do carisma 49
 - a comunidade salesiana é responsável pela genuinidade do carisma 252
 - a abertura comunitária à participação laical no carisma 45
 - empenho da Congregação em envolver no carisma 17

— leigos e carisma:

- desse dom do Espírito provêm as riquezas e as formas originais de sinergias que auguramos 231
- o carisma deve ser partilhado com os leigos 15, 240
- o Deus de cada vocação nos agrupou para vivermos e trabalharmos juntos no carisma educativo-pastoral de Dom Bosco 208
- os passos que se deve dar para envolver no carisma 21
- a participação no mesmo carisma e a colaboração numa mesma missão exigem processos formativos partilhados 204, 286
- envolvimento laical já realizado na África, Leste europeu, Ásia 17
- comunicar significa para Dom Bosco fazer do mundo inteiro, por assim dizer, uma obra salesiana 251
- a comunhão e a partilha para as atividades e obras dirigidas pelos leigos passam através do carisma 180

— a Família Salesiana partilha os mesmos ideais do carisma salesiano e o espalha no vasto movimento 143, 286

Colaboração

— Deus chama todos para colaborar 59

— a Igreja procura a colaboração de todos 183

- a exortação apostólica *Vita Consecrata* aponta um caminho novo na colaboração entre Religiosos e Leigos 228
- hoje a coragem no exprimir a missão convoca à comunhão e provoca à colaboração os que o Espírito move interiormente 233

— a Igreja como comunhão tem o seu fruto na colaboração 15

— Dom Bosco está aberto à colaboração de todos 184

- a colaboração laical já está em ação 283
- Dom Bosco intuiu a importância de ter colaboradores 203
- muitos leigos partilharam a amizade de Dom Bosco e se tornaram seus colaboradores 283
- contanto que estejam abertos à busca de Deus 185
- contanto que estejam atentos ao cotidiano e à presença de Deus na vida 97
- a variegada e ampla colaboração em Valdocco 22, 49, 71
- uma colaboração de diversos aspectos 23, 50, 233
- a colaboração deve pautar-se pelo calor da família e pelo ideal da comunhão 283

— colaboradores de Dom Bosco podem ser:

- unir todas as forças do bem numa efetiva colaboração na qual cada um, segundo a própria vocação específica 204
- os membros da Família Salesiana 157
- a família 177

- os leigos em geral, pela originalidade de sua colaboração, nestes anos carregados de desafios 132, 221
- também os leigos de contextos plurirreligiosos e pluriculturais 183, 186
- a colaboração torna “amigo” de Dom Bosco 85
- os jovens sobretudo 205
- há necessidade de um novo tipo de colaboração 96
 - dentro dos organismos inspetoriais 170
 - a colaboração feminina 74
 - os jovens 72
 - os não-crentes 60
- colaboração com as forças do território e da Igreja local 180
 - esta colaboração amplia as possibilidades de resposta às exigências 54
 - deve empregar-se todo esforço para a colaboração 92
- empenhos pela colaboração:
 - fazer experiência de colaboração 53
 - intensificar a colaboração 54
 - programar os processos educativos para a colaboração 147
 - viver o Movimento Salesiano como caminho de colaboração 106
 - definir os papéis de cada um para uma colaboração orgânica 145
 - visar à colaboração educativa 91
 - colaborar para a expansão do carisma 286
- instrumentos e frutos da colaboração são:
 - PEPS ponto de convergência da colaboração entre todos 47
 - plano inspetorial da comunicação social para a colaboração dos leigos 137, 204
- finalidade da colaboração: busca da unidade na diversidade 37
 - a colaboração entre salesianos e leigos deve visar a formação de comunidades educativas 199

Comum entre SDB e Leigos

- vocação comum à santidade 60, 210
- vocação comum salesiana 143
- patrimônio carismático comum: espiritualidade, projeto educativo pastoral, Sistema Preventivo, ambiente oratoriano, espírito de família... 75, 239
- o ministério ordenado está a serviço do sacerdócio comum 66
- reflexão comum 20
- trabalho comum 102
- formação comum na CEP 55, 157, 252
- crescimento comum 142
- co-responsabilidade comum 106
- missão comum 22, 116, 127

- missão comum e vocações específicas 48
- missão comum na unidade e diversidade 65
- possível participação dos leigos nos momentos da vida comum dos SDB 107

Comunhão

- criados para viver e construir a comunhão 58
 - Cristo encarnado, realização da comunhão 61
 - a riqueza dos dons do Espírito para a construção da comunhão 65, 66
 - a Igreja é sinal e instrumento de comunhão 62
 - a Igreja comunhão estimula à comunhão 15, 210
 - a eclesiologia de comunhão exige comunhão 28
 - a Igreja como comunhão de vocações a serviço do Reino no mundo 284
 - o ministério ordenado é para a comunhão eclesial 15, 66
 - as pessoas consagradas são para a comunhão 66
 - Maria é ícone da comunhão 68
 - a comunhão em Cristo torna possível e eficaz um diálogo profundo 183
- comunhão e missão estão intimamente unidas 63
 - hoje a audácia em realizar a missão convoca à comunhão 233
 - comunhão e partilha, envolvimento e co-responsabilidade são faces da mesma medalha 22
 - novo estilo de comunhão com o novo relacionamento SDB-Leigos 53, 203, 208
 - a missão salesiana é um projeto de comunhão 57
 - a memória dos 150 anos da chegada de Dom Bosco a Valdocco é estímulo à comunhão 1, 87, 210, 284, 286
 - a comunidade salesiana é centro de comunhão, em torno da espiritualidade, da educação e da práxis pedagógica, e do Sistema Preventivo 47, 231, 239, 248
 - a comunhão e a partilha serão tanto mais intensas e contagiosas quanto mais os salesianos viverem com autenticidade e transparência sua vocação 244
 - focalizar os fundamentos para uma autêntica comunhão e partilha com os leigos 210
 - ajudar os leigos a serem eles mesmos, na comunhão e partilha 210
 - possibilidade, ainda por descobrir, de comunhão e co-responsabilidade a serviço dos jovens 231
 - os salesianos SDB são testemunhas de comunhão 54
 - o clima do encontro e da colaboração para o calor da família e o ideal da comunhão 283
 - a Família Salesiana exprimiu a substância da comunhão interna com a *Carta de Comunhão* 81
 - Família Salesiana e Movimento Salesiano são um caminho de comunhão, com sadia pluralidade 51, 208, 210

- formas de comunhão salesiana são:
 - a Família Salesiana 48
 - o Movimento Salesiano 49
- compromissos da comunidade local com vista à comunhão:
 - favorecer a comunhão 118
 - tornar visível a comunhão 153
 - tomar consciência de que a comunidade é centro de comunhão 159
 - elaborar o PEPS que é um momento privilegiado de comunhão 144
 - considerar a CEP uma modalidade que realiza a comunhão 39
 - empregar os instrumentos à disposição da CEP para criar comunhão 134
 - instituir na CEP organismos de comunhão 157
 - tornar a CEP e o PEPS experiências de comunhão 96, 119, 257
 - envolver para fazer comunhão 21
 - a comunicação é veículo indispensável de comunhão 251
- compromissos da comunidade inspetorial em relação à comunhão:
 - verificar a presença dos critérios de comunhão antes de confiar atividades e obras aos Leigos 180
 - verificar a comunhão sobre dois elementos: Sistema Preventivo e missão juvenil 185
- empenhos da comunidade mundial quanto à comunhão:
 - no plano formativo 147
 - no plano da difusão e conhecimento da *Carta de Comunhão* 147
- formação para a comunhão:
 - formar-se juntos 55
 - ater-se a uma pedagogia de comunhão 101
 - adaptar os processos de comunhão à tipologia de leigos 163
 - tornar visível a comunhão por meio da formação 138

Comunicação

- a experiência salesiana:
 - Valdocco é um ambiente de santidade comunicada 104
 - Dom Bosco é um grande comunicador 70
 - para Dom Bosco comunicar significa fazer do mundo inteiro, por assim dizer, uma obra salesiana, fazer compreender que a sua missão é sem fronteiras 251
 - os salesianos SDB são chamados a ser comunicadores do carisma 88
 - a qualidade da comunicação no CG24 223, 230
 - a tomada de consciência do fenómeno comunicação, entendida no sentido interpessoal, comunitário e social, já é parte integrante da consciência educativa 250

- a comunicação incrementa a comunhão, aprofunda o sentido de pertença e abre ao serviço da comunidade mundial 254
- os leigos que trabalham conosco tornem-se comunicadores do espírito salesiano 88
- a natureza da comunicação:
 - é educação 131
 - é evangelização 131
 - é produção de mensagens culturais 132
 - a comunicação social e a interpessoal oferecem oportunidade de seguir a evolução da cultura 242
 - não se pode prescindir dos meios de comunicação social no esforço de animação cultural e de evangelização popular, porque oferece novos espaços para a missão 250, 254
- o problema da comunicação:
 - sua ambivalência 9
 - a comunicação interpessoal é hoje um desafio 9
 - a insatisfação juvenil está ligada à comunicação 11
 - o voluntariado necessita de uma comunicação diferente 34
 - a dificuldade de entrar nos novos canais de comunicação 9
 - exige-se um novo estilo de comunicação, um clima de comunhão para poder testemunhar 54, 208, 235, 250
 - à procura de uma comunicação recíproca e transparente 106
- a formação para a comunicação:
 - leigos na comunicação social, com sensibilidade e profissionalidade 66, 251, 287
 - no respeito e valorização de cada vocação particular, devemos estreitar numa unidade as forças e articular-nos numa mais fluida relação e comunicação 285
 - a presença dos leigos no CG24 enriqueceu a comunicação 227
 - formação e competências no setor da comunicação 9, 55, 103
 - a missão traz sempre a marca do Sistema Preventivo como síntese de propostas e método, como modelo de relações e de comunicação educativa 234
 - a comunicação deve desenvolver-se com critérios comunitários, com perspectivas de continuidade e qualificação progressiva, empenhadas em agregar e dedicadas a elaborar mensagens de cultura e da evangelização 235
 - a dimensão educativa da comunicação social exige educadores competentes em formar sábios receptores e habilitados comunicadores 250
- a comunidade local e a comunicação:
 - empenho pela sua valorização 128, 129, 133, 144
 - o diretor da comunidade e a comunicação 135
 - comunicação interpessoal na CEP 130, 133

- comunicação de grupo 130
- o envolvimento exige a comunicação 46
- a co-responsabilidade exige a comunicação 121
- cuidar das várias formas de comunicação 114
- olhar para o modelo familiar da comunicação 58
- o Boletim Salesiano, instrumento de comunicação 82
- a comunidade inspetorial e a comunicação:
 - empenho do Inspetor dentro e fora da Inspetoria 136, 145
- a comunidade mundial e a comunicação:
 - plano operativo para a valorização, promoção e coordenação da comunicação 137
- para uma espiritualidade da comunicação:
 - habilitar para viver e comunicar espiritualidade 239
 - a espiritualidade comunicamo-la com a nossa vida 241, 248, 249
 - a santidade tem uma eficácia de comunicação 250
 - a comunicação é veículo indispensável de comunicação 251
 - comunicar é atingir o povo e anunciar-lhe o mistério da salvação, é incidir em sua cultura 151
 - comunicar é mobilizar as forças dos bons, para que cultivem aquela esperança da humanidade que se chama juventude 251

Comunidade Educativa Pastoral (CEP)

- natureza da CEP 5, 156
 - CEP como experiência de Igreja, ambiente adequado a um caminho de crescimento para uma autêntica maturidade cristã 57, 199
 - a relação e a substância da CEP 92
 - a partilha de uma práxis educativa pastoral entre SDB e leigos 99
 - lugar para o exercício a co-responsabilidade 117, 119, 120, 121
 - lugar de vida e de ação 106
- constituição da CEP 157, 162
 - da comunidade SDB à CEP 155
 - formar comunidades educativas nas quais os dons pessoais sejam partilhados para o bem de todos 199
 - presença dos pais na CEP 115
 - contribuição significativa do salesiano coadjutor na CEP 154, 174
 - presença feminina na CEP 166, 177
 - critérios de identidade salesiana da CEP 180
 - motivações para constituir a CEP 162
 - abrir espaços para a insubstituível complementaridade das relações salesianos, SDB e leigos 283

- dificuldade para a constituição e a vida da CEP: 38, 40
 - por parte dos SDB 44, 45, 47
 - por parte dos leigos 44, 45
 - pela vida da CEP:
- pouco conhecimento do PEPS 47
- pouca comunicação e envolvimento 46
- papéis não totalmente definidos 46
- objetivos da CEP 180
 - realizar a missão salesiana, tornando-se uma mediação dela 5, 39
 - procurar que a fé se torne cultura 96
 - ampliar a responsabilidade pastoral 47, 53
 - ampliar o círculo da partilha entre SDB e leigos 111
 - constituição, unidade e dinamicidade da comunidade global 236
 - colaborar na formulação do Projeto Leigos 83
 - formar-se juntos, SDB e leigos 165
 - trabalhar para uma formação afetiva e co-educação 178, 179
 - a orientação vocacional é uma das tarefas características da comunidade educativa pastoral 252
 - santidade 104
- modelo operativo comum da CEP 39, 169
 - os salesianos como animadores e os leigos como participantes dos interesses educativos e pastorais salesianos 214
 - a importância da comunidade SDB para a vida da CEP 174
 - a Exortação apostólica *Vita Consecrata* nos ajudou a perceber com mais profundidade a nossa contribuição de religiosos padres e de religiosos coadjutores na comunidade educativa e pastoral, da qual queremos ser animadores com os nossos colaboradores 228
 - comunidade salesiana núcleo animador da CEP 39, 83, 149, 151, 159
 - incidência da vida consagrada da comunidade sobre a CEP 152, 153
 - necessária a união na CEP, entre SDB e leigos 55, 160
 - a presença do diretor salesiano 161, 168, 172
- realizações da CEP 41
 - vida da CEP 134
 - presença da CEP em todas as comunidades SDB 156
 - consolidação da CEP 123, 144
 - experiências de formação 43
 - elaboração do PEPS 5
 - crescimento do sentido de pertença 41
 - ligação com a Inspeção 180

- estilo da CEP 180
 - capacidade de acompanhamento educativo para ajudar o jovem a descobrir o próprio projeto de vida específico 199, 253
 - pluralidade e variedade de vocações 180
 - exigência de atualização e de competência nos membros da CEP 43
 - referência ao Sistema Preventivo 102, 123
- orientações operativas acerca da CEP:
 - compromisso para o próximo sexênio 186, 253
 - animação da CEP 158, 162
 - empenho qualitativo da comunidade salesiana em favor da CEP 174
 - empenhos para a comunidade SDB 167
 - relações entre conselho da CEP e conselho da obra 161, 171
 - quando as atividades ou uma obra é confiada aos leigos 181
 - avaliação da CEP 170

Comunidade local

cf. *Comunidade salesiana*
e *Diretor*

Comunidade salesiana

- originalidade da comunidade salesiana:
 - Dom Bosco educador, pastor e mestre espiritual soube unir a coragem do iniciador, a praticidade do organizador e a sabedoria do pedagogo 256
 - a presença dos coadjutores 4
 - os coadjutores, vínculo visível com o civil 72
 - a consistência qualitativa da comunidade salesiana exige também a presença do coadjutor 174
- nova consciência da comunidade salesiana:
 - do próprio papel na nova situação 19
 - da abertura ao território e à Igreja local 25
 - a proposta espiritual que brota da experiência de Dom Bosco superou os confins da sua comunidade salesiana 199
 - da necessária procura de critérios adequados para garantir a sua identidade carismática 29
- problemas da comunidade salesiana hoje:
 - o sentido da animação de outras forças 40
 - a co-responsabilidade educativa ampliada 40
 - os novos relacionamentos institucionais e os convênios com entidades públicas 40
 - a relação entre a comunidade religiosa e a comunidade educativa 44

- a flexibilidade ante as novas exigências 30
- a diferente percepção dos valores entre a comunidade salesiana e os leigos 30
- representam um verdadeiro desafio 38
- o caso dos jovens voluntários:
 - a inserção dos voluntários na comunidade salesiana 26
 - os empenhos de acolhida, de acompanhamento e de formação 34, 124, 126
 - a utilização da riqueza cultural do voluntário que retorna 34
- comunidade salesiana e comunidade educativa:
 - a comunidade salesiana partilha a animação da e na CEP 159, 162
 - a comunidade salesiana é núcleo animador da CEP 39
 - o empenho para a elaboração do PEPS 27
- por uma nova comunidade salesiana:
 - atenta ao primado da espiritualidade 54
 - a comunidade é chamada a ser sinal, escola e ambiente de fé 237
 - cada comunidade deve empregar o tempo necessário para cuidar da qualidade da sua vida 248
 - a comunidade está envolvida no serviço de orientação vocacional 252
 - atenta às exigências e à co-responsabilidade dos leigos 54
 - com algumas características: aberta, acolhedora, envolvente, acompanhadora, formadora, espiritual, em interação com os leigos 110, 210, 228, 234
 - portadora do carisma e da espiritualidade salesiana 151
 - capaz de reformular os próprios serviços e os próprios empenhos 54
 - ativa diante do desafio da evangelização 83
 - empenhada na formação para as novas exigências 138, 199, 247
 - próxima aos jovens e aos leigos, e testemunha cheia de alegria 165, 252, 253
 - como a primeira comunidade salesiana: santa 104
- organização da comunidade salesiana:
 - consistência numérica e papel de animação 173, 236
 - a diminuição da comunidade ativa habitua a desempenhar os serviços de forma individual 236
 - consistência qualitativa e formação de leigos 174, 199, 210
 - a comunidade salesiana e sua relação com o Conselho da CEP e o Conselho da Obra 171, 199, 210
 - a comunidade salesiana individua os critérios para a convocação de leigos 162, 283, 286
 - a comunidade salesiana verifique, valorize e ofereça experiências de co-responsabilidade 167
 - deste capítulo vem um lembrete ao papel da Inspeção na promoção da vida, no impulso da criatividade 238, 242

- o Inspetor mantenha os laços com a comunidade salesiana quando determina as modalidades para a constituição e a vida da CEP 169, 171
- a comunidade salesiana permaneça a referência das atividades e obras confiadas aos leigos, pois nela há uma concentração do carisma 181, 236
- o diretor sensibilize a comunidade salesiana sobre o significado e sobre o valor da Família Salesiana 135, 244
- a presença do diretor responsável da CEP 172
- hierarquização dos objetivos da animação salesiana 236, 237
- comunidades formativas:
 - há na Congregação uma práxis consolidada 245

Contexto e contextos

- contexto significa referência à história, à geografia, à religião, à cultura 5
- a Igreja vive o contexto de uma nova eclesiologia 15
 - o fenômeno religioso apresenta fisionomias novas no contexto de hoje 13
- o carisma salesiano está inserido em contextos vários 49, 225
 - o carisma salesiano vive também em contextos com notável presença de leigos de diversas culturas e crenças religiosas 35
 - a inserção em contextos plurirreligiosos e pluriculturais não representa um obstáculo à vitalidade do carisma salesiano 41
- a fidelidade ao carisma e à missão é o primeiro critério para a inserção em contextos plurirreligiosos e pluriculturais 184
 - a experiência salesiana encontra contextos em que se valoriza a reciprocidade feminina 25
 - experimenta-se a presença ativa e co-responsável de leigos 19, 180
 - é permitida a objeção de consciência ao serviço militar por parte dos jovens 26
 - a insatisfação juvenil é agravada pela pobreza, pela falta de perspectivas de vida e de oportunidades, de racismo étnico cultural e religioso 11
 - nos diversos contextos a vida salesiana deve manifestar a sua força profética 178
 - o contexto exige visão e concretude, utopia e praticidade 217
- em todos os contextos deve-se encontrar o apelo da Vontade de Deus 97
- os contextos oferecem perspectivas novas à presença salesiana 52
 - salesianos e leigos, olhai para os enormes desafios que provêm dos jovens e de seus contextos 210
- organização inspetorial nos diferentes contextos:
 - nos novos contextos deve realizar-se a missão 5, 163

- a presença salesiana tem relações com o contexto civil e eclesial 53
- a Inspetoria individua os diferentes e possíveis modelos de gestão de atividades e obras com os leigos 182
- a Inspetoria deve adequar o projeto e a presença salesiana aos diversos contextos 39, 165
- a Inspetoria considere os diferentes contextos para o trabalho de co-educação 179
- a presença salesiana está empenhada em responder eficazmente aos novos contextos 54
- esclarecer e concretizar a partilha e co-responsabilidade no contexto da comunidade educativa 214
- esta nova comunicação cria um novo contexto 249
- formação e contextos:
 - o processo formativo considere a formação para o contexto 55
 - a formação permanente ponha em evidência o contexto em que se é chamado a viver e operar 140
 - o nosso processo formativo leva a realizar a missão num contexto cultural complexo 246
 - o Sistema Preventivo apresenta exigências diferentes nos diferentes contextos 100
- o contexto de Movimento Salesiano reúne e contém muitas e diversificadas presenças laicais 50

Cooperador - Cooperadora

- o CGE representa uma virada radical de mentalidade na compreensão do Cooperador Salesiano 77
 - o Cooperador é parte fundamental da Família Salesiana 48, 197
 - a Associação é a “alma da Congregação”, repetindo uma palavra do primeiro CG da Congregação 73
 - os Cooperadores são plenamente co-responsáveis pela missão salesiana 77, 203, 231
 - os Cooperadores devem ser considerados como ponto de referência para todos os outros leigos do vasto Movimento Salesiano 78
 - os Cooperadores devem ainda receber uma adequada integração dentro da CEP 46
 - a Cooperadora representa uma figura interessante de colaboração feminina na obra salesiana 74
 - os Cooperadores devem crescer e formar-se junto com os salesianos 101
- NB. * o n. 283 traz a mensagem do CG24 aos Leigos
 * o n. 285 traz a mensagem do CG24 aos Cooperadores

Co-responsabilidade

- na Igreja todos os batizados são co-responsáveis 63
 - comunhão e partilha, envolvimento e co-responsabilidade são as duas faces da mesma medalha 22
 - na Igreja foi reconhecido à mulher o espaço de co-responsabilidade 12
 - a eclesiologia de comunhão leva à co-responsabilidade de cada um 106
 - co-responsabilidade é o caminho sobre o qual caminhar para unir todas as forças do bem numa efetiva colaboração 204
 - os leigos devem ser valorizados dando-lhes espaços de co-responsabilidade, co-responsabilidade adulta de todos 46, 214
 - a presença feminina ajuda a co-responsabilidade 166
- Valdocco despertou ao seu redor espaços de co-responsabilidade 71
 - na missão salesiana os leigos tiveram amplo espaço de co-responsabilidade 22, 39
 - os Cooperadores Salesianos são co-responsáveis pela missão 77
 - o tema tratado pelo CG24 “SDB e Leigos” é um problema de co-responsabilidade 54
 - os salesianos fizeram crescer a co-responsabilidade sobretudo no trabalho com os jovens 41, 53
 - empenho salesiano é fazer crescer a co-responsabilidade 40, 46, 117
- deve ser encorajado um estilo novo de co-responsabilidade 54
 - devem ser constituídos espaços de co-responsabilidade 165
 - o paternalismo é contrário à assunção de co-responsabilidade 48
 - a co-responsabilidade dos leigos chega até ao empenho de evangelização 84
 - um organismo de co-responsabilidade é a constituição do Conselho da obra 160
 - o voluntariado juvenil vem a ser uma ocasião de co-responsabilidade 122
- compromissos da comunidade local:
 - constituição da CEP em ordem à co-responsabilidade 144
 - a CEP é lugar de exercício de co-responsabilidade 119
 - o funcionamento da CEP é escola de formação para a co-responsabilidade 43
 - desenvolva-se a comunicação para suscitar a co-responsabilidade, que envolve a vida e a experiência das pessoas 128
 - a comunidade salesiana utilize as estruturas de comunidade para a formação da co-responsabilidade 123
- empenhos da comunidade inspetorial:
 - o inspetor defina os níveis de co-responsabilidade e os âmbitos de decisão na CEP ou conselhos vários 171
- empenhos da comunidade mundial:
 - o Conselho Geral estimule um plano inspetorial para a Comunicação Social que valorize a co-responsabilidade dos leigos 137

- o Conselho Geral providencie na formação inicial a formação para a co-responsabilidade na missão 142
- o Reitor-Mor coordene os organismos mundiais com vista à co-responsabilidade 127
- formação para a co-responsabilidade 55
 - promover experiências, atitudes, processos operativos, estrutura de co-responsabilidade 118
 - oferecer exercícios de co-responsabilidade 120
 - o exercício da co-responsabilidade é necessário para aprender
 - o diálogo
 - o trabalho em conjunto
 - a interação das atividades
 - determinar papéis e funções 121
 - o espírito salesiano vivido faz crescer a co-responsabilidade 88

Critério e critérios

- muitas situações criam e propõem critérios de avaliação da vida, como por exemplo a comunicação social 8
- que se entende por critério/critérios neste contexto do CG24: “os valores que formam o quadro de referência” 164
- o CG24 indica alguns critérios que dizem respeito a aspectos fundamentais para a missão salesiana e os principais requisitos das pessoas nela envolvidos ou desejosas de o serem 163
 - a um tempo no qual a participação dos leigos era deixada ao critério de cada um, sucede um outro 232
- há critérios de tipo geral e fundamental que se referem à identidade salesiana:
 - identidade carismática 29
 - composição entre as exigências de expansão e de concentração, à luz das Constituições e dos Regulamentos 173
 - em referência às atividades e obras que são dirigidas pelos leigos 180, 181
- critérios básicos, isto é, o Sistema Preventivo e a missão juvenil 185
 - o Sistema Preventivo como critério de percepção e assimilação dos valores 234
 - entram ainda nos critérios básicos: a coerência, as atitudes educativas, a simpatia para com Dom Bosco e a abertura ao transcendente 164
- critérios particulares essenciais:
 - de significatividade 180
 - de qualidade 238
 - de mentalidade e de ação 257
 - critério oratoriano, isto é, de maturidade humana, de competência educativa, de identidade salesiana e de testemunho cristão 164

- critérios com referência aos destinatários: jovens pobres, classes populares, povos não ainda evangelizados 180
- critérios com referência à convocação e formação dos leigos 172, 236
- critérios com referência ao PEPS, guia da ação partilhada 42, 180, 256
- critérios com referência à CEP 180
- critérios de comunhão inspetorial 180
 - nesta linha a Inspetoria é chamada a especificar com que critérios deve convocar os leigos para a animação e a responsabilidade na CEP 162, 236
 - as Inspetorias adaptarão os critérios anteriores às situações concretas e aos contextos em que vivem e atuam 165
 - ainda, o Inspetor com o seu Conselho indicará os critérios para o bom andamento das atividades e da relação entre Salesianos e Leigos e das iniciativas promovidas pelos leigos 125
 - enfim, o Inspetor com o seu Conselho indicará papéis e responsabilidades na CEP 171

Cultura

- dimensão evangélica:
 - o Cristo encarnado inseriu-se na cultura 61
 - o Espírito Santo estimula a abrir-se ao mundo e à cultura 65
 - a Igreja atua hoje num momento de profundas transformações da cultura e da sociedade 64
 - a cultura hodierna tem necessidade de crentes convictos e ativos, que sejam no mundo fermento de bondade e de bem 199
 - a necessidade de contribuir para a promoção da cultura, para o diálogo entre cultura e fé, é percebido na Igreja de um modo todo especial 243
 - a nova cultura exige uma nova evangelização 16, 94, 216
 - a nova evangelização respeita as culturas 16
 - o fato cultural primeiro e fundamental é o homem espiritualmente maduro, isto é, o homem plenamente educado 99
 - a fé anunciada, vivida e celebrada em plenitude procure tornar-se cultura 96
 - o discernimento das culturas como realidade humana por evangelizar exige um novo tipo de colaboração entre todos os responsáveis da obra de evangelização 96
 - é necessário prestar atenção aos movimentos e às mudanças culturais 95
 - os carismas se encarnam nas diversas situações culturais 6, 208
 - devem andar juntas a inculturação do Evangelho e a evangelização das culturas 131
 - os leigos podem individuar e elaborar mensagens que melhor respondam à nova cultura 132
 - o pluralismo religioso e cultural tem em si riquezas insuspeitadas 36

— aspectos da vida salesiana:

- salesianos e leigos são chamados a ter sempre maior consciência do âmbito no qual devem operar: a cultura e a educação 94
- salesianos e leigos sejam protagonistas na missão e agentes de mudança cultural 140, 234
- o carisma de Dom Bosco situa-se na vertente da cultura 4, 234
- a missão deve considerar os contextos culturais, de outra sorte é impossível inculturar 5, 251, 255
- é um fato hoje emergente: a presença salesiana cresceu em culturas diversas e diferentes 35
- o PEPS é a mediação histórica e o instrumento operativo da missão numa cultura 5, 42
- o PEPS é um horizonte cultural ao qual é preciso referir-se continuamente 5
- os leigos ajudam a missão salesiana a inserir-se no diálogo com as culturas 86
- o Sistema Preventivo é capaz de enfrentar as diversas situações culturais. Hoje apresenta-se como diante de uma virada 100, 234
- razão, religião e bondade devem inserir-se nos contextos secularizados, das grandes religiões tradicionais, na nova cultura educativa 100
- o método pedagógico de Dom Bosco é aplicável a todas as culturas e o Oratório é um sinal e protótipo 184, 235

— hoje vivemos um novo cenário cultural 7

- com algumas características:
 - o empobrecimento antropológico e a conseqüente redução ou morte das culturas 8
 - massificação, pluralismo e incomunicabilidade 9
 - uma nova interpretação subjetivista da sexualidade 10
 - um racismo cultural 11
 - a secularização 13
- não faltam os sinais da esperança 14:
 - há uma vivaz animação cultural 24
 - vive-se uma melhor integração da mulher 33, 166, 232
 - o voluntariado traz consigo muitas riquezas de tipo cultural 34
 - exige-se hoje uma presença física, afetiva e cultural 134

— a organização do tema cultura:

- mostram-se de particular importância a sensibilidade cultural e a tensão educativo-pastoral do grupo salesiano 237
- é indispensável hoje para uma aproximação significativa com a cultura 239
- ter particular atenção ao contexto cultural 140
- respeitar a diversidade cultural 164
- difundir a cultura da solidariedade e da paz 95

- no plano inspetorial favorecer a difusão da cultura do voluntariado 126
- valorizar a comunicação exige que se tome consciência da nova situação cultural de hoje 128, 242, 249, 250
- a cultura da participação e da partilha implica uma válida formação conjunta 138
- os relacionamentos na CEP favoreçam uma escuta mais atenta do mundo e da cultura juvenil 55
- os valores culturais devem ser vividos pelos leigos educadores para serem criavelmente propostos aos jovens 164
- algumas dificuldades de relacionamento entre SDB e leigos têm muitas vezes uma raiz cultural 30
- a formação:
 - qualificação cultural, profissionalidade e espiritualidade orientam a atenção para a formação 244
 - o nosso processo formativo tem seu ponto de partida na cultura juvenil, constantemente atento à referência cultural e à avaliação pastoral 246
 - necessária uma atualizada preparação cultural 247
- toda experiência tem alguns limites culturais 49

Diretor

- os níveis de animação:
 - local 171
- modelo operativo comum da CEP 39, 169
 - importância da comunidade SDB para a vida da CEP 174
 - comunidade salesiana núcleo animador da CEP 39, 83, 149, 151, 159
 - incidência da vida consagrada da comunidade sobre a CEP 152, 153
 - necessária a união na CEP, entre SDB e leigos 55, 160
 - a presença do diretor salesiano 161, 168, 172
- orientações operativas a respeito da CEP:
 - compromisso para o próximo sexênio 186
 - animação da CEP 158, 162
 - empenho qualitativo da comunidade salesiana em favor da CEP 174
 - animação da CEP 158, 162
 - empenhos com a comunidade SDB 167
 - relações entre conselho da CEP e conselho da obra 161, 171
 - quando as atividades ou uma obra é confiada aos leigos 181
 - avaliação da CEP 170
- a comunidade local e a comunicação:
 - empenho pela sua valorização 128, 129, 133, 144
 - o diretor da comunidade quanto à comunicação 135
 - comunicação interpessoal na CEP 130, 133

- comunicação de grupo 130
- o envolvimento exige a comunicação 121
- a co-responsabilidade exige a comunicação 121
- cuidar das várias formas de comunicação 114
- olhar para o modelo familiar da comunicação 58
- o Boletim Salesiano instrumento de comunicação 82
- compromissos da comunidade local quanto à comunhão:
 - favorecer a comunhão 118
 - tornar visível a comunhão 153
 - tomar consciência de que a comunidade é centro de comunhão 159
 - elaborar o PEPS que é um momento privilegiado de comunhão 144
 - tornar CEP e PEPS experiências de comunhão 96, 119
 - envolver para fazer comunhão 21
- organização interna da comunidade salesiana:
 - consistência numérica e papel de animação 173
 - consistência qualitativa e formação leigos 174
 - a comunidade salesiana e sua relação com o Conselho da CEP e o Conselho da Obra 171
 - a comunidade salesiana especifique os critérios para a convocação de leigos 162
 - a comunidade salesiana verifique, valorize e ofereça experiências de co-responsabilidade 166
 - a comunidade salesiana permaneça como referência das atividades e das obras confiadas aos leigos 181
 - o diretor sensibilize a comunidade salesiana sobre o significado e o valor da Família Salesiana 135
 - a presença do diretor responsável pela CEP 172
- empenhos da comunidade por uma real partilha:
 - a comunidade salesiana saiba partilhar 118, 133
- empenhos da comunidade local pela promoção da co-responsabilidade:
 - constituição da CEP em ordem à co-responsabilidade 144
 - a CEP é lugar de exercício de co-responsabilidade 119
 - o funcionamento da CEP é escola de formação na co-responsabilidade 43
 - desenvolva-se a comunicação para suscitar a co-responsabilidade, que envolve a vida e a experiência das pessoas 128
 - a comunidade salesiana utilize as estruturas de comunidade para a formação na co-responsabilidade 123
- compromissos quanto à organização do tema cultura:
 - ter uma atenção particular ao contexto cultural 140
 - respeitar a diversidade cultural 164
 - difundir a cultura da solidariedade e da paz 95

- o nível local da organização da formação:
 - a comunidade local defina com clareza o caminho de formação 176
 - a comunidade local programe momentos de formação entre SDB e Leigos, em ordem à comunicação interna pessoal, comunitária, social e às linguagens juvenis 133
 - a comunidade local programe dias de formação junto com os leigos 115
 - a rede de relações usadas por uma CEP viva e operante é lugar de intensa formação permanente 55
 - deve-se favorecer a partilha dos ideais educativos mediante a experiência direta de responsabilidade na CEP, mediante planos orgânicos de formação permanente 111
 - cada comunidade salesiana faça da CEP o lugar privilegiado da formação de salesianos e leigos juntos 144
 - para animar a CEP é necessária a formação espiritual e cristã 158
 - na CEP todos são responsáveis pela formação comum em ordem à profissionalidade educativa, ao caminho de fé e à especificidade salesiana 157

Discernimento

- no CG24 229
- a procura e a descoberta dos valores positivos e dos elementos de graça presentes onde quer que exijam discernimento 183, 212, 241
- o discernimento das culturas como realidade humana a ser evangelizada exige um novo tipo de colaboração entre todos os responsáveis da obra de evangelização 96
- olhando para Dom Bosco ilumina-se a nossa capacidade de discernimento 69
- o ponto culminante do itinerário de fé é a opção vocacional: de aí a importância do discernimento vocacional 141, 252
- animação e discernimento:
 - assumir uma forma e um ritmo de vida que favoreçam e como que predisponham para a animação: comunicação, discernimento, projeção, avaliação, oração contínua 237
- espiritualidade e discernimento:
 - fazer crescer uma verdadeira espiritualidade comunitária, partilhando a experiência apostólica, o discernimento percorrendo juntos um itinerário espiritual 257
- a co-responsabilidade partilhada em relação à missão determina, sobretudo entre os jovens, o discernimento vocacional e a opção por uma vida de consagração 54
- deve-se apoiar o discernimento vocacional dentro dos vários grupos de pertença à Família Salesiana, para captar o papel do fiel leigo 48
- os processos de discernimento e de formação inicial devem fazer amadurecer a convicção de que ser SDB hoje significa entrar numa família, num vasto movimento, no qual os leigos têm parte ativa 142

- a participação ativa na CEP exige um caminho de discernimento para a busca de soluções, na ótica do projeto educativo pastoral 120
- cada Inspeção cuida do discernimento vocacional e propõe as várias formas de vocação cristã e as próprias da Família Salesiana 146

Dom Bosco

- a figura de Dom Bosco:

- santo 104
- com a coerência do educador e com a longa visão do santo, Dom Bosco propõe um objetivo apostólico preciso 197
- Dom Bosco educador, pastor e mestre espiritual soube unir a coragem do pioneiro, a praticidade do organizador e a sabedoria do pedagogo 256
- Dom Bosco olhou para Maria desde o sonho dos nove anos. Por ela educado tornou-se homem todo de Deus e todo dos jovens 68
- santo que sorria também nos sofrimentos 187
- Fundador da Família Salesiana 48, 214
- nós salesianos contemplamos o carisma que o Espírito quis fazer nascer e difundir por intermédio de Dom Bosco 48, 69, 70, 150, 155
- Fundador que escolhe como metodologia a animação para envolver muitas pessoas no seu projeto missionário em favor dos jovens 70, 199
- João Bosco desde menino e jovem é um hábil comunicador e animador 70
- manifesta logo uma capacidade grande de envolvimento de outras pessoas 71, 72, 87, 107, 149
- organizador de um projeto global de educação e de salvação dos jovens 75
- aberto a todas as colaborações e por isso iniciador de um movimento que hoje chamamos Movimento Salesiano 76, 80, 85, 184
- o Movimento Salesiano mostra os muitos amigos de Dom Bosco que se distinguem pela partilha do objetivo da educação e pela simpatia para com a figura de Dom Bosco 17, 23, 35, 49, 50, 197, 198, 199
- bom pastor dos jovens, pondo no centro do seu espírito a caridade pastoral 89, 90
- homem das relações imediatas e profundas, humanas, serenas e acolhedoras 91
- Dom Bosco cultiva as virtudes relacionais 91, 203
- a substância da relação para Dom Bosco é o “da mihi animas” 94
- atento ao bem onde quer que se esconda e orientado para o humanismo expresso de maneira singular no Sistema Preventivo 100, 284
- pessoa espiritual e iniciador de uma espiritualidade 71, 200, 205
- coração missionário 226, 235
- amoroso, equilibrado, sereno e casto 93

- as intuições de Dom Bosco e suas experiências:
 - a opção educativa leva-o a escolher como destinatários privilegiados os jovens; não somente destinatários, mas apóstolos dos outros jovens 24, 70, 252, 283
 - o envolvimento de todos os que partilham algum elemento do seu projeto educativo e pastoral 71, 155, 204, 210, 220, 233
 - o envolvimento de leigos que chega ao ponto de pensar numa Congregação com sócios externos, os Cooperadores 73, 77, 231
 - um envolvimento de leigos que chega ao ponto de instituir uma figura original de consagrado na comunidade salesiana como é a do coadjutor 4, 154
 - a figura e o serviço do coadjutor ajuda a comunidade salesiana a colocar-se na vertente do civil 72
 - um envolvimento de mulheres para as quais desenvolve um estilo de delicada e simples cordialidade 74
 - a razão do Sistema Preventivo ajuda a descobrir e partilhar o grande esforço do homem no incessante e fadigoso processo de personalização e socialização 100, 241
 - a educação para o trabalho e mediante o trabalho é uma valorização direta do laicato e dos leigos 95
 - a originalidade da pedagogia do dever 98
 - a vida cotidiana é o lugar fundamental em que viver e realizar a espiritualidade de Dom Bosco: todos, SDB e Leigos, partilham a vida concreta 97
 - a intuição do valor do criado como dom de Deus 97
 - a formação conjunta entre SDB e Leigos garante a comunhão e a partilha no espírito e na missão de Dom Bosco 101, 248
 - com Dom Bosco cremos que o trabalho comum nos oferece as melhores oportunidades metodológicas para nos formarmos juntos 102
 - é típico em Dom Bosco o projeto de uma sociedade renovada mediante o trabalho 95
 - não podia prescindir da comunicação social 250
 - refletindo sobre a história de Dom Bosco, descobre-se a ligação íntima existente entre a sua missão, a irradiação do seu carisma e o envolvimento laical 251
 - a formação no momento da vida concreta garante a comunhão e a partilha no espírito e na missão de Dom Bosco entre SDB e Leigos 101
- as experiências concretas salesianas em Valdocco 3, 49, 57, 71, 72, 73, 74, 75, 223, 233
- o salesiano SDB é chamado a ser Dom Bosco hoje 150
 - nós SDB somos herdeiros dos meninos que quiseram ficar com Dom Bosco 1
 - no começo da história salesiana está o amor de predileção de Dom Bosco à juventude pobre e a atenção às classes populares 3

- Dom Bosco esteve continuamente presente ao CG24, na lembrança dos 150 anos da chegada a Valdocco 1
- é compromisso da Congregação envolver os leigos na própria missão, atraídos pelo carisma e pela espiritualidade de Dom Bosco 17

Educação

- natureza da educação para nós SDB:
 - a vocação de Dom Bosco é tornar presente aos jovens o amor de Cristo. Levado por esse amor dedica-se totalmente à educação integral deles 89
 - a educação é o conteúdo do carisma de Dom Bosco 4, 75
 - o lema de Dom Bosco: “honestos cidadãos e bons cristãos” 197
 - a paixão educativa de Dom Bosco está na origem da Congregação 1, 197
 - a missão educativa é, segundo os SDB, um sinal dos tempos 11, 202
 - para nós, a perspectiva educativa tem no mundo contemporâneo uma dimensão profética 4
 - a missão juvenil nos leva a uma educação que é ao mesmo tempo evangelização 185
 - “evangelizar educando” e “educar evangelizando” é uma mensagem de esperança 4
 - o empenho educativo concreto em Valdocco: educadores e jovens percorrem o mesmo caminho em direção à santidade 3
 - trabalhar pelos jovens é um elemento da carta de identidade da vocação salesiana 89
 - a relação está no coração de toda aproximação educativa 92
 - a contribuição original que podemos oferecer à causa da educação chama-se Sistema Preventivo 99
 - diz-se que a CEP é “educativa” porque ajuda a amadurecer as potencialidades dos jovens em todos os aspectos: culturais, profissionais, sociais 156
 - a competência educativa implica: positiva motivação vocacional, adequada preparação profissional, abertura cordial às pessoas especialmente jovens, sensibilidade pastoral, disposição para o estilo de animação 164
 - a bondade salesiana é amor educativo 100
 - educar é comunicar 131
 - a assistência salesiana é uma forma excelente de comunicação educativa 131
 - realizar a nova educação que abre o caminho para a nova evangelização 100
- formação para a qualificação educativa:
 - no próximo sexénio cuide-se da qualificação dos SDB colocando a capacidade educativa, relacional e pastoral à frente da administrativa, burocrática organizativa 174

- a formação seja orientada para o cumprimento da missão educativa com competência 138, 140
- na CEP deve construir-se e avaliar a profissionalidade educativa 157
- na educação leigos e salesianos fazem experiência da dimensão contemplativa da sua fé, capaz de descobrir a ação do Espírito no coração dos jovens 89
- a novidade dos leigos no empenho carismático salesiano 242
- a consagração dos salesianos SDB e a educação:
 - explicar o específico da vida consagrada (obediência, pobreza e castidade) na sua valência educativa 167, 168
 - como religiosos e educadores somos simultaneamente especialistas dos sonhos e do caminho possível, da utopia do Reino e do trabalho cotidiano 217, 253
 - uma tarefa específica cabe às pessoas consagradas, as quais são chamadas a introduzir no horizonte educativo o testemunho radical dos bens do Reino 152
 - este tempo é um desafio e uma oportunidade para apóstolos educadores 218
- o serviço educativo dos leigos:
 - o serviço educativo dos voluntários representa uma experiência muito significativa 122
 - enriquecer com a participação dos pais e das famílias dos jovens a missão educativa de Dom Bosco 115
 - a presença da mulher enriqueceu a atuação prática do Sistema Preventivo 25
 - a mulher ajuda a viver uma mais completa relação educativa 53, 74
 - algumas dificuldades de relação entre SDB e Leigos nascem do modo diverso de interpretar o fato educativo 31
 - para os jovens é um caminho educativo o voluntariado 26
 - a objeção de consciência tem uma orientação educativa 26
- conteúdos da educação:
 - educação equilibrada, evitando os riscos opostos: do minimalismo que tem medo de propor, ou do maximalismo que queima as etapas de formação 100, 216
 - educar as invocações de transcendência e as grandes demandas de sentido 100
 - educar para a espiritualidade mediante uma pedagogia do dever 98
 - a relação educativa exprime-se no encontro pessoal, constrói um ambiente formativo estimulante, encoraja o caminho de grupo, acompanha o amadurecimento vocacional 93, 252
 - a Congregação tem sido sempre sensível à comunicação social... para extrair dela os possíveis frutos de educação e evangelização 250
 - na figura de Dom Bosco há um admirável intercâmbio entre educação e santidade 205
- o sujeito da educação:
 - são numerosos os homens e as mulheres que querem trabalhar pelo Reino “educando” 18

- o laicato tem energias educativas que devem ser valorizadas 17, 204, 205
- é significativo o peso educativo da família hoje 10, 20, 140, 177
- reconhecer o sujeito coletivo de educação que é a comunidade 5
- a educação é educação através da comunidade educativa 42, 43, 45
- o PEPS como sujeito de realização de toda a comunidade educativa 47
- a educação passa através do projeto educativo 42
- a força educativa da CEP 41
- em alguns contextos a presença de pessoas de outras fés religiosas não parece criar obstáculos ao processo educativo. Pode até enriquecer a CEP 41
- o Movimento Salesiano é um movimento de caráter educativo 51

Empenhos operativos em nível local

cf. *Diretor*

Comunidade local

Comunidade salesiana

Envolvimento

- a ação de Deus é sempre envolvente 59
- Dom Bosco uma pessoa que soube envolver, desde o início 70, 74, 87, 251
 - saber imitar Dom Bosco nessa capacidade de envolvimento, também e sobretudo juvenil 205, 253
- o novo sopro eclesiológico e o envolvimento 15
- o envolvimento é um empenho constitucional (Const. 47) 39
 - é um dos empenhos prioritários para o sexênio 253
- a renovação empreendida pela Congregação visa o envolvimento 17, 76
- educar é envolver 83
- o CG24 procura o envolvimento dos leigos, isto é, a ampliação, a promoção da participação e co-responsabilidade 18, 106, 204
- há uma nova estação e há novos campos de envolvimento juvenil 24, 112
- o envolvimento da mulher é significativo, é novidade, é profecia 19, 25
- a comunidade salesiana está empenhada no envolvimento de outras forças:
 - para um maior envolvimento 46, 53, 107, 156, 180
 - para um envolvimento global, até à evangelização 21, 43, 84
 - o testemunho comunitário é o primeiro envolvimento 110
 - a comunidade programe o envolvimento 115
 - a comunidade tem uma responsabilidade própria no envolvimento 109
 - atenção também aos leigos de outras religiões 113
- do envolvimento para a comunhão 22
 - o convite a envolver os leigos numa aventura espiritual, mais que apenas a empenhá-los nas muitas incumbências de um serviço educativo e pastoral 241, 204

- o caminho já percorrido 39
- as dificuldades encontradas 30
- a organização do envolvimento
 - comunicação, imagem pública e envolvimento 114, 128
 - co-responsabilidade e envolvimento chamam-se mutuamente 117
 - indicadores de envolvimento: voluntariado e diálogo 49
 - tipologias de envolvimento dos leigos 163
 - processos formativos e envolvimento 165
 - novos modelos organizativos para o envolvimento 29
- conteúdos do envolvimento 164
- como instrumentos do envolvimento:
 - PEPS 42
 - Família Salesiana 50
 - vós cooperadores tendes um papel preponderante 285
 - vós ex-alunos aceitais o envolvimento e as responsabilidades segundo as vossas disponibilidades 286
 - Movimento Salesiano 49
 - Boletim Salesiano 82

Esperança

- o coração de Dom Bosco sente os jovens pobres e abandonados como o futuro da humanidade e a esperança da Igreja 149
- o Sistema Preventivo como sistema aberto é rico de esperança 100
- tornar-se proposta de solidariedade e fonte de esperança 14
- “evangelizar educando” e “educar evangelizando” é uma mensagem de esperança 4
- o salesiano partilha as alegrias e as esperanças do mundo juvenil 16
- a esperança é um elemento da *Carta de Comunhão* 81
- partilhamos entre SDB e Leigos um itinerário de formação com a opção de dar confiança e esperança 103
- não faltam na situação contemporânea sinais de esperança 14

Espírito salesiano

Observação

- Todo o CG24 leva em consideração o tema do espírito salesiano.
- Por isso aqui serão considerados apenas alguns elementos explicitamente expressos.
- De modo particular a pergunta: “Como manter desperto e difundir o espírito salesiano? E com que meios?”

- Considera-se como acertado o que já formulou a Congregação no Capítulo Geral Especial 20º: “o espírito salesiano é um complexo de aspectos e valores do mundo humano e do mistério cristão que se tornam o nosso próprio estilo de pensamento e de sentimento, de vida e de ação, centrado na caridade pastoral” 88
- Não se esquece a formulação constitucional do espírito salesiano contida nos artigos 10-21 das Constituições.
- o sentido de espírito salesiano:
 - capacidade de acompanhamento educativo: assistência, animação, espírito de família, presença, estímulo ao crescimento, procura de um projeto de vida 199
 - inserção nos acontecimentos do tempo 209, 210
 - o projeto de vida no espírito de Dom Bosco oferece infinitas possibilidades de realizações institucionais e pessoais 231, 254
 - a partilha e a comunhão no espírito e na missão exigem por natureza a dimensão vocacional 252
 - a partilha e a comunhão no espírito e na missão é um tema voltado para o futuro 203
- meios para a difusão do espírito salesiano:
 - em nível de organização a ser promovido e apoiado:
 - a Família Salesiana 88
 - o Movimento Salesiano 49, 50
 - o Movimento Juvenil Salesiano 51
 - a Comunidade Educativa Pastoral 29, 39
 - o Boletim Salesiano 82
 - a difusão sistemática do Sistema Preventivo 99, 100
 - a valorização dos Amigos de Dom Bosco em todas as realidades da vida 85
- em nível de iniciativas a serem ativadas:
 - promover o conhecimento sério, aprofundado, experiencial e também científico do espírito salesiano 102, 115, 147, 148
 - levar o espírito salesiano para além das estruturas apenas da comunidade salesiana 116
 - envolver na opção juvenil 89
 - cuidar do processo de discernimento e de formação inicial 142
 - aceitar o desafio do envolvimento da co-responsabilização e da partilha dos leigos 138
 - valorizar o espírito de família 91, 93
 - em nível de atitudes a serem vividas:
 - sentir-se mergulhados numa escola de santidade 88
 - cultivar o coração oratoriano 165
 - viver a bondade (amorevolezza) salesiana 93
 - ser empreendedores e laboriosos, ativos e criativos 98, 180

Espiritualidade

- a substância da espiritualidade salesiana: graça de unidade, e síntese entre consagração e laicidade, entre fé e vida, entre opção religiosa e empenho educativo 140
- a espiritualidade em Valdocco e na experiência salesiana:
 - um estilo original e simpático de predileção pelos jovens: Sistema Preventivo 3
 - vive no coração de todos aqueles que ajudam Dom Bosco 3
 - Dom Bosco convida a fazer com eles um itinerário espiritual 88
 - cresceu em muitos salesianos a aspiração a uma espiritualidade mais profunda, a um crescimento de qualidade 17
 - a espiritualidade é um projeto concreto de relacionamento com Deus e com o ambiente, caracterizado por particulares acentos espirituais e opções operativas, que evidenciam e representam ora um ora outro aspecto do único mistério de Cristo 239
 - a espiritualidade salesiana que é caridade pastoral e amor educativo 209, 218
- exigência de espiritualidade hoje:
 - não nos admiremos de que a espiritualidade esteja no coração do CG24 241
 - deve-se destacar uma demanda de interioridade e uma sede de espiritualidade 13, 239, 240
 - os jovens pedem para serem ajudados na descoberta do projeto de vida e na escolha de um caminho que torne forte sua espiritualidade e testemunho 51
 - a comunidade se empenhe na vertente da identidade: o primado do espiritual 54, 205
- possibilidades novas:
 - os leigos são convidados a participar de maneira mais intensa na espiritualidade e na missão do Instituto, dando início a um novo capítulo, rico de esperanças 15, 200, 240
 - a espiritualidade leva não só a partilhar o trabalho educativo, mas sobretudo as motivações que o amparam 239
 - explicitar a dimensão laical da espiritualidade 241
 - o MJS mostrou-se um terreno fecundo para participar ativamente na espiritualidade e fazer experiência dos valores da vocação 253
 - a espiritualidade e a metodologia do Sistema Preventivo serão incisivas e fecundas somente à medida que os salesianos forem testemunhas convictas e transparentes 210
 - o Conselho Geral promova e apóie com particular atenção a espiritualidade de São Francisco de Sales e o Sistema Preventivo de Dom Bosco 148

— elementos para uma espiritualidade:

- vivamos e apresentemos o ministério de Pedro como um dom do Senhor à Igreja para a unidade e ao mundo para a orientação ética e social em tempos complexos e necessitados de pontos de referência. Esta é uma dimensão da nossa espiritualidade 219
- pode-se compulsar toda a segunda parte do CG24, do número 89 em diante.

São lembrados:

- caridade pastoral 90
- a relação e o espírito de família 91
- a vida e o cotidiano 97
- o trabalho, o dever, a profissionalidade 98
- a práxis operativa 98

Evangelização

— a natureza da evangelização e da nova evangelização:

- a nova evangelização é uma opção de qualidade, hoje, para a Igreja 16
- trata-se de promover uma evangelização capaz de exercer uma influência sobre a opinião pública e sobre as instituições 199
- a nova evangelização é anúncio de Jesus Cristo, promoção humana, inculturação do Evangelho na perspectiva da opção em favor dos pobres e dos jovens 16
- coração da proposta de uma nova evangelização é a inculturação do Evangelho 94, 216
- “evangelizar educando” e “educar evangelizando” torna-se mensagem de esperança, fermento e luz 4
- evangelizar é comunicar. Pela mediação das linguagens humanas a inculturação do Evangelho e a evangelização das culturas exigem um esforço para entrar em comunicação com os valores do tempo e dos lugares 131

— sujeitos responsáveis da evangelização e da nova evangelização:

- Valdocco representa um lugar típico de evangelização 75
- a tarefa peculiar da comunidade salesiana consiste no testemunhar o primado de Deus e a dedicação total à educação evangelizadora mediante várias formas 159, 223
- a dimensão educativa nos dá a capacidade de oferecer itinerários simultâneos de desenvolvimento humano e de evangelização 234
- a comunidade salesiana e os leigos devem caminhar para uma educação que é ao mesmo tempo evangelização 185
- o leigo é sujeito de evangelização de pleno direito no seio do Povo de Deus 15
- o leigo cristão é um membro da Igreja no coração do mundo e um membro do mundo no coração da Igreja 66
- o tema do laicato é dirigido ao futuro no âmbito da nova evangelização 203

- para muitos leigos animadores, o envolvimento e a co-responsabilidade abraçam a finalidade evangelizadora, realizando integralmente o projeto do Sistema Preventivo 84
- estratégias de evangelização:
 - salesianos e leigos cristãos são chamados a pôr em ação a força recebida no batismo: a fé; a confiar-se a Deus com atitudes de certeza: a esperança; e a pôr como sinal distintivo da pertença a Ele a disponibilidade para com todos: a caridade 96
 - cuidar da significatividade. O projeto inspetorial deve garantir em primeiro lugar a identidade carismática, a eficácia evangelizadora, a qualidade educativa, a capacidade de suscitar vocações em todas as atividades e obras 180, 216
 - não se pode prescindir dos meios de comunicação social no esforço de animação cultural e de evangelização 250
 - juntamente com os leigos temos um dever explícito de procurar os caminhos e os modos melhores para transplantar a genialidade de Dom Bosco para a vida pública, para o mundo da cultura, da política, da vida social. Ela poderá então fazer surgir aquela nova educação, que abre o caminho para a nova evangelização 100
 - a presença ativa e animadora (assistência) dos SDB e dos leigos educadores em meio aos jovens é uma forma excelente de comunicação educativa e evangelizadora que os próprios jovens esperam 131
- alguns conteúdos de evangelização:
 - pobreza e liberdade tornem-se sinais para tornar crível o Evangelho das bem-aventuranças 16
 - a justiça e a paz, a família, a vida e os valores éticos, o ecumenismo e o diálogo interreligioso, a política e a economia, os jovens e a educação. É um projeto global de renovado empenho missionário 16
 - Cristo santifica os vínculos humanos, em primeiro lugar os familiares, e dá valor e nova dignidade a todas as realidades criadas que se convertem em instrumentos e lugar de comunhão com Deus 61
 - o salesiano viva a fidelidade ao próprio carisma e à missão evangelizadora da Igreja, modulando a sua intervenção com diversos elementos: o testemunho da vida cristã, o empenho pela promoção humana e justiça social, oração e contemplação, diálogo interreligioso, anúncio direto do Evangelho de Cristo 184

Ex-alunos/as de Dom Bosco

- empenhos em nível inspetorial:
 - acompanhar os alunos que se tornam ex-alunos, para que tenham no território e na Igreja o espírito e a missão de Dom Bosco 140
 - o Inspetor providencie a promoção dos centros de ex-alunos, enviando delegados cuidadosamente formados e preparados 146
 - a Inspetoria providencie programas de formação abertos aos ex-alunos/as 146

— empenhos em nível mundial:

- o Conselheiro para a formação providencie na *Ratio* que os jovens salesianos não somente estejam informados sobre o Estatuto confederal dos ex-alunos, mas que tenham encontros e experiências com os ex-alunos 147

NB. * o n. 283 traz a mensagem do CG24 aos Leigos

* o n. 286 traz a mensagem do CG 24 aos Es-alunos/as de Dom Bosco

Família Salesiana

— natureza:

- retomada da perspectiva do CGE contida no artigo 5 das Constituições: vasto movimento de pessoas que de várias maneiras trabalham pela salvação da juventude 23, 83
- colocar-se também na perspectiva do artigo 6 das Constituições: convida-nos a volver o olhar à Igreja e a sentir-nos imersos no seu mistério 212
- a Família Salesiana é animadora e formadora 145

— Família Salesiana e comunidade salesiana para uma estratégia comum:

- a missão pede hoje a convocação de todas as forças da Família Salesiana para enfrentar estrategicamente o momento atual 53
- a Família Salesiana está empenhada com os salesianos SDB na criação do vasto movimento salesiano 49
- salesianos SDB e Família Salesiana partilham os elementos comuns do espírito e da espiritualidade contidos na *Carta de comunhão* 3, 81
- o acompanhamento vocacional é compromisso especial dos grupos da Família Salesiana que partilham o carisma e a missão 253

— compromissos da comunidade salesiana diante da Família Salesiana:

- é preciso articular em nível local e inspetorial uma série de iniciativas segundo as diversas situações dos colaboradores e dos membros da Família Salesiana 248
- a comunidade local faça a proposta vocacional concreta de adesão a um dos grupos da Família Salesiana 124
- a comunidade salesiana cuide da própria consistência qualitativa para poder acompanhar a Família Salesiana 174
- na escolha das pessoas às quais confiar responsabilidades olhemos possivelmente para membros pertencentes à Família Salesiana 180
- um instrumento para fazer crescer a Família Salesiana é o Boletim Salesiano 82

NB. * o n. 283 traz a mensagem do CG24 aos Leigos

* o n. 285 traz a mensagem do CG24 aos Cooperadores

* o n. 286 traz a mensagem do CG24 aos Ex-alunos/as de Dom Bosco

* o n. 287 traz a mensagem do CG24 às Voluntárias de Dom Bosco

Fé

- os compromissos que derivam da fé recebida:
 - todos os membros da Igreja são chamados responsabilmente e em razão da profundidade da fé a tornar presente o Reino 63
 - a colaboração com os leigos compromete a fé, a esperança e a caridade 96
 - não esconder o raio de luz que nos vem de nossa fé 100
 - a fé deve tornar-se cultura 96, 199, 243
 - superar a tentação de legitimar a indevida separação entre fé e vida 198
 - o religioso manifesta com delicado respeito unido à coragem missionária que a fé ilumina todo o campo da educação 150
 - o ponto culminante do itinerário de fé é a opção vocacional 141
 - a fé cristã é por sua natureza comunicativa 131
 - com os jovens programar um itinerário que a partir das opções de fé chegue a uma espiritualidade vivida e comunicada 88
 - estar prontos a trilhar caminhos de educação da fé visados e graduais 100
 - na necessária gradualidade e respeitando as convicções de fé de cada um, vós sois chamados a ajudá-los a crescer visando metas cada vez mais altas 205, 252
 - sentimos a necessidade de renovar a nossa fé no desejo de que se torne “símbolo”, vínculo de comunhão com irmãs e irmãos espalhados por qualquer parte do mundo 188
 - a atenção à fé desde o início é certamente um ponto qualificante e irrenunciável 234
- aspectos de vida salesiana à luz da fé:
 - a comunidade é chamada a ser sinal, escola e ambiente de fé 237
 - enquanto cumprimos a missão de educadores da fé, permanece sempre um desafio, o de testemunhar a nossa vocação de apóstolos consagrados na dupla e complementar forma laical e sacerdotal 253
 - tornar os salesianos SDB e os leigos capazes de compreender e viver a espiritualidade salesiana que é síntese entre fé e vida 140
 - saber estar com os jovens como educadores e comunicadores da fé 130
 - a educação dos jovens na fé é ponto de convergência SDB e Leigos 83
 - o serviço educativo é para os salesianos SDB e para os leigos experiência da dimensão contemplativa de sua fé 89
 - a política do *Pater noster* é projeção de uma sociedade renovada mediante a fé jubilosa 95
- intervenções em favor do crescimento da fé:
 - na CEP todos se sentem responsáveis em ordem ao caminho de fé 157
 - a CEP propõe o caminho de fé baseado no encontro com Cristo, na experiência eclesial e na vida sacramental 180
 - a “religião” do Sistema Preventivo é entendida como fé acolhida e correspondida 100

Formação

— critérios gerais para a formação:

- Dom Bosco deu grande destaque à formação espiritual entendida como habilitação para viver toda a própria existência na presença de Deus e na ativa construção do Reino 200
- a formação propõe-se tornar as pessoas capazes de viver hoje a experiência da própria vida com maturidade e alegria 138
- o empenho na formação partilhada deve tornar-se caminho aberto a todos, adequado ao passo da cada pessoa e respeitoso das riquezas de cada vocação 103
- os processos de discernimento e de formação inicial devem fazer amadurecer a convicção de que ser SDB hoje significa entrar numa Família, num vasto Movimento, no qual os leigos têm parte ativa 142
- empenho comunitário e a formação relativamente a todos os que entendem viver o espírito e a missão de Dom Bosco 110
- os SDB devem considerar como compromisso específico, além de prioritário e privilegiado, o de responder positivamente à demanda de formação 145
- a comunidade salesiana está cada vez mais consciente de ter um preciso papel e tarefa de animação e formação da Família Salesiana e dos leigos 19
- é tarefa da comunidade salesiana promover a formação espiritual salesiana e vocacional 159
- os processos de formação que vêem SDB e Leigos contemporaneamente destinatários e operadores serão tanto mais eficazes quanto mais respeitarem e valorizarem as diversas vocações 138
- o progressivo envolvimento e a assunção de responsabilidade exigem a disponibilidade para a formação permanente 164
- a formação implica antes de tudo que as comunidades tomem consciência dos novos aspectos da relação salesianos SDB e Leigos 138
- a formação deve ser adequada às novas exigências 138
- a obra salesiana é necessária como lugar de convocação e de formação do vasto movimento que trabalha pela juventude 4
- a fraca formação compromete a co-responsabilidade na missão 48
- missão, inculturação, diálogo, comunicação exigem um estilo novo de formação 55
- o trabalho nos contextos plurirreligiosos e pluriculturais exige do salesiano uma formação adequada 183
- a consistência numérica da comunidade salesiana sustenta melhor a formação 173
- a consistência qualitativa da comunidade salesiana exige pessoas capazes de formar os Leigos 174
- a alma do MJS é a espiritualidade juvenil. Mas a espiritualidade exige constante esforço para a formação 51
- a meta de uma formação realizada conjuntamente é o dom da santidade 104

- organização da formação “juntos” SDB e Leigos:
 - a participação de alguns leigos no CG24 é sinal visível e profético de um itinerário de formação que se deve percorrer juntos 48, 244
 - a formação recíproca SDB e Leigos tem uma originalidade e fecundidade próprias 43, 204
 - a cultura da participação e da partilha implica uma válida formação juntos 55, 138
 - algumas dificuldades de relacionamento entre SDB e Leigos devem ser atribuídas a carências de formação pedagógica e didática 31
 - tendo presente a natureza diversa das vocações dos SDB e dos Leigos, as etapas da formação inicial prevejam conteúdos e experiências de formação recíproca e complementar para o crescimento comum 142
 - a formação permanente, em ordem à profissionalidade e à habilitação educativa cristã e salesiana, exige uma caminhada conjunta 98, 140
 - preparem-se itinerários de formação conjunta 165
 - o PEPS é instrumento operativo de animação, e é espaço privilegiado para a formação permanente dos salesianos SDB e dos leigos 42
 - o documento coloca entre as orientações operativas que dizem respeito à formação comum de salesianos e leigos o do discernimento vocacional 252
 - a meta da formação realizada juntamente é a santidade 104
- aspectos da formação dos salesianos SDB:
 - o debate da relação sobre o estado da Congregação concluiu pelo reconhecimento de uma prioridade: a formação do salesiano, entendida como habilitação para viver e comunicar espiritualidade 239, 241, 248
 - o nosso processo formativo tem seu ponto de partida na cultura juvenil 246
 - dar novamente aos salesianos o sentido da prioridade da formação 248
 - dar particular importância à formação intelectual 247
 - a comunidade salesiana valorize como instrumento de formação na co-responsabilidade as estruturas internas da comunidade SDB 123
 - a integração da mulher na missão salesiana implica modificações na cultura institucional e na ação pastoral... com evidentes consequências sobre a formação do salesiano 33, 178
 - os irmãos jovens recebem mais eficaz ajuda, quando na formação são encaminhados a experiências de colaboração com os leigos 53
 - nas várias fases da formação inicial os irmãos aprofundem a identidade de sua consagração para amadurecer convicções válidas sobre o valor educativo da consagração 167
- aspectos da formação dos leigos:
 - vós salesianos possuís um método educativo cuja potencialidade e virtualidade devem ser aplicadas para a formação na colaboração do leigo 210

- a participação dos leigos no espírito e na missão salesiana constitui para as comunidades SDB um desafio ao qual se dará resposta mediante uma formação adequada às novas exigências 138
 - nas missões o protagonismo laical é um fato consolidado. Poderia ser útil uma mais meditada e sistemática formação deles 20
 - ponto importante do empenho formativo é a proposta espiritual que brota da experiência de Dom Bosco em Valdocco 205
 - cuidar da formação pedagógica e didática dos leigos 31
 - o diretor utilize os critérios de convocação e de formação dos leigos, especificados pela Inspetoria 172
 - promova-se uma formação adequada dos leigos dentro dos contextos plurirreligiosos e pluriculturais 186
 - sejam acompanhados os voluntários, cuidando-se da formação deles 124
- os diversos níveis da organização da formação:

nível local

- coerência operativa ou consciente aplicação da práxis formativa salesiana 245
- a comunidade local defina com clareza o caminho de formação 176
- a comunidade local programe momentos de formação entre SDB e Leigos, em ordem à comunicação interna pessoal, comunitária, social e às linguagens juvenis 133
- a comunidade local programe dias de formação junto com os leigos 115
- a rede de relações posta em ação por uma CEP viva e operante é lugar de intensa formação permanente 55
- deve ser favorecida a partilha dos ideais educativos mediante a experiência direta de responsabilidade na CEP, mediante planos orgânicos de formação permanente 111
- toda comunidade salesiana faça da CEP o lugar privilegiado da formação de salesianos e leigos juntos 144
- para animar a CEP é necessária a formação espiritual e cristã 158, 205
- na CEP todos são responsáveis pela formação comum em ordem à profissionalidade educativa, ao caminho de fé e à especificidade salesiana 157

nível inspetorial

- seja preparado em nível inspetorial um programa de formação “juntos” 145, 238
- preparar um plano inspetorial de animação-formação-assessoria com os leigos no âmbito da comunicação social 136, 249, 250
- a Inspetoria organize juntamente com os leigos um itinerário de formação na identidade salesiana 151
- o programa inspetorial de formação seja aberto aos leigos, quer para os que trabalham dentro da comunidade, quer para os outros que trabalham fora 146

nível mundial

- o Conselheiro Geral para a formação reveja a *Ratio* segundo as orientações do CG24 147
- o Conselho Geral promova e apóie na UPS e outros centros universitários salesianos ou de espiritualidade estudos, experiências e escolas de formação dos formadores 148

NB. As várias mensagens preparadas pelo CG24 para os grupos diferentes de leigos contêm indicações úteis para o setor e o trabalho de formação 283/288

Inculturação

- vivemos um novo caminho da Igreja com uma nova abertura eclesiológica 15
- a inculturação do Evangelho e a evangelização das culturas exigem um esforço para entrar em comunicação com os valores do tempo e dos lugares 131
- é necessário um novo estilo de formação para enfrentar o contexto circunstante 55
- o PEPS não é um fato técnico, mas um horizonte cultural ao qual é preciso recorrer continuamente, e é exigido pela necessária inculturação do carisma 5
- é impossível inculturar o que ainda não se conhece mesmo sob a roupagem de uma outra cultura 255

Inspetoria e Inspetor

empenhos operativos

- os níveis de animação:
 - inspetorial 138, 145, 170
- a comunidade inspetorial para a comunicação:
 - compromisso do Inspetor dentro e fora da Inspetoria 136, 145
 - plano operativo para a valorização, promoção e coordenação da comunicação 137
- organização inspetorial nos diferentes contextos:
 - nos novos contextos é realizada a missão 5, 163
 - a presença salesiana tem relações com o contexto civil e eclesial 53
 - a Inspetoria especifique os diferentes e possíveis modelos de gestão de atividades e obras com os leigos 182
 - a Inspetoria adequa o projeto e a presença salesiana aos diversos contextos 39, 165
 - a Inspetoria considere os diferentes contextos para o trabalho de co-educação 179
 - a presença salesiana está empenhada em responder eficazmente aos novos contextos 54
 - o Inspetor defina os níveis de co-responsabilidade e os âmbitos de decisão na CEP ou nos vários conselhos 171

- critérios de comunhão inspetorial 180
 - nesta linha a Inspetoria é chamada a especificar com quais critérios deve convocar os leigos para a animação e a responsabilidade na CEP 162
 - as Inspetorias adaptarão os critérios precedentes às situações concretas e aos contextos em que vivem e atuam 165
 - mais: o Inspetor com o seu conselho indicará os critérios para o bom andamento das atividades e da relação entre Salesianos e Leigos e das iniciativas promovidas pelos leigos 125
 - enfim o Inspetor com o Conselho indicará funções e responsabilidades na CEP 171
- cultura
 - no plano inspetorial favorecer a difusão da cultura do voluntariado 126
- discernimento
 - cada Inspetoria cuide do discernimento vocacional e proponha as várias formas de vocação cristã e as próprias da Família Salesiana 146
- mulher
 - a Inspetoria, nos contextos de co-educação, procure um sadio equilíbrio de presenças masculinas e femininas, entre os destinatários e os colaboradores 179
- ex-alunos
- compromissos em nível inspetorial:
 - acompanhar os alunos que se tornam ex-alunos, para que levem ao território e à Igreja o espírito e a missão de Dom Bosco 140
 - o Inspetor cuide da promoção dos centros de ex-alunos, enviando delegados cuidadosamente formados e preparados 146
 - a Inspetoria prepare programas de formação abertos também aos Ex-alunos/as 146
- formação
- compromissos em nível inspetorial:
 - deve ser preparado em nível inspetorial um programa de formação “juntos” 145
 - preparar um plano inspetorial de animação-formação-assessoria com os leigos no âmbito da comunicação social 136
 - a Inspetoria organize junto com os leigos um itinerário de formação para a identidade salesiana 151
 - o programa inspetorial de formação seja aberto aos leigos, quer aos que trabalhem dentro da comunidade, quer aos outros que trabalham fora 146

Jovens

- os jovens são os destinatários privilegiados da missão salesiana:
 - propor aos jovens que usufruem a educação salesiana uma espécie de desafio, capaz de dar sentido à sua existência 197
 - a Nova Evangelização exprime a opção a favor dos jovens 16, 253

- a Igreja ama intensamente os jovens 202, 208
- partilhar o espírito e a missão salesiana quer dizer, antes de tudo, sentir-se envolvidos na opção dos jovens 89
- ampliar o movimento salesiano pela salvação dos jovens 107
- esforço conjunto e individual dos salesianos SDB e dos leigos para educar os jovens 98, 220, 230, 233
- escutar os leigos e os jovens nos convence de que existe uma grande vontade de relacionamento 93
- a relação salesianos SDB e leigos está focalizada para a educação dos jovens na fé 83, 286
- o Movimento Juvenil Salesiano é oferecido a todos os jovens 51
- lugar de mais intensa relação entre Salesianos SDB e Leigos é a insatisfação juvenil 20
- a insatisfação juvenil com as antigas e novas pobreza interpela Salesianos e Leigos 11
- juntos, salesianos e leigos, olhai os enormes desafios que provêm dos jovens e de seus contextos 210
- Ele vos dê unidade de espírito e de projeto para chegar aos jovens onde quer que se encontrem 209
- o surgimento das seitas e dos fundamentalismos e das novas formas de religião exige uma presença educativa 13
- exige um novo Sistema Preventivo 234
- a cultura é a atmosfera que cada jovem respira 250
- os jovens não se mostram insensíveis com quem saiba traçar para eles caminhos de contemplação e de empenho, de redescoberta do mistério do homem, de Cristo, de Deus 240
- presença juvenil na comunidade salesiana:
 - Dom Bosco tornou os jovens co-responsáveis 3, 205
 - o serviço educativo desenvolvido por um determinado período e em tempo integral, inseridos numa comunidade salesiana, representa uma experiência muito significativa para os leigos que partilham o projeto de Dom Bosco 24, 26, 122
 - o voluntariado constitui um êxito vocacional significativo e é uma confirmação do caminho educativo percorrido por SDB e Leigos juntos 26
- o Sistema Preventivo ajuda os jovens a descobrir o rosto de Jesus 100
 - Dom Bosco oferecia aos jovens do Oratório uma maneira para viver em profundidade o Evangelho sem desligar-se da vida: a espiritualidade do viver a presença de Deus 97
 - jovens que se empenham em várias modalidades em favor dos seus coetâneos 84

- jovens empenhados até em atos de verdadeiro heroísmo 72
- o empenho leva, sobretudo os jovens, a um discernimento vocacional e, por vezes, à opção para uma vida consagrada 54
- o relacionamento jovens e salesianos parece rico e profundo 32
- os jovens envolvidos co-responsavelmente no espírito e na missão:
 - entre os novos sujeitos sociais devem-se contar também os jovens 14, 205
 - existe um amplo panorama do empenho juvenil que evidencia seu envolvimento 24
 - é muito difundido o voluntariado entre os jovens 24
 - sujeitos da CEP são: a comunidade salesiana, os pais, e os leigos co-responsáveis por diversas razões 39, 157
 - uma forma significativa de co-responsabilidade para os leigos, sobretudo jovens, é o voluntariado 122
 - além de destinatários, os jovens são sujeitos ativos e protagonistas à medida que crescem na partilha da nossa missão 112
 - a novidade consiste na partilha entre Salesianos SDB, Leigos e Jovens 99
 - no apostolado, os colaboradores privilegiados são os jovens 72
 - em territórios missionários desenvolveram-se atividades com os jovens animadores 26
 - o voluntariado juvenil e social 49, 255
 - espaço de responsabilidade é também a objeção de consciência 26
 - os organismos e os conselhos de participação nos centros juvenis, em particular, fazem crescer a co-responsabilidade dos jovens 41
 - deve-se reconhecer também os limites de co-responsabilidade por parte dos jovens 32
- jovens, PEPS e CEP:
 - o PEPS dá atenção à promoção integral do jovem e o ajuda a descobrir a própria vocação 180
 - uma clara atribuição dos papéis e das funções na CEP com particular atenção aos leigos mais jovens 121
 - a CEP coloque no centro os jovens e suas necessidades 120
 - a CEP promova o protagonismo juvenil 55
 - particular cuidado deve ser dado à orientação vocacional dos jovens 51
 - os jovens sentiram o benefício de um enriquecimento de presença educativa na CEP 41
- alguns pedidos dos jovens aos salesianos:
 - lamenta-se hoje uma disseminada ausência de relação, e a solidão causa mais medo que a morte, especialmente aos jovens e aos idosos 92
 - o discernimento vocacional exige ajuda e amizade no acompanhamento espiritual personalizado dos jovens 141

- a comunicação interpessoal exige a presença entre os jovens 134
- os jovens esperam a presença ativa e animadora do salesiano como excelente forma de comunicação educativa e evangelizadora 131
- favorecer encontros entre os voluntários e outros jovens, para a difusão da cultura do voluntariado 126
- os leigos pedem a elaboração de um plano de formação para a sua preparação espiritual e carismática 55
- os jovens insistem em que o salesiano os introduza nos problemas da vida e abra-os ao território e à Igreja local, envolva-os na missão com espaços de coresponsabilidade 53
- a insatisfação juvenil é muitas vezes efeito das carências educativas das instituições 11

NB. * o n. 283 traz a mensagem do CG24 aos Leigos

* o n. 284 traz a mensagem do CG23 aos Jovens

Juntos

- o “juntos” no CG24 226
- origens distantes do “juntos”:
 - Deus quer o “juntos” 59
 - com os que não aceitam Deus podemos trilhar uma caminho “juntos”, baseando-nos nos valores humanos e laicais presentes no Sistema Preventivo 185
 - “juntos” é não excluir ninguém 60
 - as tarefas que hoje se devem cumprir e a situação exigem o “juntos” 199
- deve considerar-se a amplitude deste “juntos”:
 - “juntos” é encaminhar-se para a santidade 104
 - “juntos” é procurar os sinais de Deus e da sua vontade 100
 - “juntos” para viver a Igreja 210
 - “juntos” é ser contemporaneamente destinatários e agentes 138
 - “juntos” é procurar as melhores maneiras de transplantar a genialidade de Dom Bosco para a vida pública, no mundo da cultura, da política, da vida social 100
 - a nossa ligação com os leigos precisa de maior robustez espiritual, se, juntos, devemos enfrentar os difíceis desafios da missão 239
 - “juntos” é dar maior plenitude à missão salesiana e uma contribuição mais eficaz à Igreja e ao mundo 87
 - a levedação evangélica do mundo tem necessidade do “juntos” 216
 - “juntos” é encontrar-se na reflexão, na interpretação e na ação 55
- o “juntos” leva à comunhão:
 - “juntos” é dar mais espaço ao encontro e à partilha 54
 - “juntos” é a mudança de mentalidade: crescer juntos e formar-nos juntos 101

- “juntos” é amadurecer nos valores do Sistema Preventivo 125, 199
- “juntos” na CEP e no PEPS 119
- “juntos” é estudar o específico salesiano e laical 115
- “juntos” é procurar a unidade na diversidade 37
- “juntos” é a comunidade orientada de maneira partilhada 30
- alguns setores e conteúdos do “juntos” 234, 245
- o “juntos” dirige-se também à ação:
 - “juntos” é o trabalho comum 102
 - o “juntos” manifesta-se no PEPS 42
 - salesianos e leigos “juntos” animadores na CEP 5, 160
 - “juntos” exige um caminho educativo conjunto 26
 - “juntos” é projetar com os grupos da Família Salesiana ou outros grupos locais 125
 - “juntos” é avaliar 125
 - “juntos” implica promover metodologias que ajudam a crescer na espiritualidade e na práxis salesiana 103
 - “juntos” para um renovado compromisso apostólico compartilhado 96
- um aspecto particular do “juntos”: a formação
 - salesianos e leigos “juntos” se formam na CEP 144
 - uma formação permanente feita “juntos” 140, 204, 241, 244, 252, 256
 - a comunidade salesiana envolva plenamente os jovens na comunidade educativa pastoral (CEP), mediante itinerários de formação “juntos” 165
 - educar a capacidade de viver e trabalhar “juntos” 164
 - educar a capacidade de trabalhar “juntos” 165
 - a Inspeção organize junto com os leigos um sério itinerário de formação para a identidade salesiana 181
 - estimular a UPS e os centros universitários a preparar programas de formação dos formadores “juntos” 148
 - promova-se uma formação qualificada e adequada, junto com os crentes de outras religiões, sobre os aspectos salientes do Sistema Preventivo e sobre os valores humanísticos, éticos, transcendentais e religiosos 186

NB. As mensagens do CG24 apresentam muitos aspectos de vida e de atividade “juntos” 283/288

Leigos

Observação

- * *Não é possível referir tudo o que o documento apresenta sobre os leigos, pois em cada página e em cada número há uma referência à realidade do laicato e dos leigos.*

- * *Este índice reúne alguns pontos de referência que parecem mais significativos do tema, deixando outros aspectos ao aprofundamento pessoal e comunitário.*
- * *As referências apresentadas são indicativas e não exaustivas... para não repetir muitas partes do mesmo documento*

— leigos e Igreja

- a nova consciência de Igreja com a *Christifideles Laici* 15, 66, 198, 204, 210
- a reflexão sobre a vida consagrada afirma que há “um novo capítulo rico de esperança, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicato 15
- leigos “novos” 200
- os leigos sejam e permaneçam leigos 210
- superem os riscos típicos: a) dedicar um interesse tão forte aos serviços e às tarefas eclesiais, que se chegue a um desempenho no mundo profissional, social, econômico, cultural e político: b) legitimar a separação indevida entre fé e vida 199

— leigos e Congregação Salesiana

- as novidades trazidas pelo tema e pela presença dos leigos no CG24 com referência à vida religiosa salesiana, à missão de Dom Bosco, à espiritualidade 210, 227, 231, 242
- experiência em Valdocco 1, 3, 75, 76, 199, 233, 234
- intuição particular de Dom Bosco: o coadjutor 4
- ampliar o envolvimento significou para Dom Bosco pensar também nos salesianos “externos” 107
- enfrentar o tema dos leigos significa falar à comunidade salesiana de si mesma, da reformulação dos seus serviços e empenhos 54
- é uma experiência concreta hoje, não obstante as dificuldades e as resistências que se encontram ainda de ambas as partes, incluídos os jovens, mas existem também muitas experiências positivas 17, 19, 30, 31, 32, 107
- a insatisfação expressa pelos consagrados em ordem à presença dos leigos e vice-versa 45
- o empenho dos Capítulos Gerais sobre o caso, até ao CG23 que anuncia o Projeto Leigos 17, 83
- há uma nova consciência na comunidade salesiana SDB e procura-se uma mudança de mentalidade 19
- uma situação nova é a colaboração em contextos plurirreligiosos e pluriculturais 35

— leigos e vida cotidiana

- o empenho educativo exige a presença dos leigos 4

- o poder do saber, os códigos da modernidade e pós-modernidade, o aprender a trabalhar em grupo, o acesso à informação, o uso crítico dos meios de comunicação social exigem o “juntos” de salesianos e leigos 9, 210, 216, 231, 250, 251
- passar de uma simples aceitação dos leigos a uma efetiva valorização de sua contribuição peculiar na educação e na pastoral 108
- contribuição para a promoção humana das vocações 252
- pedido e contribuição à espiritualidade 239, 240, 241
- leigos e santidade 210
- variedade e níveis relativamente aos leigos
 - o panorama da presença laical é muito variada 36
 - do envolvimento à comunhão no espírito 21
 - evidente a variedade de leigos que estão conosco 23
 - significativa a contribuição da mulher 25
 - encorajar um estilo novo de comunicação e de co-responsabilidade 54
 - da Família Salesiana:
 - os Cooperadores ainda não encontraram na CEP uma integração adequada 46
 - reconhecer a vocação específica de cada grupo para uma mais forte unidade entre todos os grupos da Família Salesiana 48
 - amigos de Dom Bosco:
 - reconhece-se que são muitos 85
 - difundem o espírito e a missão de Dom Bosco para além das estruturas salesianas 86
- em contextos plurirreligiosos e pluriculturais:
 - encontram-se jovens e leigos de boa vontade 100
 - o compromisso do salesiano é valorizar os fragmentos de Evangelho e de sabedoria educativa presentes na cultura 100
 - colaboração concreta 183
 - critérios para a colaboração 185
 - além das estruturas salesianas 4
- lugares privilegiados de presença laical
 - Movimento Salesiano portador de um patrimônio precioso para a Congregação 51
 - voluntariado:
 - hoje muito difundido 26
 - forma significativa de co-responsabilidade laical 122, 255
 - PEPS: os leigos pedem maior envolvimento na realização 42, 47
 - CEP:
 - há um crescimento do sentido de pertença à CEP 41
 - lugar próprio e eficaz da co-responsabilidade 119, 144

- cuide de um estilo de comunicação interpessoal mais aberto e amplo 134
- conselho da CEP e da obra 160
- em atividades pelos jovens em risco, as chamadas novas presenças 20
- em obras próprias, dirigidas diretamente por leigos, com modalidades diferentes 27
- critérios para as obras dirigidas pelos leigos 180
- em obras dirigidas pelos leigos e aceitas dentro do projeto inspetorial 181
- oratórios centros-juvenis 20
- nas missões 20
- uma categoria particular de leigos: os jovens
 - voluntariado 20, 24, 26, 34, 49, 122
 - objeções de consciência 26
- uma exigência particular dos leigos: a formação
 - as novas situações apresentam novas exigências formativas, com o envolvimento dos leigos 29, 205, 248
 - a valorização do laicato é a valorização da espiritualidade da vida cotidiana e da criação 97
 - o primeiro passo é uma pedagogia do coração oratoriano e da missão 102
 - sejam envolvidos nas programações 133, 134, 136, 137, 140, 145
 - para um discernimento vocacional 141, 145

NB. As mensagens do CG24 aos leigos (nn. 283/288) apresentam vários elementos úteis para a compreensão da reflexão sobre o leigo e a importância da relação com os Salesianos SDB

Mamãe Margarida

- presença em Valdocco 1
- significado da sua presença na procura de um método particular de ação com os jovens e de espiritualidade 3, 219
- o valor de uma presença e colaboração feminina 74
- o clima de santidade em Valdocco 74, 285

Missão

- origem e dimensão da missão:
 - a missão salesiana está a serviço do grande projeto de comunhão que teve início na criação e que tem sua plenitude na Páscoa de Cristo 57
 - Cristo destrói todas as barreiras e privilegia os pobres e os últimos como característica qualificadora da sua missão evangelizadora 61
 - a Igreja tem a missão de anunciar e construir o Reino de Deus 62, 210, 222

- comunhão e missão estão de tal modo unidas entre si que a comunhão representa a fonte e ao mesmo tempo o fruto da missão 63
- cada um com a própria vocação é co-responsável na missão da Igreja 63
- a Igreja tem uma autêntica dimensão secular, inerente à sua íntima natureza e missão, cuja raiz mergulha no mistério do Verbo Encarnado 64
- pela ação do Espírito a Igreja é uma comunidade orgânica, caracterizada pela presença de diversas e complementares vocações para a sua missão no mundo 65, 240
- o caminho que deve ser seguido ao tomar decisões ou estabelecer orientações respeitantes à vida e ao desenvolvimento da missão é o discernimento 229
- vocação comum à santidade e à missão 210
- sobre a realização atualizada dos traços mais originais da missão dever-se-ão concentrar os esforços das Inspetorias e comunidades locais 233
- os inícios da missão salesiana:
 - Dom Bosco vai para a frente ampliando as fronteiras da missão para os jovens pobres e abandonados 75
 - os Cooperadores devem ser reconhecidos como plenamente co-responsáveis da missão salesiana 77
 - graças ao empenho de tantos leigos a missão salesiana ultrapassa a instituição, é sem fronteiras 86, 251, 284
 - a caridade pastoral está na raiz da nossa missão 250
- a missão convoca os leigos:
 - a missão salesiana é juvenil e popular e apresenta particular consonância com os leigos e suas tarefas específicas e originais 4, 210, 213, 283
 - o carisma de uma vida religiosa consagrada pode ser partilhado com os leigos 15, 231
 - a Congregação nos últimos Capítulos Gerais assumiu uma consciência cada vez maior da sua missão e da convergência sobre os leigos, a partir da Família Salesiana 17, 19, 253, 287
 - a comunidade salesiana é sujeito da missão mesmo quando não dirige diretamente todas as iniciativas 236, 287
 - a missão hoje pede a convocação de todas as forças da Família Salesiana, do vasto movimento de pessoas que se movem ao redor de Dom Bosco 53
 - as motivações para a convocação dos leigos são múltiplas e importantes, além de significativas 162
 - os critérios que se devem tomar em consideração para a convocação dos leigos são vários 164, 165
 - há uma diversa tipologia de convocação, conforme o envolvimento nas diferentes atividades e obras tipicamente salesianas 63
 - existem também dificuldades 239

- a missão envolve os leigos:
 - a insatisfação juvenil é um sinal do tempo que interpela para uma missão educativa 11
 - há uma grande e progressiva participação dos leigos na missão 22, 231, 251
 - os jovens são missionários dos jovens 24, 122
 - as novas frentes da missão salesiana e a progressiva descoberta do valor do leigo e da feminilidade 25, 242
 - missão e vocação 252
 - o novo estilo de comunicação e de co-responsabilidade habilita o leigo a assumir responsabilidades verdadeiras na missão 54, 251, 254
 - o voluntariado é uma proposta articulada de participação na missão 126
- a missão forma os leigos:
 - elementos de espiritualidade para a missão salesiana 89, 205
 - a caridade como meio e método fundamental e fruto da missão 90, 233
 - uma pedagogia para viver espírito e missão de Dom Bosco: formar-nos juntos 101
 - pedagogia do coração oratoriano e da missão. No compartilhar a missão cada um faz experiência concreta do Sistema Preventivo, adquirindo a capacidade de aprender da vida 102, 234, 235
 - a formação visa tornar as pessoas capazes de cumprir a missão 138
 - a participação no mesmo carisma e a colaboração numa mesma missão exigem que se ativem processos formativos partilhados 204
- a missão dá espaço aos leigos:
 - o PEPS e a CEP são as mediações históricas eficazes da missão e seu instrumento operativo 5, 119
 - os motivos das opções dos leigos são muito diferentes 28
 - uma notável presença de leigos de diversas culturas e crenças participa da missão salesiana 35
 - Dom Bosco envolveu na sua missão muitos leigos numa perspectiva de partilha muito forte (basta pensar nos salesianos externos) 107
 - além de destinatários, os jovens são sujeitos ativos e protagonistas na missão 112
- a missão é diversamente partilhada pelos leigos:
 - na partilha da missão juvenil e popular há variedade de leigos 23
 - diversas Inspetorias escolheram confiar algumas atividades ou obras à gestão dos leigos 27
 - as novas situações exigem novos modelos organizativos 29
 - impressiona o forte sentido de pertença, a estima e a veneração por Dom Bosco 35, 37
 - a missão não é realizada apenas pela comunidade salesiana; ela é partilhada por um vasto movimento de pessoas 39

- alguns ambientes e instrumentos para realizar a missão:
 - as modalidades operativas da comunhão e da partilha: CEP e PEPS. Representam a realização histórica da mesma missão 39, 42
 - ambientes pluriculturais e plurirreligiosos têm critérios particulares de colaboração e de envolvimento dos leigos 184
 - contexto de pobreza e missão 285
 - empenho de inculturação e missão 246

Movimento Salesiano (MS)

- nascimento do Movimento Salesiano
 - é a história do amor contagioso e irradiante de Dom Bosco que atrai para seu círculo tantas pessoas, uma Família, um movimento 1
 - o Movimento nasce de uma espiritualidade que está no coração e nas ações dos membros da Família Salesiana e de quantos trabalham pela salvação da juventude 3
 - a Congregação empenhou-se nos últimos Capítulos Gerais em envolver muitos leigos num vasto movimento de pessoas atraídas pelo carisma e pela espiritualidade de Dom Bosco 17, 75
 - de Dom Bosco nasceu a Família Salesiana 48
 - desde o início criou-se em torno de Dom Bosco um vasto movimento de pessoas com as mais variadas condições de vida 49
 - novidade no CG24: a presença dos leigos do vasto movimento 227
- extensão do Movimento Salesiano
 - quantos trabalham pela juventude, dentro e fora das estruturas salesianas, na Igreja e nas instituições da sociedade civil 4
 - todos os que no amor aos jovens e a Dom Bosco, consciente ou inconscientemente, fazem parte do vasto movimento 23
 - deve-se reconhecer o panorama variegado do Movimento 36
 - a missão não é realizada somente pela comunidade salesiana, ela é partilhada por um vasto movimento de pessoas 39
 - em tal contexto de Movimento Salesiano insere-se a realidade variegada dos Amigos de Dom Bosco 50
 - a missão salesiana pede hoje a convocação de todas as forças do vasto movimento salesiano 53
 - cresceu nestes últimos anos o Movimento Juvenil Salesiano 84
 - é urgente ampliar e qualificar o envolvimento dos leigos disponíveis para fazer parte do vasto movimento de pessoas que trabalha pela salvação da juventude 107
- a substância do Movimento Juvenil Salesiano
 - é um movimento de carácter educativo oferecido a todos os jovens 51, 253, 261

- a alma do movimento é a espiritualidade 51
- um vasto movimento educativo e espiritual 199
- a animação do Movimento Salesiano
 - Dom Bosco confiou aos salesianos a animação do Movimento 109
 - animar a participação no espírito salesiano e na partilha do trabalho educativo pastoral e na co-responsabilidade na missão 142
 - deve ser favorecida a partilha dos ideais educativos 111
 - a comunicação é veículo indispensável de comunhão 251

Mulher/Mulheres

- um ponto de partida: a nova relação com Deus em Cristo isto provoca novidade também na relação profunda entre o homem e a mulher 67
 - no plano de Deus há lugar para a relação homem mulher 58
 - na Igreja a mulher se sente chamada a assumir um papel de participação e de co-responsabilidade 12
- na nossa cultura vai tendo sempre maior destaque a presença da mulher e a feminilidade 12, 166
 - entre os novos sujeitos sociais deve-se colocar a mulher 14
 - em todos os campos dá-se hoje atenção ao específico feminino 12
 - em alguns Países o envolvimento da mulher é novidade, é profecia 19
 - a presença da mulher deve ligar-se a melhor qualidade de vida e a enriquecimento de valores em todos os níveis 12, 232
 - a mulher ajuda a viver uma relação educativa mais completa 53
 - a presença feminina cria um clima afetivamente mais natural e sereno e um ambiente enriquecido pela especificidade do ser feminino 25, 283
- a experiência de Valdocco ainda pode ensinar 3, 71, 74, 75
 - o clima pós-conciliar facilitou também para a Congregação a inserção da mulher nas atividades e na co-responsabilidade 25
 - como Salesianos de Dom Bosco recebemos das FMA uma ajuda significativa, para a compreensão da presença da mulher nas nossas atividades, 25
 - é necessária uma mudança de mentalidade 19, 33
 - a presença da mulher em muitas obras nossas é um dado de fato, no que diz respeito seja aos destinatários seja aos colaboradores da educação 1, 166
 - o empenho comunitário é de iluminar os valores da laicidade como lugar vocacional, em relação recíproca com as outras vocações eclesiais, com particular atenção aos valores da 'feminilidade', que conferem novidade e estímulo de aprofundamento à missão juvenil e à especificidade salesiana 140
 - um risco a ser evitado é a feminização das obras dos salesianos SDB 33
- em nível mundial cuide-se que a formação inicial dê atenção ao amadurecimento afetivo exigido pela colaboração com os leigos e o mundo feminino 147, 178

- o empenho exigido pela co-educação é de oferecer modelos de identificação tanto masculinos como femininos 166, 177
- a Inspeção, nos contextos de co-educação, vise a um sadio equilíbrio de presenças masculinas e femininas, entre os destinatários e os colaboradores 179
- sentimo-nos empenhados num envolvimento maior da mulher, para uma melhor valorização das energias educativas e do ser feminino, nos próximos anos 17, 18

Mundial - Empenhos operativos em nível mundial

- animação em nível mundial 127
- a comunidade mundial quanto à comunicação:
 - plano operativo para a valorização, promoção e coordenação da comunicação 137
- empenhos da comunidade mundial quanto à comunhão:
 - no plano formativo 147
 - no plano da difusão e conhecimento da *Carta de Comunhão* 147
- empenhos da comunidade mundial quanto à co-responsabilidade:
 - o Conselho Geral estimule um plano inspetorial para a Comunicação Social que valorize a co-responsabilidade dos leigos 137
 - o Conselho Geral preveja na formação inicial a formação para a co-responsabilidade na missão 142
 - o Reitor-Mor coordene os organismos mundiais com vistas à co-responsabilidade 127
- empenhos em nível mundial quanto aos ex-alunos/as de Dom Bosco:
 - o Conselheiro para a formação providencie na *Ratio* que os jovens salesianos não só sejam informados sobre o Estatuto confederal dos Ex-alunos, mas que tenham encontros e experiências com os Ex-alunos 147
- critérios gerais para a formação:
 - a formação propõe-se tornar as pessoas capazes de viver hoje a experiência da própria vida com maturidade e alegria 138
 - o empenho na formação partilhada deve tornar-se caminho aberto a todos, adequado ao passo de cada pessoa e respeitoso das riquezas de cada vocação 103
 - os processos de discernimento e de formação inicial devem fazer amadurecer a convicção de que ser SDB hoje significa entrar numa Família, num vasto Movimento, no qual os leigos têm parte ativa 142
 - empenho comunitário é a formação relativamente a todos os que entendem viver o espírito e a missão de Dom Bosco 110
 - os SDB reputem como seu empenho específico, além de prioritário e privilegiado, o de responder positivamente à demanda de formação 145

- a comunidade salesiana está cada vez mais consciente de ter um preciso papel e tarefa de animação e de formação em relação à Família Salesiana e dos leigos 19
 - tarefa da comunidade salesiana é promover a formação espiritual salesiana e vocacional 159
 - os processos de formação que vêem SDB e Leigos contemporaneamente destinatários e agentes serão tanto mais eficazes quanto mais respeitarem e valorizarem as diversas vocações 138
 - o progressivo envolvimento e a assunção de responsabilidades exigem a disponibilidade para a formação permanente 164
 - a formação implica antes de tudo que as comunidades tomem consciência dos novos aspectos da relação salesianos SDB e Leigos 138
 - a formação deve ser adequada às novas exigências 138
 - a obra salesiana é necessária como lugar de convocação e de formação do vasto movimento que trabalha pela juventude 4
 - a fraca formação compromete a co-responsabilidade na missão 48
 - missão, inculturação, diálogo, comunicação exigem um estilo novo de formação 55
 - o trabalho nos contextos plurirreligiosos e pluriculturais exige do salesiano uma formação adequada 183
 - a consistência numérica da comunidade salesiana apóia melhor a formação 173
 - a consistência qualitativa da comunidade salesiana exige pessoas capazes de formar os leigos 174
 - a alma do MJS é a espiritualidade juvenil. Mas a espiritualidade exige constante esforço pela formação 51
 - a meta de uma formação realizada juntamente é o dom da santidade 104
- nível mundial da formação:*
- o Conselheiro Geral para a formação reveja a *Ratio* segundo as orientações do CG24 147
 - o Conselho Geral promova e apóie junto à UPS e outros centros universitários salesianos ou de espiritualidade estudos, experiências e escolas de formação dos formadores 148

Nova Evangelização

cf. *Evangelização*

Núcleo

- desde o início Dom Bosco envolveu os leigos na definição do seu projeto 159
- tarefa específica da comunidade salesiana:
 - atuar como núcleo animador da comunidade educativa 40, 278

- cresce a consciência da comunidade salesiana de ser núcleo animador da comunidade educativa 40
- ela é núcleo animador, sempre, ainda que não sozinha e não necessariamente do âmbito local 236
- as mudanças atuais criam uma série de problemas e novidades para a animação da CEP por parte da comunidade salesiana 40
- o ponto fundamental hoje é individuar como a comunidade salesiana pode ser núcleo animador mesmo em obras com convênios e estatutos especiais, 40, 242
- a comunidade é portadora do carisma e da espiritualidade salesiana e é núcleo da CEP 151
- a comunidade salesiana desenvolve uma ação animadora específica nos irmãos da CEP 159
- a comunhão e a partilha passam através do modelo operativo da CEP 39
- modalidades diferentes de estar presentes na CEP por parte da comunidade salesiana 39
- o diretor com a comunidade dos consagrados constitui o núcleo animador da CEP 168

Oratório

- experiência de Dom Bosco
 - uma presença essencial dos leigos e das mulheres no Oratório de Valdocco 74
 - Dom Bosco envolveu eclesiais e leigos no Oratório 87
- lugar privilegiado da presença laical
 - presença positiva e numerosa de leigos nos oratórios 20, 24
 - a presença da mulher enriqueceu a atuação prática do Sistema Preventivo 25
- critério de comunhão e de partilha com os leigos
 - o progressivo envolvimento e a assunção de responsabilidades exigem o crescimento gradual do leigo educador nas áreas indicadas pelo critério oratoriano 164
- síntese de espiritualidade
 - renovar o coração oratoriano que leva a uma comunhão mais profunda 87
 - coração oratoriano significa o estilo do Bom Pastor 102
 - favorecer os processos formativos que criam um ambiente em que viver e manifestar o coração oratoriano de Dom Bosco 165, 180

Partilha

- o carisma pode ser partilhado 15, 203, 210
 - Dom Bosco levou a partilha até aos Salesianos ... externos 107
 - Dom Bosco nos lança num futuro de partilha 1
 - Valdocco é uma experiência de partilha 71

- a experiência salesiana é experiência de partilha 17, 210
- fatos concretos de partilha com as FMA 25
- é vivo o desejo de partilha em homens e mulheres de boa vontade 37, 100
 - a comunidade salesiana deseja fazer os jovens partilhar 112
 - a comunidade salesiana amplia a partilha a todos, também aos não-crentes 113, 203
 - são muitos e vários os motivos para querer a partilha 162
 - a partilha exprime melhor os valores laicais 41
 - partilhar é animar o espírito de família 54
 - objetivo do envolvimento é também a partilha 22
 - a co-responsabilidade é crescimento de partilha 41
- a bondade salesiana é partilha de vida 100
- a partilha não foi sempre uma opção, mas somente uma necessidade exterior 33
 - a relação SDB-Leigos abre um novo estilo de partilha 53
 - a Família Salesiana é uma estrutura de partilha 48
 - a consulta inspetorial da Família Salesiana é instrumento de partilha 125
 - o Movimento Salesiano é uma ocasião e o fruto da partilha 49, 287
 - o Movimento Juvenil Salesiano é um lugar de partilha 51
 - a CEP é o lugar e o modo melhor para formar para a partilha 39, 43, 106, 119, 134
 - o PEPS deve ser partilhado 20, 42, 106, 119
 - o Boletim Salesiano é instrumento de partilha 82
- os conteúdos de partilha são múltiplos:
 - em algumas circunstâncias, a mesa 115
 - os valores do Sistema Preventivo 125
 - o coração oratoriano e o estilo do Bom Pastor 102
 - os ideais educativos 111
 - a prática educativa 99
 - o espírito salesiano 81, 88, 89
 - a missão salesiana 23, 89
 - experiências religiosas 183
 - a santidade 104
- critérios para a partilha:
 - ligados à tipologia de leigos 163
 - referências ao Sistema Preventivo e à missão juvenil 185
 - colocar no centro a pessoa 165
- empenhos da comunidade:
 - a comunidade salesiana saiba partilhar 118, 133
 - a comunhão e a partilha serão tanto mais intensas e contagiantes quanto mais os salesianos viverem com autenticidade e transparência a sua vocação 244

- formação para a partilha:
 - renovar os processos formativos 101
 - cuidadoso processo de formação inicial 142
 - formação conjunta para a partilha, também como caminho de formação permanente 103, 257, 283
 - formação na cultura da partilha 138
- os problemas econômicos por vezes interferem com a partilha 31

Pedagogia

- em Valdocco
 - Dom Bosco ensinava seus jovens a empregar o tempo em tarefas úteis à vida educativa e criativa 98
 - Dom Bosco criou uma verdadeira escola do trabalho na qual se desenvolveu uma pedagogia do dever que educa para viver uma espiritualidade 98
- considerações acerca dos “aspectos legais” do empenho pedagógico:
 - em vários casos a relação SDB-Leigos assumiu formas jurídicas reconhecidas, como a *parceria* e a *tutela*. A responsabilidade pedagógica é completamente assumida pelos leigos 27
- considerações acerca dos “aspectos práticos” do empenho pedagógico:
 - algumas dificuldades de relacionamento entre SDB-Leigos nascem da falta de formação pedagógica e didática 31
 - cresce a convicção de que o campo de empenho cotidiano é lugar de autêntico crescimento mesmo sob o perfil pedagógico 55
 - uma aproximação pedagógica continuamente renovada 99
 - uma pedagogia para viver juntos espírito e missão de Dom Bosco 101
 - tornar os leigos participantes nas tarefas decisivas; perspectivas pedagógicas 123
- considerações acerca dos “aspectos religiosos espirituais” do empenho pedagógico:
 - qualificar a nossa presença como portadores de uma pedagogia de grande valência espiritual 241
 - promover uma pedagogia que apresente propostas, atenta à realidade da vida e aos processos evolutivos, capaz de um acompanhamento personalizado e constante 245, 256
 - a CEP torna-se experiência de comunhão e lugar de graça, onde o projeto pedagógico contribui para unir em síntese harmônica o divino e o humano 96
 - não há dúvida de que o primeiro e fundamental fato cultural é o homem espiritualmente maduro 99
 - pedagogia do coração oratoriano e da missão 102
 - a profissão dos conselhos evangélicos tem uma carga pedagógica de crescimento humano e de paradigma de nova humanidade 152

- o aspecto da transcendência religiosa, fundamento do método pedagógico de Dom Bosco, não só é aplicável a todas as culturas, mas é adaptável com fruto também às religiões não cristãs 184
- os objetivos da formação e a pedagogia formativa devem estar sempre atentos à referência cultural e à avaliação pastoral, e os formadores devem tornar-se capazes de um diálogo que ponha ambos em confronto 246
- traduzir num itinerário de vida, numa pedagogia pessoal, o estilo de santidade que une “Da mihi animas” e Sistema Preventivo 257

Projeto Educativo Pastoral Salesiano (PEPS)

— natureza do projeto educativo pastoral salesiano:

- é uma mediação histórica e um instrumento operativo da missão confiada a Dom Bosco 5, 236
- é critério e guia da ação partilhada, instrumento operativo 42
- é avaliação da ação 42
- tem dimensão educativa: o Movimento Juvenil Salesiano ajuda na descoberta do projeto de vida e na escolha de um caminho que torne forte o testemunho e a espiritualidade juvenil 51
- torna todos os que dele participam evangelizados e evangelizadores, ao mesmo tempo 83
- o projeto garante a identidade salesiana, isto é, a atenção privilegiada aos jovens mais necessitados, o progressivo conhecimento e prática do Sistema Preventivo, a presença concreta em meio aos jovens 164

— as perspectivas religiosas e eclesiais de um projeto:

- Deus chama a colaborar na construção do Reino. Este projeto manifesta a unidade de todos os seres humanos 59
- o projeto de Deus suscitou com um único desígnio a experiência apostólica de Dom Bosco e de Madre Mazzarello 74
- a Nova Evangelização apresenta um projeto global de renovado empenho missionário 16
- o projeto educativo pastoral salesiano é parte integrante do projeto de Deus sobre todos os homens 98

— exigências do projeto educativo pastoral:

- a ótica do projeto educativo pastoral põe no centro os jovens e suas necessidades 120
- uma comunidade empenhada em realizá-lo, superando os sintomas do individualismo 17, 252
- desde o início Dom Bosco envolveu os leigos no seu projeto em Valdocco 155
- a serviço do Reino 57

- preocupado com a identidade salesiana, com a identidade carismática, em diálogo com a Inspeção Salesiana 164, 180
- atento à unidade do projeto no território e na Igreja local 169
- a significatividade de um projeto implica: a identidade carismática, a eficácia evangelizadora, a qualidade educativa, a capacidade de suscitar vocações em todas as atividades e obras 180
- inserido no contexto, com uma leitura prévia da situação juvenil e uma articulação das intervenções educativas possíveis 100
- necessária a participação ativa de todos 119
- confiado a uma comunidade educativa pastoral para a sua realização 96
- várias são as competências culturais e profissionais exigidas 240
- praticidade na organização é saber traduzir num projeto, num sistema, numa comunidade estável, numa organização 256
- cada projeto tem uma dimensão vocacional 252
- experiências concretas vividas:
 - o caminho percorrido para a comunhão e a partilha através da CEP e do PEPS 39
 - o projeto partilhado vivido de maneira especial nas novas comunidades 20
 - a Congregação interessou-se muito pela realização do projeto a partir do CG21, porque representa a realização histórica da sua missão 42
 - a utilidade e a urgência do projeto se manifestam em particular nos ambientes que ainda não o têm 47
 - o projeto aciona os organismos de participação e responsabilidade 123
- formação para o projeto:
 - formação dos salesianos SDB 53
 - a obediência salesiana prende-se ao projeto 152
 - formação de salesianos SDB e leigos juntos 144, 145, 160
- casos particulares em ordem ao projeto comunitário:
 - os leigos que administram obras e atividades com plena responsabilidade: 27, 175, 180, 181, 182
 - o voluntariado no contexto do projeto educativo pastoral 34, 122, 126
 - a inserção da mulher no mesmo projeto salesiano exige intervenções novas sobre a formação dos salesianos 33
 - o Projeto Leigos 83, 175, 231

Pluricultural e plurirreligioso

- um fato que tem sabor de novidade: a notável presença de leigos de diversas culturas e crenças que participam na missão salesiana 35, 183
- deve-se reconhecer o panorama dessa presença laical pluricultural e plurirreligiosa muito variada 36

- hoje a presença salesiana se encarna em variados contextos caracterizados por um enfoque pluricultural e plurirreligioso, realizando uma gama de colaborações 49
- a missão exige hoje a convocação de todas as forças para enfrentar o atual momento sócio-cultural e religioso de valência pluriforme 53
- salesianos SDB e leigos voltam-se juntos para os vários contextos plurirreligiosos e pluriculturais 55

Programação

- há uma programação evangélica:
 - porque atenta aos valores das bem-aventuranças 96
- há uma programação educativa metodológica:
 - que deriva da co-responsabilidade entre salesianos SDB e leigos 46
 - que deve incluir o aspecto da revisão do caminho percorrido juntamente por salesianos SDB e leigos 125
 - que considera todo o conjunto da metodologia de uma programação, isto é, decisão, execução e avaliação 157
 - que exige previamente a atitude de educador, para tornar-se críveis nas propostas apresentadas aos jovens 164
- existe uma programação formativa:
 - é preciso determinar itinerários particulares, programados juntamente entre salesianos SDB e leigos 103
 - é preciso prever um programa de envolvimento com tempos e modalidades concretas de atuação, adaptadas às diversas situações e presenças 115
 - em diálogo e em co-responsabilidade com os leigos da CEP, a comunidade local promova um programa de formação Salesianos SDB e Leigos 144
 - as Inspetorias dentro do próximo sexênio completem o Projeto Leigos com um programa de formação Salesianos SDB e Leigos 145
 - a Inspetoria ofereça programas inspetoriais e locais de formação abertos também a ex-alunos/as e outros leigos que, fora dos nossos ambientes, querem viver o espírito e a missão de Dom Bosco 146
 - trata-se de ir além do agir generoso, para chegar a compartilhar os critérios de ação, a programação sistemática, a avaliação periódica, a readequação do nosso agir 263
- há uma programação operativa:
 - com momentos de intercâmbio entre SDB e Leigos 115
 - o Conselho da CEP ou da Obra programe a revisão da ação educativo-pastoral, considerando a presença dos Ex-alunos 171, 286

Qualificação e qualidade

- qualificar, antes de tudo, as pessoas e as comunidades:
 - é sobretudo o ser que qualifica os religiosos: eles testemunham com a linguagem eloqüente de uma existência transfigurada, capaz de surpreender o mundo 151
 - zele-se pela qualificação dos SDB no acompanhamento e educação dos jovens na fé, na animação de grupos e de pessoas, na formação de leigos, na atenção ao território e à Igreja local, à Família Salesiana e ao Movimento Salesiano 174, 238, 242, 244, 247, 248
 - as qualificações sejam utilizadas 243
 - o CG24 constitui uma etapa significativa no caminho da renovação e quer ser um ponto de partida com um rosto novo 18
 - a presença significativa e complementar de salesianos presbíteros e salesianos coadjutores na comunidade seja garantida como traço essencial da sua fisionomia e completude apostólica 174
 - o ponto culminante do itinerário de fé é a opção vocacional. As experiências levem a significativas opções vocacionais na vida laical, no ministério ordenado e na vida consagrada 141
 - qualificar as paróquias 260
 - impressiona, nos contextos plurirreligiosos e pluriculturais, a qualidade de sua contribuição de leigos, a estima e a veneração pela pessoa de Dom Bosco 35
 - o celibato vivido com alegria e fidelidade testemunha uma qualidade particular do amor e da paternidade 178
- qualificar os relacionamentos:
 - o que favorece a reciprocidade, intensifica a colaboração é o estarem juntos salesianos SDB e leigos em alguns momentos qualificados 54
 - qualificar o Projeto Leigos e completá-lo comporta indicar nele algumas exigências 145
 - a Igreja vive uma opção pastoral de qualidade: a nova evangelização 16
 - a qualidade do encontro educativo está nos mais altos pensamentos de Dom Bosco 91
 - a mulher oferece uma contribuição que pode dar uma melhor qualidade de vida 12
 - na sua realidade de leigos: a índole secular é o elemento qualificativo de sua existência cristã 66
- qualificar o envolvimento:
 - é urgente ampliar e qualificar o envolvimento dos leigos disponíveis a fazer parte do vasto movimento salesiano 107
 - para o envolvimento tem notável importância cuidar de modos concretos e significativos de presença no território 114, 115

- é um espaço novo e uma experiência significativa para os jovens a opção do voluntariado 55
- o voluntariado é significativo pela forma de co-responsabilidade a que leva na participação na missão salesiana 122
- o voluntariado é um êxito vocacional significativo e uma válida confirmação do caminho educativo percorrido 26
- qualificar a colaboração:
 - qualificando o processo de elaboração do PEPS 144
 - os critérios de identidade salesiana, de comunhão e de significatividade realizados por uma obra ou atividade dos leigos permite a acolhida delas no projeto de uma Inspetoria 125, 181
 - merece lembrado, pela significatividade educativa, o empenho dos pais e o papel das famílias 20
- qualificar a comunicação:
 - a qualidade da comunicação no CG24 223, 230
 - o encarregado inspetorial da comunicação social promova uma equipe formada de salesianos e Leigos qualificados para um plano de animação, formação e assessoria no âmbito da CS 136
 - o Reitor-Mor com o seu Conselho estude um plano operativo para a comunicação social, que é um campo de ação significativo 137
 - o cuidado da qualidade e do crescimento da comunicação interna e externa desenvolve atitudes e capacidades de educadores e comunicadores da fé 130
 - o Inspetor com o seu Conselho zele e avalie a qualidade da comunicação dentro e fora da Inspetoria 136
- qualificar a formação:
 - a participação dos leigos no espírito e na missão salesiana constitui para a comunidade SDB um desafio ao qual se responderá mediante uma formação adequada às novas exigências 138,139
 - promova-se uma formação qualificada e adequada, juntamente com eles, sobre os aspectos marcantes do Sistema Preventivo e sobre os valores humanísticos, éticos, transcendentos e religiosos nele contidos 186
 - entre os traços mais significativos para uma inserção laical no espírito e na missão de Dom Bosco evidenciam-se alguns, que são julgados critérios básicos 164
- qualificar as intervenções:
 - na Congregação assinalam-se experiências significativas 19
 - o projeto seja anualmente avaliado para examinar a qualidade das respostas dadas às exigências dos destinatários e à realização da comunhão e da co-responsabilidade educativo-pastoral 144, 235

- a consistência numérica da comunidade apóia melhor a formação, o confronto e a qualidade pastoral com o território e a Igreja local e torna visível e significativa a sua ação 173
- o projeto inspetorial deve garantir a qualidade educativa em todas as atividades e obras e a significatividade da ação salesiana 180, 238
- a significatividade do projeto de uma inspetoria depende dos recursos dos salesianos e dos leigos postos a serviço da animação das atividades e obras 180, 235
- a missão tem uma dimensão profética pela significatividade que assume quanto aos problemas educativos e sociais e pelas perspectivas novas de existência a que se abre 4, 52, 250
- equilíbrio entre extensão e qualidade 257

Relação entre SDB e Leigos

cf. *Relações*

Relações entre salesianos e leigos

- um olhar religioso à relação Deus-Homem, Homem-Deus:
 - o homem criado à imagem e semelhança de Deus é chamado a existir em relação. Esta se expressa particularmente entre homem e mulher, numa relação recíproca e complementar 58
 - na história da humanidade o pecado destrói a unidade originária, quebra os relacionamentos interpessoais, envenena a relação com a natureza 60
 - a nova relação com Deus em Cristo provoca novidades também na relação profunda entre o homem e a mulher 67
 - os leigos são convidados a participar de maneira mais intensa na espiritualidade e na missão do Instituto, dando início a um novo capítulo rico de esperança, na história das relações entre pessoas consagradas e laicato 15
- um olhar a Valdocco:
 - o espírito de família criado com a presença de Mamãe Margarida e de outras mulheres que dão uma tonalidade particular à bondade salesiana 74
 - o “da mihi animas” preenche a vida de quantos se inspiram em Dom Bosco marcando o relacionamento com Deus, as relações com os irmãos, a intervenção na história, a vontade de fazer o bem e de procurar os meios para tanto 94
 - Dom Bosco ama especialmente as virtudes relacionais, como eixos do diálogo educativo e da colaboração operativa 91
 - a missão traz sempre a marca do Sistema Preventivo como síntese de propostas e método, como modelo de relações e de comunicação educativa, como capacidade de formar uma comunidade juvenil e popular com determinadas características, como critério de percepção e assimilação dos valores, como visão dos recursos da pessoa 234

- necessidade da relação Salesianos SDB e Leigos:
 - os capítulos Inspetoriais convergem na necessidade de uma relação profunda nos níveis operativo e existencial entre salesiano SDB e leigos 19
 - do contexto do mundo de hoje, da Igreja e da situação da relação salesianos SDB e leigos surgem algumas perspectivas que pedem um fundamento doutrinal para orientar a ação 52
 - a escuta dos leigos e dos jovens nos convence de que existe uma grande vontade de relação 93
 - trata-se de criar ou de intensificar uma relação nova entre os SDB e os Leigos, respeitosa da identidade e da função própria de cada um, sem confusão de papéis 117
 - a comunicação é indispensável à missão, e no estilo salesiano exige presença e dedicação apostólica nos educadores, empenho em cultivar relações vitais com as pessoas e os grupos que se inspiram em Dom Bosco 128
- realidade da relação Salesianos e Leigos hoje:
 - lado negativo:
 - há resistências e dificuldades 30
 - trata-se de dificuldades dos SDB e das comunidades 30
 - não se consegue estabelecer relações significativas 30
 - estas dificuldades nascem também das diferenças de horizonte cultural e de níveis de vida entre SDB e Leigos 30
 - há algumas dificuldades que prevalecem entre os leigos 31
 - algumas vezes trata-se de problemas de tipo econômico 31
 - vai devagar a integração da mulher, também porque provoca uma renovada compreensão da identidade masculina 33
 - no encaminhamento da CEP verificaram-se algumas resistências, ligadas também à legislação civil e à dificuldade de uma clara relação entre comunidade salesiana e comunidade educativa 44
 - lado positivo:
 - há experiências positivas sobretudo nas chamadas novas presenças 20
 - a relação é também positiva nas paróquias, nas escolas, nos oratórios centros-juvenis abertos ao território 20
 - a presença da mulher criou um clima afetivamente mais natural e sereno, enriquecido dos traços específicos da feminilidade em nível de sensibilidade de relação, de modos de pensar e de agir 25, 231
 - homem e mulher ajudam o menino e a menina a descobrir a própria identidade, a aceitar como enriquecedora a própria especificidade que deve ser oferecida como dom na reciprocidade 53
 - a relação SDB-Leigos jovens parece ser rica e profunda 32
 - uma relação positiva o constrói e faz feliz, uma negativa o deprime e pode destruí-lo 92

- aspectos salesianos na relação SDB-Leigos:
 - a educação por sua natureza é relação, comunicação 131
 - a relação Salesianos-Leigos faz crescer o salesiano como sinal profético da novidade do Reino: a sua consagração testemunha o primado de Deus e celebra o amor do Pai no coração do homem e da história 53
 - a bondade deve enriquecer-se de caridade evangélica. Assim revigorada e purificada, a relação educativa se exprime no encontro pessoal, constrói um ambiente formativo estimulante 93, 164
 - a bondade se exprime como acolhida incondicional, relação construtiva e com propostas 100
 - os salesianos de fato entram em relação com uma grande variedade de leigos colaboradores, católicos, cristãos, pertencentes a outras religiões, indiferentes religiosamente 23
 - a integração da mulher atinge não apenas as idéias, mas a afetividade, as capacidades relacionais, os hábitos, com evidentes conseqüências para a formação do salesiano 33
 - viver relações capazes de envolver a vida e a experiência das pessoas, dos grupos e das comunidades 128, 286
- modalidades de relações:
 - em vários casos a relação SDB-Leigos assumiu formas jurídicas reconhecidas, como a *parceria* e a *tutela* 27
 - deve-se ainda buscar soluções para uma clara relação institucional entre a comunidade salesiana e a participação dos leigos nas decisões da CEP 40
 - o Inspetor com o seu Conselho estabeleça o quadro geral das normas e dos critérios para o bom andamento das atividades e da relação SDB-Leigos e das iniciativas por eles promovidas 125
 - é preciso um convênio que regule as relações jurídicas e econômicas 182
- a relação é uma riqueza que forma:
 - a relação SDB-Leigos promove no salesiano uma mudança de mentalidade e abre-o a um novo estilo de comunhão e partilha 53
 - as relações veiculam mensagens, habilitam a novas linguagens, favorecem uma escuta mais atenta do mundo e da cultura juvenil 55
 - a intuição do valor do cotidiano nos leva a valorizar com os leigos toda a criação como dom de Deus: a vida, a natureza, as coisas materiais produzidas pelo homem, as relações interpessoais 97
 - as comunidades tomem consciência dos novos aspectos da relação SDB-Leigos e executem os processos necessários para realizá-la num caminho de enriquecimento recíproco que torne visível sua comunhão e mais eficaz o trabalho educativo e pastoral 138

- iluminar os valores da laicidade como lugar vocacional, em recíproca relação com as outras vocações eclesiais 140
 - dê-se preferência à capacidade educativa, relacional e pastoral em relação à administrativa, burocrática e organizativa 174
 - para construir um ambiente de co-educação sadio e equilibrado deve-se cuidar da formação afetiva e relacional seja dos SDB, seja dos leigos 178
- os lugares naturais da relação:
- a vida das obras 20
 - a CEP 160
 - o PEPS 39
 - o Movimento 287

Salesianos SDB

Observação

- Não é possível apresentar tudo o que o documento apresenta sobre os Salesianos SDB, dado que cada página e cada número faz alguma referência à realidade Salesianos. A coisa é explicável.
 - Ao fazer uma escolha para este índice conceitual analítico orientamo-nos por apresentar os VERBOS que de alguma maneira definem a presença, a vida, a atividade e o papel que têm os Salesianos SDB no contexto do tema: SALESIANOS E LEIGOS.
 - Assim é que em vez de apresentar um índice, apresentar-se-ão estímulos que poderão ajudar ulteriormente a reflexão e a pesquisa.
 - As referências ao texto são puramente indicativas e não exaustivas.
- verbos que interessam as comunidades na vida interna:
- interrogam-se 45
 - renovam-se 19, 53
 - convertem-se 19
- verbos que exprimem uma relação:
- inspiram 17
 - encontram 23, 51, 90
 - acolhem 35, 44
 - testemunham 89, 96, 100, 104, 110, 149, 151, 153, 154
 - envolvem 21, 25
 - dão espaço 27, 117
 - valorizam 97
 - dificultam 30, 31
- verbos que indicam as modalidades fundamentais que devem estar presentes:
- convocam 4

- acompanham 26, 39, 141
- animam 19, 83, 109, 131, 145, 159
- comunicam 46, 128, 130
- formam 19, 42, 83, 101, 133, 138, 140, 144, 145
- partilham 20, 21, 24, 39, 48, 73, 107
- verbos que apresentam o conteúdo das suas atividades:
 - promovem 98
 - educam 4, 98
 - evangelizam 4, 94
 - santificam 104
- verbos que supõem a ação salesiana:
 - projetam 47, 137
 - operam, atuam, realizam 96, 125, 135
 - experimentam 99, 103
 - aprofundam 148
 - organizam 29, 119, 121, 134, 160, 171, 172
 - difundem 49, 51, 83
- verbos que atingem a substância do ser e agir:
 - trabalham pela unidade 185
 - procuram a qualidade 180, 181

Significatividade

cf. *Qualificação e qualidade*

Sistema Preventivo

- na origem:
 - O Oratório de Valdocco é o laboratório do novo estilo original e simpático de predileção pelos jovens 3
 - constitui o patrimônio comum do vasto movimento de pessoas e de grupos que se inspiram em Dom Bosco 75
- no desenvolvimento da história futura:
 - o “novo” Sistema Preventivo é tarefa de sempre. Mas hoje se encontra numa virada 234
 - o Conselho Geral promova em nível de reflexão universitária e espiritual o Sistema Preventivo 148
 - é urgente que em nível inspetorial e nas CEP se faça uma séria reflexão sobre como viver o Sistema Preventivo nos ambientes de co-educação 179
 - a espiritualidade e a metodologia do Sistema Preventivo serão incisivos e fecundos somente à medida que fordes testemunhas convictos e transparentes 210

- na experiência passada:
 - a presença da mulher enriqueceu a atuação prática do Sistema Preventivo 25
- a natureza do Sistema Preventivo:
 - sede sempre mais luz: calor que humaniza com o Sistema Preventivo e torna cristãos os jovens e os não jovens que gravitam ao vosso redor 208
 - este sistema se apóia inteiramente na razão, na religião e na bondade 100
 - fazer experiência concreta do Sistema Preventivo, adquirindo capacidade de aprender da vida 102
 - o Sistema Preventivo supõe capacidade de escuta, de diálogo e de respeito dos jovens 131
 - trabalhar pelos jovens é a carta de identidade da vocação salesiana, realizada na partilha do espírito salesiano e do Sistema Preventivo 89
 - é critério básico para a colaboração em contextos plurirreligiosos e pluriculturais 186
 - identidade salesiana é progressivo conhecimento e prática do Sistema Preventivo 164
- a espiritualidade do Sistema Preventivo:
 - razão hoje 100
 - religião hoje 100
 - bondade hoje 100
 - a missão traz sempre a marca do Sistema Preventivo como síntese, modelo, capacidade de formar, critério de percepção e de assimilação, visão de recursos da pessoa 234
 - assumir os valores do Sistema Preventivo como referências humanísticas em meio aos outros empenhos seculares da vida social: cultura, política, trabalho, economia, e a própria vida de fé 286

Território

- vida salesiana e território:
 - hoje a presença salesiana se encarna em variados contextos caracterizados por um enfoque pluricultural e plurirreligioso, realizando uma ampla gama de colaborações 49
 - a todos o coadjutor salesiano oferece uma sensibilidade ao mundo do trabalho, à atenção ao território, às exigências da profissionalidade 154
 - a instituição da CEP nas comunidades torna as pessoas elementos ativos para a ligação entre a obra salesiana e o território 165
 - a comunidade cuide da significatividade no território e na Igreja local 115
 - a consistência numérica da comunidade salesiana apóia melhor a projeção e o confronto com o território e a Igreja local 173

- exige-se redimensionar a presença salesiana num território de acordo com os critérios apontados pelas Constituições (art. 6) e pelos Regulamentos (art. 1) 173
- a consistência qualitativa da comunidade salesiana exige na comunidade figuras capazes de atenção ao território, para colaborar com as suas forças e as da Igreja local 174, 170
- presença significativa para os leigos no território:
 - as novas frentes da missão juvenil e a progressiva descoberta do valor do leigo e da feminilidade, a abertura da comunidade ao território têm aberto muitos espaços educativos e pastorais 25
 - o território manifesta os muitos problemas juvenis existentes 28
 - os mesmos jovens insistem para que o salesiano os introduza nos problemas da vida e os abra ao território e à Igreja local 53
 - fazer de cada comunidade uma novidade evangélica adequada à condição juvenil, com iniciativas em relação ao território, incidência na mentalidade e na vida 235
 - o diretor, o inspetor e os vários responsáveis despertem iniciativas que expressem a unidade da Família Salesiana na Igreja local e no território, para elaborar projetos comuns 125, 135, 160, 238
 - a formação contínua, mesmo quando os leigos deixam as nossas obras, como ex-alunos ou ex-colaboradores, habilita-os a levar ao território e à Igreja a missão e o espírito de Dom Bosco 140
 - são necessários modos concretos e significativos de presença no território 114

Vocação

- dimensões de um problema:
 - um problema ... de número: a Congregação ressen-te-se dos efeitos da secularização e de outros aspectos ambíguos do mundo contemporâneo 17
 - um problema ... de identidade: o amadurecimento pós-conciliar da vocação laical interroga a identidade do SDB na sua especificidade de consagrado. Por vezes o salesiano SDB se sente desdobrado 45
- as perspectivas das vocações:
 - as normas e os dinamismos da vocação à santidade e à missão passam através da interiorização da vida trinitária, alimentada pela Penitência e pela Eucaristia 210
 - sejam chamados, para a nossa vocação específica, a fazer emergir a unidade entre auto-evangelização e testemunho 241
 - suscitar vocações é uma das finalidades da Constituições 252
 - assegurar as condições que permitem viver com profundidade a vocação, evitando a fragmentação, estrago, superficialidade que muitas vezes se denunciam 257

- diferentes vocações, para acentuações da única vocação 210, 277
- cada um com a própria vocação é chamado a tomar parte ativa e co-responsável 63, 216
- compreensão, respeito e valorização das diversas vocações 121, 138
- respeitar as tarefas que correspondem à vocação laical e ajudar cada um a sentir-se empenhado no trabalho educativo e pastoral 117, 210, 216, 227, 228
- capacidade de suscitar vocações em todas as atividades e obras 180
- a vocação salesiana:
 - comunicar é propor a vocação salesiana como carisma eclesial, no qual cada um pode empenhar-se 251
 - compreender melhor a importância e a urgência da própria vocação salesiana 89
 - a carta de identidade da vocação salesiana é trabalhar pelos jovens 89
 - compreender a vocação dos Cooperadores, para que não sejam vistos como simples benfeitores ou executores 77
 - a unidade da Família Salesiana cresce com a compreensão da missão comum a partir da vocação específica de cada um 48
 - segundo as características da nossa vocação específica, exige-se profissionalidade, isto é, a maior perfeição possível no próprio trabalho 98
- empenho dos salesianos SDB pelas vocações:
 - uma sólida preparação intelectual ajuda de maneira insubstituível a viver sem reduções e com eficácia a índole própria da vocação salesiana e a sua missão 247
 - a vocação comum à santidade 66
 - envolvimento progressivo dos leigos até à descoberta de uma vocação 21
 - na comunidade educativa pastoral há uma pluralidade e variedade de vocações 180
 - dar autenticidade à nossa vocação para que a missão salesiana possa dar com maior plenitude sua contribuição à Igreja e ao mundo 87
 - empenho de uma pastoral vocacional unitária, cuidando do discernimento vocacional e propondo as várias formas de vocação 146, 285
 - promover as vocações laicais 147
 - levar a um conhecimento vivo das diversas vocações na Família Salesiana 165
- aspectos de formação:
 - o empenho na formação partilhada deve fazer-se caminho aberto a todos, adaptado ao passo da cada pessoa e respeitoso das riquezas de cada vocação 103, 199, 204
 - iluminar os valores da laicidade como lugar vocacional, em recíproca relação com as demais vocações eclesiais 140; 205

- tendo presente a natureza diversa das vocações dos SDB e dos Leigos e os tempos de amadurecimento humano, afetivo e apostólico, as etapas da formação inicial prevejam conteúdos e experiências de formação recíproca e complementar para o crescimento comum 142
- diferentes vocações salesianas 253
- realizar juntos uma significativa pastoral vocacional 261, 262, 285

Voluntariado

— realidade do voluntariado

- é hoje motivo de alegria para a Congregação a presença do voluntariado leigo em muitos setores do Movimento Salesiano 17
- estão se desenvolvendo também as formas melhores de participação laical e de voluntariado 20
- a realidade do voluntariado hoje é muito difundida entre jovens e adultos e é de grande atualidade neste momento histórico 26
- também a experiência de voluntariado não está isenta de problemas. Particularmente relevantes são os que se apresentam ao voluntário na sua volta: jurídicos, econômicos, vocacionais, apostólicos, psicológicos, afetivos 34
- há uma tipologia diversa de voluntários 163

— modalidades de voluntariado

- as modalidades de realização do voluntariado são diversas 26

— natureza do voluntariado

- o voluntariado constitui um êxito vocacional significativo em uma válida confirmação do caminho educativo 26
- a disponibilidade para o serviço leva a opções empenhativas de vida 26
- o voluntariado juvenil e social é entendido como oferta de tempo, dedicação e empenho, suporte e serviço à pastoral e à promoção humana 49, 255
- forma significativa de co-responsabilidade para os leigos é o voluntariado 122

— perspectivas do voluntariado

- espaços novos como o voluntariado 55
- o envolvimento e a co-responsabilidade abraçam também a finalidade evangelizadora, realizando integralmente o projeto do Sistema Preventivo 84
- hoje se abrem novos campos de envolvimento como a animação dos grupos juvenis e o voluntariado 112
- a todos os voluntários faça-se a proposta vocacional concreta de adesão a um dos grupos da Família Salesiana 124

— compromissos dos SDB em ordem ao voluntariado

- informação necessária para os irmãos, preparação de um plano inspetorial, formação dos jovens voluntários são alguns compromissos para o Inspetor e o seu Conselho 126

- localmente se pede acolhida dos voluntários, seu acompanhamento vocacional e formação, apoio em tudo 124, 141
- a vida consagrada dos salesianos SDB, especialmente a assunção da pobreza, fará promover atividades e organizações de voluntariado 152

Voluntárias de Dom Bosco

- a história do nascimento do Instituto secular das VDB 79
- natureza: une secularidade, consagração, salesianidade 79
- pertença à Família Salesiana em sentido estrito 79
- representa uma vocação salesiana que é proposta para uma adesão concreta 124
- os salesianos respondam à exigência de conhecimento da realidade das VDB 147
- os salesianos estejam preparados na fase de formação para o encontro com os vários grupos da Família Salesiana 147

NB. * o n. 183 traz a mensagem do CG24 aos Leigos
 * o n. 187 traz a mensagem do CG24 às VDB